

Brasil, México, Colômbia, Argentina, Chile, Bolívia, Eua

abraça sua vulnerabilidade



Volume 1
2022

tempos de catástrofe
cultivar as artes, teatralidades, performatividades em

Abrace sua vulnerabilidade

Cultivar as artes, teatralidades, performatividades em tempos de catástrofe

Organização: Denise Espírito Santo e David Gutiérrez Castañeda.

Volume 1, 2022

Decult UERJ

**eles combinaram de
nos matar
e nós combinamos de
não morrer**

Conceição Evaristo

**É preciso
abandonar o
Antropoceno**

Bruno Latour

abraça tu vulnerabilidade

editorial

Na história das invasões do continente chamado América, a figura do mercenário-pistoleiro-jagunço sempre teve um papel importante na prática recorrente da pilhagem, na violência contra os povos originários, na destruição de ecossistemas, na política da segregação do sexismo e do racismo, sendo desde sempre associada ao exercício do poder abusivo dos “donos da terra” ou dos servos do capitalismo. Essa figura teve e continua a ter papel importante em contextos de sociedades sob o emblema pós-colonial, mesmo quando o antigo cenário das plantações cede lugar a outras paisagens, mais ligadas ao ambiente capitalístico das sociedades contemporâneas, onde agências de risco, economias extrativistas minerais e agrícolas, bancos e bolsas de valores emergem como o lócus privilegiado para o aparecimento dos novos “pistoleiros” do sistema financista internacional e de seus intrépidos jagunços-boys. O que muda é o layout e a embalagem. Outrora retratado como aquele sujeito rude, típico “pai patrão”, senhor de engenho vestindo seu terno de linho branco e chapéu Panamá, agora os novos representantes do domínio feudal andam engomados de terno e gravata, recolhem robustas comissões pelo serviço sujo que fazem em sua agiotagem com o Estado e, às vezes, ostentam diplomas, obtidos nas melhores universidades do país e do exterior. O que se mantém, entretanto, é o poder abusivo e colonial que sangra nos territórios há pelo menos 500 anos.

Agora, com a pandemia da Covid-19 que tem a força para momentaneamente parar a engrenagem de um sistema completamente em apuros, o capitalismo “fim de jogo”, que com sua lógica predatória contribuiu para um estado de esterilidade galopante e o esgotamento dos recursos energéticos e anímicos do mundo, podendo inclusive antecipar o próprio extermínio da humanidade. A crise sanitária e de saúde pública, resultantes da Covid-19, nos ensina uma coisa: uma outra vez na história das grandes pandemias, nosso corpo apresenta-se como o enclave da própria pandemia. Somos simultaneamente emissor e receptor de um vírus que se não é letal para alguns, é capaz

embrace your

abraça sua vulnerabilidade

de disseminar-se em velocidade vertiginosa por outros corpos. Em uma frase, o filósofo camaronês Achille Mbembe definiu tudo: A Pandemia democratizou o poder de matar¹.

Entretanto, valeria a pena pensar que a infecção pela COVID-19 não é o mesmo que o Coronavírus, sendo esse o seu agente. O vírus não é “o inimigo”, mas sim a violência colonial que tem pautado o que é a “vida” ou o que deve ser o “vivido” e, por isso, a presença do vírus intensifica seu poder violento. Como uma de suas agências mais problemáticas e dolorosas é a doença - SARS - que compromete vidas humanas e mais que humanas. Diferenciar a doença viral é fundamental para nós hoje, porque nos permite separar ações cautelosas sobre como o vírus é transmitido e suas afetações, de como os regimes de governabilidade colonial que administram e decidem a cura agem. Todo corpo sempre pode adoecer, a cura é algo a ser procurado para se viver. Outra coisa é que a matabilidade colateral – visando sustentar os mercados, a impossibilidade de parar e dedicar tempo para criação de critérios junto à pandemia, a precariedade econômica estrutural, imunologias impostas sob condições salariais, rejeição de conhecimentos e técnicas originais, impossibilidade de livre exercício de direitos, negligência histórica dos Estados face aos mecanismos de saúde, os privilégios de idade, raça, gênero e classe – impõem como, quem e em que condições se pode curar. A infecção é a relação que nossos corpos estabelecem com o vírus e essa relação é determinante quando consideramos as condições de justiça racial, de gênero e econômicas. O que a Covid-19 revela é, segundo Silvia Rivera Cusicanqui, o “espirito de pachamama”², e que, portanto, será importante entender que a gestão da pandemia pode vir a se tornar uma arma de destruição de vidas — humanas e mais que humanas, circunstância que de certo modo encontra paralelo com a agenda genocida do capitalismo fim de jogo.

cultivar as artes, teatralidades, performatividades em

tempos de catástrofe

Enquanto alguns de nós, aproximadamente um terço da população mundial, seguimos confinados e experimentamos viver um outro tempo, que se instala na contramão do ritmo produtivista que vem nos governando³, as cidades se veem agora mais livres dos ruídos de carros, aviões, sirenes, da fuligem e do monóxido de carbono, ainda que os altos índices de lixo urbano, da permanência do consumo de energia à base de petróleo, do aumento abusivo dos preços dos alimentos e das infra-estruturas tecnológicas em plena pandemia agudizem a violenta discrepância entre ricos e pobres. Por tudo isso, esses dias têm sido parcialmente melhores para Pachamama. Todavia, do lado de lá, onde outros mundos coexistem com outras espécies mais que humanas, a vida se reafirma e dá mostras de uma capacidade impressionante de reocupação em distintos ecossistemas, reativando talvez toda uma cadeia protobiológica que é a mais atingida pelo processo de envenenamento contínuo contra a Mãe Natureza. Mas, e quando pensamos sobre a pandemia, que cenários nos espreitam após a crise sanitária e o isolamento social?

No momento menos esperado, mas no mais necessário e oportuno do que nunca; do lugar ontológico mais inesperado, a Terra foi convulsionada politicamente e ainda não reagiu. Como um terremoto histórico e geológico, sutil e paradoxal, o Coronavírus mudou tudo; mas não com movimentos bruscos, mas com uma paralisia maciça e global. Seu surgimento na biologia humana causou uma grande interpelação para toda a população global contemporânea; provavelmente o desafio mais crítico que tivemos que enfrentar no curto período de nossa aventura como espécie. (ARAÓZ, 2020)⁴

Essa mesma humanidade, em que alguns poucos sujeitos tiveram a ousadia de inventar uma nova era geológica, conhecida como Antropoceno, se vê diante do maior desafio de sua história: como antever ou imaginar o que acontecerá com o que chamamos de mundo e como aproveitarmos essa suspensão para criarmos gestos, construirmos barreiras e estratégias, gerarmos mobilizações que nos permitam sonhar com a “quebra” desse modelo econômico que responde por uma obscena e perversa concentração de riqueza. É deste ponto que nos interessa partir para saber onde chegar.

Se voltamos a pensar a história de algumas das epidemias globais dos últimos cinco séculos sob o prisma oferecido por Michel Foucault, Roberto Espósito e Emily Martin, é possível elaborar uma hipótese que poderia assumir a forma de uma equação: conte-me como sua comunidade constrói sua soberania política e eu lhe direi quais formas de suas epidemias tomarão e como você as enfrentará. (PRECIADO, 2020, p.)⁵

Assim, podemos dizer, com muita segurança, que a Covid-19 agrava o estado terminal de um modelo econômico e de uma cultura global que responde até esse momento (novembro/2021) por 5 milhões de óbitos e 250 milhões de casos. É de se esperar que parte dos recursos para acolher os milhões de desempregados que surgirão a partir da Covid-19 venha da taxação das grandes fortunas, quiçá de alguma plataforma mundial que busque a transparência e a realocação de todo somatório de dinheiro sonegado e evadido, assim como de outras práticas que as classes dominantes recorrem de modo sistemático em todo o planeta. Segundo a OXFAM⁶: no topo da pirâmide social um reduzidíssimo grupo de pessoas, prioritariamente homens brancos, acumulam milhões de dólares. Suas fortunas crescem de forma exponencial e atualmente esses multimilionários possuem mais riqueza que 4,6 bilhões de pessoas, ou seja, 60% da população mundial. (Sim, foi isso o que você leu!) Verdadeiramente, uma obscenidade.

Que cenários pós-pandemia precisam ser imaginados a partir de agora para que possamos inventar outras formas de estar com, de pôr em ação outros expedientes e protocolos com o propósito de obstruir o retorno ao que era antes? O que pode e deve ser ativado nesta retomada pós-pandemia, no campo das relações interpessoais, nos dispositivos de agora, mais do que nunca, remotos e telemáticos, que muitas vezes produzem formas comunicacionais que vêm ferindo de morte o que chamamos de Democracia? Para quê a Arte neste momento? Como inventar novas formas de fazer teoria e ciência? Como reinventar o espaço público?

Vem desse lugar do sonho e da imaginação o campo de forças a ser ativado pelo restabelecimento da vida.

Um pequeno habitante deste planeta, que vive apenas com a condição de estar alojado em outros organismos mais complexos, conseguiu fazer o que muitos, milhões, gostaríamos: uma grande greve mundial maciça que cortou, por tempo indeterminado, as cadeias de exploração; a exploração de corpos e territórios. Que para as maquilas que saqueiam capacidades; as motosserras que destroem as florestas; os barcos de pesca que navegam nos mares; as colheitadeiras que cortam o solo; explosivos que voam montanhas e espremem pedras do chão. (ARAÓZ, 2020)⁷

Uma das agências contraditórias do vírus é parar, devido às medidas imediatas que foram tomadas para prevenir infecções. A única e frágil certeza que temos agora é a de que não podemos voltar ao que era antes, por muitas razões, e consideramos a primeira delas a mais desafiadora: é preciso imaginar o novo e dar a ele o espaço para o seu pleno florescimento, mesmo porque nossas intuições, afetos e perceptos já compreendem a sua presença. E é a partir daí que queremos declarar a importância de gerar outros repertórios de cuidados.

A partir dos estudos de Joan Tronto e María Puig de la Bellacasa⁸, consideramos que as práticas de cuidados representam tudo aquilo que fazemos para manter, continuar e reparar “os mundos que compartilhamos”, a fim de que todas, todos e todes possamos viver nestes mundos tão bem quanto seja possível. Esses mundos incluem tudo que tratamos de entrelaçar numa rede complexa que sustenta a vida. O que essa ideia de “mundos” remete é a uma série de situações de contingência, ecologias específicas e entrelaçamentos em relações humanas e mais que humanas, animadas e inanimadas. Aqui, conta o entrelaçamento (requerido ou opcional) e conta também fazer uso das entidades e ações persistentes: que nos mantém unidos/as/es ou que nos permitam emanciparmo-nos/nas/nes; que possibilitem, por sua vez, a perpetuação e a renovação

das vidas, mesmo que essas ações ajudem no declínio e transformação do que é deplorado ou não é considerado um poder ético supervivente. Reconhecer a necessidade de cuidar vai além das relações inter-humanas; é algo que nos atravessa, que nos interpela, que nos causa mal estar e nos obriga a fazer algo. Cuidar é, corporalmente, orientar esforços que intensificam a consciência, os afetos e a ação, assumindo-nos/nas/nes enquanto seres e entidades interdependemos de cada umx e dxs outrxs.

Os cuidados são repetitivos, reiterativos e funcionam em cadeias de apoio e requerem muita energia. Criam atmosferas e processos de sobrevivência e reprodução do vivível, não necessariamente de mais valia ou como produtos. Ainda assim podem ser capturados pelo capitalismo regente. Portanto, as práticas de cuidado são relacionais, complexas, históricas, contingentes, contraditórias e, sobretudo, situadas. O cuidado é um fazer, mas também é um debate.

As práticas de cuidado ganharam densidade semântica nas últimas semanas e isto levou à narrativas redentoras que seguiram insistindo nos parâmetros sexistas, racistas, discriminatórios e das obrigatoriedades invisibilizadas. Dirigiram-se às mulheres, mães de família, pessoas precarizadas e racializadas, profissionais da saúde e outres. A pandemia tem feito dos cuidados usufruto para sustentar muitas hegemonias, começando por aquelas atraentes aos servos do capitalismo. Porém, tem sido também um território fértil para cultivar vidas potencializadas, gerar imunidades experimentais, afetos densos e ações de sobrevivência. Não tem sido fácil. Muitos/as/es de nós estamos fragmentados/as/es, empobrecidos/as/es econômica e animicamente, vulneráveis face a governos que analisam quantas vidas humanas e mais que humanas provavelmente perecerão para sustentar seus projetos de ganância e poder. Ainda assim, o engenho, a criação, as comunidades, as práticas críticas em múltiplas e intensivas dimensões, em redes, em casa, profissionalmente, etc., tem emergido para assumir posição, visando sustentar as vidas o melhor possível.

Para nós não são apenas números, são vidas. Divulgamos aqui os registros dos nossos parentes que morreram e prestamos solidariedade às famílias e a cada povo que está vivendo este momento difícil. (extraído do boletim <http://quarentenaindigena.info/casos-indigenas/>, fruto do trabalho de apuração das organizações indígenas regionais)

Anunciando algumas medidas de proteção de suas aldeias e territórios - violentamente ameaçados pelas políticas genocidas do atual governo brasileiro, as populações indígenas vêm buscando concentrar esforços e publicizar ações de cuidado, que tem por fim denunciar o projeto desde sempre acalentado pelos abutres do rentismo nacional: o genocídio dos povos indígenas e a ocupação dos seus territórios para fins de uma nova etapa, mais feroz, da sua exploração predatória. Ações como bloqueios de estradas, denúncias às Cortes Penais Internacionais sobre o desmonte das políticas públicas que consistiam em alguma garantia, forte utilização das redes sociais para a mobilização social dessa resistência e para esse enfrentamento. Um projeto em especial chama-nos atenção: trata-se de um vídeo realizado por mulheres de distintas etnias que procuram também enfatizar os modos de cultivar vidas potencializadas; sendo assim, o “abrace a sua vulnerabilidade” ganha força através das vozes das mulheres Yawalapiti, Kikatege, Pankararu, Terenas, Taurepang, Kaxuyana, Xakirabá e Guajajara. Inspirados nestas histórias, nos propomos a fazer uma memória desses esforços, marcar coordenadas de suas possibilidades e difundi-las virulentamente.

Denise Espírito Santo

David Gutiérrez Castañeda

Rio de Janeiro-Sana-Morelia-Cidade do México, 2020

1. Entrevista concedida ao Jornal Folha de SP: Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da ‘necropolítica’. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>. Acesso em 9/7/2020.

2. Argumento de Silvia Rivera Cusicanqui en el conversatorio Resistencias, insurgencias y luchas por la vida en tiempos de exterminios de la serie «Ecología política de las pandemias» de CLACSO. Ver en: <https://www.youtube.com/v=VQ08llpL9YM&t=18s> 3.

3. Esse texto foi escrito entre junho a setembro de 2020, período em que a pandemia pela Covid-19 avançava planetariamente anunciando o colapso dos sistemas de saúde e a devastação social-econômica pelos óbitos e infectados. No Brasil, uma onda negacionista propagada por uma política de estado genocida, que sabemos agora envolvia funestas transações entrelaçando uma rede gigantesca de secretarias de governo, lobistas, agentes públicos, planos de saúde, representantes de conselhos de medicina, empresários, pastores, políticos, concentrados em um único objetivo: desviar recursos públicos com a compra de vacinas superfaturadas que veio a resultar na instalação da CPI no Senado Federal. O saldo desta política de matabilidade em números atualizados (novembro de 2021), 609 mil brasileiros/as mortos e quase 22 milhões de infectados.

4. No original: “En el momento menos esperado, pero en el más necesario y oportuno que nunca; desde el lugar ontológico más imprevisto, la Tierra ha sido políticamente convulsionada y no atina aún a reaccionar. Como un sutil y paradójico terremoto histórico y geológico, el Coronavirus lo ha cambiado todo; pero no con movimientos bruscos, sino con una parálisis masiva y global. Su irrupción en la biología humana, ha provocado una interpelación mayúscula al conjunto de la población global contemporánea; probablemente el desafío más crítico que nos haya tocado afrontar en el breve lapso de nuestra aventura como especie.” In: <http://www.ecologiapoliticadelsur.com.ar/fuego>.

5. No original: “Si volvemos a pensar la historia de algunas de las epidemias mundiales de los cinco últimos siglos bajo el prisma que nos ofrecen Michel Foucault, Roberto Espósito y Emily Martin es posible elaborar una hipótesis que podría tomar la forma de una ecuación: dime cómo tu comunidad construye su soberanía política y te diré qué formas tomarán tus epidemias y cómo las afrontarás.”. In: <https://www.studocu.com/es-ar/document/universidad-autonoma-de-entre-rios/salud-publica-salud-mental/preciado-aprendiendo-del-virus-extracto/13405438>.

6. A Oxfam Brasil é uma organização da sociedade civil brasileira criada em 2014 para a construção de um Brasil mais justo, sustentável e solidário, eliminando as causas da pobreza, as injustiças sociais e as desigualdades.

7. No original: “Un diminuto habitante de este planeta, que sólo vive a condición de ser alojado en otros organismos _ más complejos, ha logrado hacer lo que muchxs, millones, hubiéramos deseado: una gran huelga mundial masiva que corte, por un tiempo indefinido, las cadenas de la explotación; la explotación de los cuerpos y de los territorios. Que detenga las maquilas que expolian capacidades; las motosierras que arrasan los bosques; los pesqueros que azuelan los mares; las cosechadoras que esquilman los suelos; los explosivos que vuelan montañas y exprimen las rocas del subsuelo”. ARAÓZ, Horacio Machado. Pandemia: sintomatología del Capitaloceno. In: Colectivo de Investigación de Ecología Política del Sur. In: <http://www.ecologiapoliticadelsur.com.ar/fuego>.

8. Esta proposta surge da leitura de Joan Tronto (1993), *Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care*, Editora. E María Puig de la Bellacasa (2017), *Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds*, Editora University of Minnesota Press.

futuros especulativos

16 Claudia TorresCruz

#602

20 Chet Bromstein

Pleeeeeeeeb!

22 Flávia França Dinnebier

**Vulnerabilidade da
Natureza e a sua
proteção**

29 Alexandre Sá

Aquilo que não se vê

34 Aline Bernardi, Andreia
Yonashiro, Camila Simonin,
Caroline Ozório, Flora
Bulcão, Lígia Tourinho

**Entre mulheres:
Cartas para imaginar
futuros possíveis**

materiais de vida

54 Julia Sá Earp

**As heranças sob
efeito da gravidade:
cacos e arcanos**

68 Maria Jose Rebolledo

**Sentir Sentido; El
cuerpo que se habita**

72 Lucía Leonor González
Enríquez

Tiempos sin brújula

80 Nathália Ferreira

Auto-cuidado

82 Carú de Paula Seabra

**1º de maio
lembranças
pandêmicas**

88 Diana Suazo

Donde sea que estés En todos lados

96 Francisco Arrieta,
Giulianna Zambrano, Shaday
Larios

Escuchatorio de sueños Bitácora para navegar el misterio onírico, un refugio replicable de una comunidad soñante fuera de sí

104 Isaac Olvera

Relatos de Lilia Muñoz Ávalos para Isaac Olvera

112 Anna Corina e Lílian do
Valle

Poema em concreto

imunologias prósperas

116 Caroline Navarini e Sá

O vestido vermelho de Maria

122 Lorena Duarte Bedoya

Basura, medicalización y construcción performativa del género

128 Koletiva AfroLatino
Americanas (KALAS)

POR UMA KLÍNICA POLÍTICA DO VIVO: Rabiscos para um futuro necessário e urgente nas práticas do cuidado

135 Eva Marxen

**COVID-19, Global,
Collective, and
Public health: The
Reification of Social
Injustice and Forms
of Resistance**

144 Adriana Mello, Cândida
Bessa, Thamires Burlandy,
Gabriel Saar

**Projeto Casa Ateliê:
Arte, saúde e
educação**

152 Gabriel Saar

Cianotipias

160 Antonilde Rosa Pires

**Novos ethos
nas abordagens
do cuidado nas
atividades de canto
na Vila da Psiquiatria
- UDA/HUPE-UERJ**

170 Amanda Costa

**Intérics - Riscos de
Dentro**

172 Eduarda Moro,
Alexandre Fernandez Vaz

**Corpos adoecidos,
sofrimento psíquico
e neoliberalismo: a
busca pela saúde
mental em tempos
pandêmicos**

182 Fernando Lomelí Bravo

**Regalos sonoros
Una escucha con
cuidado**

dossiê liberte nosso
sagrado

192 Denise Espírito Santo e
Pamela de Oliveira Pereira

**O Sagrado afro-
brasileiro:
resistência negra na
reescrita do passado
e construção de
perspectivas para o
futuro**

maternidades resilientes

200 Flávia Naves

**Trabalho pós-parto:
quanto vale uma
mamada?**

214 Amelia Taracena

**Maternidades
Resilientes**

218 Susana Ruíz, Tomasa
Ruíz y Gabriela Zubillaga

**Cuidados de una
madre alterna**

222 Nora Ariadna Pérez
Castellanos

**¿Cómo educamos a
la nueva humanidad?**

ecologias críticas,
antiespecismo,
ecofeminismos

230 Amanda Costa

Enviramento

231 Adriana Salazar Vélez

Matéria viva

232 Beatriz Brito, Eloisa
Brantes, Gislane Machado,
Mateus A. Krustx e Vitor
Hugo Garcia

Arqueologia dos rios

242 Eduardo Molinari

**De los niños de la
soja a les niñes de
fuego**

252 Luane Bento dos Santos

**Mulheres Negras
Trançadeiras e a
Covid-19**

266 Paola María Marugán
Ricart

**Mis queridas plantas
y yo, en el pasaje
de un proceso de
transformación sin
retorno**

272 Gregório Esteban Kazi,
Ettore Fonseca Scalon,
Carolina Rocha de Carvalho

**A nomadopraxis
umbandista:
subversão da
colonialidade
e afirmação da
diferença.**

posfácio

278 Denise Espírito Santo e
David Gutiérrez Castañeda

sobre as/os autoras/es

284 Colaboradoras/es

sobre as/os editoras/es

294 Editoras/es Convidadas/
dos

futuros
especulativos

prósperos justos
cosmopolitismos migrantes

#602

Las fisuras multidimensionales existen. Son perceptibles mediante telescopios tentaculares, que se pueden alinear con dirección a las fronteras entre cada nueva espiral del tiempo. El uso de tales instrumentos, requiere de un sostenido entrenamiento vincular, un trabajo ordenado sobre los reflejos y las proyecciones que realizamos hacia todos los seres que rodean nuestra existencia. Lo que sucede cuando se logra el avistamiento de los paisajes internos de las fisuras, se desconoce, aún.

Tractas Mysterhibris, Lo Boier. Relatos.

Mi nombre es Rita.

Antes, cada día yo empezaba con un nombre distinto. Aunque no pueda asegurarlo, siento que llevo varios días llamándome así. Rita.

Mi nombre es Rita.

Pertenezco a mi mundo. Lo he creado. Sé bien cómo llegué hasta aquí. Abandoné al azar a los Sobrevivientes para vivir aquí. No me arrepiento. No había nada para mí entre ellos. La Última Guerra les reemplazó el corazón por un Sistema Trinario de bombeo de sangre. Escribo con tinta de mi propia mano, pues yo todavía tengo el órgano, perfecto órgano, que latirá hasta que sea mi tiempo y no cuando las leyes de caducidad del sistema lo decidan.

Es peligroso y arriesgado escribir. Todo lo que hay en mi mundo es Riesgo. Y es Peligro. Pero está bien cuidado. Está muy bien cuidado, mi mundo. Es sólo que al tener corazón, hígado, pulmones, páncreas, vísceras, riñones orgánicos y funcionales con el agua y el alimento, mi cuerpo es carne, es músculos y es huesos. Mi cuerpo es piernas. Tengo piernas y me muevo por toda mi casa, aquí. Mi casa aquí. Tengo piernas aquí. A veces bailo, pero sobre todo camino. Y puedo cantar. Yo puedo cantar. Tengo pliegues vocales,

y yo canto. Para que no se les olvide como hacerlo, yo canto.

No me quiero perder, antes dije “es solo que”. Es solo que, al ser y tener cuerpo, me pongo triste a veces. Y me siento sola a veces. Aunque estoy entrenada para manipular la energía que se desprende de las emociones de mi cuerpo, a veces elijo permanecer en cualquiera de estas dos, sin transformarlas en el combustible comunicativo: tristeza y soledad. Las maestras me dirían que es un ataque de la nostalgia arquetípica, lo sé. Y todas mis hermanas lo saben también. Nos conocemos tanto. Rita humana, demasiado humana, demasiado.

Le canto a mis plantas, a mis abejas; le canto a mis lechugas y a mis tomates; les hablo y les canto. Y me responden desde su generoso silencio de palabras humanas. A veces es triste ser todavía tan humana. Sobre todo cuando quiero mostrarle a alguien el sabor de las nuevas hojas de té blanco, rojo o negro. El té. Todos y todas aquí, amamos el té. Cuando vuelvo a la costumbre del todos, todas, todes, mi mano tiende a paralizarse. La Guerra entre los Géneros, una de las tres previas a la Última Guerra, acabó con tantas cosas... Era tan peligroso escribir. Después de la irrupción clandestina del Octavo Volumen Magdalénico, el lenguaje escrito fue prohibido, destruido, aniquilado. Aunque sé bien que existen varios resguardos de libros sepultados con sus guardianas, mejor no hablo de esto. Todo es tan peligroso. El peligro es la sustancia que respiramos los que no sobrevivimos.

El asunto es que mis manos y mi corazón, mi cerebro, todos contenedores de tantas aguas, todos ellos quieren siempre escribir. Todas y todos lo

queremos. Como sea, escribir. Cuando me prometo a mí misma que escribiré para hacer la quema ritual después de cada hoja, logro tranquilizarme y sin culpa doy rienda suelta a mis palabras, como me dé la gana, como me salgan del profundo útero. Porque también tengo todavía un útero. Me gusta imaginar que alguien me lee. Es tan peligroso, siento tanto temor. Me concentro en las técnicas respiratorias y de inmediato se transforma en el combustible comunicativo. Pero yo quiero siempre escribir.

Yo. Escribo.

Deleite. Delicia. Deseo.

Yo. Escribo.

Viene el fuego después. El fuego siempre después.

Escribo. En el Vacío Natural, yo, escribo. Con mis manos y con tinta.

El fuego. Todavía el Sol. El Padre Sol, todavía.

Mis hermanas y yo no somos Sobrevivientes. Somos Imposibles. Dejo de hablar de mis hermanas. Yo soy una Imposible. No existo. Como ya no existen los Mamos de la Sierra Nevada de Santa Marta, ni los Abuelos U'wa, ni los Curanderos Misak. Ninguno de nosotros existe. Con mis emociones fabrico el combustible que mantiene vivo el Velo. Lo alimento cada día, como riego mis plantas. El Velo me asegura la inexistencia. Trabajo con mi respiración, cada vez que siento la llegada de materia emocional dentro de mi cuerpo, respiro. Transformo su energía en combustible. Es así que vivo aquí dentro. En el Vacío Natural continuo con mi vida. Mantengo mi vida imposible.

Me cuento esto a mí misma para no olvidar. Con decisión y coraje me niego al Olvido. Aunque todos los días tenga que iniciar un Fuego: el Olvido me mantiene segura en la inexistencia. Habito un apartamento en el centro de una ciudad, en el sexto piso, el número 602. Es importante que sea en una ciudad: todas se convirtieron en ruinas energéticas, que aseguran los canales de flujo de información para los Sobrevivientes. Mis paredes están cubiertas por panales de abejas. Hay varias reinas y todas conviven tranquilas. Cada una con sus obreras, cada día es una danza de mil zumbidos. Convivimos, nadie ataca, entre todas nos cuidamos. También tengo un patio, no muy grande, en el que cuido mi huerta. Hay tierra, huele a tierra, la huelo todos los días para asegurarme que sigue siendo tierra. Por esto mis conversaciones con las lechugas y los tomates. También legumbres, también hierbas aromáticas, maíz, papas, calabacines, todo lo que es imposible.

El rosal con rosas rojas es mi altar principal. Preservo el orden natural a través de un ecosistema de altares que aseguran la geometría sagrada de la permanencia. El Velo se mantiene infranqueable gracias a la constante mutación del rezo y la ceremonia. Nunca pueden ser iguales entre día y día. La repetición nos hace detectables a los transmisores insertados en los Sistemas Trinarios del bombeo de sangre. Nada puede parecerse al día anterior y así cada día habito en la cualidad infinita de la creación humana. El peligro de ser aniquilada se me renueva con cada segundo. Cuando la Última Guerra estalló las nociones del tiempo lineal, se nos destruyeron los límites entre el pasado, el presente y el futuro. Al no ser una Sobreviviente, puedo identificar en cuál lugar de

la espiral estoy respirando. Esto me permite liberarme del control del caos del tiempo. Los Sobrevivientes están atrapados en el flujo inconsciente. Ellos sueñan, todo el tiempo sueñan. Y no tienen piernas, ya no las necesitaron más gracias a los dispositivos de comunicación algorítmica a los que están conectados.

Soy así, una monstrea. Se considera monstruosa la posesión de un par de piernas y de agua dentro del cuerpo. Y de los órganos de la digestión y la respiración. Porque los monstruos y monstrea todavía son capaces de transmitir los virus. Y el gran logro de la civilización después de la Última Guerra, es la inmunidad contra cualquier enfermedad pandémica.

Ahora comprendo por qué me estoy contando todo esto. A veces decido, también, detenerme en el miedo, un breve lapso, antes de transformarlo: es muy desagradable la sensación. Esta mañana me llegó la transmisión clara. Nosotras nos comunicamos a través de imágenes que no viajan por las frecuencias de los Sobrevivientes. Hay serios indicios de avances significativos, de los sabios Sobrevivientes, en el control de las fronteras entre realidades multidimensionales. Sabemos que esto pone en serios riesgos al Velo. No es que tema la aniquilación, la inexistencia no me lo permite y la muerte está hace cientos de años integrada en nuestra concepción de la vida. ¿Qué es lo que temo exactamente? No entiendo. No me es posible quedarme en este temor. Es una de las principales energías que alimentan el Velo. Tengo que parar de escribir. Tengo mucho trabajo.

Mis palabras, mis queridas palabras.

He tomado el riesgo de no quemar las páginas de ayer. Sólo por hoy, poder leerme, sólo por hoy.

Humana demasiado humana.

Rita.

Ya está, me leí. Hoy vuelve el Fuego, lo prometo.

Ayer tuve que ponerme durante todo el día los emplastos de caléndula en la frente, en el lugar de mi entrecejo. Algunos días, cuando el temor está vibrando en los cuerpos de todas nosotras, mi herida sangra. Ya no lo hace a borbotones, no. Simplemente se abre de nuevo y una delgadita capa roja vuelve a aparecer después de limpiarla con lienzo húmedo. Cada vez, otra vez. Soy la aprendiz de mi herida, diariamente. Es un proceso que terminará en unos años solares, cuatro o cinco. Aún no lo sé con certeza. Mientras tanto, la siento, la muevo, la limpio, le pongo las mezclas adecuadas de las hierbas para cada cambio de temperatura y las sensaciones que registra mi cuerpo. Si los tejidos de sus bordes están inflamados, le aplico manzanilla; si además de la inflamación duelen, es cuando requiero de la caléndula. Si comienza a exhalar algo más que sangre, suele ser un líquido amarillo, agrego menta y romero. A veces sale de ella un olor fuerte que neutralizo con la yerbabuena. Si se abre en días en que no logro recordar mis sueños, las hojas de lavanda me calman la ansiedad. Es muy importante recordar cada mañana los nuevos sueños, son nuestra versión de los libros. Yo todavía no logro recordarlos siempre, y casi nunca todos. Respiro también infusión de lavanda, respiro.

El cuidado de mi herida requiere de atenciones diarias y detalladas, pero sin ninguna exigencia. Nos cultivamos la suavidad como una importante práctica de negación para el Sistema Trinario. Si me equivoco con las hierbas, sus combinaciones o sus cantidades, o pongo demasiada fuerza – o ligereza – en los dedos que sostienen el lienzo, el dolor es muy profundo, el dolor se renueva, como si se estuviera abriendo por primera vez. Así hablo con mi herida todos los días. Es mi maestra de los Portales del Dolor. Necesitamos cruzarlos para la confirmación del valor que le queda a nuestra inexistencia orgánica, y su sentido. No descifro aún, totalmente, estas lecciones. Cuatro años, cinco. Cultivo también la paciencia. Duele mucho, en ocasiones. Quiero comprender todo de una vez, en ocasiones. Esta herida no es de mi exclusiva pertenencia.

Me arde el entrecejo. Debo atenderla ahora. Y encender un fuego. Sé muy bien que no puedo permanecer aquí en mis palabras. Mañana retorno. Con mi mano y con la tinta. Mañana todo vuelve a comenzar.

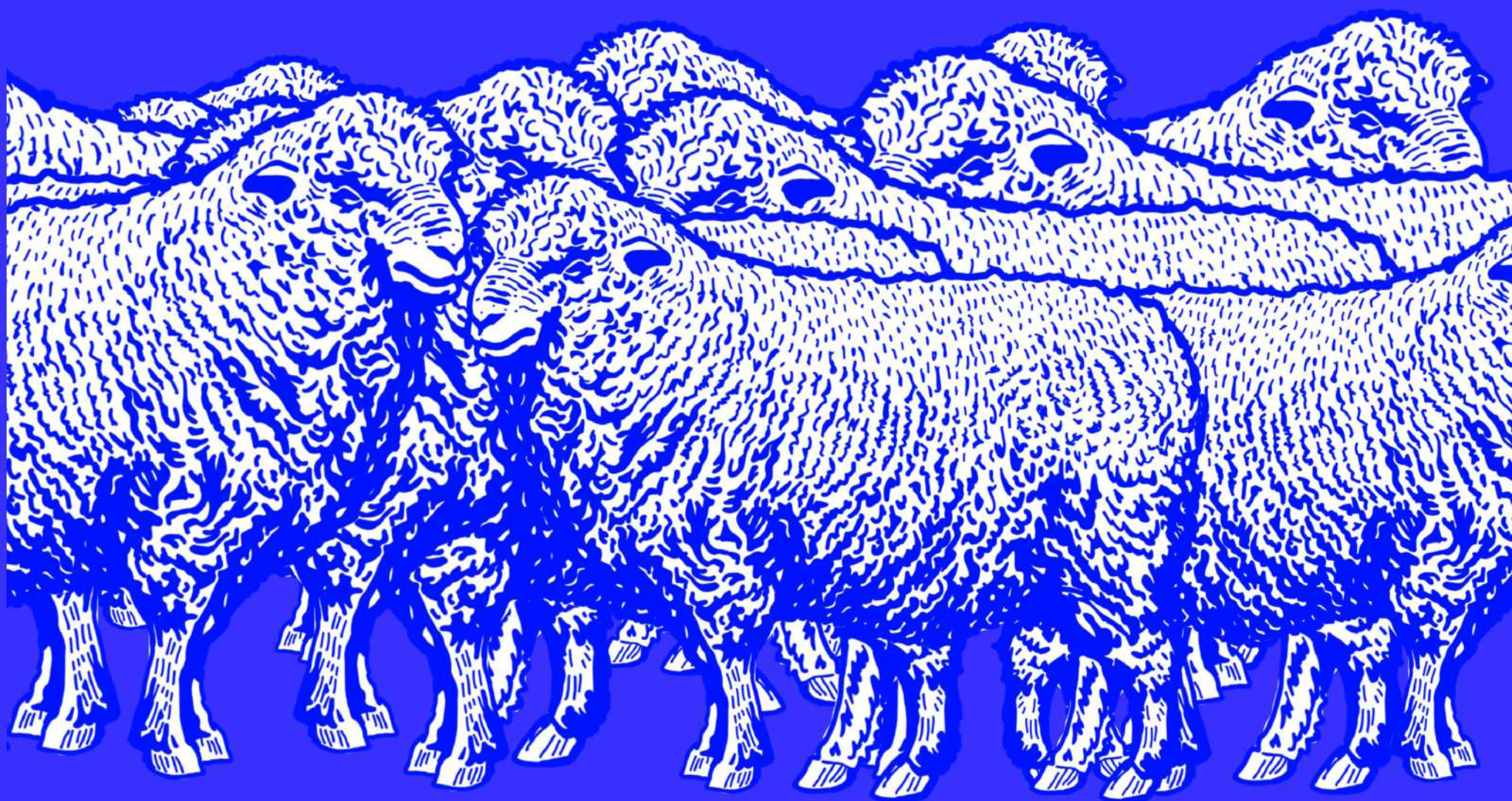
Me arde la frente.

El querido Abuelo Fuego.

Claudia TorresCruz

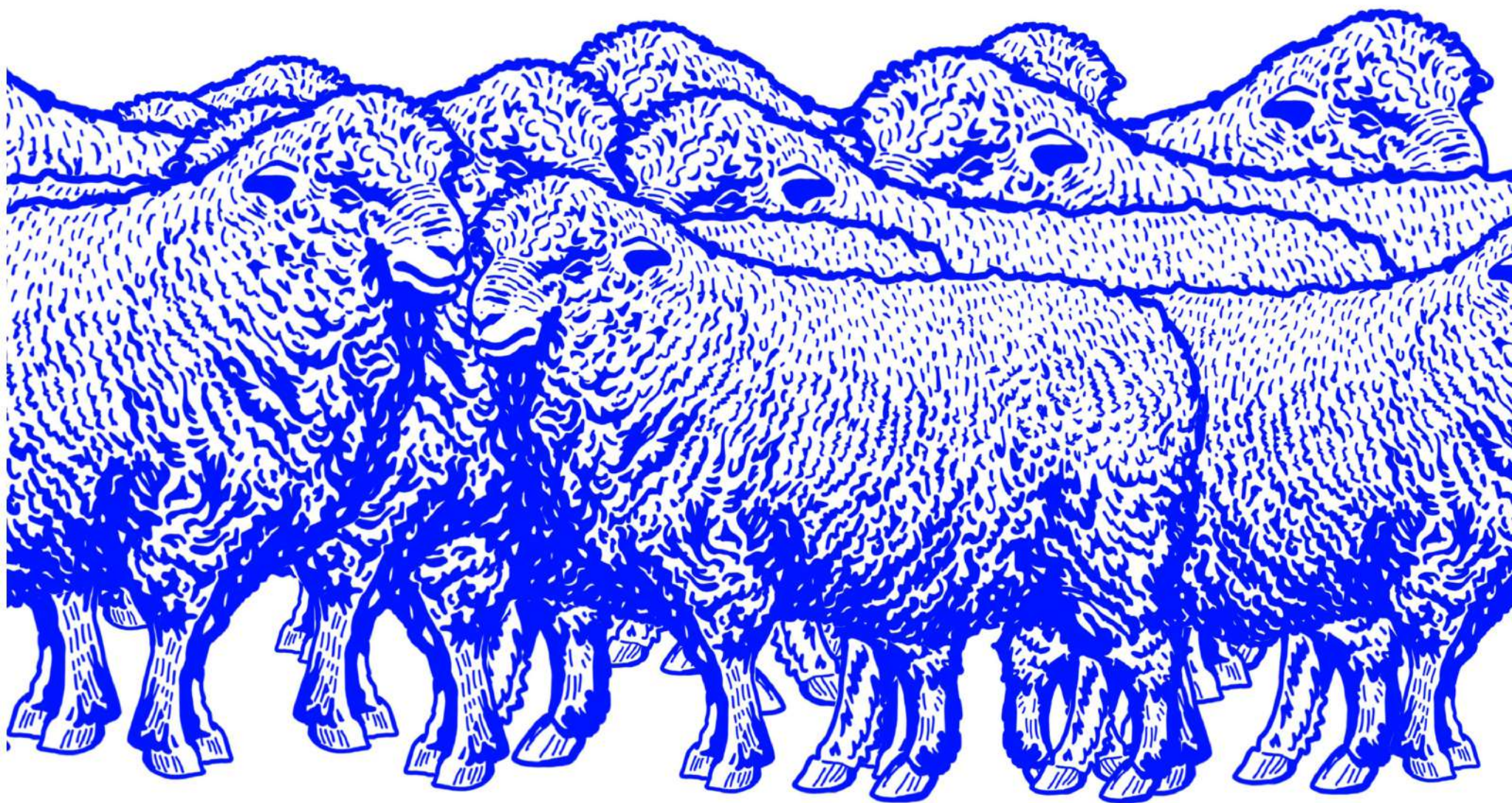
Bogotá, D.C. Octubre 20 de 2020

PLEEEEEEB!



(TO BE READ ALOUD) WHY DOES CRYING OUT ONLY SIGNAL MY VULNERABILITY?, CHET BROMSTEIN, DIGITAL DRAWING, 2020.

PLEEEEEEB!



(TO BE READ ALOUD) WHY DOES CRYING OUT ONLY SIGNAL MY VULNERABILITY?, CHET BROMSTEIN, DIGITAL DRAWING, 2020.

Vulnerabilidade da Natureza e a sua proteção

sofrer impactos decorrentes de atividades antrópicas (LOURENÇO et al., 2013).

O uso e exploração da Natureza como se fosse um objeto cuja finalidade exclusiva é atender aos interesses humanos vem desde a visão de natureza-máquina de Descartes e foi promovida pelo pensamento ocidental dominante, em todos os locais em que ampliou suas fronteiras. Tal visão de relação do ser humano com a Natureza foi trazida para a América Latina junto com a colonização, que desenvolveu uma dinâmica de exploração de recursos naturais, de forma antropocêntrica e monocultural, apartando o “homem civilizado” da Natureza. A visão eurocêntrica colonizadora contrapôs-se à visão integrada do ser humano com a Natureza preconizada pelos diversos povos que habitavam as regiões (WOLKMER; WOLKMER; FERRAZZO, 2017). Natureza como Mãe que nutre a vida, Natureza sagrada, Natureza e todos os seres com uma vida e futuro interligados. Visão rompida, inferiorizada e desrespeitada pelo colonialismo que perdura até os dias atuais, que inclui desrespeito também pelos povos que vivem em harmonia com a Mãe Terra.

A vulnerabilidade da Natureza está exposta diante de inúmeras consequências. Sérios alertas de mudanças climáticas, poluição das águas, crimes ambientais que causam danos de grandes proporções, áreas tão degradadas que impossibilitam a vida, qualidade de vida para as gerações futuras comprometida pela poluição generalizada (não só para vidas humanas, mas sim de todas as espécies), descaso com a resiliência da Natureza e com a manutenção de seus processos essenciais.

Amazônia desmatada e em chamas, Cerrado e Pantanal queimando, e junto com eles sua fauna e flora; escassez hídrica no Sul, Centro-Oeste e parte do Sudeste do país, relacionada à redução dos rios voadores (CEMADEN, 2020), tráfico de animais, desmatamento de florestas, perda de habitats, perda de animais, perda da Natureza, perda de vida. Lista crescente de espécies extintas ou em perigo de extinção (maior do que em toda história humana), sendo que, nos próximos anos, 25% das espécies da flora e da fauna podem estar extintas. E esse número refere-se às espécies existentes na atualidade, não incluindo todas as que já foram extintas ao longo dos últimos anos (IPBES, 2019). Isso não é suficiente para vermos o quanto precisamos alterar nossa interferência na Terra e a relação que temos com toda a vida que faz parte dela?

A vulnerabilidade ambiental pode ser definida como uma situação em que o meio físico está vulnerável às pressões humanas, as quais apresentam riscos, danos e dificuldade de resistir e/ou recuperar-se após

A visão cartesiana e dualista quis nos separar do restante da Natureza e realizar a disjunção entre Natureza e cultura. Mas a cultura acontece na Natureza, por meio dela, com ela, nela, numa transformação mútua. Nós seres humanos também somos Natureza, estamos em uma rede interligada com ela e com todos os seres vivos. Então somos Natureza e somos cultura, tudo ao mesmo tempo e não em uma visão em que ser um exclui a possibilidade de ser o outro. Mas ao mesmo tempo que somos parte dessa rede da vida, também nos distinguimos dos demais seres a partir de nosso desenvolvimento cultural, técnico-científico, econômico, por todos os aparatos que construímos para sustentar nossos estilos de vida... Então, trata-se de distinguir sem separar, para não sair da visão dualista rumo a uma visão que não consegue diferenciar os diversos elementos e que assim não consegue ter em conta as suas necessidades. Por mais que sejamos Natureza, nós a modificamos e danificamos como nenhum outro ser da Terra o faz, mas também temos a

capacidade de mudança, de buscar formas de vida e desenvolvimento distintas das atuais dominantes. E o desenvolvimento capitalista predatório massacra vidas humanas, não humanas e ecossistemas.

Cada ente da Natureza tem determinadas características que suscitam determinadas necessidades, determinados direitos e que requerem que o ser humano tenha certos limites e cuidados na sua atuação. Então aqui não se trata de retirar o ser humano da Natureza, mas se busca chamar atenção aos problemas causados à Natureza não humana, aos ecossistemas, componentes ecológicos e aos demais seres com os quais compartilhamos o Planeta. Então, ao falar da Natureza com N maiúsculo, nos referimos à Natureza menos transformada pela ação humana, ao meio ambiente natural, tal como o faz Gudynas (2019), sendo que ela requer alguns enfoques específicos.

A Natureza grita frente aos horrores aos quais é submetida, padece frente ao extermínio de seres cujo direito à vida e à qualidade de vida foram retirados. E quem está disposto a *protegê-la*? A barrar atividades que estão agredindo os seus ciclos vitais? Tal proteção não faz parte da política do governo atual, cuja atuação e inação são agora objeto de Ação de Omissão nº 60, a ser julgada pelo Supremo Tribunal de Justiça, além de constantemente serem propostas medidas que retiram proteção que já estava sendo dada, demonstrando um verdadeiro retrocesso ecológico. Se vidas humanas pouco importam nessa pandemia que vivemos, quem dirá vidas de outros seres, a Natureza, os ecossistemas.

COVID-19, Ebola, Gripe Suína, Zika, Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS), Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), todas doenças zoonóticas que tem nos afetado nos últimos anos e estão totalmente relacionadas a nossa forma de tratar a Natureza. Uma zoonose é uma doença passada de um animal para o ser humano. Em 2016, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA, em inglês UNEP) divulgou relatório sobre questões emergentes de preocupação ambiental, que mostra a

relação entre um ambiente saudável e a saúde das pessoas. O relatório apresenta que 60% das doenças infecciosas que afetam os seres humanos são de origem zoonótica e que 75% das novas doenças infecciosas emergentes têm essa origem. Além disso, atualmente uma zoonose tem chegado aos seres humanos a cada quatro meses (UNEP, 2016).

Os principais fatores para o surgimento dessas doenças são: 1- desmatamento e outras modificações no uso do solo (que acabam com diversos habitats e com a biodiversidade, que fazem animais se deslocarem - quando conseguem - para outras áreas); 2- intensa produção agrícola e pecuária (que são especialmente monoculturas e intensa produção de animais, que coloca um grande número de animais em contato entre si); 3- comércio ilegal ou irregular de animais silvestres (o que não acontece só na China, aqui no Brasil milhões de animais são traficados anualmente (CHARITY; FERREIRA, 2020)) 4- resistência antimicrobiana (pelo intenso uso de antibióticos); 5- mudanças climáticas (que muitas vezes dão as condições propícias para a propagação de zoonoses) (UNEP, 2016).

Pandemias como a da COVID-19 são resultados previsíveis da forma que o ser humano obtém e cultiva alimentos, comercializa e consome animais e altera o meio ambiente. A intensificação agrícola está associada a 50% das zoonoses desde 1940; a produção de carne aumentou em 260% nos últimos 50 anos e com ela as zoonoses; a urbanização e industrialização aumentam o contato com a vida selvagem; e o transporte internacional intenso também facilita o surgimento de pandemias de porte global (UNEP; ILRI, 2020).

Essas doenças têm se intensificado e chegado a nós devido às próprias atividades humanas, pois em um ecossistema equilibrado e não degradado, animais de diferentes espécies não teriam contato entre si e nem com o ser humano. Então, são questões que têm a ver com nosso modelo de desenvolvimento e de produção que são altamente prejudiciais para a vida no Planeta e para a saúde global. Temos que lembrar um conceito básico para a vida, que não se sabe quando se quis

esquecer: a proteção da Natureza e de seu bem-estar são essenciais para a vida no Planeta. Será que com essa pandemia que assola o mundo, que deixa explícitas nossas desigualdades sociais, econômicas, de saúde, ambientais, estruturais, democráticas e políticas, poderemos passar a enxergar a vulnerabilidade da Natureza? Será que sendo nós as vítimas do que nós mesmos causamos, será que agora poderemos mudar de rumo? E qual rumo tomar?

Sabemos que precisamos mudar a realidade capitalista, colonialista e propagadora de desigualdades socioambientais. As mudanças são essenciais nas mais diversas áreas da sociedade, são essenciais na forma de desenvolvimento econômico e social, na forma que compreendemos a Natureza e na nossa relação com ela, abrangendo até mesmo o *âmbito* pessoal do que é qualidade de vida, de quais são as verdadeiras questões essenciais para viver bem. São mudanças interconectadas e que dependem de coletividade e *governança*, de iniciativas conjuntas que se espalhem ao longo do globo. Mas aqui gostaria de focar em mudanças trazidas pela defesa dos Direitos da Natureza, que tem buscado trazer uma nova relação do ser humano com a Natureza, visando um novo rumo a ser seguido. Baseia-se em conhecimentos inter e transdisciplinares, e também em aportes culturais de povos indígenas, tradicionais, ribeirinhos, entre outros, para pautar uma nova concepção legal que vai além da proteção do direito humano ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

A proteção da Natureza vinculada apenas à dignidade da pessoa humana mostra uma perspectiva moralmente incompleta e incapaz de lidar com os problemas do Antropoceno. Para superar as lacunas dessa perspectiva, torna-se essencial a inclusão da Natureza e daqueles que não *têm* voz na comunidade de justiça e nos sistemas de direitos, reconhecendo o valor e respeito a todas as formas de vida, sendo essencial a proteção dos processos que sustentam a vida, e que isso seja um valor inegociável (AYALA, 2019).

A promulgação dos Direitos da Natureza tem se espalhado pelo Globo e conta com uma

forte raiz na América Latina, envolvendo uma visão que busca superar o antropocentrismo colonizador. Visa superar a visão de que os únicos seres com valor intrínseco a ser protegido são os seres humanos, ampliando esse espectro aos demais seres e componentes da Natureza. As previsões legais e decisões judiciais, nesse sentido, estão relacionadas a culturas, a visões distintas da colonial dominadora. Nisso, o pensamento latino-americano vem questionar a mentalidade que foi imposta desde os tempos de colonização, de natureza-objeto, de natureza afastada da cultura, apenas como um bem a ser explorado.

No Equador e na Bolívia, os Direitos da Natureza são protegidos como parte de um projeto maior, que visa mudar a concepção capitalista e rumar para uma nova forma de vida e de desenvolvimento. Trata-se do bem viver (*buen vivir*, *vivir bien*, *sumak kawsay* ou *suma qamaña*).

Está previsto, na Constituição do Equador e na *Ley de la Madre Tierra* boliviana, a Natureza como sujeito de direito e a *Pachamama* como a Mãe Terra em que todos habitam e que deve ser preservada, numa visão ecocêntrica. Além disso, essas Constituições definem estados plurinacionais, trazem maior autonomia aos povos indígenas e fortalecem direitos coletivos (ACOSTA; BRAND, 2017).

Essa visão latino-americana critica a mercantilização da Natureza como uma perspectiva eurocêntrica, que não leva em consideração suas qualidades concretas e condições de reprodução, nem de resiliência (ACOSTA; BRAND, 2017). Visa a interculturalidade, propõe diálogo sobre alternativas de desenvolvimento que apreciem os mais diversos saberes e conhecimentos, capazes de transcender à modernidade ocidental. Os proclamados direitos do *buen vivir* vinculam as estratégias de desenvolvimento, as quais deveriam ser redesenhadas para garantir ditos direitos (GUDYNAS, ACOSTA, 2011).

O *buen vivir* é um conceito plural e em construção, que avança tanto no campo teórico como nas práticas, e não é uma

mera forma alternativa de desenvolvimento, mas uma alternativa à ideia ocidental de desenvolvimento como um todo, buscando romper com suas bases culturais e ideológicas visando novas metas e novas práticas, enfocadas no bem-estar das pessoas e em um novo tipo de relacionamento com o meio ambiente (GUDYNAS; ACOSTA, 2011). Tais afirmações condizem com o pensamento pós-colonial latino-americano, contra hegemônico, contra o neocolonialismo e contra a subjugação das culturas locais e tradicionais (PORTO-GONÇALVES, 2012).

E quais são os Direitos da Natureza? Equador e Bolívia trazem direitos, os quais inspiram a Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra, adotada em 2010, na Conferência Mundial dos Povos sobre Mudanças Climáticas e Direitos da Mãe Terra, ocorrida em Cochabamba, na Bolívia, tendo sido feito também um chamado para a Assembleia Geral das Nações Unidas adotá-la como propósito comum para todos os povos e nações do mundo. A Declaração dispõe sobre a Mãe Terra, seus direitos inerentes e as obrigações dos seres humanos para com ela, os quais são responsáveis por respeitar e viver em harmonia com a Mãe Terra. Os direitos inerentes da Mãe Terra e de todos os seres que a compõem são: “Direito à Vida e a existir; Direito a ser respeitada; Direito à regeneração da sua bio-capacidade e continuação dos seus ciclos e processos vitais livre das alterações humanas; Direito a manter a sua identidade e integridade como seres diferenciados, autorregulados e interrelacionados; Direito à água como fonte de vida; Direito ao ar limpo; Direito à saúde integral; Direito de estar livre da contaminação, poluição e resíduos tóxicos ou radioativos; Direito a não ser alterada geneticamente e modificada na sua estrutura, ameaçando assim a sua integridade ou funcionamento vital e saudável; Direito a uma plena e pronta restauração depois de violações aos direitos reconhecidos nesta Declaração e causados pelas atividades humanas.” (CONFERENCIA MUNDIAL DE LOS PUEBLOS SOBRE EL CAMBIO CLIMÁTICO Y LOS DERECHOS DE LA MADRE TIERRA, 2010, art. 2º, tradução nossa).

A Declaração fala também que cada ser tem o direito a um lugar e a desempenhar o seu papel na Mãe Terra para o seu funcionamento harmônico, e, além disso, todos os seres possuem o direito ao bem-estar e a viver livre de tortura ou trato cruel por parte dos seres humanos.

Esta Declaração considera que todos são parte da Mãe Terra, uma comunidade indivisível vital dos seres interdependentes e inter-relacionados com um destino comum. Reconhece que a Mãe Terra é fonte de vida, alimento, ensino e fornece tudo aquilo que se necessita para viver bem. Coloca que em uma comunidade de vida interdependente não é possível reconhecer somente os direitos dos seres humanos, sem provocar um desequilíbrio na Mãe Terra. Além disso, coloca que para garantir os direitos humanos é necessário também reconhecer e defender os direitos da Mãe Terra e de todos os seres que a compõem, e que existem culturas, práticas e leis que o fazem.

No Brasil também há três municípios que já reconheceram os Direitos da Natureza em suas leis orgânicas, é o caso de Paudalho e Bonito, em Pernambuco, e Florianópolis, em Santa Catarina, sendo que este último inclui, além da titularidade de direitos à Natureza, o respeito aos princípios do bem viver. Também tribunais brasileiros têm abordado o tema, sendo que mesmo os votos de Ministros reconhecem uma ótica biocêntrica ou ecocêntrica. Um importante caso brasileiro neste âmbito, de 2019, é do Recurso Especial nº 1.797.175 – SP, julgado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), que traz o reconhecimento os animais não humanos como sujeitos de direito e fala que deve ser incluída a dignidade dos animais não humanos, bem como de todas as formas de vida, reconhecendo seu valor intrínseco, sabendo que não são meros meios para atingir os fins humanos, com base em uma matriz jus filosófica biocêntrica ou ecocêntrica, que reconheça a conexão das relações entre ser humano e Natureza na teia da vida.

Em outros países já há o reconhecimento expresso dos Direitos da Natureza, para Rios, ecossistemas e montanhas. No Equador, houve

uma ação judicial para proteção dos direitos da Natureza no caso do Rio Vilcabamba, ao lado do qual estava sendo construída uma estrada e em que os resíduos estavam sendo jogados nele. Na decisão da Corte, de 2011, foram afirmados os direitos constitucionais do rio e foi ordenada a reparação dos danos, garantindo os seus direitos.

Na Colômbia existem vários casos em que há reconhecimento dos Direitos da Natureza. Em 2014, referente ao Parque Nacional Tayrona, a Corte colocou o dever da sociedade de respeitar e garantir os direitos da Natureza, que as montanhas, florestas, rios e atmosfera deveriam ser protegidos pelo próprio direito de existir e não pela utilidade aos homens. A Corte Constitucional reconheceu direitos do Rio Atrato, ordenando ao governo a criação de guardião para o Rio, com um representante do Estado e outro dos povos indígenas (MACAYA, 2017). Em 2018 a Suprema Corte de Justiça apreciou a pretensão de 25 crianças no âmbito de uma litigância climática, tendo sido reconhecidos os direitos da Natureza à floresta Amazônica e seus componentes naturais (AYALA, 2019).

Na Índia foi conferida personalidade jurídica aos Rios Ganges e Yamuna, cujos direitos também foram relacionados à questão religiosa e cultural do país, em que consideram esses rios sagrados. Em 2017, o mesmo tribunal declarou que os Himalaias são uma pessoa jurídica, reconheceu que os glaciais Yumanotri e Gangotri são sagrados e reverenciados pelo povo indiano, e que existe um dever moral de proteger o meio ambiente e a ecologia dos severos riscos da poluição e das mudanças climáticas. Na Nova Zelândia, foi celebrado um acordo com força de lei entre o governo e comunidade aborígene do Rio Whanganui, protetora do mesmo, outorgando titularidade de direitos para o Rio Whanganui, e também para o Parque Nacional Te Urewera e para o Monte Taranaki (AYALA, 2019).

Assim como nós, seres humanos, buscamos a proteção de nossos direitos frente a nossas vulnerabilidades, chegou a hora de protegermos verdadeiramente os direitos dos demais entes da Natureza, tanto os

demais seres vivos como ecossistemas, rios, lagos e outros. Abandonar a nossa visão de seres superiores como se não estivéssemos conectados à Natureza, como se não fôssemos parte dela e como se dela não dependêssemos. A Natureza como um todo tem um valor intrínseco que precisa ser protegido, para muito além da sua utilidade ao ser humano.

As dificuldades são diversas para a concretização desses novos direitos, especialmente quando vivemos em um governo que vê a Natureza como mero recurso, ou que vê sua proteção como empecilho para o desenvolvimento econômico. Mas precisamos ver a luz no fim do túnel, assim como nos perguntar para onde queremos ir, quais cenários queremos para a Natureza e toda a vida que dela depende.

A afirmação dos Direitos da Natureza traz uma visão de integração da comunidade da vida, visão de que a Natureza e todos os seus seres têm valores próprios, e a compreensão de que o bem-estar da Natureza é o mais fundamental para nossa existência e da vida tal como a conhecemos; compreendendo que a Natureza tem também direitos fundamentais, direito a existir, prosperar, evoluir, ter seus processos ecossistêmicos garantidos, assim como qualidade de vida para todos os seus seres, tanto das gerações atuais quanto das futuras.

Isso se trata de descolonizar a visão da Natureza, de aceitar que estamos conectados e interligados a ela, que somos parte dela e, por isso, os males causados também afetam a nós mesmos. Trata-se de resgatar o valor de vida em harmonia com a Natureza, mesmo na atualidade, – em formas de vida muito distintas da de povos indígenas – em que a tecnologia permeia todos os setores da sociedade. Inclui a sabedoria cultural e também o saber científico, sobre como podemos reduzir ao máximo os impactos ambientais e restaurar aquilo que já foi degradado. Não é possível um mundo só de humanos cercados por nada mais que objetos. O humano faz parte da rede da vida e depende dela para sua sobrevivência e bem-estar. •

Referências Bibliográficas

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. *Salidas del laberinto capitalista: decrecimiento y postextractivismo*. Barcelona: Icaria Antrazyt, 2017.

AYALA, Patrick de Araújo. *Constitucionalismo global ambiental e os direitos da natureza*. In LEITE, Jose Rubens Morato et al. *A Ecologização do Direito Ambiental Vigente: Rupturas Necessárias*. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2018.

CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTAS DE DESASTRES NATURAIS. *Boletim de impactos em áreas estratégicas para o Brasil*, 2020. Disponível em: <http://www.cemaden.gov.br/boletim-de-impactos-em-areas-estrategicas-para-o-brasil-10062020/>. Acesso em: 03 set. 2020.

CHARITY, S., FERREIRA, J. M. *Wildlife Trafficking in Brazil*. Cambridge: TRAFFIC International, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1VMQzWDXOZcyK0Ri7qsQf1DJWgHwloyE3/view>. Acesso em: 04 set. 2020.

CONFERENCIA MUNDIAL DE LOS PUEBLOS SOBRE EL CAMBIO CLIMÁTICO Y LOS DERECHOS DE LA MADRE TIERRA. *Declaración Universal de los Derechos de la Madre Tierra*. Cochabamba, Bolivia: FUNDACIÓN GAIA, 2010. Disponível em: <https://gaiacr.org/wp-content/uploads/2016/03/Declaratio%CC%81n-Universal-de-Derechos-de-la-Madre-Tierra-sp.pdf>. Acesso em: 04 set. 2020.

GUDYNAS, Eduardo; ACOSTA, Alberto. La renovación de la crítica al desarrollo y el buen vivir como alternativa. In *Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social*. Utopía y Praxis Latinoamericana, ano 16, n. 54, p. 71-83, abr./jun. 2011.

INTERGOVERNMENTAL SCIENCE-POLICY PLATFORM ON BIODIVERSITY AND ECOSYSTEM SERVICES. *Global Assessment Report on Biodiversity and Ecosystem Services*. Bonn, Alemanha: 2019. Disponível em: <https://www.ipbes.net/global-assessment-report-biodiversity-ecosystem-services>. Acesso em: 20 dez. 2019.

LOURENÇO, Joaquim Carlos et al. Identificação de fatores de vulnerabilidade ambiental na Floresta do Louzeiro em Campina Grande - PB. In: *Polemica*, v. 12, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/6429/4856>. Acesso em 03 set. 2020.

MACAYA, Ariana. La naturaleza como sujeto de derecho: el caso del río Atrato. In: LEITE, José Rubens Morato; PERALTA, Carlos E.; CARLI, Ana Alice De. *Agua y saneamiento básico en el siglo XXI: Brasil y Costa Rica*. San José, Costa Rica: Universidad de Costa Rica, Vicerrectoría de Acción Social, Facultad de Derecho, 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. In: *Interthesis*, v. 9, n. 1, jan./jun. 2012.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAM-ME. *Frontiers 2016 Report on Emerging Issues of Environment Concern*. Zoonoses: blurred lines of emergent disease and ecosystem health. Disponível em: <https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/32060/zoonoses.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 set. 2020.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME; INTERNATIONAL LIVESTOCK RESEARCH INSTITUTE (2020). *Preventing the Next Pandemic: Zoonotic diseases and how to break the chain of transmission*. Nairobi, Kenya. 2020. Disponível em: <https://www.unenvironment.org/pt-br/resources/report/preventing-future-zoonotic-disease-outbreaks-protecting-environment-animals-and>. Acesso em: 01 set. 2020.

WOLKMER, Antonio Carlos; S. WOLKMER, Maria de Fátima; FERRAZZO, Débora. Direito da natureza: para um paradigma político-constitucional desde a América Latina. In: LEITE, José Rubens Morato; DINNEBIER, Flávia França. *Estado de direito ecológico: conceito, conteúdo e novas dimensões para a proteção da natureza*. São Paulo: Instituto O Direito por um Planeta Verde, 2017.

Aquilo que não se vê

“Fungos e líquens aniquilam as nossas categorias de gênero. Eles reorganizam nossas ideias de comunidade e cooperação. Ferram com o nosso modelo hereditário de descendência evolutiva. Eles liquidam completamente as nossas noções de tempo. Os líquens conseguem fazer uma rocha virar pó usando uns ácidos terríveis. Os fungos podem exsudar enzimas poderosíssimas para fora do corpo e dissolver o solo. São os maiores organismos do mundo e estão entre os mais velhos. Eles geram e destroem mundos. Quer mais super-herói que isso?”

Merlin Sheldrake

“Nós tínhamos raízes que cresciam na direção do outro sob o solo e, quanto todas as flores bonitas caíram dos nossos galhos, descobrimos que éramos apenas uma árvore, e não duas.”

Louis de Bernières

Lado A

Um dos pensamentos mais presentes desse tempo de agora-clausura é indiscutivelmente Ailton Krenak. Pensador aqui despido de qualquer conceito prévio. Pensador-humano-em-trânsito como aquele que retoma o óbvio e o natural da natureza e nos ajuda a não esquecer que ainda há um inevitável descompasso entre as relações que fomos estabelecendo com a terra, com o espaço, com o tempo, com os animais e inclusive, com nós mesmos; considerando que esse nós é também tudo que está a nossa volta. Macro e micro. Visível e invisível.

Pensamento produzido como exercício do viver, aproximado fielmente das estruturas que foram sendo construídas ao longo de sua vida e de suas lutas políticas, no sentido mais expandido possível. Sua urgência se dá sem desconsiderar que há de fato uma sabedoria cotidiana que não se acochamba unicamente na vida íntima e pessoal e sabe da responsabilidade pública através da qual propostas puramente domésticas seriam, além de injustas, esvaziadas. Falar de si para além da armadilha de falar unicamente de si.

Os povos originários, cada vez mais destituídos de suas terras, sucateados e massacrados por um processo perverso de higienização, falsamente erigido através de um ideal obtuso de cultura que mascara o escancaramento, agora já inquestionável, do processo neoliberal e de devastação de nossas raízes, além de fundamentar a autorização escusa para venda e cessão do território e da devastação das riquezas do solo, sempre souberam de maneira muito simples e nada auto referenciada, que a natureza é viva. E que há um universo cotidiano, coletivo, epistêmico, ecossistêmico de relações, vozes, murmúrios, movimentos, rezas, agradecimentos, chegadas e despedidas que nós, da forma que nós construímos, somos incapazes de ouvir. Veja que aqui o verbo que uso é ouvir. É exatamente isto. Um exercício de ouvir. De auscultar. Exercício que fomos perdendo ao longo do tempo de maneira potencialmente desgraçada. Gradativamente. Do parto aos dias de hoje.

O candomblé e as religiões de matrizes africanas também são originalmente nutridas por esse desejo: reencontrar pontes que foram perdidas ao longo do processo. Restabelecer vínculos colocados em falência pelo cotidiano em suas temporalidades ansiosas e em seus horrores produtivistas. Restaurar as ligações energéticas com uma força-tronco que é originária e que, de acordo com o auto-trabalho e com o cuidado de si investidos ao longo da vida, é capaz de reinventar seus caminhos. A isso chamamos de Odú. Que é, antes de qualquer coisa, o exercício cotidiano do conhecimento através do desconhecimento. Mistério que também se liquefaz em som. Do mundo. E das coisas. E de um tempo-abismo conjugado entre passado e futuro.

O estranho-público, nesse caso, é termos sido obrigados a atravessar tamanha devastação para que consigamos lembrar que somos fragilíssimos e que, talvez, tenhamos sucumbido à ingenuidade torpe de acreditar que poderíamos ser outra coisa que não apenas passagem, instante e átimo diante de uma universalidade muito maior e, essa sim, completamente, mitológica e onipotente, repleta de particularidades, diferenças e diálogo. O real precisou se apresentar, então, mais uma vez, como retorno do óbvio recalcado.

Se ao longo dos últimos tempos houve um exercício coletivo consentido de silenciar as minorias, sejam elas quais forem, o que ainda ressurge como esperança é que a escala física das coisas é extremamente relativa, se mergulhada em um exercício de comparação quântica. Na edição de maio de 2020 da revista Piauí, há um belíssimo artigo de Robert Macfarlane sobre aquilo que acontece nos subterrâneos da floresta. Ou de outra forma, sobre o conjunto de in-ações possíveis e dificilmente detectadas por baixo da submata, pelos fungos. Para além da dificuldade de apreensão de sua fisicalidade, o artigo endossa a nossa deficiência de abordá-los através de uma linguagem ocidental e, talvez, já em relação fúngica, parasitária.

Ao abordar tais relações, o autor busca iluminar as hifas, filamentos inter-relacionais que estruturam uma comunicação infinita e inacessível entre nós, humanos, e os seres da floresta. Se Gilles Deleuze já havia discutido a interconexão entre as raízes dos tubérculos como rizoma, e Nicollas Bourriaud fez a mesma interconexão em movimento como radicante, a ideia de hifa nos traz um outro elemento fundamental para pensarmos a contemporaneidade e delinearmos algum tipo de aposta. A hifa é além de infra fina, capaz de fraturar as relações de tempo e espaço. Mais que isso, é ela que agencia uma transmissão de nutrientes e energias entre seus agentes e regula a vida na floresta de forma plural e completamente transversal. Aqui não se tratam de conexões, mas de simbiose, sexo, troca de fluidos proporcionada pelo desejo natural de sobrevivência coletiva de forma indistinta.

Para além de uma ingênua abordagem de alguns textos científicos que insistem em dicotomizar tal devir-floresta entre uma luta por sobrevivência das espécies e uma distribuição socialista de nutrientes, o que me interessa como proposta-hifa é a sua invisibilidade silenciosa escapável diante dos olhos-cegos e ouvidos-moucos. É a sua “inescapabilidade”, substantivo nada abstrato que urge inexistente em nossa língua como fantasma e fratura. É a substância-reLOVução inominável da associação entre um grupo específico e ampliado de existências que diante do risco da morte, sobrevive como murmúrio, mesmo que abaixo do solo do visível. Apesar de você.

Lado B

Elxs acordaram em um tempo cíclico, onde a referência de passado e futuro tinha desaparecido quase que instantaneamente. E mesmo sabendo que, de fato, o tempo é em si um exercício de circularidade a ser atravessado como que se mergulha, talvez tenham se habituado, ao longo da vida, com a certeza ilógica da marcação parcial feita pelos relógios que carregavam em seus pulsos ou aqueles tantos que ficavam pendurados em suas respectivas paredes. O problema é que depois daquele momento específico de suspensão, tal civilização percebeu que o tempo, mesmo para as máquinas desejantes, já não mais conseguiria ser marcado, pois as ações que auxiliavam na percepção da passagem tórrida das horas e dos dias também foram penduradas. A sensação de que tais aparelhos não funcionavam mais se deu na mesma medida em que a iluminação trazida pelo dia e pela noite também começou a soar extremamente similar, perecendo de um sintoma que é próprio da demência. Tratava-se um tempo extenso, expandido, ampliado e, talvez, exatamente por isso – por essa dificuldade de marcação simbólica, que tal emoção lhes parecia, em um primeiro momento –, paradoxal, pois já não havia nem mesmo a possibilidade remota de um primeiro nem de um segundo. Era só o meio. Talvez tenha sido apenas um momento percebido como tal, propício a angústias extremas. Aos poucos, perderam o hábito de quererem saber que horas era. Que horas poderiam vir a ser. Os dias, as semanas, os meses e os anos também não lhes interessavam mais. Mesmo as datas festivas e os aniversários começaram vagarosamente a perder seu tônus e talvez tenham enfrentado a realidade de um tempo que tornou-se apenas passagem de si. Na cidadela em que viviam, aos poucos, quaisquer diálogos que fizessem referência ao tempo, começaram a ser evitados. Não que o tempo tenha se tornado um tabu, mas por respeito ao processo trágico de não encontrar mais referências, optou-se por um certo tipo de acordo silencioso, no qual a temporalidade pressupostamente evolutiva, jamais tinha existido ali. Curiosamente, e talvez por isso, as conversas começaram a apontar para questões mais densas e não menos graves sobre o sentido do viver e a realidade específica que também se dava como clausura. Mesmo evitando o tempo como elemento discursivo, os moradores daquele vilarejo sem medidas, compreenderam que também lhes seria salutar evadirem-se de qualquer referência ao espaço. Começaram, então, um jogo semântico curioso de também esquecer os nomes das ruas e da cidade onde moravam. Se eventualmente surgia alguma necessidade de indicação de direção, como um passante nos perguntava atônito como chegar a determinado lugar, as respostas se davam pelas árvores, pelas cores das casas e pelos terrenos baldios em suas respectivas monumentalidades. Nada foi programado. Essa estrutura comunicativa que, diante do abismo absoluto do viver, escolheu suprimir em seus discursos elementos referenciais, se deu de forma natural e extremamente rápida. Mesmo sem nada dizer, a população compreendia que tal situação implicava na supressão de seguranças prévias. Consequentemente, as eleições foram adiadas ad infinitum. O único cartório da cidade também encerrou suas atividades por motivos óbvios. E de forma surpreendente, o xerife, o prefeito e o zelador, por perceberem que não seriam substituídos, exaustos que estavam, renunciaram aos seus cargos. A fatalidade da duração e a remota possibilidade de estarem atrelados a tais funções, gerava um pânico inelutável. Não fizeram um comunicado formal, mas reuniram toda a sua família e alguns assessores e foram em absoluto

silêncio, e de maneira sorrateira, em busca de uma outra terra onde o tempo fosse tão ávido quanto aquele ao que estiveram acostumados ao longo de todo esse tempo ainda nomeável. Os aprisionados da única e charmosa cadeia da cidade, que ficava no final da avenida mais larga, quase que na fronteira com o nada de outro vilarejo, perceberam que a voz amarga e as botas por cima da mesa que ordenava gozosamente a aplicação de castigos, havia emudecido. Estranharam. Os guardas também. Os dois vetores, numa tentativa fracassada de contar os dias e as noites, resolveram, também sem combinação alguma, marcar o tempo na parede de suas celas respectivas que, de forma muito ligeira, preencheu-se de teor plástico sem nenhuma preocupação. Ao perceberem que tal voz das botas havia desaparecido, guardas e presos também não fizeram nenhum movimento de busca e apreensão da disciplina. Olharam-se mutuamente e, de forma extremamente redundante, resolveram que já era hora, fosse ela qual fosse, de encontrar as chaves que abririam as celas de seus diálogos truncados. E assim o foi. Resolveram sair juntxs da cadeia e a cidade parecia não devastada. Mas oca. Deliciosamente mergulhada no precipício real da angústia de quando assume-se que o amanhã não virá. O elemento paradoxal dessa experiência é que puderam ter alguma experiência. E olharam estupefatos as ruas que agora já tinham tido suas placas com os nomes de outrora retiradas. No lugar, não havia nada. Nenhum nome. Apenas o vento que vez por outra levantava alguma poeira era capaz de provocar alguma solidez naquele ponto de pura passagem. Ser. Tão. Contudo, a população que resistia ao torpor de viver sem tempo nem espaço precisaria fazer uma reunião urgente para definir as novas diretrizes de convívio. Acharam que o melhor ponto de encontro seria a pequena ágora que havia sido construída como palanque. O enorme problema que se apresentava é que, embora soubessem onde ainda ficava tal marco, jamais conseguiriam indicar o horário possível do encontro. De todo modo, a única solução era ir de casa em casa, convidando os moradores para que fossem já para o local in-determinado. Contudo, jamais imaginariam que ir de casa em casa também colocaria a urgência do fórum em suspensão. Aproveitaram para entrar, tomar café, conversar sobre outros assuntos nada urgentes, olhar algumas fotos nas paredes e rir de não mais saber em qual ano teriam sido tiradas. A cidade que sempre corrida parecia, mesmo sabendo da ligeira importância do encontro democrático proposto por pequenos alguns, esqueceu-se da responsabilidade pública. Mergulhou na intimidade desconhecida e jamais quis sair dali. Foram noites memoráveis de música, candeeiro, fumaça, frio e causos. Dizem que para anunciar um outro dia, mesmo sabendo que este seria apenas um desejo fadado ao fracasso, reuniram em uma grande fogueira, feita como uma barricada, todos os relógios que tinham parado. Talvez por vontade própria. No mais absoluto exercício da autonomia. Pura alegria. •

Entre mulheres:

Cartas para imaginar futuros possíveis

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2020.

Querida Andreia,

Te escrevo esta carta com o coração bordando felicidade. Felicidade que transborda, mas que ainda está se construindo. Uma casa florida que desabrocha em andanças por aí. Espero não estar somente no conto de fadas enquanto me falta a teoria. Sei que você preza muito pelo conhecimento e te prometo que o estou buscando. Mas essa magia é necessária na vida. Para Marcos de Paula, discutindo sobre o conceito de felicidade em Espinoza, “alegria e tristeza, hilaritas e melancholia constituem um campo de forças afetivas de uma experiência docente que pode levar à decisão pela felicidade” (PAULA, 2009, p. 17). O autor diz também que tanto a alegria quanto a tristeza podem nos fazer compreender certas coisas. E como a busca pela felicidade a partir da crença cega pode fazer com que nos tornemos alienados e facilmente manipuláveis.

Esses dias fiz uma panqueca de feto. Parecia mesmo. Tinha uma marca que parecia um saco gestacional e dentro como se fosse aquele feijãozinho que chamamos de feto. Fiquei com medo. Pensei: “Será que é um sinal?”. E tive medo de estar grávida. Mesmo tomando anticoncepcional há anos, continuo com medo de errar algo “sem querer” e parir um “pacotinho” por aí. Graças à deusa, não estava na hora. Como foram seus partos e processos de gravidez?

Minha menstruação veio, ufa! Com vermelho-sangue. E experimentei esse sangue de bicho, bicha humana que somos. Pela primeira vez fiquei dias sem usar absorventes ou calcinhas estando menstruada. A quarentena me deu esse presente. Abraçar meu corpo e meu útero e deixar sair. Pelo segundo ou terceiro dia de menstruação coloquei um coletor menstrual, para poder sentar na cadeira e trabalhar. Quando tirei, lá estava ele, com aquele vermelho-marrom, geléia de sangue e útero. Como diria Clarice Lispector, “havia uma geléia que estava viva”. Pensei em guardar essa geléia para pintar, mas desisti. Queria uma textura mais sangue água, o sangue gelatina estava muito pegajoso. Mas que bobeira, é tudo sangue menstrual. E que mania a gente tem de se diminuir... Agora vou ter que esperar

até o mês que vem. Mas a cada dia dessa menstruação parece que são diferentes cores, texturas e aromas. Um dia cheiro de ferro, no outro nem sei, acho que cheiro de útero.

E nessa prosperidade de sangue, senti amor. Por meu útero. Por não estar grávida. Por meu corpo. E agradei a todas as mães a minha volta por me nutrirem com suas crias sem que eu tenha uma própria. Minha mãe, minha irmã. Sobrinhos: lindos. Filhos de amigas: lindos. Peças de teatro: umas boas, outras nem tanto. Experimentando o momento de confinamento, tudo é novo. Pelo menos nos abre novas possibilidades de criação. Como vão suas crias?

A minha cria, atualmente, se faz de escrita. E mesmo assim acho que não tão bem. Em meu trabalho venho falando dessa maternidade e maternagem, que sei que você exerce. Vi seu trabalho, “Uma baleia encalhada na praia”, em vídeo. Atualmente só vemos os que amamos. Dessa maneira ou com distância. E para ter uma cria é preciso estar muito muito perto. Dentro, até. Você me indicou o trabalho “Céu sobre água”, de Maria Esther Stockler e José Agrippino. Foi como uma reviravolta dentro de mim ver a reviravolta no corpo de Esther, na imensidão do mar com seu barrigão de bebê, dentro. E o vídeo vai se construindo em momentos mostrando a criança já nascida, em movimento, e, em outros, de volta dentro da barriga. Essa dança vai se repetindo como um transe, de dentro para fora e de fora para dentro. Já “Seiva Bruta”, que Lígia me indicou e assisti também somente em vídeo, mostra o corpo da bailarina Letícia Nabuco dançando com aquele barrigão prestes a parir, junto com seu bebê, que vai se movimentando enquanto ela movimenta sua pelve. O ambiente e a bailarina se vestem de nudez. Nua e crua, assim como nascemos. Esses e tantos outros trabalhos lidam com essa maternidade que estou pesquisando atualmente.

Comecei essa carta transbordando felicidade e a finalizo com tristeza. Tempos conturbados são esses em que em meio a nascimentos vemos tanta morte e destruição. Se cuide, minha querida. E cuide dos que você ama, pois com tantas aberturas precipitadas dos espaços de trabalho, me parece que outra onda pandêmica está por vir.

Beijos com amor, Flora.

São Paulo, 14 de agosto de 2020.

Eu, aqui, de coração, te agradeço Flora por me deixar vê-la. E fico desejante receber uma destas já sonhadas pinturas. Gostaria de tê-la na minha casa, comigo. E vê-la sofrer a ação do tempo, ganhar esta outra proximidade. Você me pergunta sobre as crias. Agora, né? Durante a pandemia. Primeiro: a tristeza de reconhecer que não conhecemos de fato a importância e as maneiras de se estar em luto. E constatar que isso é algo que se constrói há bastante tempo no subterrâneo daquilo que julgamos importante, “de fato”. É repugnante perceber que conseguimos somente repetir um número: 100.000.

Você diz, gravidez, sangue, menstruação. Eu digo, quando vivi meu primeiro parto tive a nítida impressão de que tudo que eu aprendera, até então, sobre dança tinha me atrapalhado, naquele momento, para poder parir. Eu digo, fiquei praticamente os últimos 4 anos sem menstruar. Agora, percebo as consequências. Dentre elas, problemas para defecar, pois os hormônios são importantes para a manutenção do movimento peristáltico. Dizem. Comecei a fazer uns exercícios de tensionar os músculos do assoalho pélvico junto com a tensão da “barriga para dentro” durante a expiração. Em três dias meu intestino voltou a viver. Voltei a ter vontade de sair da cama. E a ter fome. Penso sobre o sexo. Me lembrei de quando presenciei meu avô morrer, como seus últimos movimentos foram vibrações involuntárias do maxilar.

Já meu filho, ontem, levei ao parque aqui do lado de casa. Muito desconfiada, sempre, de estar fazendo a coisa errada, ou a coisa certa, ao sair de casa. Na volta, por um motivo banal, ele saiu correndo de mim, como se a rua fosse um lugar estranho, como se o quarteirão de nossa casa, de repente, fosse Marte. E ele tivesse sido abandonado lá. Os carros desapareceram de sua visão. E ele corria nesse lugar. Tive medo (ele já sabe andar na rua e dos perigos dos carros, mas desaprendeu naqueles instantes). E isso é um tipo de futuro. Tive que sair correndo. A única coisa a fazer é abraçar e prometer um pote de açaí.

Agora, foi muito bom ler a palavra conhecimento em sua carta. Senti um leve mal-estar, quando li a palavra conhecimento. Como mestranda, estou atenta, ou talvez

preocupada mesmo, ao risco de me situar no papel de ser uma continuadora desta tradição: em que aquilo que conhecemos serve como critério, ou instrumento, que autoriza. Ou desautoriza os outros. Praticamente, às vezes, quando leio um texto — sinto que uma vida nasce em mim. Logo após esse instante, tenho receio de cair em caminhos que achatam essa coisa que nomeio como vida (por falta de habilidade com as palavras), em processos de mera acumulação, mero deslumbramento com o tipo de poder que está casado, unido estavelmente, nesse tipo de conhecer-autorizar.

Sinto que há uma real e legítima militância para incluir aquilo que um artista conhece nos instrumentos de institucionalização acadêmica. Apesar de estar ciente dos perigos eminentes nesse horizonte da academia, acabo relutando em aderir a algumas proposições que generalizam uma noção de poético, em oposição a uma dura crítica a uma noção também generalizada do científico. Tem sido importante estar próxima aos escritos da cientista e filósofa Isabelle Stengers. Sobretudo, quando ela diz que a ciência, a arte e a filosofia podem, eventualmente, mistificar a vida das pessoas (PINHEIROS et al., 2016).

Uma amiga minha, a Julia Rocha, um dia me disse que não acreditava que existia espaço ou tempo. É claro que não vou me lembrar de suas palavras, ditas durante uma conversa quente e amigável — só pude reter esse seu-meu pensamento, nesta transcrição equivocada e excessivamente categórica. Algo que não combina com Julia. Achei poderoso uma artista se posicionar nesse lugar, onde não há espaço ou tempo. Desde então, conviver com esse acontecimento é uma fonte.

Quando Julia ousa viver sem espaço e tempo ela não está querendo dizer que Euclides, ou Einstein, ou Husserl são inúteis e não estão certos. Na visão que intuo da fala de Stengers, sinto um apelo para que os cientistas ouçam o que pessoas como a Julia teriam a fazer, dizer e dialogar com o próprio fazer da ciência. Júlia não se faz pequena diante da ciência, não a trata como aquela que a autoriza a pensar o que é o real. Stengers nos ajuda a criticar alguns sentidos comuns em “nosso” fazer-conhecer, sugerindo estarmos atentos às maneiras como empregamos a noção de ciência — como referente ao domínio

do que é real, em oposição à noção de simbólico — como referente àquilo que não seria real (e a natureza como aquilo que um dia a ciência irá explicar).

Em geral, temos a impressão de que esse tipo de oposição seria inofensiva, mas talvez ela esteja camuflando este jogo de quem autoriza o quê. Como se o domínio do científico autorizasse o que seria real. E o domínio do simbólico autorizasse o que não seria real. Esse horizonte exaure nossa habilidade de conjugar a amplitude do que vive — ao pensar. E, nos afasta da responsabilidade de responder às consequências efetivas, de como esses domínios do conhecimento transformam nosso mundo.

Tenho, diante de mim, agora, olho no olho, a Camila. Não sei o porquê, me lembro da Hannah Arendt. Talvez por ter te ouvido falar sobre uma possível intimidade entre uma educação artística e uma educação política. Antes, me lembrei de Joana Lopes (2017) e seu Pega-Teatro. Mas volto à Hannah Arendt, ontem, conversando com o Marcius, ele me lembrou de como Arendt foi capaz de não aderir à visão de que Eichmann era um monstro, para poder ver seu ato como algo monstruoso. Nos oferecendo uma visão da força do pensar. É muito forte quando todos acham que veem a mesma coisa. Agem conforme esse achismo.

E capturam todo mundo a ver o mesmo. Gosto do olhar de Hannah Arendt. Como flecha, tira de seu olho esse monstro virtual com o poder de continuar vendo que os atos são monstruosos. Nessa reflexão sobre um gesto coletivo, achei bonito seu gesto que evidencia o poder de uma visão coletiva.

Lembro de quando ouvi a Luiza Erundina (primeira mulher nordestina prefeita de uma cidade como São Paulo, dentre tantas outras coisas), dizendo que considera que sua educação política se deu, pela primeira vez, quando, no sertão, percebeu que as pessoas que morriam por causa da seca, não morriam por causa da seca. Mas por causa de outros homens. Ela via as pessoas morrendo. Te olhando ainda, Camila, me lembro de uma história que me contaram em uma aldeia Guarani Mbya aqui de São Paulo. Me contaram “como se forma uma aldeia”: uma liderança espiritual resolve morar em um lugar. E as pessoas

resolvem que querem morar perto dela. A qualquer momento esta liderança pode resolver ir morar em outro lugar.

E, Camila, te pergunto: como você sente: o luto, a luta, o levante, o sol. Aqui, ofereço o meu olhar para estar diante do seu.

Andreia.

Rio de Janeiro, 26 de agosto de 2020.

Andreia,

Fiquei com o coração quente em te ler. Ou ao menos ler as palavras que você aqui deixou. Veja bem, tenho essa prática de tentar ler algo e organizar esse algo em palavras soltas. Ou ainda, depois de um tempo do que foi lido, me pergunto: do que me lembro? Percebi que essas palavras me trazem para os cernes (assim mesmo, no plural) das maneiras com que me relacionei com o que li. Com você, me lembrei dos cuidados e da entrega, envolvimento e distanciamento que se gera quando pensamos nessa ideia de conhecimento, arte, ciência etc. Pensamos eu e você. Não sei se todo mundo pensa isso e tento, em geral, não generalizar.

Como você, quando leio, sinto que uma vida nasce em mim. Este tem sido um ano de muitas leituras, tantas que por vezes me lembro de versões mais adolescentes minhas em que, sempre com um livro na mão, eu sentia “sair do corpo” enquanto estava ali, imersa nas palavras. Me lembro vividamente dessa sensação. Por vezes, nem eram assim grandes palavras, mas páginas corriqueiras, encontradas nas prateleiras da sessão infanto-juvenil. Agora, um pouco mais adulta — um pouco menos adolescente, talvez — sinto o contrário. Quando leio, estou ali com meu corpo. Sinto as mãos que passam pelo papel, os olhos que transitam entre um foco intenso, direto, e um olhar relaxado; as posturas que mudam entre os capítulos, a pele dos braços em paralelo ao livro ou ao computador, o peso dos óculos no nariz. Percebi que ler algo é ler alguém, estar diante de alguém, alguéns. Notei também essa concretude de estar diante de alguém quando escrevo, seja lá o que for, e quando danço, seja lá o quê, quando me reúno, seja lá com quem.

E, olha, estar assim, em um encontro tão íntimo, tão de frente com alguém, é algo que muito me interessa. Você percebe, estando em casa há cinco meses; fico imaginando os mundos que vamos criar. Fico pensando nos reais e irreais que criaremos lá fora depois de tudo isso. Ou melhor, o que já, agora, estamos criando. Vou de dores a júbilos a dores em instantes, mas fico aqui com uma tentativa de olhar para céu e terra ao mesmo tempo. Não sei se me fiz entender. Fiquei lembrando

da história sobre o prefixo antro-po-, que você contou e sobre como seria uma palavra marcada, diferenciando o ser humano desses outros animais porque o antro-po-, aqui presumido bípede, olharia para o céu, enquanto os ancestrais quadrúpedes olhavam para a terra. Ainda me lembro dessa outra percepção (que, ao meu ver, também tem a ver com construção de conhecimento) que é entender essa produção, feitura de mundos. Encarando os eventos, o que acontece, os lugares como produções e não como cenários ou backgrounds em que estamos. Isso, pra mim, mudou quase tudo. Um pouco como perceber que as pessoas que morrem por conta da seca não morrem por conta da seca e que Eichmann não era um monstro, mas alguém com atos monstruosos.

Tenho tentado criar mundos em meio a atos monstruosos. Fazer disso um compromisso constante. Fracasso diversas vezes, levanto em algumas ocasiões. Frequentemente, penso em estar, como mestranda em dança, nessa tarefa. Penso nesse lugar do fazer artístico e da prática política em meio à academia, uma instituição que tem lá sua história em construção de verdades, autorizações e leis. Andreia, penso que estar diante de alguém é um ato que, por si só, já diz algo. Mas penso isso também porque li e me dei conta de que já pensava nisso também. Não sei ao certo o que veio primeiro. O ato de se reunir, de ler, de dançar e de estar diante de alguém sem verdades, autorizações e leis entre nós me agita o útero. Ou me causa frio na barriga ou borboletas no estômago. De todo modo, seja útero, estômago ou barriga, o que acontece é que isso mexe meu centro. Fico balançada, entende? Instável. Percebi que quando eu, Camila, sinto esse balanço e desconforto é um indicativo que me coloquei em encontro, em coletivo com alguém. Não é confortável, lhe asseguro. Não estou nem fora de mim nem completamente lá. E acho essa uma sensação memorável.

E, aí, penso em todas as pessoas envolvidas nesse fazer artístico e prática política na universidade e tenho Lígia em mente, dançando entre as reuniões que ainda trazem seus aspectos de lei (quase e por vezes burocráticas) e os encontros que pautam um pouco mais os afetos e relações. As reuniões entre ímpares e também entre pares. Imagino que deva ser exaustivo. Vejo, às vezes, a exaustão que essa dança lhe causa e

me pergunto se tudo isso que fazemos vale à pena. A conclusão que cheguei até agora é que sim. Vale. E que, talvez, no fim das contas, estejamos no lugar certo para essa alçada. Se o conhecimento se mostrou ao longo desses últimos séculos comprometido com o real enquanto cabia à arte pensar a ficção, o fazer conhecimento em arte (se é que essa seja uma expressão cabível aqui, acho que talvez não seja), seja um lugar no meio, de encontro, que pretendo lembrar.

Pretendo lembrar a construção de irrealidades e realidades ao estar diante de alguém e pensar que isso gera mundos, sem ignorar os atos monstruosos que nos circundam, como se eles lá não estivessem. Porque eles existem, são concretos como as sensações do corpo em meio à leitura. Quero dizer, eles afetam os corpos. Quase sempre, não todos os corpos. Por muitas vezes, não afetam meu corpo de mulher branca no Rio de Janeiro. Mas afetam o corpo de alguém. Concretizam-se. Materializar esses novos mundos por vir dentro do lugar que ocupamos hoje é também uma estratégia de levante quando pensada em termos coletivos. Aliás, levante é sempre coletivo.

E você, Lígia, como estão os cuidados e ações em coletivo nas construções dos mundos que criaremos? Sei que você dedica um longo tempo a essas duas frentes de ação. Essa carta é uma carta que escrevi, mas, como sempre, estou acompanhada por muitas/os. Ao escrever sozinha, trago comigo uma série de pessoas em que me apoio, o que colocamos no final como referências bibliográficas. Aqui não é exceção. Esta carta foi digitada a muitas mãos, como alguém que quando caminha sozinha à noite nunca caminha só. Andreia me ofereceu seu olhar para estar diante do meu na carta que ela escreveu. Retribuo o gesto síntese do que é estar em grupo e me coloco em frente a você.

Com carinho,

Camila.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 2020.

Camila,

Escrevo esta carta em pleno feriado da pátria, palavra que deveria me remeter à terra natal ou adotiva. Poderia ser esta terra escolhida para se estar perto desta pessoa repleta de sabedoria espiritual, xamânica ou invisível. Ou até mesmo sabedorias das coisas da terra, sejam elas visíveis ou invisíveis como o vento. Concretas e poderosas como o cheiro de ferro da menstruação. O cheiro é invisível, mas ali está para quem o sente. O que nos faz suspeitar do poder indiscutível das coisas que são vistas. Hoje, quando penso em pátria, sinto um frio na barriga, um congelamento do ventre, pois esqueço que a pátria amada Brasil não é sinônimo de patriarcado (ou pelo menos não deveria ser), da jurisdição e subordinação ao patriarca branco, de sexualidade vertical exploratória e abusiva, que inventou um único deus para esse mundo tão plural e que insiste em dizer que os desejos do corpo confundem o desenvolvimento espiritual da alma.

Sinto-me como você, Camila, tentando criar mundos em meio a atos monstruosos e fazendo disso um compromisso constante. Tenho realmente dançado muito nas reuniões acadêmicas e usado meu Fluxo Livre e Espaço Indireto e/ou Multifocado, associado à minha habilidade retórica e voz aveludada (Forma Tridimensional) para desvelar outros modos de lidar e interpretar aspectos da lei, das normas acadêmicas e dos espaços de gestão e fomento às Artes para lembrar que qualquer lei é feita pelas pessoas (e não somente pelos homens brancos que acreditam ser os protagonistas da terra). E que essas leis podem ser recriadas e desconstruídas a qualquer momento. Fico refazendo essa dança e percebendo seus protocolos de criação ancorados em, o que eu gosto de intuitivamente nomear como metodologias de uma gestão feminista, experimentada intensamente hoje na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ, que atualmente tem seus principais cargos geridos por mulheres. Sou uma delas, a coordenadora do segundo mestrado acadêmico em Dança deste país. Imaginei tanto este curso que um dia de fato ele tomou corpo na EEFD, que outrora foi habitada por generais que idealizavam uma metodologia de controle dos

corpos a serviço da ditadura militar brasileira. Imaginamos tanto que rompemos com o fio trágico reinventando uma nova dramaturgia.

As reuniões entre ímpares e também entre pares hoje tem outro tom e outras cores. E a análise de movimento de minha dança com base no Fluxo Livre e Espaço Indireto, gera outros significantes e revela outras significações, desautorizando o patriarcado a banir a liberdade vital do Fluxo e o Espaço Global das mulheres. Não é mais permitido relacionar Fluxo e Espaço aos seus perversos jogos de abuso de nossos corpos e direitos.

A metodologia exercida é a da roda de conversa, a do círculo, figura ancestral do Coro, da Coreia, da Coreografia. O tom é o da conversa mediada, do reconhecimento dos diversos saberes, dos diferentes pontos de vista, respeitando as pessoas mais antigas. Divergindo, quando preciso, no afeto e na responsabilidade. A comunicação não-violenta é também um pilar metodológico desta coreografia, que tenta se desconectar do antropoceno e nos convidar a já imaginar uma nova maneira de existir.

Começo a lembrar de Verônica Fabrini (2016), diretora e atriz, mulher que tanto me ensinou na Arte, na vida e na academia. Para Verônica, a grande revolução está na imaginação. Imaginar novas narrativas, formas, cores, mundos, é o primeiro passo para nos libertarmos da inexorabilidade trágica de um mundo que acredita que o Deus ex Maquina é um homem branco poderoso a sua imagem e semelhança. Gosto de dar aulas sobre a Poética de Aristóteles para ensinar às pessoas a duvidar dos heróis e da inexorabilidade da tragédia do mundo. Gosto de convidá-las a coreografar seus próprios destinos e também de relembrar que o pensamento é corpo e que as partes do corpo imaginam quando se movem e quando dançam. E minha conversa com você, Camila, fez emergir a vontade de perguntar à Carol: o que e como ela imagina enquanto dança? E como tem sido sua dança em tempos pandêmicos?

Lígia.

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2020

Querida Lígia,

Ultimamente, sinto-me acionar viagem as minhas palavras-conhecimento. Meus conhecimentos andam nômades, de caverna em caverna. Penso nas dinâmicas eletrônico-virtuais, com a velocidade, agitação e excesso de informações. Lembro da perda de sentido dos deslocamentos que Ailton Krenak aponta diante da globalização, e transfiguro pro caos dos caminhos dos pensamentos e a uma possível ‘radicância’ atrapalhada de “artista nômade”.

Depois das viagens intelectuais sem muitos roteiros – logo eu que adoro listas, roteiros e programações – tenho tentado escutar os silêncios, vibrações e ruídos dessas estradas. Escuto sons de Yemanjá e entorno minhas palavras-água nesse nosso rio circulante, nessa roda de cartas de bruxas contra-fogo, roda-rio que vai trinchando e mapeando bordas de caminhos nos quais poderemos renavegar. Fico pensando que as nossas sinapses dos corpos-mentes também são como essas palavras-água, quanto mais palavras jorramos nos rios de pensamentos, mais reforçamos as dimensões das margens, a força da correnteza, a leva nutritiva dos minerais e/ou dos poluentes. Nossa mente pode ser linda e poluída. Por vezes, é preciso repetir o jorro milhares de vezes até o melhor caminho fazer trincheira e seguir pro mar. Precisamos repetir ações e pensamentos com muita força e convicção até que, enfim, cheguemos à profundidade suficiente da estruturação ética de nossas escolhas integradas de mente-palavra-emoção. Sem se esquecer dos procedimentos de limpeza.

Tenho visto minha dança por uma lupa ampliando os gestos caseiros, numa rotina – repetições – de recuperação da saúde das sinapses. Na minha dança-caseira-pandêmica deixo que as formas e os movimentos amaciem, refaçam, limpem minhas células. Preciso repetir até o corpo dizer “chegamos!”.

Raspo as unhas na dobradura de um Tsuru. Clipo a pequena pilha de papéis xerocados, fecho o zíper do casaco, colo as palmas no peito em Om, cerro os lábios com saliva, deslizo as pálpebras na retina, dou boas vindas ao ar nas narinas. Amanhã tudo de novo, com mais prana.

Meu isolamento tem ajudado, dilatado uma percepção, nem tão nova, sobre as lubrificações do movimento, da mente, somáticas, emocionais, concretas, que selam meu corpo vibrante – por vezes doído e intoxicado pelas próprias reações internas – pra refrescar e permitir que eu continue a me mover, por dentro e por fora, nos “entres”. Ultimamente, quando penso no corpo em movimento e em vida tenho me interessado em pensar ações que busquem selar, no sentido de ceder entre as fissuras, flambar; talvez seja a ânsia de curar.

Quando penso no dentro e fora, esses lados não duais da fita de moebius, lembro das minhas escolhas sobre buscar o “entre”. Eu, que acreditava no “entre” como mediação, como potência democrática e ponderação e que seria digno pro bem-entre-todes. Não que ainda não tenha achado, mas quando li o livro “Luz na Vida”, de B. K. S. Iyengar, vi outro foco de reflexão sobre o poder do “entre”. Percebi que esqueci, o ‘aqui’ ou ‘ali’ também é fundamental e estava me escapando. Seria esse “entre” imaturo uma fragmentação de força? “Não vamos nem para dentro nem para fora, e isso esgota nossa energia” (IYENGAR, 2007, p. 41). Esse “entre” seria um escape das energias? Sem energia falhamos na garantia de deixar que o corpo sustente no ato poético sua extensão política. Sinto-me um jarro quebrado... cada parte tentando segurar litros e litros de chá que lhe derramo, que comprei nas feiras, colhi nas hortas, servi. Mas nenhuma dessas partes, sozinhas em suas concretudes e materialidade, terá concavidade suficiente pra guardar a riqueza do chá. Os “entres” que não se integram, não seguram águas. Percebo uma tarefa difícil pro corpo-mente, a integração e harmonia indivíduo-sociedade, dentro-fora, sem desperdícios de energia. E o que os integrariam?

Os japoneses acreditam que quando algo sofre um dano e tem história é belo. Wabi-sabi. E por wabi-sabi, na técnica Kintsugi, arte japonesa, reparam cerâmicas quebradas com laca misturada com pó de ouro, integrando as partes e tornando a peça ainda mais forte. Assim como humano e Terra parecem precisar se integrar melhor, juntar cacos das destruições, ando precisando ser artesã das minhas rachaduras e carregar as águas que quero beber.

Wabi-sabi é uma visão de mundo pela aceitação da transitoriedade – anicca –, incompletude e imperfeição, inspiradas pela estética da assimetria, rugosidade, simplicidade, intimidade, valorização da integridade ingênua de objetos e processos naturais, despojamento – do rústico, da insuficiência, do desapego. Ao meu ver são interessantes pras micropolíticas deste mundo quebrado. Isso também me lembra da dança e da presença da querida Aline, dançando solidária às (im)perfeições das tessituras.

Lembro-me de Artaud recusando nossa impotência em crer, imensa. Aprendi no terreiro, no tapete, no corpo e no palco que a fé é agir inteira, presente e consciente das imperfeições, materialidades e escolhas. Que escolhas pro agora você tem feito pra potência da ocupação e presença, querida amiga? E que material você imagina que podemos usar pra colar nossas rachaduras e nos fortalecemos? Ficamos no entre? No dentre? No uni? Em que acreditaremos?

Com amor e ventos moventes,

Carol Ozório.

Rio de Janeiro, 01 de outubro de 2020.

Queridas Carol e Flora,

O início dessa carta está se dando na primeira noite de Lua Cheia da primavera de 2020, esse ano que está nos convidando a tantas perguntas. E aqui me achego nessa troca de cartas entre mulheres, uma roda do feminino. Nós que sangramos todo mês conectamos com o sangue clamando passagem, fluxo que não pede licença pra passar, pois é fluxo integrado à terra. E o nosso corpo sendo um contorno para esse fluxo seguir seu curso, assim como as margens dos rios, ou os continentes (lugar que habitamos) como um contorno pros mares. No entanto, essa espécie viva que somos, a qual nomeamos humanos, criou um sistema de impedimento dos fluxos, de muitas ordens: sociais, como o uso de calcinhas; políticos, como as marcas cruéis do patriarcado; econômico, como a luta dos direitos trabalhistas para a maternidade, esses são alguns exemplos. Flora, realmente, sangrar todo mês é uma aventura vertiginosa pro corpo e todas as suas ressonâncias afetivas não é mesmo? Estou curiosa com o seu desejo de pintar com o sangue menstrual, vamos trocar sobre essas experimentações pois estou fazendo escritas (palavras, gestos, traços, cartografias) com meu sangue menstrual, convivendo com a pergunta: quais as escritas brotam do útero? E todas as dobras que começam e não param de surgir.

Esses breves exemplos me levam a pulsar no corpo o questionamento vital que Ailton Krenak nos faz, diante desse momento ao qual estamos vivendo: que humanidade cremos ser? Que humanidade é essa que decidimos plantar e cultivar? E segue nos convidando a perceber que esse marco histórico da pandemia Covid-19 pode ser uma oportunidade de redirecionarmos os hábitos de nossa espécie humana, escolher criar vínculos com outros hábitos enquanto nos desvinculamos de modos de pensar-agir-sentir que nos impedem de seguir habitando com saúde coletiva e pública essa casa recheada de vida que é o Planeta Terra. Algo que tem atravessado o meu corpo é a sensação da força criativa da Terra, e como a minha imaginação se dá na relação corpo-palavra intuo frases que poderiam ser de nossa Mãe Terra: “Já que vocês humanos estão há séculos insistindo em nos colocar uma máscara que

vocês nomeiam concreto cobrindo muitas superfícies dessa casa que somos coletivamente com essa matéria pouco porosa, dificultando nossa respiração, entupindo certos poros e interrompendo os trânsitos dos fluxos de vida, vou convidar vocês agora a se relacionarem através de máscaras de respiração também. O que vocês estão sentindo agora com essas máscaras?”.

Enquanto os recursos hídricos e as nossas árvores são finitas, nossa capacidade de imaginar, cuidar, cultivar é infinita. Então, qual humanidade queremos imaginar para habitar esse planeta? Como queremos cuidar uns dos outros e como queremos cuidar das outras espécies vivas, do manancial ecológico e plural que partilha e convive conosco a habitação desse planeta? Por essas e outras sensações, perguntas e intuições, venho percebendo a importância de cultivarmos nosso vínculo com o chão. O chão que pisamos organiza e permite o nosso deslocamento pela superfície do Planeta, nos oferece suporte e estrutura a verticalidade a qual experimentamos. Sem o chão não iríamos conseguir manifestar esse desejo de ficar de pé e caminhar com o olhar alcançando diversas paisagens. Por isso, a importância de sensibilizar a presença do chão e nosso vínculo com essa membrana-pele que reveste toda a superfície da Terra. Nessas diferentes texturas desse chão-pele que respira podemos dançar, fazer acordos de convivência, delimitar espaços com porosidade. Assim, como a pele de nosso corpo. E esse limite poroso é muito diferente, a meu ver, do limite que estabelece muros intransponíveis.

Os estudos de Isabelle Stengers têm me provocado interesses desde que você, Andreia, os trouxe para nossa roda, pois parece mesmo que há uma outra qualidade de engajamento quando estabelecemos vínculo com as coisas e os seres vivos. O estar-em-relação é uma instância inexorável, pois só podemos existir-com, mesmo em uma narrativa de vida que se estruture na perspectiva do isolamento. Isso me faz sentir o isolamento como uma sensação fictícia e imaginada, pois estar-viva é estar-com as coisas e os seres visíveis e invisíveis. Nessa quarentena a noção fictícia do isolamento ficou ainda mais latente no corpo, e tenho preferido sentir esse momento como um recolhimento de alguns hábitos dos modos de pensar-sentir-agir-mover. E essa transição do estar-com para associar-

se a algo ou alguém é talvez essa criação tônica do vínculo. Aqui volto a Krenak nos dizendo da importância de criarmos associação com a natureza e não só entre nós humanos; e tenho praticado vínculo com as plantas e os objetos da minha casa, o Pantanal e suas dores das queimadas, a menina de 10 anos que ficou grávida fruto de abuso sexual, o Rio Doce que até hoje está sendo velado pelo povo Krenak devido às dores da enxurrada de lama tóxica, a Aldeia Maracanã – aldeia urbana na cidade do Rio de Janeiro –, um livro de Chico Buarque que me expande a relação com as palavras, o modo de pensar de Suely Rolnik, os alunes do Lab Corpo Palavra que me permitem estar exercitando a prática pedagógica numa aprendizagem coletiva não hierárquica, a sabedoria dos povos originários, os agricultores que cultivam os alimentos que me nutrem, a sensação de fome de muitas pessoas, os movimentos sociais, com tantas coisas que a cada dia vamos escolhendo nos vincular. Esse estar-com como modo de estar-viva, e essa oferenda generosa que o cosmo nos dá, a de podermos escolher a cada instante com o que nos vincular ou nos associar, me parece ser esse exercício de criação do corpo coletivo Camila que você tanto vem tecendo em sua prática e perguntas.

Nessa prática do vincular-se com o mundo vamos tecendo coreografias dessa dança cósmica que partilhamos como experiência do estar-viva. As coreografias que realizamos com o chão me interessam muito, rever a qualidade do nosso toque nessa pele-chão, sentir a conexão de nossa respiração como parte de uma respiração planetária, isso me parece ser o convite da sabedoria das coisas da terra, como você convoca a refletirmos, Ligia: reaprender a respirar-com. Nesse instante, me sinto em roda com vocês, respirando junto com o vento que refresca a pele, inspirando e expirando com espaço, conscientizando o carinho dos nossos pés na pele-chão, os olhares descansando no fundo das cavidades oculares, coreografando nossas presenças. A grafia de nossos gestos compondo com as grafias de tudo que está acima do chão. E essa coreografia em conexão com tudo que está sendo coreografado abaixo do chão e para além do espaço visível que alcançamos com nossa percepção.

Com essas coreografias abraçando gestos, palavras, histórias, cantos, rodas, plantações, cultivos, livros, abraços,

sorrisos, e o que mais possamos imaginar e criar. Essa humanidade que acreditamos ser é a mesma que criou a ideia de fim do mundo, a ideia de que a vida é útil e está aí para ser consumida. Assim que venho me inspirando a tecer vínculos com essa perspectiva de paraquedas coloridos que Krenak nos traz e não deixando esse sistema capitalista consumir nossas subjetividades. Venho acreditando, Carol, que são essas potências infinitas de nossa imaginação em criar os paraquedas coloridos e atualizar nossa presença de vínculo com a vida, e com aquilo que acreditamos ser a Vida, que podem trazer caminhos para a reorientação dessa humanidade que acreditamos ser. Você me pergunta que material podemos usar para colar nossas rachaduras e nos fortalecemos, Carol, creio que é por aí, seguir atualizando nosso vínculo com a vida e com esse sentimento tão inacabado e potente que é o Amor.

Com carinho e ternura,

Aline.

•

Nota:

1. Este texto é fruto de um ciclo de leituras e debates entre as autoras. Um grupo de estudos entre orientadora e orientandas, oficializado sob a forma de disciplina, atividade acadêmica realizada durante o 1º semestre letivo (pandêmico) do Programa de Pós-graduação em Dança da UFRJ.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Revisão Técnica Carla Rodrigues. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FABRINI, Verônica. Para se pensar o ensino do teatro guiado pela anima. *In: Revista Digital Art&*, ano XIII, n. 18, out. 2016. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-18/09.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.

GUÉNOUN, Denis. *A exibição das palavras: uma ideia (política) do teatro*. Tradução Fátima Saadi. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, 2003.

IYENGAR, B. K. S.; EVANS, J. J. (coautoria); ABRAMS, D. (coautoria). *Luz na vida: A jornada da yoga para a totalidade, a paz interior e a liberdade suprema*. Coautoria Evans, J. J. e Abrams, D. São Paulo: Summus, 2007.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LISPECTOR, Clarice. A geléia viva como placenta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 janeiro 1972.

LOPES, Joana. *Pega-teatro*. 3ª ed. Bragança Paulista: Editora urutau, 2017. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/907a66_4b20e-6a9735340538fa96fe19cd2d58c.pdf. Acesso em: 18 set. 2020.

PAULA, Marcos Ferreira de. *Alegria e Felicidade: A experiência do processo liberador de Espinoza*. 329f. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009.

PINHEIRO DIAS, J. et al.. Uma ciência triste é aquela em que não se dança. Conversações com Isabelle Stengers. *In: Revista de Antropologia*, n. 59, v. 2, p. 155-186, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2016.121937>. Acesso em: 18 set. 2020.

**Materiais
de vida**

**prósperos justos
cosmopolitismos migrantes**

As heranças sob efeito da gravidade: cacos e arcanos

Desde o começo da quarentena o estado de nervoso e incerteza me tomaram o corpo, a mente e o espírito. Mas principalmente as mãos, frouxas, deixaram copos, xícaras, pratos e vasos encontrarem o chão para se transformarem em cacos. Ex-utilitários, espatifados pelos excessos, de nervoso, ansiedade, tristeza e saudade.

Acidentes que se tornaram cada vez mais recorrentes nesses tempos das mutações ecológicas no plano das substâncias invisíveis. Afinal, a pandemia tem nos mostrado novas proporções de materiais para lidar. Das catástrofes do antropocentrismo ao Chthuluceno de Donna Haraway, a quarentena nos submeteu ao estado de impossibilidades e vulnerabilidade da espécie humana, aparentemente assimiladas por uma maior parcela da população. A cada peça que eu quebrava, do copo americano realizado em série às relíquias de avós, era levada a prestar atenção a eles, a olhá-los simetricamente aos noticiários cogitando motivos ao tremor das mãos ou apenas buscando um exercício que me preenchesse o tempo.

Comecei a fotografar as perdas e os ganhos de mais cacos. Alguns textos descompromissados em redes sociais começaram a sair como energias liberadas pela quebra dos objetos que buscavam algum eco pelos algoritmos viciados. E assim algumas fabulações de aglomerados sensibilizados pela atmosfera tensa começaram a brotar, ao passo que o passo nesse mundo exige cada vez mais a clareza para escutar a outras possíveis histórias. Não por acaso, o primeiro texto a acompanhar meus cacos foi do autor e verdadeiro guru dessa pandemia.





10 de abril de 2020

É uma narrativa que diz que, quando há um acidente, cria-se uma oportunidade.

E aí a sociedade vai criando acidentes e oportunidades.

É a ecologia do desastre.

Quando somos convencidos de que uma crise na nossa relação com a natureza pode ser assimilada, seguimos agindo como sempre, achando que vamos resolver tudo.

As pessoas se acostumaram com as tragédias, incorporaram na rotina, criando uma ecologia humana para viver com a desgraça.

Botam máscaras para viver com a poluição, mudam a rotina da escola, determinando que naquele mês não tem aula porque o ar fica irrespirável.

Na ecologia do desastre, você se adapta a um sistema estragado como se fosse natural.

E assim, vai. As praias do Nordeste ficam empasteladas, e a gente fica aqui, esperando nossa vez.

(KRENAK, 2019)

Comecei a compartilhar essa minha aflição quebradeira com amigas e parentes e para minha surpresa, não era a única a levar as cerâmicas ao chão. E assim fui pedindo que guardassem os cacos para algo que ainda não sabia bem o que se tornaria. Bom, os cacos da minha mãe chegaram mais rápido, e com eles tive outras sensações umbilicais. Memórias da infância, das casas que moramos e das tantas mesas compartilhadas com aqueles objetos que agora estavam separados em jornais.

17 de abril de 2020

A mão não anda muito firme
estou colecionando cacos
e pensando sobre esse fenômeno
de espatifar o passado
como criar um novo, ou adquirir um outro para esse
futuro/presente.

.

Prato da louça de casamento da minha mãe com
meu pai. Galinhos e galinhas rodeavam bolos
deliciosos.
Recebido de @marthasaeaep

Um dia recebi uma foto de minha amiga Juar com cacos de cristais. Talvez um jarro, algo delicado e ao mesmo tempo robusto. As fotos eram lindas e sem saber da estória lembrei de uma peça similar que tinha no sítio de Mendes, cidade no interior onde passei parte da infância. Lembrei da sala inteirinha daquela casa que já virou terra, ou melhor, que já virou adubo para germinação das vidas que nela circularam. Não me surpreendi quando soube que tais cacos eram de uma avó, não exatamente da avó dessa amiga que tinha quebrado o vaso. Acontece.... O corpo anda mole, perigoso mesmo de ser arrebatado por feitiços. E assim, a pandemia me fez ter mais medo do medo de lidar com o tempo.





27 de abril de 2020

Minha avó tem passado por esse momento de “separar as coisas” para cada pessoa, se dividindo de forma vagarosa entre os mais próximos, sem saber ao certo quanto tempo estará por aqui. Eu acho graça para não sentir tristeza. A nossa cultura não lida com o envelhecimento de forma generosa, muito menos com a ausência da vida. Esses tempos nos trazem muitas coisas para digerir... “todas as coisas são impermanentes, imperfeitas e incompletas” como a filosofia japonesa Wabi-sabi ensina a lidar com a matéria. De forma cíclica. Fissuras, estilhaços e cacos abrem caminho para uma reflexão mais expandida do tempo, esse senhor tão bonito.

.
(Recebido de @juuar)

Era uma peça como se fosse um grande cinzeiro de cristal da avó de um amigo, que acidentalmente veio ao chão.

Por essa linha, segui mais um pouco vendo como lidar com o que encontramos nas fissuras, pelas fissuras, entre as fissuras. Dar ouro às quedas. Mas o ouro me faz ter calafrios. Penso nos rios mortos pela calamidade ambiental que o garimpo provoca e, conseqüentemente, volto a pensar no rumo desenfreado da política brasileira. Sem querer me afastar desse problema, mas buscando mais gramática, me viciiei em *podcasts*. Mas continuei quebrando coisas. A maioria herdada. E esse tema voltou aos meus pensamentos, refletindo para além dos objetos herdados, para a sociedade que herdamos, para os hábitos de consumo que herdamos e para os pensamentos que herdamos. Infelizmente, ou felizmente, por já poder notar isto, temos mais heranças ruins.

Uma caneca branca produzida em série e adquirida pelo meu tio na época comunista da Polônia me fez escutar a Marilena Chauí de outra forma ao olhar seus cacos e a impossibilidade de ter outra igual em mãos. Como somos vulneráveis e abduzidos por esse sistema de dependência dos objetos produzidos por outros. Quanto será que custa uma caneca em horas de trabalho? Os anúncios de lojas com ofertas de copos, xícaras, pratos e etc. apenas aumentavam na minha *timeline*.

27 de maio de 2020

Mais uma caneca da louça herdada do meu tio... ao chão.

Mais cacos.

Outro dia (ontem?) estava ouvindo um podcast sobre a Clarice Lispector narrado por Marilena Chauí que refletia sobre o texto “Trabalho Humano”: “ocupada em seus pensamentos e distraída no preparo de um ovo...” Chauí comentava do texto... Ocupada e distraída.

Ocupada enquanto filosofa e se perde em seus pensamentos e distraída quando prepara o ovo na frigideira. E não ao contrário.

Sutilezas de uma mente afiada na crítica à normalização ao lugar da mulher. Herança... seguimos distraídas e ocupadas.

As heranças continuaram sendo arrastadas pela gravidade. A gravidade das coisas só demonstrava a cada dia a lama em que estamos atolados. Ainda não repus nenhum copo quebrado. A prateleira tem ficado mais vazia mesmo. Eu prefiro dizer que ela está cheia de lugar. A falta de ar no início de junho foi sentida de forma mais brutal. E o repúdio por este projeto racista e fascista, forjado em nosso passado colonial se trançou com o genocídio e ecocídio liderado pelo presente governo. Agora outra xícara, com motivos azuis e brancos, lembrando artigos portugueses, libera um grito de assombro. A questão do etnocídio, a questão do racismo ressoa a enorme questão branca. E quem quer lidar com essas heranças coloniais de sangue, estupro e roubo? Ainda mais quando o passaporte europeu é tido como o grande trunfo desses sobrenomes... ninguém quer cuspir nos próprios privilégios.



5 de junho de 2020

Essa quebrou semana passada.

No que a boiada estava passando ela veio ao chão. A mão continua bem fraca por aqui. A quarentena tá abrindo espaço nas prateleiras externas e internas ao nosso corpo.

Chegamos ao platô? Chegamos no cume pra olhar pra trás e pra frente simultaneamente? Racismo, genocídio, exploração... como lidar com essas heranças? hein meu povo branco? A questão do branco bate na porta mais uma vez pra gente acordar e não compactuar com o que planejaram tão substancialmente em toda a nossa história... Latino-americanos que somos... ainda há muitas heranças a tomar consciência, rejeitá-las e quebrá-las.

.

Essa eu ganhei da minha mãe de Monte Sião-MG. Adorava o cafezinho da manhã com ela... mas tbm to tentando parar com café... as notícias diárias já me deixam ligada e ansiosa por demais.

.

“Em abril de 2020, o SAD detectou 529 quilômetros quadrados de desmatamento na Amazônia Legal, um aumento de 171% em relação a abril de 2019, quando o desmatamento somou 195 quilômetros quadrados.”

(Boletim de desmatamento da Amazônia Legal, em 18/05/2020)

.

“Todo ano, cerca de 45 mil pessoas negras são assassinadas no Brasil. Estamos imersos na necropolítica do matar e deixar morrer. Os serviços públicos de saúde em colapso também estão levando negros e pobres à morte de modo desproporcional.”

(Douglas Belchior Jurema Werneck em Folha de São Paulo de 25/05/2020)

O peso recaía sobre as coisas. Já estou no jogo do resta um por aqui: uma taça, um copo americano, um copo de whisky, uma xícara. A prateleira do escritório foi ficando repleta de saquinhos com embrulhos de cacos. E decidi abrir, olhar, remontar alguns, brincar de reencaixar, desencaixar, ver outras combinações. Materializei aglomerados de memórias seguindo as minhas mãos por meio da possibilidade de outras histórias com esses

cacos. Quando me dei conta estava montando pequenas composições e vendo espadas em punho, facões erguidos, saias e coroas que compunham pequenos totens. Imagens que me remetiam a especificamente seis Arcanos, os recorrentes nas minhas mentalizações. Uma tentativa particular de lidar com nossos desastres como possibilidades de aproveitar esta queda, adiando um fim do mundo ou elaborando ele com atenção e cuidado. Como Ailton Krenak nos inspira: “vamos aproveitar a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019, p. 30). Talvez com facões e saias eu me sinta mais preparada a habitar esse contínuo fim de mundo.



Referências Bibliográficas

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *In: Cadernos de Campo*, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press, 2016. p. 30-69.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Companhia Das Letras, 2019.

STENGERS, Isabelle. *Reativar o animismo*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

_____. *Au temps des catastrophes - Résister à la barbarie qui vient*. Paris:

Sentir Sentido; El cuerpo que se habita

Abracé cicatrices y colores. Abracé alientos y ritmos. Abracé brazos, torsos, cabezas y piernas. Abracé miedo, alegría, confianza y dolor. Abracé tensiones y afectos. Abracé espacios y abracé cuerpos.

Mientras abrazaba a otros me abrazaba a mi. Abrazábamos todo lo que somos y contenemos. Y me sentí valiente al soltar aquello que me hace vulnerable.

Con Sentir Sentido; El cuerpo que se habita, te quiero invitar a que te dejes permear por las palabras que lees, abrazando y sintiendo a través de una serie de pautas de acción y de escritos sensibles. Palabras que surgen desde el cuerpo y lo atraviesan. Textos que se completan y cobran sentido en el abrazo, en tu cuerpo y en tu sentir.

Si quieres compartir tus experiencias, ya sean fotografías, videos, escritos, piezas gráficas, sonoras etc., no dudes enviarlo al correo: mariajoserebolledojurado@gmail.com

Si quieres conocer más sobre el proyecto Sentir Sentido, visita su sitio web: <https://javerebo.wixsite.com/sentirsentido>

Para realizar solo/a

Indicaciones:

Ten el escrito (abajo) a la mano o en un lugar visible.

Busca un lugar cómodo donde puedas moverte y algo para escribir sobre la piel como un marcador o esfero. También puedes imprimir o transcribir a mano sobre papel las frases de texto y pegarlas al cuerpo con cinta. Busca lo que sea más cómodo y fácil para ti.

Elige un punto de partida en algún lugar de tu cuerpo.

Comienza a leer el escrito. Puedes hacerlo en voz alta o baja.

A medida que leas, transcribe las palabras o frases que te hagan sentido. ¿Qué resuena en ti? Debes comenzar y terminar en el punto de tu cuerpo que elegiste.

Muévete. Recórrete. Explórate. No olvides tomarte tu tiempo. Usa tus brazos, tus piernas, tu torso. Crea formas, crea caminos.

Escrito:

En el silencio de mi casa busco la piel. Pareciera que el cuerpo hubiera estado dormido durante años, pues con cada movimiento comienza a emitir sonidos como si se estuviera craquelando, como un papel que se moja y se seca. Se siente frágil. Puedo sentir cómo cada músculo y tendón se activa a medida que mis dedos comienzan a recorrerme, encontrándose con los vellos que cubren las praderas rosadas y los lunares que sobresalen como piedras en el desierto. Soy una seda rugosa que se escurre entre mis dedos, así que decido apretar y agarrar en mis manos una porción del mundo. Y de repente me encuentro en un espacio de dolor y de placer. Comienzo a moverme y emitiendo una vez más sonidos que resuenan en mis adentros como un eco. Con cada suspiro, con cada movimiento. Cada vez que me doblo o retuerzo, sueno. Una mano encuentra un hogar entre mi hombro y mi oreja. Un pie entre mi pierna y mis dedos. Mi cabeza se anida entre mi pierna y mi brazo, mientras el aire tibio que escapa de mi boca, calentando mi pecho, brazos y piernas, cobra vida. Encuentro espacios amplios que se van reduciendo hasta que puedo finalmente encontrar piel, mi propia piel. Nuevamente reina el silencio. Mi pulso encuentra la calma mientras descendo lentamente de las nubes color crema. Y al poner los pies sobre el piso, vuelvo a sentir cómo mi peso recae sobre el cuerpo, vuelve. No es que se hubiera ido, sino que en la noche se ha evaporado y se ha convertido en gas, y al amanecer llueve sobre la cama, regresando a su estado natural. Y recuerdo que mi cuerpo no puede volar ni levitar, aunque así lo sienta algunas veces.

Para realizar con otra persona

Indicaciones:

Tengan el escrito a mano o en un lugar visible.

Busquen un lugar cómodo donde puedan moverse y algo para escribir sobre la piel como un marcador o esfero. También pueden imprimir o transcribir a mano sobre papel las frases de texto y pegarlas al cuerpo con cinta. Busquen lo que sea más cómodo y fácil para ambos.

Sentados, frente a frente, elijan un punto de partida en uno de los dos cuerpos.

Uno de los dos comienza a leer el escrito en voz alta. A medida que lee, comienza a transcribir las palabras y/o frases que le hacen sentido sobre el cuerpo de su compañero, en el punto de partida elegido. ¿Qué resuena en mí? ¿Qué resuena en el cuerpo del otro?

Cuando juntos, encuentran el momento, cambian de roles. Se turnan la lectura y escritura hasta terminar el texto. Dan y reciben. La transcripción debe iniciar en un cuerpo y terminar en el otro. Ustedes deciden la forma y el camino del texto sobre la piel.

Se mueven. Se recorren. Se exploran. Tómense su tiempo. Utilicen sus brazos, cabezas, piernas, dedos y torsos. Creen formas y caminos el uno en el otro.

Escrito:

Nos adentramos en la cueva juntos. Era la misma cueva, pero cada uno se deslizó por pliegues opuestos. Lo único que nos separaba era la cueva misma. Sabíamos que el otro estaba del otro lado, perdido entre las curvas y desniveles de las rocas, así que decidimos encontrarnos en el medio. Cada uno abrió caminos para llegar al centro. Acomodamos y desacomodamos el terreno a nuestro antojo con el único fin de encontrarnos. Habitamos sus paredes con nuestras manos y brazos. Y cuando nuestros dedos se tocaron, nos aferramos uno al otro. Solo ahí pudimos vernos a los ojos.

Entrelazada en su cuerpo, sentí aire caliente en mi cuello. Luego vino su peso, que me apretaba contra el piso; un cuerpo capaz de retenerme y acogerme a la vez, alimentando de éxtasis mis sentidos. Ahí supe que no estaba sola y que mi cuerpo ahora se habitaba mientras habitaba a otro. En ese encuentro íntimo y donde solo nuestros alientos cantaban, fuimos uno. Cuando inhalo, él se hace pequeño, y cuando él se llena de aire soy yo quien se contrae cediendo espacio entre mis paredes para que él pueda respirar mientras crece entre mis brazos. Cada vez que exhala el aire de sus pulmones, busco imitar su forma, para luego ser yo quien es imitada. Compartimos el aire y el espacio, sincronizándonos para poder coexistir.

Al salir, pudimos ver la cueva. Lucía diferente. Tenía nuestra forma, retrataba cada camino que buscamos, cada pared contra la que chocamos, cada movimiento y cada suspiro que abandonamos en la cueva al encontrarnos.

Para realizar en grupo:

Indicaciones:

Todos los participantes deben tener el escrito a mano o en un lugar visible.

Busquen un lugar cómodo donde puedan moverse y algo para escribir sobre la piel como un marcador o esfero. También pueden imprimir o transcribir a mano sobre papel las frases de texto y pegarlas al cuerpo con cinta. Busquen lo que sea más cómodo y fácil para todos.

Sentados en un círculo cerca unos de otros, elijan un punto de partida en uno de los cuerpos. Uno de los participantes comienza a leer el escrito en voz alta. A medida que lee, comienza a transcribir las palabras y/o frases que le hagan sentido sobre el cuerpo de su compañero, en el punto de partida. Ustedes deciden la forma y el camino del texto sobre la piel.

¿Qué resuena en mí? ¿Qué resuena en el cuerpo del otro? ¿Qué resuena en todos los cuerpos que están ahí?

Cuando juntos encuentran el momento, una persona diferente lee y escribe sobre otro cuerpo. Se turnan hasta terminar el texto. La transcripción debe iniciar en un cuerpo, recorrer a cada uno y terminar en otro.

Se mueven. Se recorren. Se exploran. Tómense su tiempo. Son pesos y son soportes. Utilicen sus brazos, cabezas, piernas, dedos y torsos. Creen formas y caminos unos en otros mientras se contienen.

Escrito:

La escena evoca un disparatado concierto, donde cada persona toca el mismo instrumento, pero con diferentes ritmos y melodías. Unas son melodías flotantes, que inspiran calor y navegan entre las escalas de la música. Otras son agresivas, melodías que recorren el cuerpo de arriba a abajo alborotando un mar de sensaciones. Y otras simplemente acogen, melodías que pueden ser habitadas. Con el pasar de los segundos se acomodan y reacomodan. Manos se encuentran con pies. Pies se encuentran con cuellos. Cuellos se encuentran con codos. Encuentros en los cuales los sonidos de cada uno se magnifican al ser contenidos unos cuerpos por otros. Se exploran generando una infinidad de formas. Cuerpos se encuentran con cuerpos. Se comunican como uno. Se mueven como uno. Se conectan como uno. A veces son soportes y a veces son pesos. Se necesitan, cada melodía y sonido particular es vital para la pieza. Sus corazones se acercan y se alejan en un baile rítmico. Sus alientos chocan. Respiran como uno. El aire que respira uno es exhalado por el otro. Reina un silencio profundo, que solo es cortado por las respiraciones aceleradas de los cuerpos sincronizados. Cuerpos que se aferran como uno, que se cuidan como uno, que se abrazan como uno. Es un concierto de improvisación donde cada miembro encuentra su propio sonido. Pero desde afuera se escucha una sola melodía. •

Tiempos sin brújula

Al inicio del confinamiento tuve una pesadilla recurrente, de repente no podía respirar, empezaba a ahogarme, jadeaba desesperadamente para introducir aire. No podía gritar. Mi madre está en el cuarto de al lado, pero no me escucha. Tiene hipoacusia. Desesperadamente, empiezo a aventar lo que tengo a la mano, para que me escuche. Intento azotar y romper lo que sea, palmoteo con fuerza. Quiero que me oiga, pero no lo hace, caigo estrepitosamente al suelo. ¿Será que me escuchó? No, no viene a mi cuarto. Mi garganta está completamente cerrada, estoy a punto de desvanecerme y, sin embargo, tengo tiempo de recordar que si no logro oxigenarme se verán comprometidas mis funciones cerebrales. Mi mamá no llega. Voy a morir y la frustración me invade porque mi madre es doctora, ella podría salvarme, pero no me escucha. Voy a morirme. Sin poder hablar, sin poder respirar. Voy a morirme...

En tiempos de pandemia, para mantener la salud y la vida, en México y el mundo se recomendó la distancia y el resguardo. Cuando apenas comenzaba la Jornada Nacional de Sana Distancia, la respuesta federal ante la crisis sanitaria mundial, el diagnóstico de cáncer de una querida amiga me hizo imposible no revivir el peregrinaje de mi hermano cuando se manifestó su cáncer de estómago, recordé los hospitales donde él se sintió solo y maltratado, donde fue erróneamente diagnosticado y un mal procedimiento sólo

abonó al dolor que ya sentía, y me volvió a lacerar la absoluta falta de empatía y humanidad de la Jefa de Oncología cuando le comunicó que estaba desahuciado, que ni lo intentara, que sin importar lo que hiciera, tenía dos o tres meses de vida. Mi hermana que estuvo presente cuando esa mujer cortó de manera tan brutal las esperanzas de mi hermano, ha tenido ataques de ansiedad desde entonces. Puedo ver a mi hermano diciendo que no se va a morir, que él va a pelear, a mi hermana tratando de mantener la calma y después, afuera de la habitación, luchando con la falta de aire e hiperventilando. Me angustia pensar que si algo así ocurrió cuando no había crisis sanitaria, ¿qué escenario enfrenta quien tiene que ser hospitalizado ahora? ¿Qué incertidumbre...? Para mí, lo más terrible de esta pandemia es la brutalidad del aislamiento. Que alguien enferme gravemente significa no poder verle ni tocarle, no poder atenderle, y en el peor de los casos no poder despedirse. Quizá el único consuelo que guardo de la enfermedad y agonía de mi hermano es que nunca estuvo solo, que lo pude cuidar hasta su último aliento.

En México, al 09 de octubre de 2020, sumamos 201 días de confinamiento, aunque en realidad, el resguardo es sólo para quienes tenemos el privilegio de trabajar desde casa. Hoy por la noche se comunicó en la conferencia vespertina que en el país han fallecido 83.507 personas por COVID-19¹. Y a pesar de que la cantidad en sí misma

es alarmante, desde que me relaciono con grupos de familiares que buscan a sus desaparecidos e investigo el fenómeno de desaparición en México, tengo muy claro que cada vez que nos enfrentamos a la frialdad de los números hay que preguntarse qué hay tras el numeral, qué es lo que no alcanzan a revelar las estadísticas que se actualizan noche tras noche. Esas 83.507 personas tenían sueños, afectos, historias. Esas 83.507 personas partieron solas, no pudieron despedirse. En lugar de tener cerca a sus familias, a sus seres amados, tenían un equipo médico asistiéndoles sin que pudieran ver sus rostros, cualquier gesto de empatía o solidaridad oculto tras los cubrebocas y caretas. ¿Cuántos seres no pudieron despedirse de esas 83.507 personas? ¿Cuántas personas no pudieron ser enterradas, lloradas, por quienes les fueron más cercanos y queridos? Conforme se agudiza la pandemia, me atribula pensar en los factores de riesgo de mis padres, pues, aunque con la COVID-19 se colapsan todas las certezas y todos somos susceptibles de contraer la enfermedad, pertenecen a un grupo particularmente vulnerable. Afortunadamente mi madre no tiene que salir, está dando clases en línea; pero mi padre, además de la hipertensión y de encontrarse en el grupo etario más afectado - tiene obesidad y sufrió recientemente un infarto -, dada su especialización en epidemiología, se encuentra en la llamada 'primera línea de combate' contra la pandemia.

El 18 de septiembre prendí la computadora para 'asistir' a una de las últimas sesiones del novenario virtual de mi primo. Lamentablemente, no es el primer familiar cercano que pierdo por este virus. Carlos Porfirio, tenía 51 años y durante más de dos meses su cuerpo resistió las complicaciones de la COVID-19. Estaba en un coma inducido, respiraba gracias a una máquina, iban a practicarle una traqueostomía y su cuerpo no resistió. A pesar de las complicaciones de la conexión, escuché a sus tres hijos hablar del padre que ya no va a estar, que no podrá acompañarles en sus graduaciones escolares, que no podrá abrazarles cuando necesiten consuelo o quieran celebrar algún logro. Mi prima, estaba demasiado afectada para hablar. A finales de julio murió su padre, mi tío, Francisco Ramírez, también por COVID-19, y a mediados de agosto, murió nuestro tío Fernando por complicaciones cardiopulmonares. Aún recuerdo el asombro con que leí que se estaban practicando velorios en línea. Desearía nunca haber tenido que sumarme a ninguno.

Pienso cuán paradójico es que la invitación a plasmar piensos y sentires sea la de abrazar nuestra vulnerabilidad, cuando justamente para mantener la salud y la vida, el contacto está proscrito, cuando es imperativo mantener distancia, resguardarse. Pienso que me hubiera gustado cuidar a mi amiga después de sus quimioterapias, apoyar con los cuidados de su hija, pero ir a un hospital representaba

un gran riesgo y como soy la responsable de cuidar a mi madre, ¿qué pasaría si me enfermo? Hubiera querido estar con mi mejor amigo cuando perdió a su madre y a su padre, con sólo una semana de diferencia, pero él y su pareja estaban en estricto confinamiento porque su prueba de COVID-19 era positiva, y la única forma de ‘acompañarlo’ era desde la virtualidad. No soy católica, no me sé las oraciones, no conozco las palabras, escuché tantas veces la lectura atropellada de pasajes que en realidad no significan nada para mí, pero siento la necesidad de participar, aunque sea conectándome. Cuando mi tío Fernando, el hermano de mi papá, ingresó al hospital, hablé con mi mamá: no quiero que mi papá esté solo. Necesito estar con él. Tras la muerte de mi tío Francisco, su cuñado, su hermana le reclamó: él confiaba en ti, él puso en tus manos su salud. Se les olvidó que lo llevaron a consulta con él cuando mi tío estaba muy mal, cuando su oxigenación había bajado estrepitosamente, cuando pasaba casi todo el día durmiendo. No, no podía dejarlo ir solo al hospital, la condición de su hermano era crítica. Había aceptado mi impotencia hasta ese momento, me resguardé tantos meses, pero me fue imposible no estar al lado de mi padre cuando viajó para ver a su hermano. Una semana después, falleció. Llegó un obituario y un nuevo link al chat familiar, la invitación para participar en el rosario, pero si no puedo involucrarme en la dinámica y no puedo estar todo el tiempo en casa de mi padre, ¿estoy con él? ¿Siente mi apoyo, aunque sea testigo

mudo del ritual que se lleva a cabo, aunque ambos tengamos la cámara cerrada y no podamos mirarnos?

Estos rituales virtuales de despedida me hacen imposible no traer a la memoria la cremación y novenario de mi hermano. Recuerdo el enojo que sentí cuando acudía gente a la que no le interesaba, gente que no lo amó, pero igualmente había que atenderles. Quizá estas despedidas virtuales al menos libran de esa carga a las familias, aunque vi a mi tía batallar con el micrófono cuando le pidieron que dijera unas palabras de despedida, ¿quería decir algo o se sintió obligada? Leer gestos es muy complicado cuando media una pantalla y la conexión de internet de todos es inestable. ¿Por qué les pedimos a los dolientes que nos digan algo? ¿Queremos encontrar en las palabras que nunca alcanzan, algún paliativo para nuestro desasosiego? ¿Por qué es tan complicado dejarnos habitar el silencio, el dolor de una pérdida? Una vez que pase esto, me dijo por teléfono otro tío, le voy a decir a todas las personas que conozco que las amo y las voy a abrazar.

No sé cuándo va a pasar esto, no sé si son frases que nos decimos para aferrarnos a mantener estas distancias físicas que resulta tan difícil no transgredir, pero si hoy tengo posibilidad de abrazar de forma no virtual alguna vulnerabilidad, es la propia. Quiero abrazar a mi yo de 4 años, quiero abrazar mi impotencia, quiero repetirle a esa niña que fui

y a la persona que soy ahora que está bien no saber qué sentir cuando, en un velorio virtual y después de dos décadas, volví a ver a mi agresor. Lo miré detenidamente durante cada día del rosario. Me angustiaba pensar que debía tener alguna emoción, una respuesta ante lo que me hizo, pero nada afloró, nada se manifestó, sólo la incertidumbre. Los siguientes días, me conecté con la expectativa de que algo se despertara, pero no fue así. No recuerdo mucho de ese suceso, pero recuerdo las fantasías melodramáticas que elucubré para protegerme, supongo. Un tiempo me avergonzó recordar las historias de ‘amor verdadero’ que me conté, se imaginarán cuáles, de esas en que el amor lo desafía y puede todo, incluso vencer los tabús y normas sociales y culturales más arraigadas. Esos días en que abrió su cámara, volví a preguntarme qué hubiera sido de mí de no haber vivido aquel episodio, pero intentar, nuevamente, el cálculo de los estragos de esa experiencia me desgasta tan innecesariamente que me tengo que recordar cada vez esas palabras que me prodigó una amiga cuando me abrazaba, esas que le he dicho a otras mujeres que han sufrido violencias semejantes, esas que me tengo que repetir cuando llego a caer en episodios de tristeza: no fue mi culpa.

En retrospectiva puedo conectar con este capítulo de mi vida un leitmotiv de mis pesadillas de infancia y adolescencia, que era una pregunta que yo lanzaba: ¿por qué a mí? Tengo presentes, particularmente, dos

sueños, uno cuando el gigante de otro planeta me atrapaba justo antes de abordar la nave espacial, y otro, cuando un asesino serial lograba clavarme una daga en el vientre, y la pregunta era la misma, ¿por qué a mí? Lo cierto es que, tristemente, no sólo soy yo y, más lamentable aún, hasta soy afortunada, porque a diferencia de muchas, estoy aquí, estoy viva.

En México y en el mundo hay otra pandemia que lleva siglos y que debemos combatir, la violencia contra las mujeres.²

Soñé que estaba en un estacionamiento, aunque la apariencia del lugar era la de una arena. No sé qué estoy haciendo ahí, pero veo que un par de hombres, quizá son más, quieren cazar a un cocodrilo. Lo acorralan debajo de una camioneta roja, quieren hacerlo salir, observo como su cola se agita desesperadamente. Algo o alguien me impide moverme. Uno de los hombres se sube a la camioneta, parece que quieren atropellar al cocodrilo que lanza dentelladas, pero no logra herir a los hombres. Yo les grito que no lo maten, que si no saben que las mariposas beben las lágrimas de los cocodrilos. Escucho el motor de la camioneta. La cola del cocodrilo se agita tan rápidamente que levanta una gran nube de humo. Despierto...

A la luz de las elocuentes y potentes manifestaciones de rabia y sororidad que han expuesto las mujeres en la escena pública; de la

okupa de espacios que supuestamente velan por los derechos humanos y por los derechos de las mujeres de diversas entidades en México que inició con la renuencia de la madre de una niña violada a abandonar las instalaciones de la Comisión Nacional de Derechos Humanos en la CDMX: “Yo de aquí no me voy porque se metieron con la niña equivocada, hubieran violado a sus hijos”³ y la #AntiGrita; recordé las marchas del 12 y 16 de agosto de 2019, la marcha del 08 marzo de 2020 y el paro nacional del 09 de marzo, #UnDíaSinNosotras. Antes, como ahora, las acciones fueron rápidamente descalificadas por los amnésicos de la historia de desigualdad de género y feminicidios, que pronto se convierten en defensores de las materialidades y se escuecen por las formas, porque esas “no son maneras de manifestarse”, “con violencia no se combate la violencia”, y se duelen amargamente por vidrios rotos, puertas dañadas y pinturas intervenidas.

A propósito de la marcha del 16 de agosto, y de la crítica de que las mujeres en México no sabíamos manifestarnos pacíficamente, me di a la tarea de buscar las movilizaciones en redes que se habían impulsado para dar cuenta de las violencias de género: #YoViajoSola, #MiPrimerAbuso, #MiPrimerAcoso, #SiMeMatan, el reclamo de #NiUnaMenos, #NiUnaMás, el #MeToo de diversas disciplinas, #YoSíTeCreo, #NoMeCuidanMeViolan y #FuimosTodas. Quizá lo más aterrador del ejercicio era

comprobar la recurrencia y generalización con que se daban los agravios, y constatar que entre tus círculos más cercanos eran pocas quienes no habían padecido algún tipo de violencia. ¿Cómo es posible que 6 de cada 10 mujeres en México han experimentado algún tipo de violencia, qué normalidad hemos construido para que en el mundo una de cada tres mujeres haya sufrido violencia física o sexual?⁴

Este año no pude acudir a apoyar las manifestaciones de hartazgo y sororidad, al reclamo en canto, grito y llanto de que “nunca más tendrán la comodidad de nuestro silencio”. Tras una colecistectomía y los cuidados precarios que mi madre ha tenido para consigo, tuvo episodios terribles de reflujo que nos obligaron a ir al hospital a que se realizara estudios. Durante este resguardo, nuestras peleas se han intensificado, quizá hay mucho que no hemos logrado resolver, quizá es que he pasado muchos años cuidándola. Cuando se separó de mi papá, recuerdo haberme dicho a mí misma: tengo que ser fuerte. Mi madre, aguerrida como ninguna en su trabajo y labor docente, siempre ha rehuido las batallas en el terreno personal. Le he dicho varias veces que pareciera que la única emoción de la que dispone para enfrentar los problemas personales es el llanto. Lloro con una facilidad tan apabullante que cuando estudiaba Literatura Dramática y Teatro envidié mucho esa capacidad de deshacerse en lágrimas a la menor provocación. Sin importar qué

estemos atravesando, ella llora. Así que, de niña, asocié la fortaleza con no llorar. Durante muchos años “me tragué” el llanto. Yo era la figura de autoridad de la casa, yo era quien regañaba a mis hermanos si se portaban mal, la que veía que hicieran la tarea, la que preparaba el lunch para el recreo era yo. No me gustaba no estar en casa porque ¿quién cuidaría de mis hermanos si yo no estaba? ¿Quién los castigaría si era necesario? Nadie me lo impuso, yo asumí ese rol. Qué difícil fue después ser sólo la hermana y no reprimir el llanto. Qué difícil es ahora, volver a ser quien prodiga los cuidados, quien seca las lágrimas, quien regaña si no se toma los medicamentos, quien se cerciora que nada falte, pero no quiero volver a ser la que tiene agolpadas las emociones en la garganta. No quiero volver a “tragar” mis lágrimas.

Stephen Grosz narra la experiencia de un médico que trabajaba en un leprosario. El médico descubrió que el que se caiga la piel de quienes padecen lepra lepromatosa, no es consecuencia directa de la enfermedad, sino resultado de la insensibilidad ante las heridas. Como no sienten, los pacientes dejan que sus heridas se infecten y por eso se les cae la piel. Grosz concluye el episodio afirmando: “Cuando conseguimos no sentir nada, perdemos el único medio que tenemos de averiguar qué nos hiere y por qué”.⁵ No quiero rehuir el sentimiento, aunque sea de ansiedad e incertidumbre, aunque se manifieste en llanto, aunque implique habitar la turbulencia

de estos tiempos, aunque implique abrazar en todas sus dimensiones y complejidades mi vulnerabilidad.

Mi madre me explicó que todos tenemos un órgano blanco, es decir, aquel donde somatizamos el estrés, la depresión y la ansiedad. En tanto hay una relación neuro-psico-endócrina ese órgano o sistema aumenta o disminuye su función normal. En su caso, es el tracto gastrointestinal (esófago, estómago, intestinos, recto y ano), así justifica el que padezca tan seguido de diarrea e intenta persuadirme que no es porque lleve con tanta permisividad su dieta. En mi caso, son las vías respiratorias las que se comprometen (nariz, garganta, tráquea, bronquios y pulmones). Esta es mi pesadilla y la de tantas otras. La imposibilidad de gritar, de respirar...

A unos días de que se registraron las primeras muertes por coronavirus en Sudáfrica, le preguntaron a Achille Mbembe cuáles eran sus impresiones sobre la pandemia, respondió que la *prioridad política* ante una calamidad de esta magnitud debería ser, asegurarse que cada individuo pueda respirar.⁶ El que Mbembe haya definido como prioridad política, no sanitaria, el que todos podamos respirar, reveló posteriormente las más insospechadas honduras a raíz del asesinato de George Floyd, cuando un elemento policíaco sometió a Floyd contra el suelo, presionando su rodilla contra el cuello, ‘por favor, no puedo respirar’ le dijo Floyd, y durante casi 9 minutos, el

policía ignoró la súplica de Floyd.⁷ En tiempos de catástrofes, en tiempos de emergencias, es necesario contar las historias de quienes dejaron de respirar, de quienes no pueden respirar, de quienes murieron sin sus seres queridos junto a ellos, de quienes están hartas de estar bajo el yugo de la violencia y una vez que se han quitado la rodilla del cuello salen a gritar, a cantar, a quemar...

Enrique Díaz Álvarez señaló que necesitaremos narrativas para desvelar la historia omitida de la emergencia sanitaria y recoger el dolor de la gente común, porque esta profunda vulnerabilidad que sentimos a raíz del virus, podría revolucionar afectos que nos aproximen al otro y conducir a nuevas formas de solidaridad y sensibilidad política.⁸ En ese sentido, Thom Van Doreen escribió que en tiempos de grandes pérdidas es necesario contar historias, pero no se trata sólo de contar historias, o contar nuevas historias, se trata de aprender qué relaciones se propician a partir de esas historias y las formas de cuidar las historias de otros, y así promover un *contagio emocional*.⁹ Dado que las historias son parte del mundo y participan en su devenir, subraya Van Doreen, contar historias tiene consecuencias, una de ellas es que seremos impulsados a generar nuevas conexiones y con éstas, habrá nuevas obligaciones y responsabilidades; por eso, la forma en que estas historias de extinciones pueden, o deberían ser contadas, requiere ser pensada constantemente, para que podamos reavivar nuestra capacidad de ser afectados;

rearticular las formas en que estamos en juego las unos con los otros, en que cuidamos de los otrxs y compartimos un mundo, para despertar en nosotros la conciencia de nuestro lugar en y nuestra responsabilidad en un mundo compartido.¹⁰

Pienso como la llamada primavera feminista de las mujeres en México enciende llamas de esperanza sororaria; en las protestas de jóvenes que alumbran nuevas formas de comunidad; y como, muy pronto, se ven amenazadas por conflictos, difamaciones y un largo e insistente soplo que busca apagarlas definitivamente. Pienso en como mi ánimo y mi mente parecen estar a bordo de una montaña rusa, pienso en las consecuencias que el encierro está teniendo en mí, en mis padres, mis sobrines, pienso en mis primas y sobrines que no pudieron despedirse de sus padres, en que necesitamos discutir de manera más honda cómo pueden ser los cuidados y los auto cuidados, ¿será que la mentada 'nueva normalidad' pueda ser menos normal y más nueva? ¿Acaso al final de este turbulento recorrido sabremos proponer nuevas maneras de estar las unas con los otros y les diversos?

Tengo muy pocas certezas. Quizá el ánimo estaba muy nublado, quizá abundaron las malas noticias, quizá hay momentos en que abrazar la vulnerabilidad implica que una no puede sentarse a escribir, sino que tiene que permitirse sentir. *Dejarse temblar*, decía Derrida, hay que dejarse temblar... En este

Notas

1. Esse texto foi enviado entre setembro-outubro de 2020, os números aqui expostos não refletem os óbitos e casos de Covid-19 no México na atualidade.

2. CASTELL, Daniela. Violencia de género, la otra pandemia que hay que combatir. In: El Universal, 2020. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/opinion/daniela-castell/violencia-de-genero-la-otra-pandemia-que-hay-que-combatir>. Acesso em: 20 jun. 2020.

3. REDACCIÓN AN/LP, Mujer se amarra a silla en CNDH en protesta por la violación de su hija. In: Aristegui Noticias, 2020. Disponível em: <https://aristeginoticias.com/0209/mexico/mujer-se-amarra-a-silla-en-cndh-en-protesta-por-la-violacion-de-su-hija/>. Acesso em: 02 set. 2020.

4. FERNÁNDEZ NIETO, Berenice. Violencia Doméstica en México durante el confinamiento por la pandemia COVID-19. In: Data-Pop Alliance. Disponível em: <https://datapopalliance.org/violencia-domestica-en-mexico-durante-el-confinamiento-por-la-pandemia-covid-19/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

5. DELIA MURILLO, Alma. El mal del animal. In: Crónicas Plutonianas, 2020. Disponível em: <https://almadelia.mx/cronicas-plutonianas/el-mal-del-anim/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

6. BERCITO, Diogo. La pandemia democratiza el poder de matar. In: La Vorágine, 2020. Disponível em: <https://lavoragine.net/la-pandemia-democratiza-poder-de-matar/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

7. DURBER, Matt; BURCH, Audra D.S.; ROBLES, Frances. What happened in the chaotic moments before George Floyd Died. In: New York Times, 2020. Disponível em: <https://nyti.ms/2ZNMhTo>. Acesso em: 29 ago. 2020.

8. ÁLVAREZ, Enrique Díaz. Despertar después de la guerra. In: El País, 2020. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2020/04/07/opinion/1586283989_046197.amp.html. Acesso em: 13 jul. 2020.

9. VAN DOOREN, Thom. Flight Ways. Life and Loss at the Edge of Extinction. New York: Columbia University Press, 2014.

10. Ibid.

momento, mientras sigue ascendiendo la sacudida, sólo sé que creo en el poder de las palabras y que contarme historias me ha salvado muchas más veces de las que podría plasmar aquí. Sé que una vez que reaprendes a llorar no hay marcha atrás. Sé que no quiero volver a recibir el link para entrar a un velorio virtual y que quiero poder abrazar a mis seres queridos cuando han perdido a alguien. Quiero que importen las historias de violencias cotidianas de mujeres y niñas que no pueden vivir libremente, y que nos duelan tanto como las historias de horror y de muerte de mujeres y niñas, quiero que dejen de existir esas historias. Quiero poder contarles a mis sobrinas que hubo una época en que tenías que pensar qué debías ponerte para salir a la calle, que apretabas el paso si alguien caminaba detrás de ti. Yo sólo quiero respirar...•





. HATHI .
2020

1º de Maio

lembranças pandêmicas

1º de maio de 2020, são paulo - sp , brasil, de dentro de um quarto na região leste da cidade, próximo ao centro, ao lado de um terminal de ônibus, de cara para uma avenida, próximo de um posto policial, um corpo trans cria e conta histórias.

mergulhou no buraco do tempo enquanto via uma foto antiga, nela, o rio tietê e crianças em sua margem, seu pai havia tirado a foto ou estava na foto, não sabia bem. já viveu as crises da água do governo alckmin, recentemente em um emprego a equipe ficou sem água, a caixa de água do complexo havia sido inundada por ratos. no início do ano ao atravessar um rio na madrugada, teve a certeza de que poderia morrer, não morreu.

o jovem não encontrou a foto por acaso, estava na bagunça que somente a quarentena, permitiu ter tempo para explorar. resolveu, então, escrever uma carta para os de amanhã, como seu pai havia deixado a fotografia, e, quem sabe assim, não se perderia a lembrança de que existiu um ontem, e que não estamos a deriva de nossas histórias, a água parece pleitear o fim, mas já existiu rio, é possível (re)existir, e se daqui uns anos os recursos seguirem cada dia mais escassos, que não se esqueça; o rio nunca morre.

voltemos;

dia 01 de maio de 2020

feriado, dia do trabalho, posso contar: os governadores estão em uma indisposição política com o presidente do país, o prefeito de são paulo anuncia uma quarentena mais rígida, e o governo federal pressiona para que o comércio retome as atividades o mais rápido possível por medo de uma recessão econômica histórica - como se o colapso na saúde não fosse suficiente para marcar as páginas da história do país, e do mundo.

no início da próxima semana tudo pode mudar, e os dias parecem ser habitados por um silêncio, no qual é possível escutar o que o caos da selva de pedra não nos permite buscar na memória, durante a correria de sua emergência.

talvez não imaginasse no início de tudo que teria de contar os dias, mas já passam de quarenta, e tão pouco imaginei sentir falta da cerveja do centro, tão pouco de vivenciar caminhadas longas cruzando bairros pela cidade,

para sentir a energia ir embora através dos pés. não sabia que sentiria falta do suco de açaí da esquina, e do tom da risada de um amigo.

mas gostaria de contar sobre algo que acontece em um lugar que pode parecer um tanto menor, mas que é tão vasto quanto é possível mensurar, um universo, senão a junção e a interação de diversos universos; meu peito/coração/corpo, um registro do fluxo que habita agora minha fantasia e memória.

isso é material para a criação de um futuro, no qual você lê essa invenção maluca que tracei para me manter vivo: no limite da sanidade.

saí para comprar algumas coisas no mercadinho mais próximo de um casal de coreanos que no início da quarentena, solidariamente, me doaram duas máscaras. na rua, um silêncio acompanhado de pessoas com o rosto coberto pela maior variedade de máscaras que já vi, de pano colorido, preto, com detalhes, de algodão e as clássicas brancas vendidas na farmácia - quando não estão em falta.

pessoalmente, me sinto como respirando debaixo do cobertor, ou com pouco oxigênio, sufocado, a rua parecia um cenário de filme, e eu podia imaginar que algo surpreendente aconteceria; um avião caindo na avenida atingido por um raio, ou talvez uma chuva de abelhas mortas, ou quem sabe uma inundação repentina, era como viver nos momentos que antecedem um grande evento. na rua as pessoas respiram sufocadas, atentas, tensas.

no ponto de ônibus mais próximo, uma mulher de aproximadamente cinquenta anos, cabelo acinzentado, roupas pretas e a bolsa pendurada no braço direito, me observa atravessar a rua, os olhos pareciam cansados, buscando sentido ao redor, buscando alguma ligação, singela que seja, com a realidade e se manter nela. conheço alguns olhares como esse, antes da quarentena costumava encontrar alguns assim no transporte público, em alguns estabelecimentos, viver em uma metrópole como são paulo nos leva a conhecer muitos olhares diferentes; os angustiantes, os amedrontados, os famintos, os perversos, os sonhadores, os apaixonantes, os dilacerados pelo concreto, entre outros.

gosto de olhares, mas para responder a eles é preciso mais que apenas eles, gosto do uso do sorriso para comunicar sinais vindo dos olhos, é como dizer que aquele olhar é chave para uma conexão ; “ei, eu vi que você viu, e tá tudo bem”, é o anúncio de acolhimento, de uma permissividade acolhedora, ali é terreno para troca, e se esse terreno existe, já podemos ficar mais calmos, não estamos sozinhos mergulhados em uma tormenta sem fim.

sorri para moça no ponto de ônibus, tentei comunicar a solidariedade, o afeto, o carinho, o reconhecimento de sua existência ali, dizer que aquilo era real mas que ela não estava sozinha... mas, ela não viu o sorriso, havia uma máscara na frente da minha boca, tampou as canjicas e as covinhas, espero que ela tenha percebido minhas sobrancelhas subirem, queria ter gritado: “ei, eu sorri pra você!”. não tive tempo, ela entrou no ônibus.

talvez esse fosse mais um sinal de que algo surpreendente poderia acontecer, como nos filmes, mas antes que eu pudesse cogitar o impossível, ele aconteceu; tropecei na guia da calçada enquanto observava a mulher subir no ônibus, o pé de apoio escorregou na lama do canteiro e cai de focinho na grama, molhada da chuva pela manhã.

antes que eu pudesse me dar conta do que estava acontecendo, zonzinho via em um grande espaço escuro, como o céu, brotar pequenos pontos brancos e ao pé do ouvido conseguia escutar alguém rindo, como criança travessa, ria como se algo muito inusitado e divertido tivesse acontecido, sua risada foi ficando mais alta e do meu lado vi um par de olhos vermelhos como fogo, o cabelo parecia um isqueiro aceso, me olhava com um sorriso largo e brilhante, a pele cor de âmbar escurecido, na verdade parecia brilhar inteiro. por um minuto podia acreditar que tinha morrido, um ônibus podia ter me atropelado. sentia que estava deitado em algo molhado e frio, estava escuro, eu não tinha ideia de onde estava, ali não era a calçada onde eu supostamente havia escorregado.

foi uma fração de segundos, como seria possível? e onde eu estava? parecia ter batido a cabeça com força, sentia uma dor forte na parte da frente, na região da sobrancelha, onde parecia escorrer sangue, embora eu não tivesse sequer um sinal, uma gota de sangue, nem mesmo nas minhas roupas.

conforme as imagens ficavam mais nítidas e mais luz surgia, meus olhos foram se adaptando, fui identificando onde eu parecia estar; o chão gelado e úmido, pinicava meus tornozelos, era ou parecia ser grama, minha cabeça estava apoiada em uma raiz gigantesca e larga, cheia de musgos e úmida.

me olhava com curiosidade, sorridente, parecia que de alguma maneira me esperava, me conhecia; a figura que parecia arder em fogo, estende a mão para me ajudar a levantar.

o porco selvagem

do lado da figura flamejante, lambendo seus dedos, estava um porco proporcional ao seu tamanho, um pouco maior na verdade, acinzentado e peludo.

por mais desconfiado que eu estivesse e a situação ficasse mais difícil de assimilar com rapidez, era como se eu estivesse seguro, me sentia seguro, algo ali me era familiar. aceito a ajuda para levantar.

estávamos em uma clareira no meio de uma mata úmida. já de pé, pude olhar para aquela figura que parecia queimar, mas não era quente, parecia comigo na verdade, sorriu como se me conhecesse, acendeu um fumo no centro da clareira, e me convidou para perto.

não estava com medo, de alguma maneira, aquele lugar me era familiar, então não hesitei muito em me aproximar da figura que parecia humana, de pele vermelha, e antes que pudesse perceber, ela me agarra o braço com força, foi instantâneo, era como se eu estivesse sendo engolido pela terra!

logo pude ver quase nitidamente uma pessoa que parecia meu pai, mais novo, corria aquela mata úmida como quem a conhecia, parecia preocupado e apressado, o acompanhei até chegarmos na dobra do rio - ele parecia não me ver - onde vi uma mulher de olhos amarelos, pele dourada, vestida em um vestido branco, cheio de pedrinhas verdes bem clarinhas costurados da cintura para baixo como uma saia brilhante esverdeada, que se misturava com a água, ela parecia flutuar, veio de dentro do rio até o meu pai, e lhe deu um abraço forte, parecia apreensiva também.

ela soltou meu pai e colocou em suas mãos uma pedra vermelha brilhante, era possível ver seu brilho de longe, ele a guardou na bolsinha que levava pendurada junto ao corpo, se olharam mais uma vez enquanto o rio engolia a mulher, até que seus olhos se confundissem com as pedras no rio, momento que meu pai esperou para poder voltar a correr.

quando achava que nada podia ficar mais esquisito, foram precisos alguns minutos de corrida de onde estávamos na dobra do rio, e vi meu pai fazendo o que eu achava ser impossível, ele deu um salto entre duas árvores e pude ver sua cabeça dobrar de tamanho, seu corpo ficar maior, suas mãos se tornarem patas gigantes, e sua coluna se estender por um rabo esguio. ele havia se transformado em uma enorme onça pintada, e começou a correr tão veloz quanto um raio, com a pedra vermelha brilhante entre suas garras.

realmente não sei como consegui acompanhar aquele ritmo, ele era veloz, corremos sem parar por cerca de meia hora - na minha percepção - até que ele parou em uma clareira bem pequena, onde estava uma árvore com um tronco grosso e que se perdia de vista na altura, parecia tocar o céu, era impossível ver seu fim. meu pai colocou a pedra no pé da árvore, e como em um piscar de olhos, voltou a ter duas pernas, braços, e o rabo se foi.

a pedra foi engolida pela terra, e de dentro do tronco da árvore saiu uma figura de olhos tão escuros quanto a noite, um sorriso tão brilhante quanto a própria lua, cabelos longos e lisos tão escuros quanto seus olhos, o corpo nu se dirigiu até o meu pai, em quem deu um abraço forte e carinhoso, segurou a cabeça dele em seu peito como um pai ou uma mãe faz.

após alguns minutos de um longo abraço, meu pai se solta e pega do chão um cipó e leva até aquela figura que saiu da árvore, que pega em uma mão o cipó e na outra derrete a pedra vermelha brilhante, então junta as mãos para misturar as duas coisas, e o que era apenas um pedaço de cipó, se torna um cipó cada vez maior e vermelho, dobrando de tamanho a cada segundo, meu pai pega a ponta do cipó e, como se soubesse que eu sempre estivera ali, leva aquela ponta até o meio do meu peito, cruzando a clareira e me olhando nos

olhos. ele tinha olhos também tão escuros quanto a noite. foi quando escutei uma voz calma dentro da minha cabeça. foram muitas sensações ao mesmo tempo, foi como ser (re)conectado com algo que sempre esteve ali. a voz foi como uma cobertura, um selo para o momento, uma marca, aquele fio de memória que se guarda e passa de geração em geração, o segredo da receita da vovó, e ela me dizia: te trouxe até aqui para que não se esqueça, e quando o céu cair, e o mundo que conhece desaparecer, que você saiba para onde voltar. a morte é sobre para onde se olha, você sempre soube de onde veio.

na mesma fração de segundos em que fui preenchido por algo que eu parecia ter esquecido, pude sentir meu pé sendo sugado pela terra, e ver aqueles dois pares de olhos escuros quanto a noite, preocupados, se afastarem, e antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa, senti as lambidas daquele porco gigante na cara.

a figura flamejante me levantou do chão, apressado, me colocou de pé me tirando de perto do porco, e mais uma vez, antes que eu pudesse imaginar, a figura flamejante subiu no porco e saiu correndo na minha direção, eu já tinha caído tantas vezes que confesso que dessa vez nem me assustei, tentei sair do foco daquele animal enorme, mas sem sorte, eu parecia estar preso, e sorrindo a figura flamejante antes de me atropelar, gritou: "seu pai me deve mais fumo".

acordei sentado na calçada, muitas pessoas ao meu redor, entre elas aquela mulher que eu podia jurar que tinha visto entrar no ônibus.

sem entender muita coisa, voltei para a casa sem as compras, nem mesmo me dei ao trabalho de tentar chegar no mercadinho, precisava contar o que eu tinha acabado de ver, sentir sonhar, se é que tem nome o que tinha acabado de acontecer.

voltei para casa assustado, mas me sentindo de alguma maneira mais preenchido, algo de diferente pulsava, ao abrir a porta de casa, minha gata me cheirou desconfiada de que algum felino havia passado perto de mim, sentei no sofá sem dizer uma palavra, minha namorada me olha preocupada e diz: "a quarentena vai durar mais do que imaginávamos, é como o fim do mundo, do que conhecemos pelo menos". Ela não me perguntou das compras, estava assustada lendo as notícias.

vinte dias depois

esqueci de endereçar e terminar a carta, mas creio que esse seja um bom fim para ela, que é endereçada a todas as pessoas que desejarem ler. é como um recado, assim como a foto me foi, não estamos soltos, conectados, para superar as mudanças dessa queda que vivemos, é preciso resgatar as conexões.

dez anos depois

“me contaram os ventos sobre as intenções da terra para o amanhã, fiquei espantado, não nego, ela estava otimista, apesar de me parecer impossível tamanho o caos desses últimos anos. as árvores relataram no encontro da semana passada boas notícias sobre a germinação e crescimento de novas florestas de norte ao sul do território em que, os que andam sobre duas patas, chamam de b - r - a - s - i - l. a selva de pedra deles queimou após o envenenamento do ar e dos pulmões, eles morrem de coisas esquisitas, não é mordida de onça, ou jacaré, os urubus só voltaram a comer a carne deles esses tempos, parece que não conseguem mais lugar para enterrar seus ancestrais. vi dia desses um deles ali na dobra do rio, o rosto todo tampado, tá na moda, ninguém mais vê a boca de ninguém, achei esquisito, mas eles continuam lá, só que agora em menor número, em cidades menores, e parecem ter menos medo da gente, ou talvez, morreu com seus ancestrais o medo, assim como já quase mataram a nossa conexão, mas não sei, pode ser... bom, acho que a destruição deles pode nos aproximar como nos velhos tempos, sinto falta de seus fumos.” caipora em entrevista ao jornal da existência - 05/2030.

“para alguns, vivemos o fim, tenho pro meu coração que vivemos o começo, a sequência do ciclo sem fim, onde sou o passado de alguns que leem essas histórias; mas sei que estou também no futuro dos que estão por vir dos mesmos que me leem agora, e é preciso dizer que toda cura iniciada no hoje, que virá a ser ontem, é sequenciada no amanhã, é assim que podemos hoje conversar na beira do rio. nos entendemos porque antes de você alguém redescobriu saber as palavras que sei, e antes desse alguém, outro redescobriu escutar e conhecer outras tantas palavras.” me contaram na beira do rio, em um sonho. para o fim deste mundo. •

Donde sea que estés

En todos lados

Querétaro, 28 de Julio de 2020

COVID-19:

Normalmente inicio una carta con querido o querida, pero a ti no te quiero. Es más, creo que te odio.

Haces lo que quieres, no tienes tacto, arrasas con todo, solo nutres la incertidumbre.

Ayer pensaba que la ansiedad había desaparecido, que esto iba pronto acabar, que tú al fin te irías y nos dejarías continuar. Gran error, no habrá continuación, al menos no sin ti.

Hoy me levaté y prendí mi ordenador, me atiborré de noticias que le abrieron la puerta a mi inestabilidad. Mi corazón latió fuerte, muy fuerte. Las muertes aumentaron, salió el primer caso en el trabajo de mi papá, el semáforo regresará a rojo en estos días, la violencia doméstica está incrementándose, el presidente se rehúsa a creer que existe, no se atienden llamadas, dicen que los datos son falsos.

Mi corazón no para, está colapsando, entonces comprendo que el ataque de ansiedad inicia su recorrido; es el quinto ataque en el confinamiento. Respiro hondo; la doctora dijo que todo estaba bien, que esto solo era ansiedad, me recetó vitaminas y me sugirió poner mi mano en el corazón para que sintiera tacto, para que me tranquilizara. Mi corazón se va a salir y no lo puedo controlar, estoy siguiendo las indicaciones: respiro hondo, me toco el corazón, tomo vitaminas. ¿Por qué no para? La impotencia de no tener el control sobre mi cuerpo se derrama a través de lágrimas incontrolables, no me puedo mover, no puedo respirar, solo lloro.

La primera vez que tuve un ataque de ansiedad fue en el transporte público y pensaba que era un paro cardíaco, lloraba en la combi y la gente me preguntaba “¿qué tienes niña?”. “No sé”, me decía entre mí, “no tengo idea que tengo”. Una señora me llevó al doctor más cercano: “No tienes nada”, sentenció; pero, yo sentía que

tenía todo. Después de estudios, descubrí la famosa ansiedad. El mundo se cae a pedazos y yo solo tengo ansiedad.

Después tranquilizarme con tacto propio. Me preparé un té y comencé de nuevo la búsqueda de trabajo, amplí mi área a toda la República, ¡nada! Me entró el miedo, pero también ¿quién busca trabajo en medio de una pandemia? Cuando sentí que entraría pronto otro ataque, cambié de actividad y me puse a leer libros de tesis, un capítulo se titulaba “¿Cómo evitar el plagio en las ideas?” – ¡qué reconfortante! Lo que yo necesitaba era poesía, sin embargo, a veces la presión siempre persigue y nos hace elegir lo que se debe en vez de lo que se quiere. Entre leer y pensar, entre no sentir y sentirlo todo, entre ida y presente, entre el colapso emocional y físico y las ganas de estar estable, me agarré el cabello, se desprendió un mechón – ¿qué está pasando si me estoy tomando mis vitaminas?

Me quise distraer y entré a las redes, vi que un amigo publicó su gran pena tras la muerte de un ser querido; vi que la bolsa de trabajo de mi universidad no había sido renovada; vi que muchos tienen pena. Una ya no se está ni cerca, ni lejos, una solo existe virtualmente, la vida sigue a duras penas, cerré todo – ¡ALTO! Ya no quiero vivir virtualmente, yo quiero abrazar; ya no quiero escuchar más muertes, yo quiero ver vida; ya no quiero estar encerrada, yo quiero correr. Entre cuatro paredes me carcomo y me seco, pero ¿por qué si estoy tomando mis vitaminas? La doctora dijo que mi corazón estaba bien, pero yo estoy segura de que no, está apachurrado, va a morir.

El mundo sigue allá fuera, se está dividiendo. Yo veo mi ventana y está lloviendo, las hojas del árbol de enfrente se están volviendo amarillas, las nubes negras, el tiempo ha desaparecido; entonces entiendo que hasta el cielo llora, que los árboles se cansan de florecer y que las nubes también se ponen tristes, el tiempo necesita un tiempo.

Ayer fui por pollo con mi mamá, la señora nos dijo que ella no cree en ti, que nada más le andas quitando a su clientela y que tuvieron que cerrar su pollería en el municipio; ahora solo vende así: poniéndose afuera de la tienda del pueblo. Nos contó que le pidieron comprar gel y servir con guantes, pero que con lo que vende no le alcanza ni para darle de comer a sus nietos, que iba a estar comprando esas chingaderas. Nos dijo en secreto que el virus es el gobierno cabrón que nada más busca asustar. Me daban ganas de decirle que tú eres de verdad, pero ¿quién soy yo para negar su realidad?

A lo mejor no eres tan feo, porque al menos contigo se ha visibilizado más la diferencia socioeconómica de los países en “vías de desarrollo” que se ha ignorado por muchos años. El Obrador está según ayudando, pero al parecer la señora del pollo no ha recibido nada de apoyo económico. En medio de la escucha, comienzo a culpabilizarme por mi ansiedad, ¿qué hace mi ansiedad conmigo sino sufro lo mismo?, ¿los ataques de ansiedad serán solo para les que tienen tiempo de sentirlos? ¿El conocimiento de los mundos internos que atormentan a diario será solo para les que no tienen la urgencia de pensar en qué comerán mañana, en qué comerán al rato? Vaya culpa la que me haces sentir, y esta culpa nomás no sirve para nada.

Regresamos caminando a casa calladas, yo le pregunté a mi mamá la consciencia sin acción ¿de qué servirá?

Me puse a pensar que mañana sería un día como hoy: despertar tarde, prender el ordenador, buscar trabajo en todas las plataformas en las que estoy inscrita, tomar té, comer sin hambre, hacer ejercicio para no pensar y pasar el tiempo hasta que sea la mañana y me de sueño. La única diferencia sería mi desaparición en las redes sociales. Desde esta mañana que las borré, la desaparición virtual empezó a surtir efecto, la soledad se sintió más fuerte y de repente ya no existía. Ningún mensaje, ninguna llamada.

Siempre me entra nostalgia, más ahora encerrada, la mente sale volando al pasado, a los abrazos, a los besos, aun amor que quedó a medias. Nunca he creído en príncipes azules, porque yo sé cuidarme sola, pero a veces los apapachos son importantes y los busco en los brazos equivocados. Ayer hice mi ritual nocturno de este confinamiento: llorar hasta quedarme dormida. Pero ahora este ritual se vio aumentado porque tú destruiste esa relación que había comenzado antes de que llegaras. Por ti quedó trunca, por la distancia, solo no lo logramos. Las lágrimas normales de mi ritual se convirtieron en chillidos, me tapé la cara con la almohada para no despertar a la familia y cuando no quedó más que agua, mi perro se puso a lamer mis mejillas, veía sus ojitos brillaren a través de la oscuridad, y lloré más porque el amor estaba ahí y yo le lloraba a alguien más.

Hay noches en que no sé por qué lloro, antes de que llegaras también lloraba, pero no tan seguido. Antes de que llegaras no había tenido ataques de ansiedad por 6 meses, antes de que llegaras abrazaba a mis amigas y me estaba dando un beso en la calzada mientras decía: este chico sí que es el bueno. Antes de que llegaras la persona que me gustaba me había invitado por un café, ese día caminamos por todo el centro de Morelia, haciéndonos bromas con miradas que evidenciaban el coqueteo. Al final del día bajé de un taxi en movimiento para sellar nuestra primera cita con un beso de pico. Antes de que llegaras, fui a la marcha del 8 de marzo y dejé mi

voz en las consignas. Antes de que llegaras aún tuve tiempo de mi segunda cita con “la persona”, fuimos por té y acabamos caminando toda la calzada, deshicimos hojas caídas de los árboles disfrutando del crujido que de ellas resuena. Antes de que llegaras no me preocupaba tanto por el futuro porque aún no era egresada y podía vivir tranquila yendo solo a la universidad. Justo antes de que llegaras tuve mi tercer y última cita con él, pactamos nuestros sentimientos en un primer beso largo; nos despedimos sin saber que no nos volveríamos a ver en cuatro meses, lo intentamos a distancia, no prosperó y por eso también he llorado. Llegaste tú y te llevaste un “pudo haber sido”, te llevaste mis últimos meses de universidad, y diste paso a un estrés de búsqueda de empleo que jamás había experimentado.

Llegaste a destruir sueños y planes, trabajos y estudios, llegaste y te llevaste vidas. De pronto me cayó como un chorro de agua fría sobre mi espalda la llamada realidad, tuve que dejar a mi terapeuta porque el dinero no alcanzaba, no hay tiempo para pensar en la salud mental cuando no hay para las necesidades básicas. Pero ¿qué es lo básico? Diría que depende de cada persona, de cada situación. Se piensa que lo básico son las actividades fisiológicas, mientras la mente se deja a un lado. Una persona bien comida, ¿qué problemas puede tener?, diría mi abuelita. Pasa seguido confundir la tristeza, el cansancio y la depresión, por ti, COVID, las tres se me han juntado; por ti, por él, por el tiempo que pasa sin pasar.

Te echo la culpa del aumento de mis problemas internos, aunque esos ya estaban, tú ayudaste a incrementarlos. Pocas veces colapso en frente de la familia, confundo mostrar lo que siento con falta de fortaleza. Mi mamá dice que todo está en la mente, que yo controlo mi mente, evidentemente no ha sufrido ataques de ansiedad, no le falta la respiración, ni piensa que va a morir. Siempre nos hacemos muy fuertes, pero cuando realmente no se tiene control de algo entramos en pánico y eso es justo lo que está pasando desde tu llegada.

El pánico nos envuelve, el gel antibacterial nos reseca las manos, el cubrebocas nos empaña los lentes, el desinfectante en aerosol nos hace sentir seguridad, pero esta misma se “desvanece en el aire”, es la seguridad representada en un instante. Las caretas según son más seguras, pero igual las tocamos con las manos. Usar medidas de protección para salvarse a sí mismos más que para proteger a los de alrededor es más un acto de egoísmo que de amor. Pero ¿qué no salvándonos a nosotros mismos igual salvamos a los demás? Hay una delgada línea entre egoísmo y amor, muchas veces se confunde.

A mi tío lo agarraste, no soy muy cercana a él, pero vi a mi papá llorar. No sabía que decir, entre todos mis tíos le mandaron dinero, pero en su pueblo no llegaban las pruebas. Pareciera que tú solo existes en la Ciudad de México, como si en los estados vecinos ni pasarás, como si

las comunidades fueran invisibles. En Amuco también existes y también se mueren por tu culpa y nadie lo ve. Es como si tuviéramos que rogar tantísimo por la salud cuando en realidad es un derecho. Mientras yo cuestiono esto, mientras el dinero es depositado, mientras mis tías se ponen a rezar el rosario, a mi tío no lo atienden, una porque no cuentan con el material necesario y otra porque en los centros de salud más cercanos les daba miedo el contagio. Eres cruel COVID y por eso te escribo, haces evidente la insensibilidad ante el peligro: “que se muera él, pero yo no me acerco”. Esto es lo que pasa en muchas situaciones, pero tú, tú sin miedo a nada lo haces transparente, muestras la crueldad, la hipocresía y la insensibilidad que sin quererlo nos corroe. A mi tío no te lo vas a llevar, ya lo aceptaron en un hospital de Altamirano, y espero lo sueltes porque si no ya no solo yo estaría triste, cansada, ansiosa y deprimida, sino que se transmitiría masivamente a toda la familia, y vería llorar más a mi papá.

Me canso de pasar mi día frente a la computadora, nunca encuentro trabajo y me desconcentro a la mitad de las lecturas pendientes de tesis, solo veo la pantalla sin verla siquiera y me duermo estando despierta. Aunque muchas veces me carcome el mundo y las cuatro paredes, logro zafarme por ratos. Después de tiempo encerrada en mi cuarto, bajo con mamá y me acuesto a lado de ella. Le gusta ver novelas coreanas y en cuanto voy con ella me comienza a contar de qué va toda la historia. Yo jamás he logrado resumir tan bien algo en tan solo cinco minutos, la veo sin ver, porque disfruto más el acto de amor que siento en ese momento, disfruto más ver a mi mamá. Voy por un postre, hay bolillo y cajeta, el azúcar me levanta el ánimo, hago la mitad y vuelvo a sentarme con mamá, me dice: “Dame una mordida”. Y se come la mitad, nos reímos, “ándale hija ve por otro”, se limpia la cajeta de los bordes de su labio. Yo no sé qué tan complejos sean los sentimientos, pero estos actos son para mi el único soporte cuando siento que caigo. No entiendo nada de la novela coreana, es tan cursi. Mi mamá confunde Corea, Japón y China; siempre intercambia uno por otro. Antier me dijo: “Algún día de aniversario de bodas tú papá y yo nos vamos a ir a China y no los vamos a llevar porque son ustedes o nosotros, y ya nos toca.”. Pero, hoy me expuso muy segura: “Vas a ver como un día ahí voy a estar en Japón con tu papá.”. Resulta que la novela era de Seul, Corea, pero ella me contesta: –“Es lo mismo hija, es lo mismo.”. Seguimos viendo la novela.

Me subo a mi cuarto e intento hacer rutinas de ejercicio en youtube, no se si funcionan, pero al menos dejo de pensar en encontrar un trabajo, en hacer la tesis, en buscar becas, en la relación que murió antes de estabilizarse y dejo de ver las noticias. Por un momento me olvido de todo y luego se confunden las gotas de lágrimas con las del sudor. Me depuro completamente. Me veo al espejo, es un acto raro verme tan cansada, el estrés cada vez hace que se me caiga más cabello, que me salga más acné y que las ojeras se

remarquen más, entonces en un acto revolucionario me susurro “todo va a estar bien”. La verdad no sé si todo va a estar bien porque no te entiendo COVID, de repente te alejas y pasamos a semáforo naranja y luego vuelves más fuerte y te llevas a más, los noticieros ahora me dan más miedo que las películas de terror. Hace tiempo vi cómo la gente en Ecuador te tenía tantísimo horror que dejaba botada a su familia por las calles, los hospitales no daban, el dinero no alcanzaba y el terror se desbordaba. Pensé que pasaría si México hace eso, que pasaría si me llegará a carcomer tanto el miedo y el terror que olvidaría el amor por mis seres queridos, que de repente solo me quisiera salvar a mi, o que tuviera que pensar: es recoger a mi papá o proteger a mi hija. Pensé y pensé, ya no quiero.

Sé que esta carta no la esperabas totalmente, crees que nadie te puede enfrentar, pero a lo mejor ni siquiera haga falta salir para decirte unas cuantas verdades, para hablarte de frente a través de palabras, para que te toques el corazón y abras bien los ojos. Nos estás destruyendo por distintos motivos, estás acabando con nosotros. Les que quedamos le lloramos a les que se han ido, vivimos preocupados, queremos estar bien, ¿qué es estar bien? Antes tampoco lo estábamos, ¿o sí? Quiero abrazar hasta que mis brazos se queden en la otra persona, quiero que no te lleves a les abuelitos de mis amigas porque entonces me recuerdas al cáncer que se llevo a les mías, quiero que no nos des más lecciones porque han sido tantas en un corto plazo, quiero que te vayas porque nadie puede dormir bien, quiero ir al mercado por fruta y poder agarrar un durazno y dejarlo si no está maduro, quiero tardarme una hora en el pasillo de té del supermercado para escoger sabiamente mi opción, elegir entre una caja de té rico o tres cajas de té pasable para al fin decidir que si no compro jamón me puedo llevar dos cajas de té rico. Quiero salir con mi mamá a comprarnos rebanadas de pastel e intercambiar pedazos, quiero que mi vecina me venga a ver para preguntarme cómo estoy y que se quede chismeándome de les otros vecines aunque yo no les conozco, ¿qué me contará ahora que han pasado más de cuatro meses que no he ido a mi casa?

Los días ahora se entrecruzan, pienso que el domingo ha perdido su goce y que el lunes ya no es tan odiado, pero yo distingo los lunes porque es cuando sale el horóscopo y a veces lo leo para ver si ya voy a encontrar trabajo, o para confirmar que les géminis son muy inteligentes y de esa manera subirme un poquito el ánimo. A lo mejor eso también tiene su encanto, no esperar por el fin de semana, ni correr del lunes, no medir más al tiempo.

Es paradójico lo que ocasionas COVID, ocasionas unión y desunión, rayitos de felicidad y huracanes de soledad, sentirse lejos de alguien, pero sentirse cerca a la vez; ocasionas esperanza, pero también resignación. No encuentro intermedios en ti, te vas de un lado a otro, como yo, tal vez solo en eso

coincidamos, en que no encontramos intermedios, no sé que tan bueno es eso, muchos me dicen intensa, que no sé escuchar. Pues tal vez deberían de decirte lo mismo a ti. Egoísta.

Ahora que te escribo esto en verdad te visualizo como una persona cegada por el poder, tal vez eres amigo de los políticos. A veces te haces pasar por amable, como con esa conocida a la que solo le sacaste un susto, llegaste, la molestaste, y te fuiste, pero luego sacas tus colmillos y muerdes fuerte como a mi tío Luis que le llegaste quién sabe por dónde, él dice que seguro venías en las hamburguesas que pidieron a domicilio. Mi mamá le habló por teléfono y él se puso a llorar, su esposa estaba tan mal, y por minutos solo se escuchaban aspiraciones para tratar de controlar el chillido y de repente tosidos que deshacían su garganta. No sé si darte las gracias porque los salvaste o mejor no decirte nada porque igual ya te has llevado a muchos. Sergio un gran amigo de mi papá murió por tu culpa, estaba joven, nos dio clases en secundaria de matemáticas, mi papá lo quiere mucho, también lloró y se puso triste, a ver ¿por qué no le envías tú una carta explicándole tu decisión?, ¿Cómo escoges los cuerpos, las almas? ¿Cómo eliges en dónde residir y destrozar? Vas por ahí y por acá invisible, y cómo dañas carajo.

Hoy me despertaron las campanadas de la Iglesia del pueblo, las doblaron, eso anuncia un adiós, una muerte más. Don Beto, el señor de los helados se murió, mamá me contó hoy en la comida, tenía diabetes pero que nadie sabía realmente de que había muerto. Entre mi pensé que segurito tú te lo llevaste porque chequé los datos y en el municipio ya hay 100 casos, seguro nuestra comunidad tiene varios por ser la comunidad más grande y más cerca de Pedro Escobedo. Se me vino a la mente cuando íbamos a casa de don Beto a comprar helados de niñas mi hermana y yo; se despachaba por una ventana, de vez en cuando echaba el ojo a través de ella y veía los enormes congeladores llenos del producto bendito. Mi favorito era el de chicle, don Beto, que en paz descansa (que raro es decir esto y más escribirlo al causante de su muerte), tenía una receta mágica para hacer el de chicle, aunque mi hermana compraba el de galleta, yo siempre pensé que el de chicle era el mejor de todos. Pero definitivamente, los de agua eran nuestra debilidad compartida, don Beto casi no tenía variedad, pero como heladero profesional, siempre hacía de limón. La moneda de 5 pesos dada por mamá era la anunciación de la felicidad, una para mi

hermana y otra para mí. El azúcar nos ponía felices y parecía como si el mundo se detuviera en cada lengüetazo que le dábamos al helado, éramos solo el helado y nosotras. Don Beto hacía magia y de pronto ya no está. Seguro no sabías eso al llevártelo.

Me despediré pronto de ti sin esperar encontrarte, creo que te he expuesto lo más relevante. Te he dicho que espero, pronto te vayas, ya sin siquiera buscar entenderte, las vacunas pronto te matarán, no sobrevivirás mucho más, no lo tomes como venganza, tómallo como sobrevivencia, que de esa ya nos has enseñado mucho. No sé exactamente si decirte adiós y luego hasta nunca, no sé bien cómo acabar esta carta, ahora siento que yo he sido dura ¿tendrás tú la culpa de todo? Trataré de endulzar un poco la tristeza no con bolillo y cajeta, pero con algo muy parecido para despedirme de ti.

Te confieso que hacía años no me quedaba con mis padres por más de un mes, había olvidado las maravillas de la presencia de mi mamá para un corazón roto y que la sopa aguada me cae mejor que el ibuprofeno. Había olvidado lo que era tener un jardín, no recordaba a mi papá sembrando, ni disfrutaba tanto pequeños actos como los más grandes actos de amor, había olvidado el olor de las plantas recién regadas y el confort de saber que solo abriendo la puerta de mi cuarto tenía quién me limpiara las lágrimas. Las peleas sí que las recordaba, imagínate después de cuatro años sin pasar más de un mes con mi familia era evidente que las habría, pero esas no son tan importantes. A pesar de tenerte siempre rodeándonos, de haber incrementado mi inestabilidad, de saber que la depresión de egresados es real, de vivir en la incertidumbre; acá seguimos juntas, viviéndonos, muriéndonos, renovándonos, haciendo cambio de piel, utilizando lágrimas para hidratar, y dándonos de vez en cuando un beso activista para tranquilizarnos entre llantos. A lo mejor esa es la única manera de sobrevivir contigo cerca, sintiéndonos completamente, incluyendo los miedos, especialmente ese pavor extraño de que en cualquier momento llegues a invadirnos de sopetón, incluyendo el duelo por los que ya te llevaste, incluyendo la tristeza y los días en los que nos es imposible salir de la cama, a lo mejor la única salvación sea sentirnos sin ninguna prohibición y yo, ¡yo tengo miedo!

-

Escuchatorio de sueños

Bitácora para navegar el misterio onírico, un refugio replicable de una comunidad soñante fuera de sí

3 de junio

Quizá todo comenzó con la grabación del sonido de una tormenta en Quito, cuando G, después de más de ochenta días de confinamiento, decidió salir a caminar por primera vez. Se quedó escuchando el granizo debajo de un portón. Pero no era un mes de agua, sino de sequedad y viento. Tomó una fotografía de las gotas y nos preguntó: ¿Será enigma o señal? No supimos separar una palabra de la otra. ¿Y si hacemos una colección de enigmas y señales? - preguntó. Después llegó a su casa y un objeto se rompió inexplicablemente. Dos días más tarde, haríamos el primer registro de un sueño al despertar.

Al principio de la pandemia, nos reunimos para acompañarnos como un grupo de lectura semanal (el club del destiempo). Con los días hicimos un **compost (*)**¹ <https://soundcloud.com/user-917946257/> compost de autoras, conceptos e ideas, que continúan su proceso de fermentación en nosotras, ahora también en el campo experimental onírico: Paul B. Preciado, Suely Rolnik, Marina Garcés, Silvia Rivera Cusicanqui, Cristina Rivera Garza, Rebecca Solnit, Donna Haraway, Ocean Vuong. Pero fue con la lectura de los trabajos de campo de la escritora bielorrusa Svetlana Alexiévich que nos detuvimos en la implicación-afectación del acto de escuchar, la escucha activa del saber de los cuerpos y las cualidades íntimas de la narración oral. En un gesto de introspección colectiva, pulsada también por el contexto pandémico, enfocamos intuitivamente esta potencia cuidadosa y atenta hacia el curso de nuestros sueños.

1 de septiembre/ Mi cuerpo-oreja

F: Las escucho desde mi cuerpo-oreja en esta posición y me deja una sensación de tranquilidad, me descubro a mí misma mientras me voy con ustedes y nos cuidamos. La escucha de la **luz-calma** (*) <https://soundcloud.com/user-917946257/luz-calma>. Una escucha muy del presente, del instante, como la vibración presente de los sueños. Aunque hay algo que permanece y se instaura en el cuerpo-oreja. Nos hemos vuelto maestras para nosotras mismas de una sensibilidad distinta, la escucha en la escuela del misterio.

Hemos devenido, a manera de consuelo emergente, un escuchatorio espontáneo de sueños. Llevamos ya más de cuatro meses socializándolos entre nosotras, a través de transmisiones registradas en el instante inmediato que sigue al despertar: un **umbral** (**) que nos abre a un momento de máxima vulnerabilidad en el que se derrumban los límites de nuestro conocimiento, se desconcierta la razón y se desvanece la temporalidad causal con la que solemos ordenar el mundo. Lo que acontece en nuestra vida recién despierta es una zona de indeterminación que crea desencuentros y reconocimientos entre nuestro cuerpo de la vigilia y nuestro cuerpo que sueña. En el umbral observamos los pequeños gestos que crean una suerte de **poética del cuerpo soñante** (**). Nos dejamos llevar por la sensación de imposibilidad narrativa que deja la delicadeza radical de la memoria del sueño.

6 de julio/ Diente de león (*) <https://soundcloud.com/user-917946257/diente-de-leon>

F encuentra un campo de dientes de león en su jardín. Adoptamos la planta como una compañera que da nombre y materia a esta sensación del estado inaprensible del sueño. Diente de león, achicoria amarga, considerada como mala hierba, hierba adventicia, sus hojas se consumen en ensalada y se le atribuyen propiedades medicinales. Se parece también a la mimosa púdica, mimosa sensitiva, vergonzosa, no metoques, moriviví, adormidera, fácilmente distinguible por su reacción al tacto, desarrollada como defensa ante los depredadores. Sentimos

que nuestros sueños tienen también una energía inconstante, adventicia (**). Tal vez el sueño es una complacencia en la fugacidad y la bella potencia del instante. Reacciona difuminándose ante el tiempo intempestivo de la vigilia y esa temporalidad tan suya, llena de fragilidad, nos parece cada vez más una medicina entregada por dosis a lo largo de las noches de la vida. G guardará dos dientes de león en una botella de vidrio (**caja-sueño-objeto****) <https://soundcloud.com/user-917946257/piel-de-lagartija>) y acechará a través de la transparencia la sutil resistencia.

Los sueños de las demás cubren nuestro no-sueño: nos apropiamos de los sueños colectivamente. Así hacemos comunidad también, porque escuchar la vulnerabilidad de las demás trabaja en el silencio singular: cuando alguien ha tenido insomnio, cuando olvida, cuando las emociones de la vigilia opacan el recuerdo de la noche, el posible sueño sin imágenes se ve cubierto, abrazado por las imágenes del sueño de las otras. Y en este hábito soñante de contar-escuchar en el primer instante, hay algo de nosotras que siempre aparece en el sueño ajeno aunque no sea de forma visible, como en una red cuidadosa de la **sobrevida**** onírica. Cada mañana habrá entonces tres posesiones de cada sueño recordado, como si pudiera existir con una morfología diversa tres veces.

La comunidad aparece ahí donde el individuo es puesto fuera de sí, de sus límites. Soñar es estar fuera de sí, soñar como práctica **extra-vagante** (**|*) <https://soundcloud.com/user-917946257/extravagar>, y a la vez creadora de una **comunidad fuera de sí** (**) al estar fuera de nosotras.

19 de agosto/ Proteger niñas

S: Estoy en un restaurante, sueño con una niña que tiene un ataque de ansiedad, que se retuerce en el suelo y nos grita todos nuestros defectos. No la soportamos. Pero me detengo. Me aparto de la inercia del sueño y veo a fondo a esa niña. Siento compasión. Veo su abandono. La tomo entre mis brazos y se transforma, se calma, respira, hay en sus ojos dolor. Le pregunto que

*qué tiene y me dice que hambre. Les digo a los demás que la niña lleva horas sin comer, que tenemos que cuidarla. Me implico con ella, la sostengo en mi propio cuerpo. Después de esto, soñaré varias noches que me dedico a proteger niñas de diferentes peligros. Me pregunto si en esta súbita metamorfosis del malestar hay un saber que me ha dejado el sueño. ¿Cuál será el **saber del sueño (**)**?*

Percibimos que, como decía Gastón Bachelard², “el espacio del sueño es todo menos quietud, cualquier cosa menos reposo”, quizá su revolución sensible esté en demostrar que no es sinónimo de inacción, su significado macropolítico invade la palabra de un halo inalcanzable, de un estado distante y separado de la realidad social. Sin embargo, al convertir la socialización del sueño en una práctica cotidiana, se nos ha revelado como una amplitud de la conciencia que nos lleva a conectar con otras potencias vulnerables e ilimitadas de nuestra vida. Se abre un portal hacia procesos internos subyacentes (como si pensáramos geológicamente nuestra composición) procesos muy profundos que se liberan de muchas capas y se revelan en estos accesos. Como sugeriría Suely Rolnik: **sospechas (**)**. Exhibir estos portales sacude las formas del ser y es capaz de proponernos otras conexiones en el destiempo sonoro de la escucha. Vemos cómo socializar el sueño incide en la transformación de nuestra presencia, de nuestro estar atentas, fragilizándonos no desde la debilidad, sino desde una nueva fuerza, una sensibilidad otra que proviene de lo más íntimo que tenemos y que se extiende igualmente al tacto con el que nos relacionamos con los y las demás. ¿Cómo integrar la **sensibilidad soñante (**)** cual impulsora del deseo en la vigilia para inventar nuevas formas de estar el mundo? ¿Cómo descubrir las otras mediaciones a las que nos abre pulsadas desde su fragilidad y enfocadas en los pequeños actos? ¿Cómo se compenetra el saber del sueño con el saber del cuerpo?

15 de junio/ La indistinción

*A veces, nos sentimos ubicuas en el sueño, indistintas. Como si acuerpáramos todos sus signos y nos hiciéramos un manto envolvente con él. F despertó sintiendo la sensación de otra persona, era ese otro cuerpo a la vez que el suyo. Tiene una mirada total que va de adentro hacia afuera. S ve lo que mira su madre en el paisaje del sueño, aunque la madre no está, interioriza sus ojos y a la vez se ve a ella misma mirando en un infinito ocular donde no hay fronteras de un ser a otro. G se da cuenta cómo algunas plantas se despegan de su raíz, se sueltan espinas de un cactus que le llenan el rostro, toda la piel. Siente mucho dolor y despierta así, con ese dolor puntiagudo en el cuerpo. Habrá días en los que no recordaremos las imágenes del sueño pero nos quedaremos con sus sensaciones atravesadas muy adentro, ellas son la **evidencia (**)** de que sí hemos soñado. ¿En qué se transforman los sueños que se desvanecen, en qué parte de nuestro cuerpo se quedan? Puede ser que lo incapturable del sueño esté hablando por nosotras a través de la piel, no hay imagen pero sí memoria. Luego vendrán algunos paisajes, los contornos que no se fueron, una sucesión tenue, tensa, que se precipita hacia la respiración de una palabra que se reconozca en la contundencia de la huella.*

Percibimos que el sueño es un laboratorio metamórfico de emociones soterradas. Ahí hemos llorado desconsoladamente situaciones que hemos vivido y que no hemos vivido en la vigilia. Hemos abrazado gente de la que nos habíamos distanciado por afectos encontrados o por fallecimientos. Abrazar una memoria herida en el sueño, quizá también sea abrazarla en la vida despierta. Y al abrir los ojos, algo en cierto modo se recompone, se reconstruye y deja una constancia sensitiva en el cuerpo. El sueño es una especie de espacio reconciliatorio con vivos y muertos, nos dejamos trenzar en un inconsciente colectivo afectivo soñante que libera los esquemas de las finitudes. En el transcurso de nuestro escuchatorio, aparecerá en el compost un *Manifiesto del sueño* que adoptaremos como una intensidad refleja, “firmado desde las neblinas del sueño” por *Las Soñantes*, y en donde vibraremos con algunos de sus puntos

desde lugares experienciales propios. Dicen: “Soñar es una de las pocas experiencias que quedan donde nos abandonamos a un estado de pura vulnerabilidad, lo cual significa reconocer nuestra dependencia del descanso y de los otros. La ontología del cuerpo se vuelve así una ontología social. Soñar, de esta forma, se puede convertir en una manera de reparar nuestros vínculos.³”. Creemos en el sueño como esta posibilidad reparadora, que podría volver a recuperar un lugar psico-social que ha perdido. Como si dentro de nosotras habitara otra especie casi invisible de nosotras mismas. Acostumbradas ya a escuchar nuestra **voz-sueño** que se entona por el ritmo de los bostezos, en ocasiones nos sentimos unas desconocidas cuando escuchamos nuestra voz de la vigilia. ¿Cómo aunar especies? La voz-sueño nos delata.

22 de junio / Cantos nocturnos

F. Despierto con un dolor en la garganta, pienso que ese dolor es por haber roncado en la noche, pienso en esos ronquidos como si fueran cantos nocturnos, cantos de la inconsciencia del cuerpo dormido, sumergido en la profundidad. Ahora siento que es mi garganta donde se gestan mis sueños y que esos cantos son la reacción de mis sueños que se están llevando a cabo ahí, recorren lentamente hacia mi lengua y por eso siento que muchas veces tengo mi sueño en la punta de la lengua, a punto de ser nombrado.

El sueño es también un elemento espaciador de la memoria: funciona como un **archivo** aleatorio, incommensurable, atemporal, que obedece a una rítmica de las cosas perdidas que retornan desde su **fondo abisal (*)** <https://soundcloud.com/user-917946257/fondo-abisal> a manera de **emulsiones oníricas (**)**. Objetos queridos de la infancia, casas pretéritas que siempre vuelven (esas que cuando éramos niños, se volvían un campo de juegos, transfigurándose en otro espacio, como les sucede en los sueños), amigos y conocidos de otras épocas, imágenes y detalles extraviados en la vastedad del tiempo, **espacios aglutinantes (**)** de arquitecturas vividas (el urbanismo propio del sueño), etc. ¿A dónde se va lo que olvidamos? Tal vez el olvido no exista y aquello que pensamos olvidar y

aquello que nos obligan a olvidar permanezca en un archivo incorpóreo del inconsciente colectivo. ¿Y si el olvido no existe por qué se transforma en sueño, en remanente extraviado que vuelve por la noche? ¿Qué decidimos olvidar? ¿Qué no decidimos olvidar pero igualmente desaparece y con el tiempo forja repentinamente una aparición nocturna? ¿A dónde se van los fragmentos de la ciudad que vemos a cada segundo? ¿Los rostros? ¿Serán ellos los que después vuelven en nuestros sueños? Tal vez al caminar construimos el paisaje de nuestros futuros sueños, en donde también se manifiesta lo que decidimos no ver. ¿A dónde se van todos los sueños que se pierden cada segundo en el mundo? ¿En qué se transforma toda esa materia psíquica olvidada que construye soterradamente la historia, nuestra historia? El archivo del sueño puede ser también una zona de indeterminación donde las eras vuelven o se van. Donde se revelan.

20 de agosto/ Sueño con mamuts

G. El mamut estaba en el segundo piso de la casa de mi abuela. Se sale de ahí con calma y lo veo correr por la playa. Nos llevan a ver más mamuts en un edificio. En el patio había dos muy pequeños y muy tristes. Recuerdo sus colmillos. Me despierto con la sensación de estar vinculada a una memoria ancestral, un archivo inconsciente colectivo, que va más allá de mí.

Por otro lado, muchos de nuestros registros son imposibilidades, arqueologías de las reminiscencias (sensaciones del diente de león en el lenguaje intocable del sueño). Nos preguntamos si la práctica del soñante es una práctica de la memoria, **una práctica-atrapasueños (**|*)** <https://soundcloud.com/user-917946257/atrapasuenos>. Sentimos que al traducir el sueño al lenguaje de la vigilia hay una cierta pérdida, una fuga de algo que desconocemos y nos habita como sensación vital. Por ello, el escuchatorio deviene por momentos una reconstrucción en tiempo real del misterio y asistimos a un acto performativo de esa acción: hacer visible esa imposibilidad de los sueños replegados en sí mismos.

1 de julio/ Mi sueño que se convirtió en lágrima

F. Siento que mi sueño se hubiera acurrucado en mis ojos, mis ojos son un nido de sueños, no quieren abrirse, están como en posición fetal cada uno. Escucho el sonido de un camión que se aleja, siento también como mi sueño se desvanece, se empieza a deshacer en mis ojos. Se convirtieron en agua, en lágrima, una lágrima que sale por mi ojo derecho, recorre mi cara, hasta llegar a la almohada. Y mi otro sueño que se convirtió en lágrima está detenido entre mi ojo y la nariz.

Pensamos que darse tiempo para registrar el sueño, atender al instante de fuga y aposento sensitivo de las imágenes internas nos potencia desde la fragilidad. Y puede ser un refugio replicable, un espacio de contención de la vulnerabilidad colectiva que recupera a su vez un saber ancestral. ¿Por qué no nos educaron en el mundo de los sueños, por qué ignoramos este tercio de nuestra vida? ¿Nuestros abuelos, padres y madres, pasaban inadvertidos sus sueños? ¿Por qué en otro tipo de sociedades los sueños eran (y son) tan trascendentes y se les cultivaba como escuela de la revelación? Cuidar los sueños es un acto de resistencia a la colonización del cuerpo, “descolonizar el inconsciente”, como dice Rolnik, pasa también por ser capaces de recordar y socializar la vulnerabilidad de nuestros sueños, integrando su saber a nuestra vida cotidiana.

28 de junio/ Correspondencias

F sueña que estamos las tres en un desierto, ahí nos dedicamos a hablar de la etimología de las palabras en los cráteres lunares de la arena. Mientras soñaba, **S**, quien se encuentra en un país extranjero a siete horas de diferencia, camina realmente en el desierto de Las Bardenas donde ve pasar un jabalí. **F** despierta y registra su sueño, **S** lo escuchará como si pisará la arena del desierto onírico de **F** y registra los pasos que se hunden y el sonido del viento llamado “Cierzo” que parece que se lleva las etimologías soñadas en el aire. **F** al escuchar la rumoración de la vigilia, llorará intensamente el 29 de junio, un desbordamiento de emoción inefable, graba su llanto como prueba de las correspondencias

que nos sobreviven entre dimensiones. Habrá días en las que ninguna de las tres soñaremos y entonces sólo nos mandaremos fotografías de nuestras camas-guaridas, habrá sueños en donde soñaremos que estamos registrando lo que soñamos, o donde soñamos lo que escuchamos que la otra soñó (como la vez en donde una soñó que se besaba con Nina Simone y al día siguiente la otra siguió en su sueño alargando ese beso). Algunas tendremos llantos furtivos casi la misma noche por la densidad de lo soñado, mientras la otra llora sin saber por qué a lo largo del día. En otra fecha las tres acompañaremos sin querer nuestro sudor por fiebre, por pesadilla, por intensidad. Y más de una vez nos llevaremos una sorpresa de aquello que sucede cuando sueñas con alguien y decides contárselo por más lejana que esta persona sea. El 4 de octubre (durante la noche que une el cumpleaños consecutivo de **G** y **F**), **S** soñará que la comunidad soñante escribe y despliega este texto como un gran periódico mural sobre el suelo de una vieja cancha de básquetbol.

Señalética para navegantes del misterio onírico

Comunidad soñante: Comunidad fuera de sí que comparte un ejercicio de escucha-activa en el umbral (*) <https://soundcloud.com/user-917946257/umbral> entre el sueño y la vigilia.

Umbral: ¿Dónde estamos? ¿Desde dónde emitimos este registro?

Poética del cuerpo soñante: Aquí volvemos a Spinoza, a su pregunta, ¿qué puede un cuerpo? ¿Qué puede un cuerpo cuando sueña? ¿Qué pueden esos otros cuerpos que nos hablan, que nos miran, que nos afectan en los sueños? ¿Cuáles son las marcas que dejan en la vigilia? ¿Qué revela el cuerpo que sueña? ¿Cuál es su lenguaje? ¿Cómo es su risa? ¿Su llanto? ¿Cómo son los sonidos que emite o registra? ¿Cómo atrapa la memoria de la vivencia onírica? ¿Qué son los bostezos en el umbral entre el sueño y la vigilia? Existe una zona de **sensibilidad soñante** en la que un cuerpo desafía la narración.

Voz-sueño: La escucha activará el extrañamiento con otra voz de nosotras mismas, como si el cuerpo soñante fuese una interespecie que nos extraña y en la que, también, nos reconocemos.

Espacios aglutinantes: Espacios caracterizados por las densidades de muchas realidades colapsando juntas. Lugares que amalgaman, que condensan espacios no georeferenciados. En los aglutinadores de nuestros sueños existen pliegues, capas en las que se crea una especie de fibrosis del sueño que imposibilita cualquier esfuerzo por separarlos, por desencajarlos, por diseccionarlos. El espacio aglutinante de los sueños es un espacio que flota y tiene su propio funcionamiento. Cuando soñamos nos entregamos a estos aglutinadores y los recorremos como una parte de otra forma de ser en el mundo. A veces el espacio-cuerpo nuestro o de esos otros cuerpos que nos acompañan también parece aglutinar otras formas de configurar el mundo. ¿Dónde estamos? ¿Qué somos? ¿Quiénes son? Alguna vez soñamos con una amiga con cabeza de fonógrafo que es también una flor.

Sobrevida: Encontramos en la voz de Ida Vitale una plegaria a la noche: “dame, noche, verdad / para mí sola, / tiempo para mí sola, / sobrevida.”.

Saber del sueño: Un tercio de nuestras vidas discurre entre las densidades y el extrañamiento del mundo onírico, ¿qué preguntas nos devuelve? ¿Cómo navegamos sus misterios?

Saber del cuerpo soñante: En los sueños vivimos cosas que se impregnan en nuestro cuerpo con la misma fuerza que las experiencias en la vigilia. El saber del cuerpo soñante comprende esos registros en los que extendemos la potencia de nuestro propio cuerpo. Cuando despertamos no somos las mismas, hay un desplazamiento que por más mínimo que sea nos instala la sospecha como evidencia.

Archivo del sueño

Sospechas: magnetismos del sueño en la vigilia. Serie de sensaciones que surgen como presencias o enigmas.

Evidencias del sueño: la huella molecular de lo que se desvanece cuando abrimos los ojos. Materialidad de lo que intentamos atrapar.

Caja-sueño-objeto: contenedor de materialidades, evidencias matéricas, remanentes relacionados con los sueños. Depositario de colecciones oníricas.

Adventicia: porque la experiencia del sueño se nos presenta inasible, irrecuperable en su totalidad, indómita.

Emulsiones oníricas: laboratorio de imágenes que vuelven y que revelan momentáneamente, casi como fulgor, nuestras vivencias en la sobrevida.

Prácticas del sueño

Práctica extra-vagante: La palabra extravagante viene del latín, del participio de presente *extravagans*, *extravagantis*, del verbo *extravagari* (errar o vagabundear fuera de los límites). Hay una sociedad otra del sueño. La comunidad fuera de sí tiene como figura refleja una sociedad nocturna de sí misma. ¿Hacia dónde nos desplazamos? ¿Y cómo vivimos ese desplazamiento en la vigilia?

Práctica-atrapasueños: Registramos lo que recordamos de la vivencia del sueño en el umbral. ¿Es el acto de recordar el sueño mismo? ¿Cuál es realmente la práctica soñante? ¿Es una práctica de registro de vivencias en la memoria? ¿De sospechas en el cuerpo? ¿Qué logra atrapar el lenguaje para hacer el saber del sueño transmisible y compartible en este refugio? El diente de león vuelve como imagen, intentamos asir algo que se desvanece apenas lo rozamos.

•

Notas

1. De aquí en adelante: (*) indica términos que son parte de una señalética sonora adjunta a esta bitácora y (**) de una señalética a manera de glosario al final de este texto. Algunos términos forman parte de las dos señaléticas.

2. BACHELARD, Gastón apud SIRUELA, Jacobo. *El mundo bajo los párpados*. Atalanta: España, 2016, p.140.

3. LAS SOÑANTES. Manifiesto del Sueño. Propuesta para una sociedad que duerme. *In: La Tempestad*, v. 21, n.153, abr./may. 2020, p. 64-71.

Relatos de Lilia Muñoz Ávalos para Isaac Olvera

Cuando decidí viajar alejado de la familia y me instalé para vivir en Inglaterra por una temporada, una tía que cuidó de mí desde pequeño, Lilia, comenzó a escribirme historias por correo electrónico relatando su vida. Decía ella para cuidarme y no olvidar los lazos con el lugar del que provengo.

Durante la infancia me dejaba peinarla en su recámara, hasta caer dormido en sus sábanas de algodón con tira bordada que ella manufacturaba en un taller que instaló con un socio, después de haber trabajado por varios años en una fábrica de maletas. Nunca supe mucho de su infancia hasta leer estas historias. El llanto que me provocan cada vez que las leo se asemeja al hilo de Ariadna para regresar, al menos desde las emociones, al lugar en el que me sentí arropado. A menudo me quedaba a dormir con ella, en una cama deliciosa.

En los meses que permanecimos confinados volví a esas historias. Lo necesitaba y las traté de editar cuidando su voz, ayudado de los consejos del equipo editorial de esta publicación, en reconocimiento a su habilidad con la narrativa.

Aquí reunidas aparecen cuatro que le hacen un retrato. Ella las titula como aparecen. Hay muchas otras, que hablan de otros familiares y amistades, pero considero que la extensión de las cuatro historias construyen una imagen de Lilia que como ella dice, “quizá muchas niñas de mi edad vivieron también”.

En la actualidad Lilia vive en la casa materna, acompañada por una de sus hermanas. Ella está de acuerdo y le anima que se publiquen sus historias.

Sepultura

20 de agosto de 2011

Hoy fue sepultado el tío Domingo, hermano de tu abuelo el que vivía en San Felipe. Tenía noventa y cuatro años. Fui a su velorio y a su misa de entierro... Lo sepultaron de la manera más desordenada y mira que nosotros estuvimos desorganizados cuando tu abuelo murió... Pero ellos peor.

El tío fue sepultado en la cripta de sus cuñados, quesque con su esposa que falleció hace once años. Sus hijos no sabían en cuál espacio estaba su madre y tuvieron que sacar restos de otros difuntos, para meter al tío Domingo junto con quien sabe quién de sus cuñados... Aunque en el discurso final presumían que estaba con su mamá... Fue un gran desorden y falta de respeto para los difuntos que estaban en aquella cripta... Los sacaron en una bolsa y los echaron en el pasillo donde estábamos todos los dolientes, pisoteando los restos de quienes estaban tranquilamente reposando mientras metían al tío Domingo. Me pareció patético. Después de colocarlo... ahí van de regreso las bolsas rotas con los restos de los cadáveres. Las bolsas se iban desbaratando cuando las jalaron dejando ver pellejos, pelos y derramándose un líquido baboso y apestoso. Qué cochinos. Y pensar que la tía Lucha, mi prima Ángeles y yo estábamos como a tres pasos de esas bolsas... Me estaba dando dolor de cabeza y pensé que era por el calor, que estaba muy fuerte, cuando me di cuenta que era por los restos humanos semipodridos. Guácala, guácala, tenía ganas de vomitar cuando me di cuenta. Al regresar a casa mastiqué unas hojas de ruda para el mal de aire (más bien eran sustancias químicas y gases que detecta el cuerpo humano y que hacen daño al sistema respiratorio)... Qué mala onda. Al ver esto refuerzo mi deseo de ser cremada. Imagínate si dentro de diez o quince años, posterior a mi muerte, sacan mis restos para apretujar a otro. ¡Y todavía que me estén pisoteando! Qué asco. En fin mijo, espero no estés comiendo. Y todavía ¿qué crees? Para que los hijos del tío Domingo puedan visitarlo le deben pedir la llave a sus primos... Mi tío no tiene sepulcro propio... En eso tu papá les ganó, nosotros ya tenemos nuestro lugarcito. Se ganó el cielo.

Loreto

11 de noviembre de 2013

Hola mijo, esta vez le toca a tu bisabuela... Sí, a Loreto, solo lo que puedo recordar.

Pues bien era una señora campesina, medio indígena y sin pedigree. Terca cómo mula y nada hacendosa, le valía madre su familia. Mientras fue casada con mi abuelo era una mujer que cumplía con sus deberes, pero al momento de enviudar se volvió un desmadre, desobligada con sus hijos y su casa. Su forma de vivir era cuidar a sus animales que llevaba a pastar al cerro. Salía desde el amanecer hasta media tarde y tu abuelo Santiago y la tía Lucha (alias la Lucas) eran sus hijos los más chicos de dieciséis hermanos. Murieron siete y le quedaron nueve, pues eran tiempos difíciles con la epidemia de gripe, la Revolución y rapiña, y no había qué comer. Eso la volvió dura como una torta de agua puesta al sol... No cocinaba, no lavaba ni aseaba su casa, no atendía a sus pequeños hijos. Tu abuelo estaba piojoso y se quejaba dolorosamente del abandono maternal. Decía que solo comía una tortilla dura con sal y una taza de té, y si quería más alimento salía a las barrancas a juntar gusanos de maguey o gusanos de una planta de hojas livianas, que los ahogaba con agua. Rellenaba los troncos de la planta y así salían. A los chapulines los juntaba en una cubeta con agua. Cuando regresaba, la abuela prendía una fogata y en tres piedras ponía un comal de barro y tostaba los gusanos, al mismo tiempo que hacía tortillas moliendo el nixtamal en el metate. Tortilla y gusanos tostados esa era su comida del día... Así pasó su infancia, yendo a la escuela cuando quería, y a juntar comida? Eso me contaba tu abuelo... Pero, lo que yo vi fue a una viejita arrugada, morena, a veces trenzada o despeinada, apestando a humo y mugre, con enaguas al vuelo, zapatos viejos, sombrero amarillento y una vara con chicote en la mano. Cuidaba a mis primos, hijos del tío Guadalupe, que fueron abandonados por su madre más de un año. Quesque se fue a trabajar a México y dejó a su marido con sus hijos, que eran como siete. La abuela les cocinaba lo que podía: ollas de frijoles y rajas con queso y hierbabuena, el olor aun lo recuerdo. Aunque les hacía creer que era queso, pero en realidad eran calostros de leche cortada, tratados con limón. Hacía también un guiso caldoso con calabazas, elote tierno, chile y hierbabuena. Le echaba esa hierba para que no les diera diarrea, porque imagínate, siete bocas que alimentar. Quesque el tío Guadalupe le daba dinero a la abuela para que le diera de comer a sus hijos, mientras iba a trabajar a la fábrica de obrero. Luego de trabajar iba por sus hijos y la abuela a darle vuelo a la hilacha en la pulquería cerca de su casa, junto con su hija la tía Anita, que estaba decepcionada porque la repudió su marido y la dejó con dos hijos. Se iban a emborrachar madre e hija. Recuerdo haberlas visto zigzagueando por la calle, casi al oscurecer, tropezando y babeando. Mi mamá decía “No las veas, son seres infelices que no tienen quién las quiera. Tú eres diferente, me tienes a mí o a tus abuelos en Tlaxcala. Eres una niña muy querida y feliz”... Y creo por eso no me gusta el alcohol. Además era cierto, estaba siempre muy bien bañada, vestida de algodón blanco como la espuma, con vestidos de tul o pantalones de franela o pique español, de colitas o trencitas adornadas con moños según la vestimenta. Tu abuelo me montaba en la bicicleta y salíamos en las tardes a darle vueltas al pueblo, que era muy chiquito, para que la gente nos viera y dijera que éramos de buen vivir. Eso no les gustaba a mis tíos, pues sus viejas eran bien cochinas y sus hijos estaban grasientos, sin bañar, jiotosos, mugrosos, apestosos de revolcados en tierra y mocudos. Con decirte que a uno de los primos mi abuela Loreto le sacó garrapatas de los oídos... Recuerdo la imagen de un petate en el medio del patio, a medio día cuando el sol cae en línea recta. Ahí acostó a mi

primo el moyo, así le decía su papá, el moyo. Su nombre es René pero era moyo de moyohuilo, pobrecito, le dio polio y su brazo derecho le quedó chiquito y encogido, y su propio padre le puso el moyo. Bueno, tu bisabuela lo acostó y lo inmovilizó montándolo, sus hermanos lo amarraron para que no se moviera y con una punta de maguey le sacaba las garrapatas. Eso le pasó cuando su mamá los dejó para irse quesque a trabajar a México. Dormían en petates y trapos en el suelo, con los perros junto y la abuela les echaba petróleo en sus cabezas para matar las liendres. Mi mamá me prohibía juntarme con ellos. Cuando regresó la tía Esther, así se llamaba su mamá, se los llevó a su casa y nosotros descansamos de tanto chamaco. La tía regresó embarazada y decía que el chamaco era del tío Guadalupe, quien la embarazó un día que la fue a visitar a México, y tenía que aliviarse aquí con su marido. Mi papá dijo que el tío nunca la fue a visitar, que se embarazó de quién sabe quién y se lo enjaretó al tío. La abuela se enojó, pues sabía que el tío no tenía dinero para ir a México y si faltaba al trabajo lo despedían. Pero se aguantó, para que se quedara a cuidar a sus hijos. Luego el tío tuvo un hijo con la señora que iba a ayudar a la tía a hacer tortillas. Ese muchacho se llama Arturo y la madre lo dejó con el tío. Nunca lo recogió. La abuela decía que era venganza del tío porque la tía le había puesto el cuerno y hasta la fecha ese muchacho vive y ha sido desgraciado. Sus medios hermanos, mis primos, lo corrieron de su casa cuando el tío murió, a pesar que le había dejado media casa. Si lo ves es igualito al tío Guadalupe y de repente se parece a tu papá. Mis tíos decían que tu papá se parecía al tío, en fisonomía y morenito. La abuela se enojaba tanto que corría a todos de su casa a cuartazos, incluyendo a mi papá, tu abuelo. Y más si estaba empulcada. Quería mucho a tu papá. Cuando supo que ya teníamos casa nueva lo cargaba en el ayate y se lo llevaba al campo con sus animales, llora y llora, pues nos había corrido de su casa y no había remedio. Mi mamá Chelito se lo dejaba toda la tarde. Cuando se lo devolvían lo bañaba en una tina blanca, con agua bien caliente y alcohol... Después de habernos cambiado de casa tu bisabuela enfermó, también por garrapatas. Cuando la veíamos corríamos alejándonos, porque le salían gusanos de los oídos. Tu abuelo Santiago la llevo al IMSS y la curaron, pero quedo sorda para siempre... Algunas veces venía a visitarnos y mi mamá la recibía con cariño, le daba de desayunar y le obsequiaba un jabón Palmolive. Cuando iba al baño público cada ocho días no salía hasta terminarse el jabón. ¿Te imaginas? Cuántas restregadas se dio. Alguna vez la fuimos a dejar a su casa y la vi ceniza, blancusca de tanto jabón. Se tardaba cuatro o cinco horas dentro del vapor y así pasó el resto de su vida. Mi tía Anita ya había muerto, por el dolor de perder a su hijo y por una operación de bocio de la que no salió bien. Mis primos a quienes cuidó cuando su madre se fue a México, iban de vez en cuando quesque a dormir a su casa. Pero era de vez en cuando. La que dice que cuidó de ella fue la tía Lucas y algo las tías Trina y Columba. Tenía un pinchi genio que nadie aguantaba y murió de obstrucción intestinal, o sea estreñida. Le dolía mucho y si es verdaderamente doloroso. En sus últimos días pidió ver a tu abuelo, pero como estaban peleados tu abuelo no fue a verla y murió sin ver a su hijito. Creo que eso también le dolió a tu abuelo, pero su orgullo era más fuerte que perdonar las acciones que se cometen contra los hijos, sobre todo cuando se lastiman los sentimientos más nobles. Él se sintió rechazado siempre. La abuela fue bien canija, él rencoroso y le llegó su final y tu abuelo tan campante. Esta es la historia. Nada que lamentar ni de qué enorgullecerse. Pero de ahí venimos y nos sirvió de acicate para ser distintos. Por eso mis primos nos han visto siempre con envidia.

La canasta

6 de diciembre de 2013

Algunas veces en la época de mi niñez, más o menos entre los ocho y diez años, tuve que llevarle a mi padre la canasta de comida a la fábrica textil donde trabajaba el primer turno. Todas las esposas de los obreros o sus familiares enviaban la comida en una cesta, con una señora que llevaba muchas comidas a las fábricas en el lomo de un burro. Ella esperaba en el parque de las once a las doce del día y la que no llegaba en esa hora perdía el viaje. Algunas veces la seguí y alcancé por el panteón, o un poco más allá, pero otras de plano me dejó y entonces la llevaba en el camión de quince centavos, dinero que tomaba de un platito que me dejaba tu abuela para comprar el pan. A veces tu padre se robaba el dinero y me tenía que ir a pie o pedirle prestado a la vecina o a la tía Lucas (en el tiempo que la tía nos hablaba). Recuerdo la primera vez que me tocó llevarla, ¡¡¡Santo Cielo!!! ¡¡¡Qué angustia!!! Imagínate, UNA CHAMACA ASI, flaca, chaparra, medio peinada, medio sucia de salpicaduras de comida por la preparación, con sus chanclitas, tímida, mensa y de hablar tembloroso... En ese entonces tu abuela trabajaba de partera y algunas veces me dejaba la responsabilidad de cocinar y llevar la canasta al parque. Ese día no asistí a la escuela... y bueno, tu abuela me dio instrucciones antes de irse... Entonces yo muy salsa empiezo, muelo el jitomate, ajo y cebolla en el metate, todo martajado, enciendo la estufa de hornillas de petróleo y doro la sopa de pasta de almejas con manteca. Se me quema. Le sigo. Echo el jitomate como estaba, bien caliente, todo salpica y apaga la hornilla. Voy con un papel de estraza al altar de la virgen, que estaba arriba de mi cama y en la flama de la veladora prendo el papel. Me bajo corriendo con el papel prendido a la estufa de petróleo, para volverla a encender. Olvidé cerrar la llave y se estaba saliendo el petróleo. Llego con la flama y prendo la hornilla otra vez. Y se prendió, pero toda la estufa y ¿el techo de la cocina era de láminas de cartón? Entonces corro por la cubeta con agua del colador y se la aviento a las flamas. Se apagan. Hay mucho humo, pero yo no me doy cuenta. Abro las puertas para sacar el humo y... sigo cocinando. La hornilla sigue prendida con la sopa. Le echo una pata de pollo para que supiera a pollo, sólo que la patita no la pelé, así la eché con todo y plumas. La sopa estaba color raro, ¿le había caído agua del colador? Sigo cocinando, un huevo revuelto con frijoles, con una cuchara bien grande de manteca y una cebolla morada, pero toda la cebolla y un chile en vinagre con dos rebanadas de zanahorias también en vinagre. Bajo todo de la estufa y en la mesa de la cocina preparo la canasta, en unas ollitas de barro bien bonitas, chiquitas y panzoncitas donde pongo la comida. Tapo con unos platitos miniatura la boca de las ollitas, para que no se salga la comida y me doy cuenta que faltan las tortillas. Agarro una servilleta y voy corriendo al callejón de enfrente, a la casa con doña Eladia, la tortillera que me las daba fiadas. Me da cuatro, sólo para la canasta. Regreso, las envuelvo en una servilleta y las echo a la canasta. Le falta la fruta. Le pongo un plátano, una mandarina y la botella de agua de limón. Casi termino. Estaba sudando y para todo esto faltaban quince minutos para las doce, pero si la verdad empecé como a las diez. Me la pasé jugando. Faltaba taparla, le pongo una servilleta de tela bien bordada a mano de las que hacía tu abuela y la amarro alrededor con una cuerda, de esas que se usan para bailar el trompo... ¡Lista! Me peino y escucho las campanas

del reloj de la iglesia. ¡Las doce! ¡A correr! Le dejo a tu papá las tres niñas, Fabi, Diana y la bebé Violeta. Llego al parque y ¡la canastera se había ido! Pensé, me van a matar si mi papá se queda sin comer. La seguí pero nunca la alcancé. Siempre la vi delante de mí bien lejos, le grité y le grité pero no me hizo caso, o no me escuchó, o se hizo pendeja, porque no era de muy de su agrado tu abuela, lo supe después. La fui siguiendo hasta la fábrica, caminé desde la casa de San Jerónimo hasta la entrada. La vieja llegó primero y yo mucho después. Tu abuelo estaba fúrico, tenía mucha hambre. Llegué con el corazón saliéndome del pecho, pero llegué. Cuando se dio cuenta de todo no me dijo ni media palabra, solo frunció las cejas y se puso a comer. Comía bajo un árbol gigantesco, un fresno con sus raíces por fuera, muy grande, a la entrada de la fábrica. Terminó de comer y me dijo con una voz de trueno: “LA PRÓXIMA VES QUE COCINES LE PONES BUENA SAL Y SI LA VUELVES A QUEMAR TE LA TRAGAS. HA, Y QUE NO TE GANE LA CANASTERA. SEGURAMENTE ESTABAS DE BABOSA Y SE TE FUE EL TIEMPO. ME DEJAS SIN COMER Y CUANDO REGRESE TÚ Y TU MAMÁ ME LA PAGAN...”. Se levantó y me dijo: “Te regresas con la canastera.”. Me dio la espalda y caminó hacia la puerta, lo vi entrar y cerraron. Era el último en llegar. Recogí todo y me quede sentada admirando esos árboles gigantes, y sí eran gigantes, nunca he visto otros. Tu padre te ha de platicar de ellos. Cuando me di cuenta la pinche canastera ya no estaba, ni su luz... Sí era yo muy babosa, me gustaba la contemplación... Seguramente la vieja se dio cuenta y me dejó, ¡pero era yo una niña! ¡¿Sabes a lo que me expuse?! Y ahí vengo de regreso caminando, no estaba pavimentado, era una polvareda ¡ufff! Regresé veredeando por donde ahora está el club de golf y la escuela de tu tía Diana, todo eso era muy bello, sembrado de trigo y alfalfa, no muy crecida, y yo en medio de esa inmensidad verde, como en un lago de esmeralda.. el viento movía el trigo verde y parecían olas, muchas olas... todo el campo se mecía suavemente y la vista era maravillosa. Crucé ese lugar varias veces, sola y mirando ese mar verde,,, sintiendo el viento fresco en mi cara. Ese día era hermoso, había mucho sol, mucha luz, todo clarito y fresco, era medio día y esa fue mi recompensa sentir la naturaleza en todo su esplendor... hasta los canales de riego estaban hermosos, el agua corría limpia y diáfana.. a la orilla de cada canal, acompañando el canto del agua, había flores lilas, blancas y amarillas... me senté a jugar con el agua sobre el pasto y no sé cuánto tiempo pasó, pero lo disfruté tanto que ahora lo añoro... qué pena que ahora es un estercolero con toda esa gente que vive ahí. Regresé a la casa feliz, cumplí, lo hice chueco o derecho, lo que viniera después no importaba. Era una niña y no era feliz. Mi niñez siempre fue de responsabilidades de adulta. Ni modo, me tocó. Pero siempre que pude llevaba la canasta, caminando. Lo hacía a propósito para poder disfrutar de ese entorno, pero sólo cuando el trigo estaba pequeño... si era más alto era peligroso y entonces le pedía dinero a la vecina para el camión. Aprendí a resolver a mi conveniencia y subsecuentemente le puse sal a la comida y no la quemé... nunca me la tragué... y Dios estuvo con nosotros porque nunca nos pasó nada grave... ya te platicaré de otras y muy feas... te mando un beso... que la disfrutes...

El parto

4 de octubre de 2013

Hijo mío, pues siguiendo con el anecdotario... tenía trece años y medio cuando vino al mundo tu tío Domingo (se llamó igual que el hermano de tu abuelo, por su fecha de nacimiento). Esa noche fue una verdadera pesadilla, porque era muy inocente, ingenua y pendeja. Resolvía los problemas de mi casa, hermanos y padres por instinto, y la motivación principal... POR MIEDO A MI PADRE... Si no hacía lo que debía correctamente según la circunstancia, me iba cómo Dios puso al perico... y así fue esa noche.

Recuerdo haber visto a mi madre pasearse en el pasillo de entre las recámaras, a punto de dar a luz gritando, llorando y golpeando la pared por los dolores. Haciendo tiempo para el alumbramiento, hasta que amaneciera y llegara tu abuelo para llevarla al hospital. Pero no fue así. El nacimiento empezó, tu abuela que se sube a la cama y me gritó, LILIA VEN A AYUDARME... HIJA POR FAVOR... sumida en llanto y dolor, golpeando la cama. A gritos me decía lo que tenía que hacer... que alcánzame las toallas, los trapos viejos y cuando grite me aprietas la panza de arriba para abajo, empujando para que salga el niño... y yo ignorante de cómo nacía un bebe. En ese tiempo nos tenían con una venda en los ojos de cómo es la vida. ¡¡¡A esa edad yo sabía que aún venía la cigüeña y que te embarazabas con un beso en la boca!!! Pues bien el chamaco no salía y no salía... y yo no tenía fuerzas suficientes. Entonces tu abuela me dijo: “¡Ve a llamar a tu tía Trina... pero corre, corre, que me muero!...” ¡qué me asustó, y le dije a tu papá: “acompañame a traer a la tía... mamá se muere”! Y hay vamos por la calle tierrosa y oscura del pueblo, temblando de miedo por los perros que dormían en las calles y que despertaban y se lanzaban contra ti, sin haber quien te defendiera... Llevábamos un palo y un puño de tierra en la mano, pero más miedo nos dio cuando llegamos a la esquina del zapote, en donde se da la vuelta para los baños. La gente decía que ahí se aparecían el fantasma de los colgados de la Revolución, y que también se paraba la bruja y el nahual. Te imaginas todo oscuro oscuro y nosotros dos temblando de miedo teníamos que pasar por ahí... Iba llorando en silencio para que tu papá no se asustara. Mordía la punta de mi chal y hasta me lastimé los dientes. Por fin llegamos a la casa de la tía y tenía perros y perros,,, que ladraban y ladraban, pero afortunadamente tenían un zaguán viejo de madera y no se podían salir, así que a gritarle a la tía y al tío Chucho, a golpear la puerta de madera con una piedra para que nos oyeran. Su casa estaba hasta el fondo del terreno. ¿Te imaginas a qué hora nos oyeron? Me pareció eterno. Finalmente salió el tío, que afortunadamente había escuchado el ladrido de los perros y los gritos... dijo se había quedado dormido en una bodeguita que tenía a la entrada de su casa, donde guardaba telas. Para ese entonces ya tenía su fábrica textil, chiquita y trabajaba el tercer turno él solo. Le avisamos lo que estaba pasando y nos dijo: “regrésense rápido, ahorita los alcanzo, voy por tu tía”. Y hay vamos de regreso, al martirio de pasar por el zapote viejo... nos pasamos rápido sin ver... llegamos a la casa muertos de susto y mamá gritando peor que antes... entonces me dice: “...¡¡HIJA, AYÚDAME... súbete a la cama y cuándo yo grite y puge me aprietas la panza y empujas para abajo!!”... Y así lo hice... y mi trauma aumentó para siempre. No solo ya había pasado el miedo de los perros y los fantasmas, ¡ahora ser testigo presencial y activo del nacimiento de un mocoso! ¡Hay que horror! Vi la cabeza del niño saliendo del

canal vaginal, embarrado de un líquido sanguinolento, baboso y apestoso. Morado por no respirar. Hinchado y regordete. Con el pelo negro, los ojos cerrados y la carita llena de moco...¡uácala y uácala! Y no podía salir, estaba atorado del torso. Y tu abuela que me dice: "...agarra una toalla o un trapo, enrédalo al rededor del hombro y lo vas jalando, dándole vuelta como tornillo cuando yo grite y puje". Y así lo hice. No recuerdo cuánta fuerza apliqué solo que morí de la angustia y del asco. Tenía un millón de ganas de vomitar, pero mi instinto decía que tenía que hacer lo que estaba haciendo. Aguantar, aguantar. En eso llegó la tía y que salen los pies para completar el nacimiento. Pero el niño no respiraba. Entonces mamá le dijo a la tía que le limpiara la boca al niño y que le diera respiración de boca a boca. Llegó a tiempo porque si no yo lo hubiera tenido que hacer... ¡¡¡qué horror!!! Y el niño no respiraba, entonces mamá le dio un golpe en la espalda y la tía que lo bautiza al mismo tiempo... y que respira. Empezó a llorar, mamá volvió a gritar y salió la placenta donde vivió tu tío nueve meses... y entonces mamá se desmaya. Respiraba muy lento y parecía como muerta, sin color. Para entonces el tío Chucho ya había ido a buscar una ambulancia en su bici, hasta el IMMS de San Felipe. Empezaba a amanecer, entraron, subieron a mamá en una camilla, la taparon, mi tía enredó al bebé en sus cobijas y todos se fueron al hospital... y yo;;; como el chinito nomas milando. Salió el sol. Estaba en trance. En eso llegó tu abuelo de trabajar y en automático me saco del trance. Me preguntó qué había pasado, interrogándome como Nazi. Le expliqué. Frunció el ceño y la cara se le puso de fuchi. Entró a la recámara, vio tanta cochinda y me dijo: "¿Y a qué horas vas a limpiar este desmadre? O qué, ¿lo voy a hacer yo? Esto es cosa de mujeres. Me voy al hospital a ver tu madre y cuando regrese, espero esté todo limpio. No vas a la escuela.". Avanzó hacia la puerta de salida y añadió: "Respondes por tus hermanos y la casa, mucho cuidado con hacer alguna pendejada...". Hasta ese momento reaccioné y me di cuenta de tantas cosas de la vida y me dio tanta rabia, pero tanta rabia, que empecé a vomitar y vomitar. Todavía me faltaba limpiar... Ahora me doy cuenta del peligro en el que estaba mi madre. La cama estaba llena de sangre y el piso estaba mojado de un líquido sanguinolento y acuoso haciendo caminito desde la cama hasta la calle... y yo limpie todo eso. Entonces odie para siempre a la cigüeña por mentirosa y nació un resentimiento absoluto contra papá, por su falta de consideración y hacia mamá por no decirme cómo era la vida real. Lavé sábanas, toallas y almohadas. Cepillé el piso con tierra y luego a cubetadas, con agua jabonosa y agua limpia que tu papá sacaba del pozo. Fui a hacer un hoyo en el terreno de atrás para enterrar la placenta y los trapos que no se pudieron lavar. Hasta hoy tengo el olor de ese recuerdo. Dicen las gentes que donde entierran tu placenta ahí vas a vivir. Otra mentira. Tu tío se fue a León... Dejé todo limpio y listo por si mamá y el chamaco regresaban... lo hicieron después de cuatro días. Tu abuelo sí regresó, a la tarde y todo estaba en orden, como había indicado, y además había comida recién hecha. Entró a dormir porque trabajó toda la noche y había que cuidarle el sueño. Era el rey de su casa. Nosotras, sus lacayas. Y así terminó mi día, con náuseas emocionales y físicas de una situación que quizá muchas niñas de mi edad vivieron también... así era... y la vida siguió. A lo mejor tu papá lo olvidó...sería interesante saber cómo lo recuerda... y luego vino la crianza del chamaco, pero esa es otra historia.

poema com concreto

EM UM DIA CORRIQUEIRO INDO PARA UERJ



UMA ESTRUTURA
ME CHAMOU
A ATENÇÃO

CERCADO DE FERRO CERCADO DE FERRO
CERCADO DE FERRO CERCADO
DE FERRO CERCADO DE FERRO CERCADO
DE FERRO CERCADO DE FERRO CERCADO
DE FERRO CERCADO
DE FERRO CERCADO DE FERRO CERCADO
DE FERRO CERCADO DE FERRO CERCADO
DE FERRO CERCADO
DE FERRO CERCADO DE FERRO CERCADO



Paisagem Hostil - Av. Vicente de Carvalho / Rio de Janeiro, 2016

cidade hostil
cidade hostil
cidade hostil

<http://annacorina.wixsite.com/arquiteturahostil>



CERCADO DE FERRO CERCADO DE FERRO
CERCADO DE FERRO

I.M.P.E.D.I.M.E.N.T.O

CIDADE AO AVESSO

paisagem cotidiana *paisagem estrangeira*



lugar de passagem



*lugar de
paisagem*

hostil

passagem

lugar

hostil

passagem

lugar

de passagem

lugar

Paisagem Hostil - Porto Maravilha / Rio de Janeiro, 2018

SELO

cidade cercada

cidade cercada

cidade cercada

<http://annacorina.wixsite.com/arquiteturahostil>



imunologias

prósperas

cosmopolitismos migrantes

prósperos justos

O vestido vermelho de Maria

Em algum quarto por aí, uma menina olha-se no espelho.
Mal sei dizer quantos partos mentais fiz de jovens garotas
nessa semana. São tantos calos e feridas. É impossível conceber
que esses olhos miúdos só vejam o mundo há treze anos. É impossível que
esses olhos miúdos narrem seu mundo em apenas 13 segundos.

Meu nome é Antônia e sou uma jovem psicóloga, residente, diga-se de passagem, em um Centro de Atenção Psicossocial. Neste espaço, temos o acolhimento cotidiano de crianças e adolescentes.

Aqui há diversas meninas que não conseguem se proteger e nem possuem espaços seguros para serem protegidas.

Por incrível que pareça, pouco a pouco podemos construir belas tapeçarias com os gigantes
novelos de lã que se alojam em sua garganta.
Tantos atos, tantas cenas se desdobram
nas minúcias de suas palavras e gestos.
O corpo se remexe, os olhos se direcionam
para um lugar mais distante.

É difícil saber o que se passa com essas
garotas, ainda que se saiba.

Suas histórias cambaleiam pela primazia do
sonho que tenta suportar o excesso de realidade.

O prontuário não cabe em uma vida, uma vida não
cabe em um prontuário.

E ainda que pela incoerência de seus nexos causais,
das saídas inesperadas para situações mais
inesperadas ainda, lá está. Lá está! A máscara não me
permite ver seu sorriso, mas a cabeça mexe, os olhos
fazem pés de galinha faceiros. É normal, elas contam.
Talvez a palavra venha associada ao dar de ombros.

O que acontece com esse mundo, deus do céu? Um vírus encapsula a curva, a curva encapsula gente e gente morre! Mais ainda, a subjetiva vida se esvai. A dor suprime e transborda no quarto de alguma menina. Na dobra escura de algum mundo diferente.

Com medo de ir para a rua, pela peste viral que nos acomete, algumas delas vão assim mesmo. Porque o risco, é assim que o veem, é jeito de fugir, pra fora, pra fora, cada vez mais longe de si. Na impermanência da segurança, buscam nas ruas o que ainda não sabem o que é. A vereda faz espelho, mente que essa máscara branca, esse ódio de si, é o que se é.

São tantos nessa estrutura perversa que se aproveitam de suas fragilidades.

Na contramão, outras habitam seus afetos. Ficam e enraízam suas metonímias no vazio. Adormecida, bela, cobrem-se até a cabeça. Como é difícil sair dali, como é difícil! A marcha imperial cruza com suas botas, anestesiando os sentidos. Anestesiando os tempos. Não há caminho para a volta, é assim que se é, assim, fadada ao fim, ao resto, ao nada.

Querendo ou não, o medo está ali. Em todas elas. Um borrão desconhecido, eutanasiante do rubor e do fazer desejante de toda garota.

São tantos os elementos que os corpos dessas meninas suportam. Tantas heranças de mulheres interrompidas e maltratadas que habitam, entre nós, esse mundo truculento. Esse mundo que rouba as palavras que as permitem contar a sua própria vida e instauram o trauma pleno de não poder nomear aquilo o que se quer e quem se é.

Hoje Maria cortou-se nos braços.

Fez covas fundas e inacreditáveis, linhas que se cruzam alto e fazem relevo junto das velhas cicatrizes.

Disse que na casa onde morava eram muitos, e que ela mesma não cabia mais. Estava cansada dos gritos de desespero da mãe, do assombro noturno de ver o rosto do tio abusador ao pé de sua cama. Estava cansada do pai fantasmagórico em sua presente ausência, em suas mentiras sequenciais.

Maria disse que estava cansada de seu vestido vermelho sangue. De suas amigas inconsequentes e de não poder falar com ninguém. Cansada de ver a psicóloga, de ver o tempo passar, de não saber de nada.

Maria queria ir à praça tomar um sorvete e não fumar maconha pra se acalmar.

Passa a mão nos cabelos cacheados, queria que alguém escovasse o seu cabelo com carinho. As mães das princesas fazem isso, às vezes. Cutuca a acne na pele preta e suspira.

Encolhe o corpo de vergonha e diz que está esperando o dia pra sair de casa, ter o próprio apartamento e convidar quem quiser. Precisa arranjar um emprego pra comprar um lápis de olho que viu em um vídeo de uma youtuber famosa, porque pra mãe aquilo é besteira. É difícil ser adolescente quando se espera tanto que pulem logo para um outro momento, mais resolvido, mais simples, sem choro.

Porque, afinal, é assim que os adultos mentem. Assumindo que abrir mão de seus desejos, abrir mão de seus processos, é a forma mais simples de se tornar grande. Às vezes, numa tentativa de fazer mais fácil explicar o porquê não. Às vezes, achando que as paredes não possuem ouvidos. Às vezes, achando que as gurias jamais possam entender. Mas elas sentem, e muito!

Hoje, Maria queria contar por que não aguentava mais.

Pediu papel e caneta para escrever um poema para a família e lembrar dos amigos que fez nessa vida.

O traço da caneta parecia incansável, rodopiante como a borda do vestido vermelho de Maria. Seu caminho todo parecia torto, mas fluente e límpido. A vida estava ali, querendo contar algo, porque, olha bem, olha isso tudo, olha pra mim. Olha pra mim! Vê? Estou indo sem as mãos.

A tinta vermelho-sangue percorria os traços duros de seus cortes. Queriam marcar no papel a imprecisão precisa dessa dor que precisa ir para algum lugar. Queriam lembrar e fazer memória do que precisa ser contado, deixar de ser coadjuvante da própria existência. E em plena reintrâncias de sentidos, o corpo de menina esmorece.

O efeito da escuta sente o telefone do outro lado desligar por um momento.

Alô? Tem alguém aí?

Oi, sim. Estou aqui.

Tá tudo bem contigo?

Sim, sim. Fiquei pensando no que tu disse, Antônio. Eu fico pensando em tudo, tá ligado? Na minha

mãe, no meu irmão pequeno. Eu não quero que ele passe isso que eu tô vivendo, sabe? É tudo uma merda tão grande. Se eu tiver filho, eu não quero que ele passe por isso, não. É um sentimento de cachorro abandonado, saca? Eu quero melhorar, quero tomar o remédio direitinho. A mãe fala que quer que eu estude, que isso é coisa dela. Mas eu quero estudar, mano, (choro) eu quero o meu diploma, porque é meu, tá ligado? E se tudo der certo, eu vou poder levar a mãe pra fazer uma viagem, aquela que ela sempre quis. Sabe, eu sinto falta do CAPS. Queria que as coisas voltassem logo. Tô cansada de ficar em casa, só fico pensando bobagem.

Você tá conseguindo fazer muita coisa, Maria. Alguns dias são mais difíceis, alguns dias as coisas vem com muita força, mas é impressionante o quanto você tá crescendo! Quanta coisa bonita você tá descobrindo que quer pra ti. É admirável. E realmente... Com essa função do vírus, a equipe tá buscando receber vocês de volta o melhor possível, procurando saber como fazer isso sem colocar ninguém em risco. Espero poder te receber de novo pra gente ouvir as músicas que tu gosta. Deve tá cheia de referências agora, né?

Um pouco. (riso) Eu tô com uns poemas novos, acho que Dr. Mario vai querer ouvir também.

É? E sobre o que eles são?

Eu não sei direito. Eu queria escrever sobre mim mesma, mas acabei falando de todo mundo. Falei sobre vocês e sobrr...

(telefone corta)

Maria?

Oi, oi! Tô aqui, conseguiu me ouvir?

A ligação cortou na hora... Tu pode repetir pra mim?

Eu falei que escrevi sobre esse medo de cair de novo, de não conseguir me achar dentro de mim de novo, tá ligado?

Mas é assim, eu sei que vai passar. Querendo ou não, vem uma coragem do nada, que tira a gente desse buraco no chão. Eu não sei direito o que é isso aí.

Podemos pensar juntas em que nome dar pra essa coragem

Pode ser...

A ligação volta. É possível ouvir uma respiração do outro lado da linha.

Maria olha e pergunta com os olhos: você ainda tá aí?

Limpa, na calça jeans, a tinta da caneta borrada na mão, pragueja baixinho alguma coisa que eu não consigo ouvir.

O coração da jovem terapeuta Antônia resvala um pouco. Presente o tempo todo, comentou que as costas da psicóloga estavam suando. Acredito que, na miniequipe, me chamem de técnico de referência da Maria. Merda, penso eu, será que fiz alguma coisa errada? Vou correr pro colo da preceptora sem erro, logo depois que o atendimento acabar.

Na despedida, Maria quer abraçar e dizer até semana que vem. Mas não pode: COVID lembra? Num cumprimento de cotovelada, dizemos até logo.

Essa menina se beneficiaria muito de um grupo de adolescentes... Tem mais a Jéssica Abraão e o Joquinha. Quem sabe eles conversam sobre poesia? Talvez ver filme. Bah, vai ser tão bom pra ela estar num grupo com outros jovens... A gente precisa rever a medicação, ver como tá isso aí. Essa guria já foi internada quatro vezes nesses últimos anos, precisamos pensar em outros jeitos, outros jeitos! Talvez a Carmem possa conversar com a mãe, a mãe precisa de muita ajuda também, ela tá totalmente sozinha. A Maria, tem outros lugares que ela frequenta, né? Putz, esqueci de perguntar da escola. Será que ela tá indo bem? Semana passada ela tava com uns problemas em matemática.

- Antônia! Que tá viajando aí? – Mariana, colega residente, faz um sinal espalhafatoso na minha frente, para chamar atenção –, caso difícil?

- Sim, total. A gente aprende tanto com eles... É impossível deixar de se surpreender.

- Eu entendo. Essas garotas, todas elas... é tanto... é muito... Nem sei o que dizer.

- Eu acho que é isso. Quanto mais se diz algo sobre, quanto mais se diz algo sobre elas, é quase como se as silenciássemos cada vez mais, cada vez mais... A gente pode acabar sendo mais uma mão do mundo dizendo que elas tão erradas. Bom, eu sei lá.

- Que viagem.

- É. Que viagem, mesmo.

Mariana sorri e estende a mão até o meu ombro. O comichão dos seus dedos caminham por ali, serenos.

- O efeito de impressão que tu carrega, Antônia, talvez seja o mais impressionante desse nó tu-Maria. O medo que ele aconteça, que tu esbarre nela e que ela esbarre em ti, é traço do que faz ressoar o complexo que está na existência dela e que está no teu viver! O efeito de algo precioso que se instaura... – o suspiro escapa – algo me inspira a estar aqui também... Não os muitos fluxos completos e perfeitamente delineados, mas aquilo que nos faz entortar o caminho e remoldar a vida que há em nós. Por isso, não é só dizer, ou escrever, é sentir, sentir! •





Obra “ cómo construir una mujer y no morir en el intento” presentada en la Universidad nacional de Colombia en 2019. Performer : Lorena Duarte Bedoya

Basura, medicalización y construcción performativa del género

“No hay ninguna naturaleza, sólo existen los efectos de la naturaleza: la desnaturalización o la naturalización”.
(JACQUES DERRIDA, Dar (el) tiempo - Butler, p. 1)

En la contemporaneidad no sólo los cuerpos trans son intervenidos; el uso de cosméticos, productos dietéticos, las cirugías estéticas producen transformaciones que cambian la forma y generan “belleza”. No en vano muchas de las cirugías para afianzar la identidad de género son consideradas “estéticas” y por lo tanto el sistema médico no las cubre. A través de mecanismos como la tutela se ha transformado esta concepción en el ámbito de los derechos como el derecho a la vida y el libre desarrollo de la personalidad. Un cuerpo liberado como lo dice Le Breton (1998), es entendido como un cuerpo joven, hermoso y sin ningún problema físico o discapacidad.

La medicina se interesa por el funcionamiento de la maquinaria del cuerpo y por eso se aplican todos estos protocolos para las cirugías, exámenes de psiquiatría o psicológicos, sin tener en cuenta las singularidades de los seres humanos sino tratando de homogenizar lo que llamamos

ser hombre o ser mujer. Científicos de principios del siglo XX que estudiaron el tema, como Harry Benjamin, dictaminaron la patología de la transexualidad, la cual más adelante sería reconocida como el síndrome de Harry Benjamin, tal como aparece en mis diagnósticos médicos. Síndrome, trastorno. Enfermedad.

Como prueba de esto todo, lo que no es hombre, mujer, y heterosexual se ha patologizado, como una irregularidad que debe ser “corregida” o normalizada. De hecho para las personas que hemos transitado y queremos hacer intervenciones en el cuerpo, desde el sistema de salud lo primero que debemos tener es un certificado de un trastorno de identidad de género expedido por un psiquiatra que certifique que efectivamente tenemos una disforia (lo contrario a la euforia) o tristeza profunda con nuestra condición que nos permita empezar a acceder a todas estas cirugías y poder eliminar esta inconformidad para que se “adecúe” nuestro interior con nuestro exterior. Es tanto que, si usted manifiesta algo que se salga de las expectativas médicas de la disforia, por ejemplo, decir que le gustan las mujeres (en el caso de las mujeres transgénero) o que no quiere transformar sus genitales, no podrá acceder al dichoso certificado que le abrirá las puertas a todo lo demás.

Es muy común que entre nosotras compartamos las respuestas o lo que debemos contestar a las preguntas de los médicos, para que no vaya a haber errores en la expedición de ese primer certificado. De hecho, un amigo psicólogo me aconsejó que exagerara la situación con el psiquiatra diciendo que tenía depresiones severas y pensamientos suicidas por no ser quien quería ser. Luego del certificado y la realización de exámenes para saber qué tipo de hormona es la adecuada (algo que en mi caso no sucedió sino que me dieron la que recetaba la EPS, como si fuera acetaminofén) y después de las batallas ganadas gracias a las diferentes tutelas, la junta de médicos, casi en su totalidad hombres, a excepción de la psicóloga (puesto que los trabajos de

cuidado de la medicina como la psicología y la enfermería suelen ser feminizados, es decir, realizados por mujeres) decide sobre mi cuerpo. En mi caso, el urólogo planteó empezar por la cirugía de cambio de sexo, a pesar de que, para esa época, yo no estaba tan segura de hacérmela. Hay personas a las que definitivamente no les interesa hacérsela. Pero desde ahí está la primera situación normalizante y es que para la medicina la única opción es estar en uno de los bandos (hombre-mujer).

No es extraño, por tanto, que gran parte de estos discursos (médicos y de las transexuales) giren en torno a la frase “cuerpo equivocado”: De acuerdo con el mito binario fundacional falocrático por el cual los cuerpos y sujetos occidentales son autorizados, sólo un cuerpo es el “correcto” para cada sujeto generizado. Todos los otros cuerpos están “equivocados”. (Sandy Stone citada por Becerra, 2018, p.105)

Por una parte, la institución médica nos da la posibilidad de liberar una identidad reprimida, de permitirnos construir y acceder a aquel cuerpo que anhelamos y que sentimos como propio pero que nos ha sido negado. De otra, crea protocolos para transexuales específicos, que definen y delimitan la identidad.

Se debe ser reconocido como verdadero transexual para poder acceder a los procedimientos que uno desea realizarse, lo que significa asumirse como un cuerpo anormal que a través de todos estos procedimientos se les restituirá la normalidad. “Estos cuerpos diferentes y deslocalizados en el espacio social serán reubicados y resocializados, mediante el empleo de la cirugía, la terapia hormonal, las pastillas, y las inyecciones.”

Así, la relación con el sistema médico es ambigua: les ofrece promesas de liberación, que a su vez encadenan. Nos promete el cuerpo que deseamos, la materialización de la hembra que llevamos dentro de tanto

sufrimiento, frustración e incomodidad, pero debemos encajar en sus parámetros binarios y eliminar cualquier manifestación de ambigüedad.

Después del diagnóstico, los problemas de acceso se dan en relación con las cirugías, a las que hasta hace algunos años sólo podían acceder las transexuales que provenían de familias con altos recursos. Luego, a través de mecanismos legales se ha podido lograr que haya una accesibilidad a estas intervenciones para los estratos medios y bajos. Pero también existen otras mujeres trans que ni siquiera están afiliadas al sistema de salud y están completamente desprotegidas en todo sentido. Hay por ejemplo, casos de mujeres que, al haberse realizado intervenciones de forma casera, con ayuda de sus pares a las que a veces llaman “madres”, porque son las personas que las guían o ejercen el cuidado directo o indirecto en las zonas de actividades sexuales y quienes no tienen estudios de medicina o licencias para realizar este tipo de intervenciones que se realizan en sitios con muy poca higiene o asepsia, ha provocado que ellas hayan muerto o hayan llegado casi muertas al hospital porque el “silicón” mal puesto entró en sus pulmones causándoles una asfixia inmediata o muerte por infarto cardiorrespiratorio. He estado cerca de mujeres trans que llegan en ese estado al hospital y ni siquiera el guarda les ha permitido la entrada, burlándose de ellas.

Aquí se define todavía más qué cuerpos pueden ser legítimos, qué cuerpos pueden acceder a los derechos fundamentales y quiénes, por otro lado, corresponden a lo que yo llamaría “cuerpos basura”, cuerpos cuya pérdida no vale la pena llorar, cuerpos que no le importan ni a un Estado, ni a un sistema de salud, ni a sus familiares – porque fueron expulsadas de sus hogares a muy temprana edad –, ni a ningún ser humano. Cuerpos que son asesinados a diario por supuestos ajustes de cuentas, por sus parejas celosas, por clientes y, además, sometidos al show mediático que influye o ha influido en las representaciones que tiene la sociedad de las personas trans, travestis o transexuales. ●





No en vano nací de la basura... la basura del sistema en el cual he surgido, un sistema que todo trata de regularlo, limpiarlo y cada vez está más podrido, un sistema que asfixia, oprime, elimina lo diferente, pero pareciera que fuéramos flores que nacemos en medio de los residuos de la demolición, de dónde nadie espera que surja la vida... (Diario de creación, 23 de abril 2019).

Por uma clínica do vivo: Rabiscos para um futuro necessário e urgente nas práticas do cuidado

Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território. (FANON, 2008).

É visível o sufocamento, e a máscara... Obrigatória!

O perigo de uma história única, novos cabrestos, máscaras brancas e atmosfera mórbida. Ao unificar as histórias de diferentes povos em uma única narrativa – por exemplo, a referência, no singular, à África – evidencia-se as estratégias para se desconhecer os territórios e as diversidades de vidas, fazendo valer uma só legenda em uma miríade de línguas. O mesmo apagamento, sem nenhum pudor, das Américas compõe parte do secular maquinário colonial, o que reforça o preconceito, homogeniza as pessoas, desconsidera as diferenças e perpetua as explorações. Mesmo perigo que prossegue em banda larga quanto à situação ligada à COVID-19, com transmissão integral em todos os canais. Estabelece-se um protocolo único e se esquece da singularidade de realidades, reforçando assim as desigualdades programáticas. As diversas formas de controle levam à construção de uma história única... O olhar, do branco e dos experts, sobre a África e América Latina em suas diversidades, não reflete necessariamente o olhar destes povos. O olhar do colonizador carrega consigo a violência fundante.

O colonialismo que estamos falando se originou com a chegada dos colonizadores a estas terras, que hoje podemos localizar dentro do território geográfico da América Latina. A partir deste encontro se produziu uma expropriação total de todos os bens, costumes e até da vida. Podemos afirmar que esta violência inaugural se perpetua até os dias atuais. Desde o século XV até a atualidade, o que temos visto é a sofisticação das práticas de violência e dominação (GAMBETTA, 2019).

Nos interessa aqui entender que ali nasce a ideia de raça e gênero. A ideia de raça e de gênero nasce da predominância de uns sobre os outros, estas ideias que categorizam, classificam, organizam e fundam uma nova ordem social. A colonização do poder, como mostra Quijano (2007), tem uma particularidade interessante: as crises que ela produz surgem de dentro do seu próprio funcionamento.

Com a revolução industrial, por exemplo, a Europa oferece ao mundo produtos baratos e de forma massiva. O transporte se agiliza, os proletários surgem para o mundo, as fábricas têxteis estão em alta. A burguesia ascende, surge a burocracia, se vendem as ideias de igualdade social, de autonomia individual e de cidadania. Assim, de vento em popa, a Europa parte para a conquista do mundo, sudeste asiático e de África, e com a expansão da colonialidade, agora em escala mundial surge uma nova ordem de sentido chamada civilização.

A partir da exploração da América Latina, o capitalismo se faz mundial, a colonialidade e a modernidade se instalam como os eixos constitutivos desse específico padrão de poder (QUIJANO, 2007). Com esta nova ordem surgem várias necessidades do capital como a medição, a comparação exata, a experimentação e o que depois se chamará de ciência. O mais importante a se destacar é que ali se gesta uma nova forma de produzir sentido à experiência, à percepção. Aparece então uma nova racionalidade, que organiza as relações sociais e a forma de ver o mundo. Europa se ergue a partir da América, e sabemos que sem a escravidão e a servidão seria impossível de o capitalismo se desenvolver.

Segundo Quijano (2007), nos anos 1960, na América Latina, a revolução tecnológica produziu uma massa marginal no capital, que muda nossa relação com o espaço e o tempo. Justificando como um mal estrutural, precariza-se o trabalho para alguns e vemos como a escravidão se expande no mundo e a servidão voluntária volta com força. Percebemos na atualidade uma nova dobra desta revolução tecnológica.

Essas formas de violência e controle, vistas a partir do mundo do trabalho, invisibiliza e viraliza - nunca tão literalmente quanto agora - as velhas tintas da perversão colonial, na sua mais nova versão pandêmica. O trabalho encontra-se em migração, como todo refúgio forçado. Foi domiciliado. Quer dizer, para quem pode parar, para quem pode ficar em casa, para quem tem casa. O lugar que havia para uma possível pausa e descanso agora é pura agitação. O repouso também virou lugar de trabalho. A casa, que já era continente de “fazer gente”, recebe outra nau, em mais uma invasão sedenta por conquistas. A “máquina capitalística” não pode parar. Agora o virtual é programa contínuo, e o controle por algoritmos. O acesso à internet é a plataforma do novo panóptico. E há os diaspóricos, os “sem lugar”, que, paradoxalmente, mas nem tanto, sempre são encontrados pelo sistema racista, pela estrutura colonial.

A crise gerada pela COVID-19 trará e aprofundará uma nova onda de adoecimentos psíquicos e sociais. As correntezas firmes e cruéis do capital, escancaradas com a pandemia, nos arrastou para o declive de padrões subjetivos plasticamente comercializado nas redes globais de varejo, coitada da pobre alma/corpo que nada tem de moderna, visando alcançar novos usos para reprodução do mesmo. Já não nos restará nada mecânico ou serializado, pois estamos em tempos de contágio e hibridismos engenhosos. Preparam a humanidade para a tarefa individualizante, de alcançar mecanismos subjetivos e relacionais eficazes para autopreservação

dos corpos às adequações do tal “novo normal” que escancara as estruturas caducas e desiguais. O advento da Covid-19 é um exemplo emblemático.

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos (...) Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. (KRENAK, 2020, p. 44)

“Fica em casa!”. O controle dos corpos está cada vez mais violento e sofisticado. A “empresa” agora não tem mais tantos gastos com sua força de trabalho. A produção precisa continuar, mas em casa hora extra não conta... É preciso mais confinamento! Mesmo fora de qualquer planejamento, a ambiência do trabalho em casa, em muitos casos, se faz à mercê de quem emprega. Agora é responsabilidade de quem trabalha, e há de assumir o que se passa entre as telas! Dentro de casa, dos que têm casa.

O atravessamento de gênero é fundamental para a reflexão desse momento também (sufocamento das mulheres e violências maiores que estão submetidas). Vejamos a situação de milhares de mulheres trabalhadoras do mercado informal na África Subsaariana, particularmente em Angola. Não muito diferente da realidade de outros países africanos, as mulheres angolanas são a maioria no mercado informal. Dados do Instituto Nacional de Estatística de Angola apontam para um total de 86% de presença feminina (INEA, 2014). O mercado informal assume papel importante na economia desses países. Mergulhadas em contextos de subemprego e altas taxas de desemprego, a economia informal é tida como única alternativa de subsistência para milhares de famílias.

Com o surgimento da Covid-19 e a implementação de medidas que supostamente visavam diminuir a propagação exponencial do vírus, muitos países ao redor do mundo constataram mudanças significativas nas condições socioeconômicas das populações, principalmente daquelas que dependem do mercado informal. Na ausência de regulamentação da atividade realizada neste setor e de estruturas de apoio, que garantam o mínimo de direitos laborais e proteção social, as mulheres foram e continuam a ser as mais penalizadas. Isolamento e/ou confinamento não se aplicam para quem tem nas mãos a responsabilidade de alimentar os seus. Morrer de fome não é opção.

Com avidez, o mundo anuncia o retorno ao novo normal. Uma lufada de ar após um mergulho no mar das 943.203 vidas perdidas até aqui²? De que novo estamos falando exatamente? O que poderá ser esse novo? À medida que os sintomas do esgotamento de sistemas econômicos, políticos, de saúde, educacional se tornam cada vez mais visíveis, a lógica do poder se reinventa e resiste. Assim, em nome da vida encerram-se fronteiras, endurecem-se as leis, combatem-se os “indesejáveis”, reafirmam-se os poderes e, mantêm-se as desigualdades. Em nome da vida, reforçam-se os aparatos de controle e “promoção” da “segurança”,

reforça-se a violência sobre corpos, sobre gêneros, sobre classes. As pessoas, no meio disso, também se esgotam.

No plano geopolítico, a lógica da força e do poder continuará a prevalecer. Na ausência de infraestruturas comuns, uma feroz divisão do globo acentuar-se-á e as linhas de segmentação intensificar-se-ão. Muitos Estados procurarão reforçar as suas fronteiras na esperança de se proteger da exterioridade. Lutarão igualmente por reprimir a sua violência constitutiva, que descarregarão, como de costume, nos mais vulneráveis entre os seus. (MBEMBE, 2020, on-line)

Parece que mais uma vez estamos sendo obrigados a reconhecer a nossa dificuldade em construir estratégias que contemplem o coletivo como um todo. A Covid-19 tem se mostrado um verdadeiro aliado das forças do vivo à medida que denuncia com vontade, as mazelas de todo um tecido social construído a base do extermínio do vivo. Mazelas que, convenhamos, estão presentes em nós, ressoam com os nossos modos de vida, com a construção cotidiana de nossas práticas de cuidado, com o modo como criamos e pensamos a vida ao nosso redor.

Segundo dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em relação ao mês de março e abril, houve um aumento de 22% nos registros de casos de feminicídio no Brasil. Mesmo assim as mortes continuam. Independente de boletim oficial, subnotificado ou não. Luto geral, e tantos lutos não vividos. Como não há planos para a morte, para que pensar no luto? Assim se implantou a distorção geral do processo do morrer. Luto das vidas, lutos dos trabalhos, lutos das ausências, luto da convivência, luto das construções coletivas...

No meio de tanto luto, algumas necessidades gritaram, em alerta geral: a regulamentação do trabalho informal, o acesso à internet como política pública (as diferenças entre as condições de continuidade do funcionamento da educação entre o ensino privado e o público falam por si). A Covid-19 reforçou e escancarou as sementes sociais ligadas à geração da pobreza, das desigualdades e das injustiças... A crise não é da Covid-19, é do modo que estamos vivendo há muito tempo. Falar em adoecimento agora é romper todas as barreiras que separam individual, coletivo e ambiental. Seria necessário questionarmos o adoecimento que vem de uma trama social que viola os corpos que poderíamos chamar de subalternos há mais de 500 anos. É preciso denunciar/desmontar o discurso psicologizante do adoecimento e seu poder enclausurante das subjetividades.

O cuidado também não pode ser único. Pensar na descolonização das psicologias e como produzir diferentes tipos de cuidados que levem em consideração as nossas diferenças. Refletir e criar propostas para compreender saúde mental se tornou uma tarefa urgente para a psicologia e para a sociedade, raspando da pele o ranço colonial que homogeneiza nossas práticas de cuidado. As COVIDs-19, das tantas variações bio-necropolíticas (LIMA, 2018), abalaram profundamente os modos de viver, sentir, pensar, de se relacionar com o outro, de trabalhar e

em como tecemos expectativas do futuro, dos sonhos, desejos e dentre tantas outras produções humanas. Estamos sob risco de padecer de novas capturas do cotidiano e da sociedade. O fim deste mundo é necessário!

Atualmente, a saúde mental é colocada pela Organização Mundial de Saúde como um estado de bem-estar no qual o indivíduo exprime as suas capacidades, enfrenta os estressores normais da vida, trabalha produtivamente e de modo frutífero, e contribui para a sua comunidade. É parte integral da saúde, mais do que a ausência de doença, e está intimamente ligada com a saúde física e com o comportamento (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2001).

Esse conceito idealizado num bem-estar social integral corroborou para a normatização dos corpos, sua medicalização e entorpecimento dos processos de subjetivação e resistência, mesmo que discursando sobre diversidade. A implantação social de um “novo normal”, pela via do distanciamento social, da elevação das desigualdades sociais e econômicas de acesso a direitos, na manutenção de um modelo e jogo político dito representativo, jamais conseguiram frear as violentas feridas provocadas pela colonialidade estruturantes da vida social vigente. Se trata do “novo anormal”, no sentido do que há de mais nocivo à continuidade da vida.

Tal como a história única, unificar os sofrimentos, em suas diversas origens, ainda é um perigo, e ao mesmo tempo uma estratégia a ser combatida. Para o campo das práticas psicológicas, a afirmação do caráter de contestação e denúncia dos estragos ecopsicossociais se faz urgência, não enquanto bandeira, mas como possível via de transformação. O cuidado, também não uniformizado, precisa se desdobrar em diferentes vias de ação para implodir os discursos e capturas hegemônicas do modo de subjetivação capitalista, tantas vezes individualizantes e culpabilizadoras. O novo normal, novas imposições, não pode suplantiar os efeitos dos estragos gerados. Afirmar uma ética nas práticas psicológicas significa quebrar as planificações do rolo compressor e propor novas formas de cuidado/cuidar. Para isso, a Koletiva K-alas se coloca nas trincheiras do pensar e do agir para além de poderes/saberes que engendram em cada “normal” as regras das dominações instituídas nas histórias. Não silenciar e desmontar os imperativos da “continuidade a todo custo”, construir respiradores, respirar. A dor do sofrer é um grito que pode quebrar vidraças e rasgar máscaras.

Os ninguéns

As pulgas sonham em comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura.

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:

Que não são embora sejam.

Que não falam idiomas, falam dialetos.

Que não praticam religiões, praticam superstições.

Que não fazem arte, fazem artesanato.

Que não são seres humanos, são recursos humanos.

Que não tem cultura, têm folclore.

Que não têm cara, têm braços.

Que não têm nome, têm número.

Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.

Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Eduardo Galeano (2002)

•

Notas

1. KALAS, a Koletiva AfroLatinoAmericana, aconteceu do fecundo encontro e vínculo tecido por profissionais da psicologia afetados pela urgência das crises subjetiva, política, social e democrática enfrentadas no contemporâneo. Somos pessoas que atuam e vivem em diferentes países, tanto no Continente Africano quanto da América Latina, distância que não nos limita na produção de interseções, diálogos e partilha de ferramentas e conhecimentos para criar e compor novas práticas psicossociais e de cuidado em saúde mental de indivíduos, grupos e instituições.

2. Números apurados em 08/03/2021, disponível em: <https://covid19.who.int/>.

Referências bibliográficas

FANON, Franz. *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Salvador: Editora UFBA, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA.. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, ano 13, 2019.

GAMBETTA, B. Julia. *Cuerpos subjetivados*. Miradas desde el Sur. 2019. Tese Doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA. *Projeção da População 2014-2050*. Luanda, 2014

LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. *In: Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018.

MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*. Instituto Humanista Unisinos 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe>. Acesso em: 15 de set. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In: LANDER, E. La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

_____. Colonialidad el Poder y Clasificación Social. *In: CASTRO-GÓMEZ, S; GROSGUÉL, R (eds.). El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana / Editores Siglo del Hombre, 2007, p. 93-126.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Strengthening mental health promotion*. Geneva: World Health Organization, 2001. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/>. s/data de acesso.

COVID-19, Global, Collective, and Public Health: The Reification of Social Injustice and Forms of Resistance

The Covid-19 pandemic has exposed previously existing injustices as if under a magnifying glass. Social inequalities have been reified and have shown manifestations in health, education, the incarceration system, gender violence, precarious labor, and migrations. In this sense, people in precarious labor conditions have been very much affected by Covid due to lacking access to health services or insurances. Nor could they claim unemployment or sickness benefits. The latter has forced many to either work in spite of sickness or risk the loss of their income. Many people have lost their jobs completely. Although some countries have offered marginal financial relief to the unemployed, most people working in informal economies have lost their incomes without access to subsidies.

In education, the shift to homeschooling has left children dependent on their caregivers' social and cultural capital, as well as tech equipment and learning infrastructure at home. In many jails, the pandemic has spread significantly among the incarcerated population. In response, several countries organized premature releases under dubious criteria, excluding political activists from those who were released (see for example in Turkey: <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/31/outrage-over-denial-of-amnesty-for-turkish-political-prisoners>)

Domestic violence and child abuse have increased due to the impossibility of escape during confinements and quarantine, while opportunities for getting help have decreased

for the same reason. For example, potential support from telehealth services might be restricted for those residing in the same space as their perpetrators.

Finally, refugees, immigrants, and homeless individuals have had no place for refuge at all. Refugees are exposed to inhuman living conditions, barring any protection against the virus in overcrowded camps. The Luciferian combination of failed justice for migrants and the consequential insertion into precarious labor conditions has been proofed in the form of Covid outbreaks in meatpacker factories. In various countries inhumane working and “housing” conditions have led to massive infections. “For more than a century, the meatpacking industry has been a symbol of how corporations are able to exploit workers in the name of efficiency. The Covid-19 outbreak has opened another chapter” (<https://www.theguardian.com/world/2020/may/02/meat-plant-workers-us-coronavirus-war>). One of the first chapters dates back to 1906 when Upton Sinclair published *The Jungle*, detailing the slaughterhouses of Chicago. He unveiled serious hygiene issues concerning the processing and package of meat. The American public engaged with the latter and state hygiene controls in the form of laws and regulations followed. Yet, Sinclair’s main point was meant to condemn “the exploitation of immigrant labor and unchecked greed, famously declaring: ‘I aimed for the public’s heart and by accident hit it in the stomach.’”

The Covid epidemic has shown the socio-economic model, meaning capitalism, its limits. The virus has actually gone beyond highlighting these limits alone, revealing the system’s inhuman consequences. All of these aforementioned repercussions --educational, sanitary, gender violence, abuse, labor exploitation, health-- are certainly abhorrent to the concerned subject. Yet, in this paper we focus on the devastating issues in health, especially health of marginalized groups.

Antonio Gramsci had already understood disease as a process of incorporation of the historic contradictions determined by the

relations of force. Following his reasoning, the body constitutes a terrain of hegemonic conflicts. The comprehension of the hegemonic relations requires a concrete analysis of the relations of force. They act not so much on the already constituted subject but rather upon the construction of subjectivity. In this vein, Gramsci (1971) understood “disease as a process of embodiment/incorporation of the historic contradictions determined by the relations of force” (Pizza, 2005, p. 22, translated by myself from Spanish).

It is crucial to understand the subjective aspects of these forms of incorporation. They lead to an embodiment of the hegemony-subalternity processes and conflicts in the broader sense of social reality (Scheper-Hughes, 1992). The meaning of this transformation is not psychological but rigorously political. The political aspects of embodiment make us question the health-illness dichotomy and to conceive it as a socio-political process (Pizza, 2005, p. 16; de Martino, 1977).

Gramsci had already outlined how Fordist capitalism conditioned a new type of human being, completely paced for Fordism’s own benefits. In our post-Fordist era, authors such as Hardt & Negri (2009, 2004, 2002), Virno (2004, 1996), Berardi (“Bifo”, 2003), Rolnik (2019; Fernández Polanco, & Pradel, 2015; see for all together Marxen, 2020) have shown how exploitation, abuse and co-option continue to function within the immaterial labor world, also called cognitive capitalism or “cognitariat” (Bifo, 2003). The latter term is a synthesis of “cognitive capitalism,” and “proletariat.” It indicates the precariousness of immaterial labor that involves “new forms of self-employment in the cultural industries and the emergence of a new self-employed working class that was [is] highly qualified but also over-exploited and impoverished in precarious conditions: the cognitariat” (Ribalta, 2010, p. 243). Post-Fordist exploitation targets “immaterial, creative, relational and affective labour, which is acquiring new centrality in the cultural industries and breaking the traditional opposition between leisure and work. Capitalism ‘sets subjectivity to work’, as

Paolo Virno says in his paradigmatic analysis” (Ribalta, 2010, p. 242).

Creativity and creative desire have been instrumentalized in favor of capitalism. As opposed to the Fordist factory, the immaterial labor is dislocated in space and diluted in time. During the pandemic and its confinement, we have seen how class divisions reach a new dimension. There is one class in power who have assaulted their subordinates with emails, zoom meetings, text messages, calls without any respect or limitation of neither time nor space. In this vein, the notion of any “break” the corona pandemic may have provided is definitely rejected.

Yet, these subservients are still at home, in their space, as opposed to the subalterns who lack any private space where they might protect themselves from the virus, such as the homeless, refugees, etc. Factory workers are forcibly exposed to the virus in inhumane working conditions. This happens globally, in the so-called first world, in the aforementioned meatpacker factories, and beyond, where Fordist factories have been exported. Meanwhile, the very rich can relax on their private islands and oasis, protected and secure (Žižek, 2020).

Gramsci has also shown us that biomedicine practices organize diseases and treatments under a commodity logic, adapting them to the global configuration of inequalities that are at the same time reinforced and reified by it (Martínez, 2008).

As a matter of fact, bodies have always become sick. Following Gramsci, Argentinean-Mexican anthropologist Eduardo Menéndez (1994) has considered the processes of becoming sick, dying, treating sickness, and death as social facts. Any society needs to develop actions, techniques, and ideologies around them. Moreover, he perceived health, sickness, and its treatments in a historic process characterized by relations of hegemony/subalternity. Although the hegemony-subalternity relations are not to be understood as dichotomous but relational: The hegemonic forces impose

“facts and situations on the subaltern that forces the latter to react and act. Biomedicine has occupied a hegemonic position towards traditional medicine; however, it has never been able to eliminate other cultural systems that define and attend processes of health and illness in a different way, not accepted by biomedical entities” (Marxen, 2020, p. 72, referring to Menéndez, 1994). Societies set up institutions for sickness and treatments. They “take care” for related meanings and collective control, “not only in technical but [also] socio-ideological terms” (Menéndez, 1994, p. 72).

These are highly political processes. Health systems have been equated with the culture of the society that creates them. In the US, as well as in many other capitalist countries, this means the choice not to give universal access to health services. According to this logic, health is considered a business and not a human right. Consequently, health services are highly commodified and their organization follows the market rules. Any US politicians or elected official aiming at a universal public health system have been harshly blamed and attacked as an affront to the nation’s deference to capitalism. Yet, the corona virus has laid bare in how far individual health is entangled with collective health. Poor health care for some infected people inevitably has consequences for those who are relatively or well protected. The virus surpasses borders of health classes.

Regarding the “commoditized reality,” Michael Taussig (1992) has reminded us that the medical anthropology of Indigenous societies teaches us to look beyond the individual patient into the ills of the corporate group. Social relations are mapped onto diseases and their unequal treatments. They should be brought to light, de-reified, and in so doing break the conditions of oppression.

Indigenous knowledge teaches us “to examine the social and moral causes of sickness, and that those causes lie in communal and reciprocal inter- [and extra-] human considerations which are antithetical to the bases of modern social organization patterned on the necessities of capitalist and bureaucratic prerogatives.”

In this context, Taussig (1992) quotes Turner (1967) and his reference to the Ndembu doctor in rural Zambia:

It seems that the Ndembu 'doctor' sees his task less as curing an individual patient than as remedying the ills of a corporate group. The sickness of the patient is mainly a sign that "something is rotten" in the corporate body. The patient will not get better until all the tensions and aggressions in the group interrelations have been brought to light and exposed to ritual treatment. (109)

As opposed to an individualized treatment, traditional medical practices consider the unease a "social myth" (Levi-Strauss, 1976). Yet, in our contemporary, postindustrial societies, the therapeutic process is cut agonizingly short and paced by fragmentation, isolation, and commodification, all under the rule of cost efficiency (Taussig, 1992, p. 93).

As Gramsci (1918) had already said:

Life, all life, not only the mechanical activity of the extremities, but the same physiological aspect of the activity detaches itself from the soul and become barter goods; it is the destiny of Mida, of the enchanted hands, symbol of modern capitalism.

The current pandemic highlights the precariousness of health services; "epidemics test the capacities of health systems" (Ortega & Orsini, 2020, p. 6). The devastating corona-situation in the US proves the market is not sufficient to resolve severe public health problems. By contrast, countries with relative universal access to health have done better in the current panorama.

Yet, the virus additionally reveals the need for a global public health conceptualization (Žižek, 2020). In this sense, the virus has not only shown the limits of the market, but also those of national populism as the virus has transgressed borders in our globalized world. Truly stopping COVID-19 would require

a global and collective strategy, as World Health Organization chief Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus claimed: "This epidemic can be pushed back, but only with a collective, coordinated and comprehensive approach that engages the entire machinery of government" (<https://edition.cnn.com/2020/03/06/asia/coronavirus-covid-19-update-who-intl-hnk/index.html>; in Žižek, 2020). Most particularly, this goal is unachievable if countries search for their own market profit during the pandemic by abusing and commodifying shortness of medical goods and vaccines.

Still, the imbroglio of the virus goes further. It implies the links of the individual with the collective, the local or national with the global. Furthermore, it reaches beyond, to the non-human, to the environment and nature, and most importantly our care for both. Capitalist greed and its fetish for growth has exploited the earth. In this context, people have penetrated more and more remote areas of the globe, thus contributing to environmental catastrophes and eventually setting free viruses for which the human does not have defense mechanisms. The ecological catastrophe, however, is not viral but human made.

Once again, Indigenous knowledge can teach us a better relationship with the earth, especially since the pandemic is a mixture of natural, economic, and cultural processes, each depending on the others (Žižek, 2020).

Along these lines, additional focus should be given in order to contrast the strategies of "fake news," denial, and dismissal of scientific facts. Žižek (2020) has also described the epidemic as ideological, manifested in fake news and paranoid conspirations. The politics of Bolsonaro in Brazil and Trump in the States are central to fueling this ideological struggle with the ultimate goal of marginalizing minorities and promoting racism. Their politics¹ can be described as an "abdication of responsibility for public health governance, itself defined by consistent denialism [of scientific evidence], dissemination of fake news and freezing of public health funding" (Ortega & Orsini, 2020, p. 7). For their denial and dismissal strategies they

often lean on fundamentalist theologies “of authoritarian power that despises minorities and the poor” (p. 6).

Obviously, this intentional neglect has devastating implications, yet, “its most pernicious effects are being felt among communities already experiencing marginalisation, namely Black and Indigenous communities. ... government by (selective) ignorance (of public health evidence and knowledge) and government-by-exception co-mingle to produce devastating consequences for the marginalised communities in their grip” (Ortega & Orsini, 2020, p. 7).

With this in mind, the linkage between “an approach to public health that is hostile to evidence, expertise and common sense” and marginalization becomes obvious: The publics “who are left out of his skewed vision are those who are considered marginal and disposable.” Inequalities in society, structural racism, poverty and cumulative disadvantage and poverty are perpetuated or worsened. In Brazil, Bolsonaro’s Covid-non-governance has even been equated with a “calculated act of genocide against poor and marginalised communities” (Ortega & Orsini, 2020, p. 8). Already developed in 2003, Mbembe’s notion of necropower is more than relevant for the present pandemic. It “illuminates how state violence is enacted ‘in the interest of maximum destruction of persons and the creation of death-worlds, new and unique forms of social existence in which vast populations are subjected to conditions of life conferring upon them the status of living dead’” (Mbembe, 2003, p. 40, as quoted in Ortega & Orsini, 2020, p. 9).

The virus can only be stopped collectively, globally, and against the ideological dismissal of facts. As a point of fact, during Obama’s tenure, scientists had warned against a new, aggressive form of virus that would cause a horrible pandemic. The Trump administration had abruptly stopped this research and dismissed the team (<https://elpais.com/internacional/2020-05-26/los-100000-muertos-de-estados-unidos-asi-ha-fracasado-el-pais-mas-poderoso-del-mundo.html>).

In any case, “Bolsonaro’s brazen form of science denialism should not be confused with a critical stance towards science, which is a necessary feature of democratic governance” (Ortega & Orsini, 2020, p. 7). Of course, the democratization of science is important and must allow critique and contestation. Yet, Bolsonaro and Trump have co-opted this criticality for their strategic ends, denouncing any research about the virus in the name of their political significance (Žižek, 2020).

Historically and presently, Afro-Brazilians and Afro-Americans are exposed to racial and economic oppression. Regarding corona, both groups are more likely to be exposed to the virus because of their working and commuting as well as housing conditions. “Moreover, health care quality and access to health services are weak... and as a consequence the death rate[s]” are higher. “A lack of testing for communities and undernotification, as well as lack of food baskets to guarantee social distance and difficulties in accessing emergency government assistance” has also been reported in the Brazilian context (Valente, 2020; Megulhão, 2020, in Ortega & Orsini, 2020, p. 13-14).

In the US, during the pandemic, African American George Floyd was brutally killed by white policemen. His dying words, repetitively “I can’t breathe,” while being crushed to death, reverberated the world over. The experience of asphyxiation is also common in severe Covid-19 cases. We should connect the Covid-19 crisis and police violence against African Americans and explore their common ground: Both are pandemics (Crawford, 2020).

“There is a crucial common thread – racial and economic oppression. ... While the circumstances of COVID-19 and George Floyd’s death are not the same, the outcomes of both are heavily impacted by American race and class imbalances. COVID-19 death statistics reveal racial disparity in American society and so does the George Floyd incident.” (2)

Additionally, “I can’t breathe” has been related to the environmental exhaustion of the planet, its pollution and human-made exhaustion (Morandini, 2020).

Finally, the virus can only be stopped by collective, global health policies, and politics based on social justice. Such policies must oppose ideological mystification and work in tandem with the ecological struggle embedded in a reconsideration of our relationship to the non-human on the antipodes of capitalist greed and growth. Regarding global public health, it is paramount to keep in mind its two core principles according to Cash and Patel (2020): “attention to context and social justice and equity.” Yet, “top-down interventions, such as indiscriminate lockdowns, can exacerbate existing health disparities, and therefore challenge the principle of social justice and equity. Therefore, vulnerable groups in each society must be supported to avoid devastating consequences” (Ortega & Orsini, 2020, p. 11). Strict lockdowns, handwashing, social distancing recommendations, and emphasis on intensive hospital care might be effective in so-called first world countries. Yet, in others they might be impossible to carry out or even have devastating effects on public health. The pandemic has to be combated in ways that respect regional and cultural differences. In this spirit, the Global South has a lot to teach the Global North (Ortega & Orsini, 2020). Politicians need to critically listen to scientists without co-opting their criticality for populist endeavors. Afterall, “an enlightened approach to governing COVID-19 would see ... government[s] coordinating activities and initiatives..., recognising the importance of locally-based solutions and on-the-ground knowledge and expertise, not to mention the disproportionate impact of COVID-19 on already marginalised populations” (id).

Maybe stopping the virus will still last time, maybe our reality will become viral... Yet, instead of engaging in spiritualist meditations in search of some spiritualist authenticity or renewal in that condition (Žižek, 2020), the virus could be considered as the absurd – in the existentialist sense of the word. The absurd

simultaneously delimits and circumscribes our lives, in the form of a corona or other virus or still other delimitations or debilitations of our lives. However, we must democratize its consequences.

Camus had treated the absurd throughout his work and life. The end of his novel *The Plague* (1947) might conclude these reflections. When people celebrate the defeat of the plague, the protagonist, Dr. Rieux, intuits that this victory is not definite:

Écoutant, en effet, les cris d'allégresse qui montaient de la ville, Rieux se souvenait que cette allégresse était toujours menacée. Car il savait ce que cette foule en joie ignorait, et qu'on peut lire dans les livres, que le bacille de la peste ne meurt ni ne disparaît jamais, qu'il peut rester pendant des dizaines d'années endormi dans les meubles et le linge, qu'il attend patiemment dans les chambres, les caves, les malles, les mouchoirs et les paperasses, et que, peut-être, le jour viendrait où, pour le malheur et l'enseignement des hommes, la peste réveillerait ses rats et les enverrait mourir dans une cité heureuse.
(355)

Official English translation (2001):

Indeed, as he listened to the cries of joy that rose above the town, Rieux recalled that this joy was always under threat. He knew that this happy crowd was unaware of something that one can read in books, which is that the plague bacillus never dies or vanishes entirely, that it can remain dormant of dozens of years in furniture or clothing, that it waits patiently in bedrooms, cellars, trunks, handkerchiefs and old papers, and that perhaps the day will come when, for the instruction or misfortune of mankind, the plague will rouse its rats and send them to die in some well-contented city.
(237-8) •

Note

1. As opposed to Ortega & Orsini, I do equate Trump with Bolsonaro in this matter because it has become evident after the publication of their article (July 2020), that Trump does despise scientists and their findings, for example evident in his unobjective attacks against immunologist Anthony Fauci.

Bibliography

Bifo, Berardi, F. (2003). What is the meaning of autonomy today? Subjectivation, social composition, refusal of work. *Transversal – eipcp multilingual webjournal*. Retrieved from: <http://eipcp.net/transversal/1203/bifo/en> [Accessed 28 January 2019; no longer available].

Camus, A. (1947). *La peste*. Gallimard [English version (2001): The plague. Penguin Books].

Cash, R., & Patel, V. (2020). Has COVID-19 subverted global health? *Lancet*, 395(10238), 1687–1688. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31089-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31089-8).

Crawford, R. (2020). Connecting breaths. *Critical Inquiry*, 3 June 2020, pp. 1-3. Retrieved from: <https://critinq.wordpress.com/2020/06/03/connecting-breaths/> [Accessed 8 October 2021].

De Martino, E. (1977). *La fine del mondo. Contributo all'analisi delle apocalissi culturali* [The end of the world. Contribution to the analysis of cultural apocalypses]. Einaudi.

Fernández Polanco, A., & Pradel, A. (2015). A conversation with Suely Rolnik. *Re-visiones*, #5. Retrieved from: <http://www.re-visiones.net/index.php/RE-VISIONES/article/view/50> [Accessed 8 October 2020].

Gramsci, A. (1971). *Selections from the Prison Notebooks*. International Publishers.

Gramsci, A. (1918). Merce [Commodities]. *Avanti!* 6 June 1918.

Hardt, O., & Negri, T. (2009). *Commonwealth*. Belknap Press.

Hardt, O., & Negri, A. (2004). *Multitude: War and democracy in the age of empire*. Penguin Books.

Hardt, O., & Negri, A. (2002). *Empire*. Harvard University Press.

Lévi-Strauss, C. (1976). The effectiveness of symbols. In C. Lévi-Strauss, *Structural anthropology* (pp. 186–205). Basic Books.

Martínez Hernández, A. (2008). *Antropología médica. Teorías sobre la cultura, el poder y la enfermedad* [Medical anthropology Theories about culture, power, and disease]. Anthropos.

Marxen, E. (2020). *Deinstitutionalizing art of the nomadic museum. Practicing and theorizing critical art therapy with adolescents*. Routledge.

Mbembe, A. (2003). Necropolitics. *Public Culture*, 15(1), 11–40. <https://doi.org/10.1215/08992363-15-1-11>.

Megulhão, A. (2020). Avanço do coronavírus em áreas rurais provoca a morte de 19 quilombolas no Brasil. *Época*. <https://epoca.globo.com/brasil/avanco-do-coronavirus-em-areas-rurais-provoca-morte-de-19quilombolasno-brasil-24420695> [Accessed 8 October 2020].

Menéndez, E. (1994). La enfermedad y la curación. ¿Qué es la medicina tradicional? [The disease and the cure. What is traditional medicine?]. *Alteridades* [Alterities], 4(7), 71–83.

Ortega, F., & Orsini, M. (2020). Governing COVID-19 without government in Brazil: Ignorance, neoliberal authoritarianism, and the collapse of public health leadership. *Global Public Health*. <https://doi.org/10.1080/17441692.2020.1795223>.

Pizza, G. (2005a). Antonio Gramsci y la antropología médica contemporánea.

Hegemonía, ‘capacidad de actuar’ (agency) y transformaciones de la persona [Antonio Gramsci and medical anthropology today. Hegemony, agency and transforming persons]. *Revista de Antropología Social*, 14, 15–32.

Ribalta, J. (2010). Experiments in a new institutionality. In M.J. Borja-Villal, K. Cabañas, & J. Ribalta (Eds.), *Relational objects. MACBA collection 2002–2007* (pp. 225–265). MACBA.

Rolnik, S. (2019). *Esferas de la insurrección. Apuntes para descolonizar el inconsciente*. Tinta Limón.

Scheper-Hughes, N. (1992). *Death without weeping*. University of California Press.

Valente, R. (2020, April 25). A morte invisível de quilombolas pela Covid-19; já são seis casos no país. *Notícias UOL*. https://www.google.com/url?client=internal-element-cse&cx=005378748644499793559:6ocf8r7tt_8&q=https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/04/25/coronavirus-quilombolas-brasil.htm&sa=U&ved=2ahUKEwi-mcGF97vzAhWRW80KHSD-A484UBAWegQIDxAC&usg=AOvVaw2c5AwYM20Wlm_Bw8s82U2Q [Accessed 8 October 2020].

Taussig, M. (1992). Reification and the consciousness of the patient. In M. Taussig, *The nervous system* (pp. 83–109). Routledge.

Turner, V. (1967). A Ndembu Doctor in practice. In V. Turner, *The forest of symbols: Aspects of Ndembu ritual* (pp. 359–393). Cornell University Press.

Virno, P. (2004). *A grammar of the multitude: For an analysis of contemporary forms of life*. Semiotext(e).

Virno, P. (1996). *Virtuosity and revolution: The political theory of exodus*. University of Minnesota Press.

Zizek, S. (2020). *Pandemic! Covid-19 shakes the world*. OR Books.

Projeto Casa Ateliê: Arte, saúde e educação¹

Introdução

O projeto *Casa Ateliê: Arte, saúde e educação* é uma parceria do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com o Serviço de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE-UERJ) e o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA-UERJ). A Casa Ateliê é um desdobramento de um projeto inicial composto por professores e alunos bolsistas do Instituto de Artes somado ao trabalho da equipe técnica do Setor da Psiquiatria (médicos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros e residentes) chamado: *Ateliê de Múltiplas Linguagens*, desenvolvido a partir do ano de 2014. Essa parceria viabilizou a criação e a montagem da oficina de cerâmica, equipado com: fornos, tornos, tintas e demais materiais. Atualmente os bolsistas do projeto Casa Ateliê têm a oportunidade de participarem do espaço das oficinas de cerâmica no setor da psiquiatria e também de desenvolverem oficinas de arte em outro setor, no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA). Serviço da Universidade do Estado do Rio de Janeiro responsável pela atenção integral à saúde de adolescentes na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, funcionando como unidade docente-assistencial nos níveis de atenção primária, secundária e terciária. O projeto Casa Ateliê, que tem o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é uma interface entre as áreas de artes, saúde e educação. Ele tem como proposta ser um espaço experimental de artes voltado para os adolescentes, e também a todos aqueles que estão de alguma forma, ligados ao Hospital Universitário Pedro Ernesto, por questões de saúde ou acompanhando algum paciente em ambulatórios ou enfermarias.

O Projeto Casa Ateliê

O projeto, que teve início em julho de 2018, buscou implementar oficinas com as linguagens plásticas e visuais, voltadas para os adolescentes no ambulatório do NESA. A parceria acontece através da Atenção Primária que desenvolve projetos de promoção e prevenção da saúde dos adolescentes desde 1995, no Estado do Rio de Janeiro e no território nacional, através da capacitação de equipes profissionais das áreas da educação e da saúde. A Casa Ateliê em suas oficinas procura ser um espaço de acolhimento, assim como é esperado nos trabalhos da Atenção Primária.

As equipes têm a possibilidade de se vincular, se responsabilizar e atuar na realização de ações coletivas de promoção e prevenção no território, no cuidado individual e familiar, assim como na (co)gestão dos projetos terapêuticos singulares dos usuários, que, por vezes, requerem percursos, trajetórias, linhas de cuidado que perpassam outras modalidades de serviços para atenderem às necessidades de saúde de modo integral (BRASIL, 2013, p. 14).

As oficinas de artes no ambulatório buscam estimular o interesse das crianças e dos adolescentes para as linguagens artísticas. O projeto vem constituindo-se em um espaço de trabalho em sintonia com as diferentes categorias profissionais (assistentes sociais, dentistas, enfermeiros, fonoaudiólogos, médicos e psicólogos) e contribui para a inserção da arte num ambiente hospitalar. A participação nas oficinas não é obrigatória. Além do público a que se destina, pode-se perceber um visível interesse dos acompanhantes em experimentarem as atividades plásticas: mães, pais, irmãos mais novos ou mais velhos, avós e tias que se integram. Abriu-se, assim, uma nova forma de fazer oficina com diversidade etária, graus variados de instrução e diferentes gerações numa mesma atividade, contribuindo para o compartilhamento de uma variedade de pensamentos e expectativas de vida em um mesmo espaço. Percebemos que as oficinas se tornaram brechas de interação familiar, sendo quase sempre prazerosas e acolhedoras por todos que ali se reúnem.

Foi observada a importância de se abrir um espaço para todos os envolvidos nessa atmosfera hospitalar, considerando os sentimentos revelados de ociosidade, angústia, tédio e ansiedade

que os afetam no período de espera que antecede o atendimento médico. Tais sentimentos nos foram apresentados por meio dos diálogos construídos durante as participações nas oficinas, o que possibilitou um aprofundamento da pesquisa na produção de metodologias e nos materiais pedagógicos.

As trocas de experiências e atenção entre gerações familiares ou dos grupos que enriqueceram as oficinas nos fizeram repensar o nosso público alvo que estava restrito ao paciente, no caso o adolescente em atendimento. As atividades ficaram recheadas de narrativas de histórias e do apreço a respeito do fazer e do lúdico compartilhados em família ou em grupo no espaço ambulatorial.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) “saúde é o ‘estado de completo bem-estar físico, mental e social’, e não apenas a ausência de doenças.” (OMS apud Amarante, 2007, p. 18). Paulo Amarante (2007) questiona o que poderia ser esse “bem-estar” e quem chegaria a essa perfeição para ser considerado saudável. Além disso, consideramos que neste conceito de saúde está incluída a esfera “social”, as ações/ movimentos culturais e artísticos que estão diretamente relacionados. Ambas ações são, necessariamente, coletivas, e a OMS permite o reconhecimento do bem-estar social como parte da saúde coletiva e individual.

Algumas experiências nas oficinas da Casa Ateliê

Começamos a perceber que as oficinas de artes se tornaram espaços de acolhimento, espaços prazerosos e de escuta, além de trocas de experiências e aprendizado, e, algumas vezes, espaços de reflexão social. Alguns trabalhos, em especial dos adolescentes, mostram a preocupação com a violência na região onde eles moram. Estes adolescentes se expressam tanto por meio das imagens criadas, quanto oralmente durante o processo criativo, explicando-as.

As oficinas de arte acontecem todas as sextas-feiras, na parte da manhã, quando mensalmente é abordado um tema de história da arte e/ou conceitos visuais, com a utilização de vários materiais plásticos. A oficina ocorre ao redor de duas mesas unidas na própria sala de espera. As orientações das atividades são realizadas por dois ou mais facilitadores de grupo: bolsistas do projeto Casa Ateliê. E os trabalhos normalmente ficam em exposição no próprio ambulatório ou são levados para casa pelos participantes.

O público atingido se renova a cada semana em um espaço de retorno variável conforme agendamento dos profissionais, não sendo comum realizar a mesma atividade proposta no mês. As oficinas ocorrem enquanto os pacientes esperam pelo atendimento. Não é incomum serem atendidos por diversos profissionais da saúde (enfermeiros, fonoaudiólogo, médico, psicólogo). Frequentemente, os participantes voltam à oficina após o atendimento para completar suas atividades. Como em alguns atendimentos é solicitada a presença da família (paciente adolescente e um responsável), já aconteceu do familiar ou do próprio paciente estar envolvido com a sua atividade plástica na oficina e pedir para que o outro antecipe-se no atendimento enquanto ele ou ela iria logo em seguida, causando cumplicidade e sorrisos aos que gostaram de permanecer na atividade.

O fato de todos da oficina ficarem ao redor da junção das duas mesas formando uma só favorece a integração e por vezes a sincronia dos movimentos. Uma conversa chama a atenção de todos que se envolvem com a história narrada ou realizada em uma atividade plástica. Outras vezes, as falas vão cessando e a cor das tintas e o envolvimento do pincel tornam-se mais fortes. Vivenciamos cenas como a de uma adolescente que, ao terminar a pintura, deitou a cabeça no colo da mãe (que também estava participando da atividade) como se fosse um desfecho do seu próprio trabalho, de uma calma que veio e se espalhou ao redor da mesa da oficina. Um outro adolescente parou de desenhar e ficou por vários minutos observando o desenho que outra pessoa fazia. Depois disso, ele solicitou mais papel e se envolveu em seu trabalho com tanta dedicação e prazer que, além da visível superação comparada com o seu trabalho anterior, o adolescente parecia meditar sobre o que estava realizando. Na sequência, sorriu quando foi elogiado e disse que também tinha gostado do resultado.

Apontamentos

Existem três pontos pertinentes que envolvem as oficinas de artes. O primeiro deles é a alfabetização visual de forma prazerosa. O livro *Sintaxe da Linguagem Visual* (DONDIS, 2007) comenta a respeito da dificuldade das artes visuais serem vistas somente como uma ação recreativa. Por serem lúdicas e prazerosas, prendendo a atenção o que facilita o aprendizado, parecendo quase intuitivo. Correndo um sério risco em não se perceber a importância da alfabetização visual e os seus diversos direcionamentos e usos.

Uma das tragédias do avassalador potencial do alfabetismo visual em todos os níveis da educação é a função irracional (...) que as artes visuais desempenham nos currículos escolares, e a situação parecida que se verifica nos usos dos meios de comunicação, câmeras, cinema e televisão. Porque herdamos, nas artes visuais, uma devoção tácita ao não-intelectualismo? (DONDIS, 2007, p. 17)

A alfabetização visual facilita a compreensão das mensagens visuais, além de permitir, àquele que tem acesso a essa alfabetização, “redigir” pela linguagem visual, ou seja, transmitir a sua própria mensagem. “Expandir a nossa capacidade de ver significa expandir a nossa capacidade de entender uma mensagem visual, e, o que é ainda mais importante, de criar uma mensagem visual” (DONDIS, 2007, p. 13). O acesso à arte visual, desse fazer artístico, viabiliza a compreensão dessa linguagem e, simultaneamente, o seu manejo.

Hernández (2007) descreve o mundo como o lugar onde o que vemos tem muita influência em nossa capacidade de opinião, despertando a subjetividade e possibilitando interferências no conhecimento do que ouvimos ou lemos. Para o autor, não é estranho falar sobre alfabetização visual atualmente, na qual se é ensinado a ler criticamente as visualidades constituintes do nosso cotidiano.

O segundo ponto é não restringir as artes visuais a uma de suas facetas, mesmo que encantadora, como o acesso às singularidades subjetivas de um indivíduo. Fayga Ostrower, artista plástica, em *Acaso e criações artísticas*, mostra preocupação sobre a percepção da arte, em especial as artes visuais pela leitura que os psicanalistas dão. Ostrower questiona o uso da metodologia psicanalítica da arte para a arte, porque os psicanalistas, ao se debruçarem sobre a análise da arte, dão ênfase à imagem como ilustração dos seus casos clínicos psicológicos, na busca de diagnósticos. Mas o ponto chave para a autora é que “a psicanálise ignora na arte a existência de uma linguagem própria” e que inclui conteúdos expressivos das imagens, com significados culturais, onde o que é simbolizado não é uma experiência pessoal exclusivamente (OSTROWER, 1995, p. 11).

A arte é muito mais do que isso. Por ela ter um cunho cultural-social, a sua linguagem é expressiva nesses entrelaces, nas tramas cotidianas que vão além do indivíduo. Ela não é uma mera alegoria subjetiva de uma única pessoa, mas uma forma de mensagem daquelas pessoas, da comunidade como um todo. A arte, nessa visão não facetada, se torna um meio de estar em contato com essa conexão coletiva.

O terceiro ponto que envolve as oficinas de artes é a importância da restauração da cidadania através da arte. Destacamos o trabalho de Angela Philippini. Segundo ela, não adianta fazer terapia somente no enfoque da pessoa, mas na busca de espaços comunitários do fazer artístico. Por isso, a importância dos grupos e das oficinas de arte. Porque seriam “territórios sagrados”, lugar de trocas, reflexões e experimentos das artes, em especial das artes visuais.

Uma sociedade necessita de espaços comunitários de produção e fruição da cultura, em particular da arte. Se os meios de comunicação podem proporcionar a difusão de experiências, não podem, por outro lado, substituir o contato vivo, direto, e interativo com a experiência cultural. Não basta oferecer possibilidades mais democráticas de consumo, é preciso criar oportunidades, espaços e estímulos para a produção, para o fazer. A experiência de produzir rompe com a passividade, desenvolve a consciência crítica e a solidariedade. Em lugar do simples consumidor, cria o agente, o criador consciente, o cidadão. (PHILIPPINI, 2004, p. 75).

E com esse movimento de trocas do fazer artístico, as oficinas de arte contribuem para o aumento da criatividade, para o aumento da percepção das várias formas de linguagem, e não se limitam à linguagem oral e à escrita. Essas linguagens marcam presença no mundo, marcam e transformam as formas individual e coletiva de se viver.

Considerações Finais

As artes, nesses espaços comunitários, estimulam a sensibilidade das pessoas em relação ao outro, em que suas peculiaridades se somam e contribuem coletivamente. Há um enfoque mais amplo sobre a saúde, realizado pela arte e pelas trocas coletivas. Percebe-se que ao redor da mesa onde ocorrem as oficinas há uma maior interação entre os participantes, sejam eles desconhecidos ou familiares. As trocas de experiências e narrativas de histórias familiares ou comunitárias e o compartilhamento de materiais artísticos têm permeado um acolhimento mútuo e o interesse pelo outro. As questões sociais também aparecem oralmente ou nas imagens visualizadas.

As trocas de vivências diversas e geracionais no mesmo espaço do fazer artístico e cultural propiciam histórias de vidas compartilhadas tanto em suas falas, quanto no ato do fazer. A possibilidade desse encontro com a arte é para muitos que ali participam um lugar diferenciado, trazendo a descoberta de uma nova linguagem ao seu alcance. Por meio do projeto Casa Ateliê, percebemos a importância de espaços como esse ao participarmos das oficinas no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, onde os adolescentes, público-alvo inicial, se tornam divulgadores desse acesso aos seus familiares e demais pessoas com quem convivem. •

Nota:

1. O projeto *Casa Ateliê*: Arte, saúde e educação é uma parceria entre o Instituto de Artes, o Núcleo de Estudo da Saúde do Adolescente (NESA) e do Serviço de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto implementa oficinas de linguagens visuais voltadas para adolescentes em atendimento ambulatorial. As oficinas de artes têm constituído um espaço de trabalho em paralelo com as diferentes categorias profissionais (assistentes sociais, dentistas, enfermeiros, fonoaudiólogos e psicólogos) e contribuem para a inserção da arte num ambiente hospitalar de forma inusitada. Três pontos envolvem as oficinas: a linguagem visual; a não restrição das artes visuais como uma mera ferramenta para entender a subjetividade individual; e a importância da cidadania por meio da arte.

Referências Bibliográficas

AMARANTE, P. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL. *Caderno de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento_demanda_espontanea_cab28v1.pdf. Acesso em: 19 de julho de 2019.

GUARESCHI, Pedrinho A. & BIZ, Osvaldo. *Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você precisa saber sobre mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

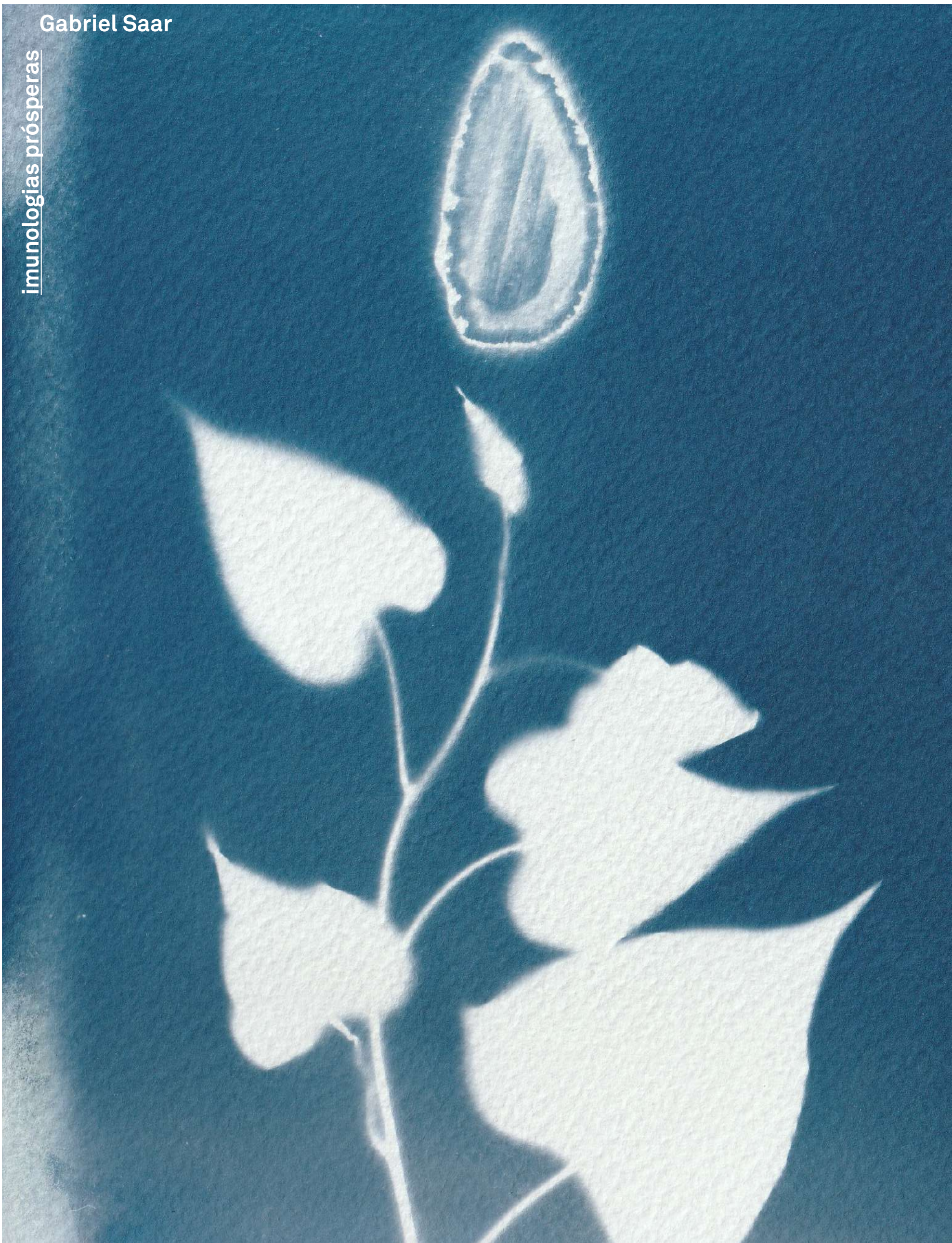
HERNÁNDEZ, F. *Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

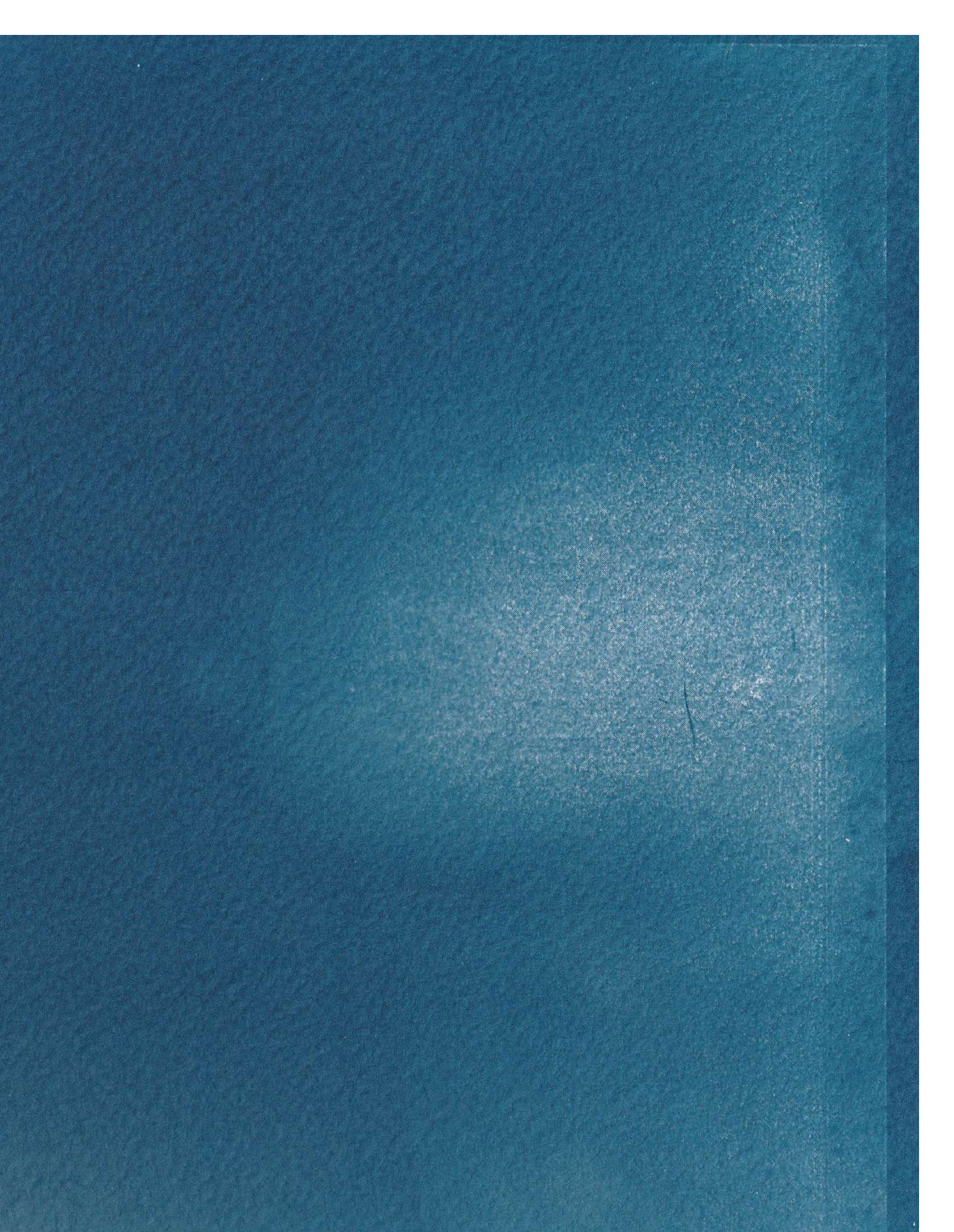
Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Acolhimento à demanda espontânea*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e criações artísticas*. Rio de Janeiro: Campus, 1995. PHILIPPINI, Angela. *Para entender Arte Terapia: Cartografias da coragem*. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

Gabriel Saar

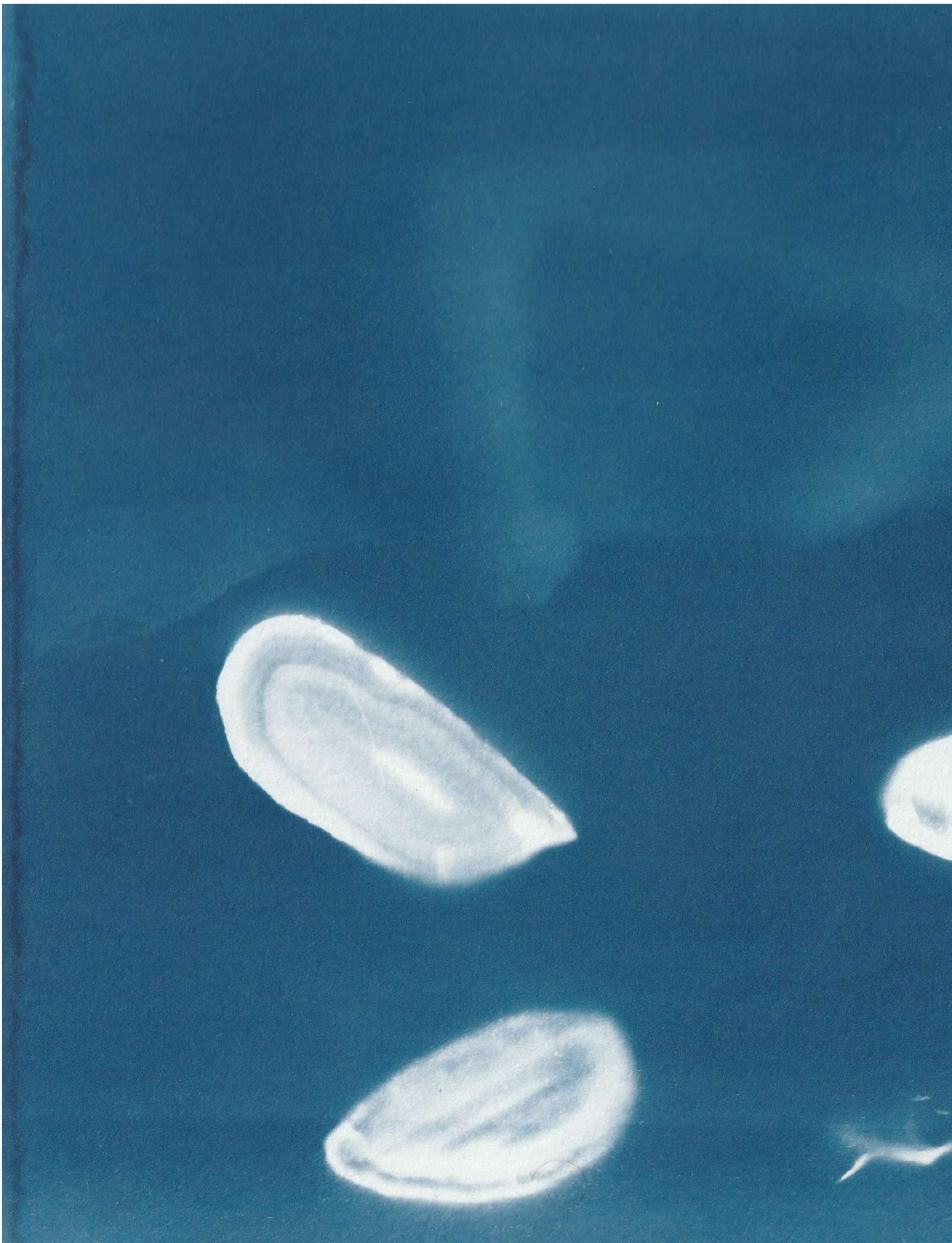
imunologías prósperas

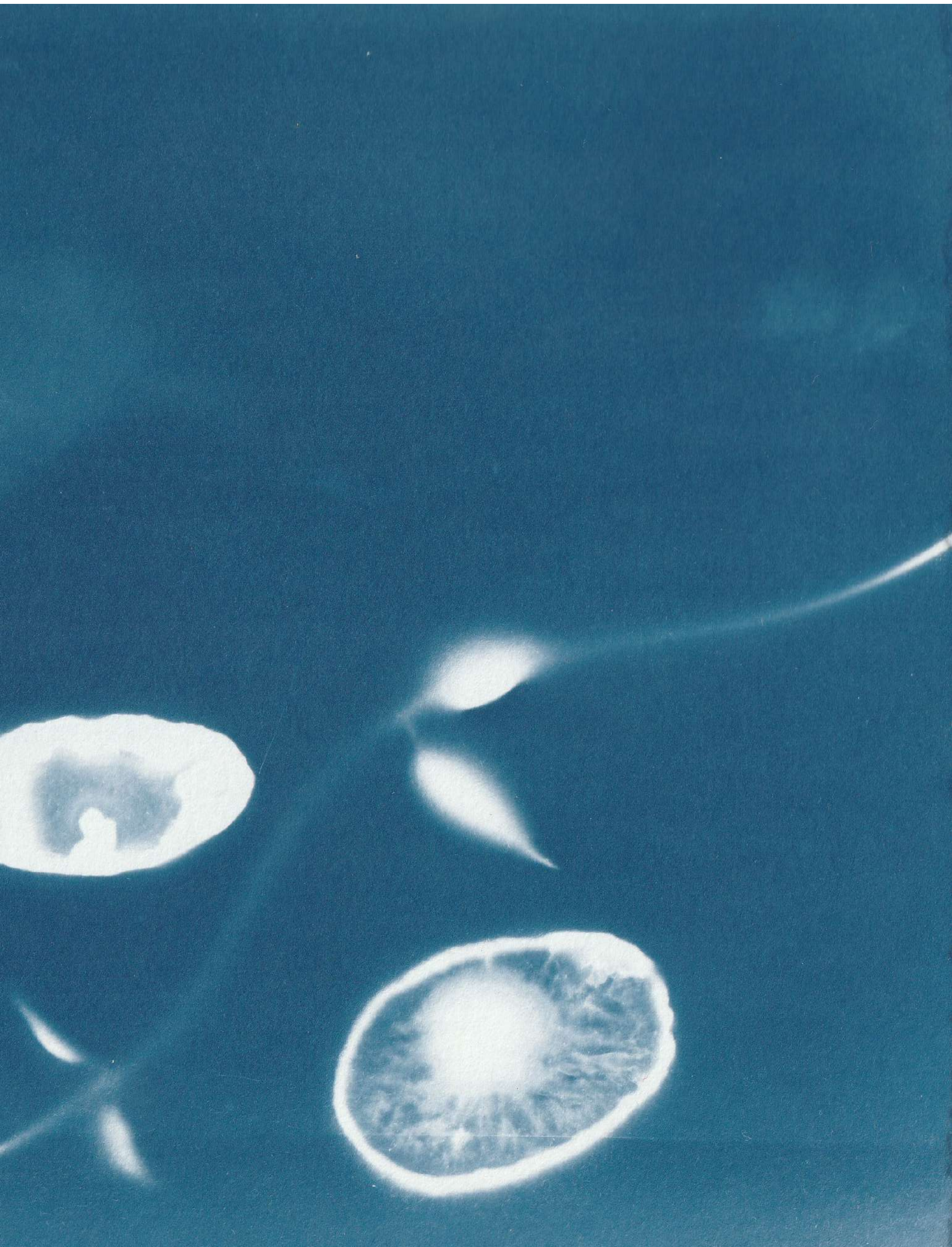
















**Novos *ethos*
nas abordagens
do cuidado nas
atividades de
canto na Vila
da Psiquiatria
- UDA/HUPE-
UERJ**

1 - Introdução

Difícil é tentar mensurar o impacto e as perdas na produção de pesquisas cujos processos de consolidação dependem do contato pessoal e até mesmo de aglomerações de pessoas. No que diz respeito ao campo da saúde mental, desde 2015, estamos realizando um trabalho nas dependências da Vila da Psiquiatria do HUPE (Hospital Universitário Pedro Ernesto) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. O projeto *Casa Ateliê*, que vem oferecendo oficinas semanais aos pacientes do hospital-dia, uma nomenclatura utilizada para as instituições da área da saúde mental que se orientam pela Reforma Antipsiquiátrica e da Luta Antimanicomial, pressupõe um hospital em que o paciente passa o dia, participa de atividades ocupacionais e volta pra casa.

O projeto citado acima constitui-se também como espaço privilegiado para a realização dos estágios supervisionados dos estudantes do curso de licenciatura em artes. Com isso, podemos afirmar que nosso trabalho tanto na psiquiatria quanto no setor destinado à saúde infanto-juvenil vem consolidando uma parceria inédita entre as artes e a saúde.

Sendo assim, ampliamos as nossas atividades também ao campo da música por meio das oficinas de canto coral que vêm sendo realizadas na Unidade Docente de Atendimento Psiquiátrico, do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), viabilizando uma pesquisa sobre a importância da arte em espaços de saúde, propiciando também o atendimento de pessoas que através da música, das artes plásticas, do teatro e da poesia restauram suas psiques cindidas por adoecimentos atribuídos muitas vezes à vida que levamos.

O plano de trabalho “*Canto coral como prática de cuidado coletivo*” deve-se a conquista de uma bolsa do *Programa de Treinamento e Capacitação Técnica Nível 5* da FAPERJ, que possibilitou iniciarmos um novo trabalho de práticas de vivência musical através do canto e musicalização com “clientes” do hospital-

dia, encontros que se revelaram auspiciosos considerando os estágios de tratamento no ambiente hospitalar.

Tudo começou no início de agosto de 2019 diante da participação semanal no grupo de estudos “*Zonas de Contato – Às margens com Medéia*”.¹ Poderíamos dizer que o projeto *Às margens com Medéia* iniciou-se há alguns anos a partir da força de um mito/arquétipo feminino presente em muitos acontecimentos que emolduram a nossa época. Porém, foi a partir de 2015 com os encontros de trabalho com o grupo Multifacetados sob a condução da atriz Ana Cristina Colla, professora da UNICAMP e atriz da Cia. Lume Teatro, que se iniciou a retomada de um trabalho sobre processos composicionais para a cena, agora no âmbito do laboratório de artes cênicas da UERJ e junto ao coletivo de mulheres criado para essa montagem de *Medéia*. Este laboratório vem atuando sobre as diversas modalidades de treinamento para atrizes/atores/performers/bailarinas(os) e se ancora num trabalho de investigação sobre dramaturgias do corpo que amplia qualidades de presença e investe em criações performativas de natureza interseccional onde diversas opressões como de gênero, raça e classe social possibilitam novas abordagens para um trabalho com as linguagens do teatro, da dança e da performance.

Este projeto foi contemplado em 2016 pelo edital de “Apoio à Produção e Divulgação das Artes”, da FAPERJ, e também possibilitou desenvolvimento de algumas oficinas no contexto do hospital, oferecidas quinzenalmente junto ao elenco da montagem, organização de atividades artístico-culturais; participação no projeto “*Performatividades e teatralidades em tempos de catástrofe*”, contemplado recentemente por um APQ1 FAPERJ, que articula redes com pesquisadores de vários países latino-americanos, como Brasil, México, Chile, Equador e Argentina.

Sobre os aspectos metodológicos, nos servimos de algumas ferramentas conceituais e metodológicas para o desenvolvimento das atividades, visando trabalhar em consonância

e de forma transdisciplinar com os demais projetos² comprometidos com a luta anti-manicomial e profissionais que já atuaram ou que atuam na instituição.

A metodologia compreende quatro etapas que se alternam entre planejamento/elaboração/implementação/execução das atividades propostas, grupo de estudos, oficinas presenciais, ensaios e apresentações. O projeto seguiu as normas do Conselho de Ética Institucional que aprovou o projeto da orientadora. A metodologia compreende ainda: aulas práticas, formação de repertório, exercícios vocais, expressão corporal, desenvolvidas semanalmente nos espaços destinados ao atendimento dos usuários dos serviços de saúde.

Os aspectos relativos à experiência de vida e a identidade sonora³ que é:

constituente da memória não-verbal, ou seja, que as energias sonoras herdadas e vivenciadas constituem-se como engramas mnêmicos sonoro-musicais no sujeito. Refere que a partir do momento da concepção o ser humano é rodeado por um conjunto infinito de energias sonoras como vibrações, movimentos, sons e músicas que, atrelados às emoções, sensações, experiências de vida e vivências relacionais, delineiam esta identidade (BENENZON, 1998 apud PASSARINI, 2009, p. 02).

Se sustentam nas frequências sonoras e musicais componentes nos diferentes aspectos estruturais e estruturantes da psique humana de forma a atuar no constructo das nossas subjetividades, comunicação e relação com o mundo. Essa identidade sonora-musical também tange a identidade vocal das/os participantes, ou seja, as características psico-fisiológicas, emocionais e culturais da voz de cada indivíduo. Esses elementos foram o insumo da elaboração dos repertórios e das performances. O ato criativo coletivo e a auto-expressão utilizados favoreceram para o estabelecimento de uma interação social positiva.

As práticas performativas foram neste projeto predominantes, considerando o período previsto de realização, ou seja, entre agosto de 2019 a julho de 2020. Nas vivências artísticas focamos tanto nos aspectos técnicos vocais quanto nos exercícios do canto em suas dimensões fenomenológicas, ampliando a oportunidade de vivência estética individual e/ou coletiva. Nas apresentações criou-se espaços de sociabilidade colaborativa, de encontros e produções coletivas, de trocas de experiências, de afetos e de cuidado mútuo, oportunizando a expansão da criatividade e da auto-expressão.

2. Das minhas *Cantovivências*

Para ilustrar as experiências musicais, tanto individuais minhas e das demais pessoas envolvidas nas atividades quanto as coletivas do projeto em questão, parafraseio o conceito de *Escrevivência* da escritora Conceição Evaristo, o qual ela define como uma escrita de mulheres negras que parte de referência histórica, da oralidade e da memória coletiva.

Adoto esse referencial por considerar que este conceito-metodológico ilustra melhor os meus processos e experiências enquanto uma mulher negra cantora/professora/pesquisadora. As minhas *Cantovivências* são resultado do longo processo de estudos e formação acadêmica em Música com especialidade ao meu bacharelado em Canto e mestrado em Música na área da musicologia histórica do PPGM da Escola de Música da UFRJ que, embora sejam focados no repertório da música clássica européia ocidental e brasileira, pude também, enquanto coralista, estudar o repertório da música popular brasileira, não somente a MPB, mas vários outros gêneros como xote, baião, forró, músicas afro-brasileiras, indígenas, côco, Bumba-meu-boi, ciranda, dentre tantos outros.

É essa bagagem de experiências e aprendizados que me possibilita concretizar o meu *Cantoviver*, ancorado e circundante em espaços/territórios e contextos de promoção do bem estar emocional, da saúde mental e do cuidado. Desde a adolescência vivencio essa experiência do rito de curar com a música. Quando era conflagrada por tensões familiares, sociais e existenciais, era a música que me trazia de volta para o eixo do bem estar e da paz interior. Eram os ensaios do Coral da Escola de Música do Estado do Maranhão - Lilah Lisboa de Araújo e da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, as aulas de canto, contrabaixo acústico e demais matérias da música que me propiciavam mergulhar profundamente para dentro mim e entender, aceitar e acolher o meu eu ferido de menina de forma generosa para que eu

pudesse explorar o que havia e há de melhor dentro de mim.

E, esse é o meu “*modus operandis*” que dinamiza toda a minha trajetória na música em todos os níveis de formação e atuação. A minha interação com a música sempre esteve para além de uma vivência e apreciação estética/artística, haja vista que a música sempre foi e continua sendo um instrumento de cura para mim.

Conceição Evaristo, numa entrevista intitulada *Escrevivência - Episódio 01 - da série Ecos da Palavra*, para o canal do Youtube “*Instituto de Arte Tear*”, nos diz o seguinte sobre uma *Escrevivência*:

[...] A gente pode relacionar essa *Escrevivência* tanto como uma forma de escrita alfabética, como também você pode pensar numa forma de outras escritas. De escritas que não se dão só pelo alfabeto, **mas se dá pelo corpo, pelo gesto, pela voz e pela expressão. Essas são as possibilidades da oralidade, da fala.** E, a *Escrevivência* tem muito a ver também com uma escrita que nasce de uma experiência; de uma vivência e das subjetividades das mulheres negras. A minha *escrevivência* é marcada pela minha condição de mulher negra da sociedade brasileira. (EVARISTO, 2017, grifo nosso)

Partindo da ponderação da autora, me sinto à vontade para definir as minhas experiências musicais, práticas artísticas e pesquisas desenvolvidas e em desenvolvimento como uma *Cantovivência*, pois, se por um lado o escrever diz respeito a oralidade e formas de expressões também por meio da voz, por outro, o meu *cantoviver*, ou seja, as minhas experiências que por meio do canto/voz/oralidade, pesquisas históricas musicológicas e artísticas, expresso minhas percepções e condição de mulher negra da sociedade brasileira.

Em nossas atividades, valorizo a autonomia de organização, a reivindicação e expressões

das subjetividades que estabelecem as relações do visível ao dizível e do audível ao vivível, isto é, valorizamos aspectos que traduzem a dimensão existencial a partir de um cantar e uma escuta/apreciação afetiva e ativa. No projeto, as práticas vocais, tanto minhas como também das/os pacientes do HUPE, têm revelado que, para além do próprio corpo, das memórias coletivas e individuais, uma de suas funções sociais é também materializar nuances das subjetividades estabelecidas/construídas e compartilhadas dentro das experiências/vivências artísticas vocais, gestuais, corporais, visuais, aspectos inerentes à condição humanas. E, assim, amplio e compartilho com aquelas e aqueles que encontro no meu caminhar/devir de mulher negra, a minha *Cantovivência* e o meu *Cantoviver*.

3. Do Cantoafetação

Segundo o dito popular, *quem canta seus males espanta*, e, assim, cantamos para subir o espírito da dor, sofrimento e o da morte que assombra o planeta com a pandemia do Coronavírus. No contexto das atividades do projeto no HUPE, cantávamos em busca da plenitude de um bem estar psicológico e da alma como forma de refutar o estigma histórico da loucura que permeia o imaginário social coletivo ao redor do mundo. Como bem pontua Sidnei Martins Dantas⁴ “[a] história da loucura é pautada pela tragédia e a ironia do discurso dos artistas que vivenciaram a realidade dos manicômios, revela tal tragédia” (DANTAS, 2016, p. 113).

O discurso artístico aqui apresentado através da música e do canto, diz respeito a um complexo de possibilidades que estão para além da ironia, já que as afetações por via do canto são singulares, uma vez que, no ato de cantar, liberamos também com a voz as dores e todos os males que tendem nos silenciar. No que tange ao funcionamento das oficinas de canto, os atendimentos aconteciam tanto de forma individualizada quanto coletiva, com acompanhamento de violão e *à cappella*⁵. Preparávamos os repertórios a partir dos interesses de cada participante, bem como praticávamos exercícios de técnica vocal adaptados a cada voz.

Sendo assim, uma ilustração primeira de um *Cantoafetação* se configura num dos momentos mais especiais e emocionantes sobre o afetar/ser afetado pelo canto/música em nossas atividades. Em fevereiro de 2020, produzimos um baile de carnaval e neste período havia na enfermaria psiquiátrica duas pessoas internadas⁶ em estado profundo de depressão. Por isso, ambas não conseguiam interagir com os demais colegas.

Porém, enquanto o baile acontecia na sala do Café Literário, chegava a nós, notícias sobre o interesse de participação dessas duas pessoas na atividade. Foi quando os próprios

participantes pediram para fazermos um cortejo na Vila. Ao sairmos cantando um repertório de marchinhas de carnaval e outras canções escolhidas pelos próprios “clientes” do hospital-dia da Vila Psiquiátrica do HUPE, tivemos a dádiva de encontrá-los na porta da enfermaria esperando o baile passar.

No entanto, a interação deles não parou ali. Após festejarmos por todos os espaços, voltamos para a sala e mais uma vez fomos surpreendidas/os com a presença de ambos. O senhor passou para nos visitar rapidamente enquanto a senhora, trocou de roupa (tirou o uniforme da enfermaria e colocou seu vestido jeans), pegou sua bolsa de mão, entrou no baile e ainda lanchou do nosso banquete carnavalesco. Ela ficou na festa até a hora do seu almoço.

Um *Cantoafetação* complexo, propicia também atividades artísticas diversas já que os coralistas transportam as experiências do canto para as demais atividades, por isso, os fazeres e saberes se desenvolvem numa perspectiva de arte integrada por meio de

leituras dramáticas de poemas, saraus lítero-musicais, ações performativas e visuais por via de desenhos e performances do cotidiano nas edições do Café Literário e nas aulas.

Dentro de um apanhado de complexidade, fazem considerar:

As habilidades dos sujeitos que se tratam nesta unidade de saúde para as oficinas de escrita criativa e do Café Literário, as oficinas de cerâmica e as oficinas de canto. Além das produções artísticas em cerâmica, elas/es criam e pintam seus desenhos que costumam ser apresentados em exposições internas após suas criações. Durante a preparação do baile, cada um/a fazia suas fantasias e o cenário e, simultaneamente expressavam coletivamente o espírito festivo e a vitalidade que lhes transbordavam nos bastidores.

Outro ponto a destacar são as habilidades de um “cliente” no manuseamento de equipamentos tecnológicos. Ao registrar cenas a partir de um olhar pessoal sobre



Registro dos arquivos do projeto

o Baile de Carnaval, essa mesma pessoa compartilhou junto aos demais um vídeo de sua própria autoria - direção e edição. Neste ponto, cabe-nos dialogar com Mirzoeff quando o autor afirma: “O direito a olhar reivindica autonomia, não individualismo ou *voyeurismo*, mas pleiteia uma subjetividade e coletividade.” (MIRZOEFF, 2016, p. 2)

No primeiro encontro após ao Carnaval (março 2020), fomos convidados a nos reunirmos para a contemplação do documentário em tela. Ao final, as pessoas que participavam da atividade demonstraram grande satisfação e alegria ao verem suas imagens sob a ótica do companheiro. Essa produção de audiovisual garantiu ao grupo o direito de nos olharmos e reconhecermos uns nos outros a nossa humanidade livre de qualquer estigma e estereótipos.

As vivências primeiras foram as trocas da dádiva do olhar, algo que carrega em si o que há de mais subjetivo em nós. Nicholas Mirzoeff⁷, em *O Direito a Olhar*, destaca:

Quero reivindicar o direito a olhar. Esta reivindicação, feita nem pela primeira e nem pela última vez, é por um direito ao real. Pode soar como um pedido inesperado, depois de tudo que vimos na primeira década do século XXI a respeito das mídias antigas e novas, desde a queda das torres e até o afogamento de cidades e a violência sem fim. O direito a olhar não é meramente uma questão de visão. Ele começa em um nível pessoal com o olhar adentrando os olhos de alguém para expressar amizade, solidariedade, ou amor. Aquele olhar deve ser mútuo, cada um inventando o outro, do contrário ele falha. Como tal, é irrepresentável. O direito a olhar reivindica autonomia, não individualismo ou *voyeurismo*, mas pleiteia uma subjetividade e coletividade políticas: “o direito a olhar”. (MIRZOEFF, 2016, p. 2)

A citação faz-nos resgatar algumas memórias das atividades realizadas na Vila da Psiquiatria. O olhar foi o nosso primeiro contato que, para além de nos permitir conhecermos e criarmos

laços de confiança para que o projeto se concretizasse, o olhar também nos permite conhecer as realidades não só dos integrantes do projeto, mas a nossa também, uma vez que os nossos olhares em alguns aspectos se reportavam como espelhos nos quais nossas realidades eram refletidas e, assim, quando nos vemos, logo nos reconhecemos. O olhar foi o elo de construção de um lugar seguro entre nós.

Sobre esse processo de autoconhecimento uns nos outros, Mirzoeff enfatiza:

Você, ou seu grupo, permite que um outro te encontre, e ao fazê-lo, você encontra tanto o outro quanto a si mesmo. Isso significa requisitar o reconhecimento do outro a fim de ter um ponto de partida para reivindicar um direito e determinar o que é certo. É a reivindicação a uma subjetividade que tem autonomia para organizar as relações do visível e do dizível. (MIRZOEFF, 2016, p. 02)

O extrato nos conduz a inferir que em nossos encontros, isso também permitiu, da nossa parte, desconstruir o olhar da *Outridade*⁸, uma vez que encontramos neles, o reflexo da nossa humanidade, isto é, experimentamos, na verdade, uma imersão para dentro de nós mesmas. O nosso posicionamento diante dos pacientes era diferente do típico posicionamento institucional, era mais aberto, dialógico, menos hierarquizado. Sobre o nosso posicionar diante das/os nossas/os nas atividades, dialogamos com Dantas que enfatiza:

Além da implicação de uma situação de enunciação e certa relação com a linguagem, um posicionamento implica ainda um investimento imaginário do corpo, uma adesão física a certos universos de sentidos, pois, as ideias são apresentadas através de certa maneira de dizer (modo de enunciação) que é também uma maneira de ser, ou seja, aquilo que Maingueneau denomina de Ethos. (DANTAS, 2016, p. 124).

Com base nisso, ousamos afirmar que se constrói um novo conjunto de práticas cotidianas que imputa novos costumes e hábitos fundamentais para a luta antimanicomial, no âmbito das instituições, ou seja, a cultura e a arte, em conjunto com várias outras iniciativas políticas e sociais que propiciaram um novo *Ethos* das abordagens do cuidado.

Vale destacar também a parceria com o Laboratório de Cerâmica do Instituto de Artes/COART para ampliação das atividades durante o período da reforma e incentivo à saída do hospital e contato com outros espaços da UERJ. Cabe notar que todas as vezes que saímos com alguns “clientes” do hospital-dia, a resposta foi extraordinária. Um episódio em especial nos marcou profundamente: uma jovem com longo histórico de internações acabou conhecendo uma das oficinas de dança oferecidas neste espaço cultural da UERJ; ela passou a frequentar as aulas e a fazer amizade com pessoas que também frequentavam essas oficinas. A participação dessa jovem num novo grupo totalmente distinto do ambiente hospitalar produziu um efeito terapêutico de autoconfiança, independência, que foi determinante na re-inserção dessa jovem em seu ambiente social.

Considerando a nossa perspectiva de um *cantoafetação*, em conclusão, o afetar-se se extrapola para a partilha dos afetos propiciando pontos de apoios para as intervenções que promovam momentaneamente sentimentos e experiência de acolhimento, segurança e liberdade. Assim, se davam as práticas de autocuidado e de cuidados coletivos, algo que se faz presente em todas as atividades na Vila da Psiquiatria do HUPE. Neste sentido, o canto tem atuado como mais um instrumento de fortalecimento dessas redes de cuidado.

Diante do exposto até aqui, faz-se necessário destacarmos alguns resultados almejados do projeto:

/ Contemplação de diferentes gêneros estéticos-musicais que emergiram dos contextos sociais e musicais/sonoros

próprios das realidades dos participantes. O repertório musical foi elaborado pelos integrantes e isso resultou em um rico acervo de memórias musicais e paisagens sonoras. Os gêneros trabalhados foram: Pop e Rock nacionais, Funk, Sertanejo, Samba, Pagode, Marchinhas de Carnaval, Forró, Xote e Baião, Bossa Nova e MPB;

/ Práticas de canto e vivências artísticas focando tanto nos aspectos técnicos vocais quanto nos exercícios do canto em seus aspectos fenomenológicos, ampliando a oportunidade de vivência estética individual e/ou coletiva;

/ Promoção de espaços de sociabilidade colaborativa, de encontros e produções coletivas, de trocas de experiências, de afetos e de cuidado mútuo, oportunizando a expansão da criatividade e da auto-expressão;

/ Atividades artísticas numa perspectiva de arte integrada;

/ Produção e registro de imagens.

Em suma, todas as pessoas experienciam em seu cotidiano, independentemente de ser um musicista/especialista em música, vivências musicais que lhes permitem estabelecer relações extra e intrapessoais, propiciando interações solidárias, afetivas e colaborativas. Vivenciamos possibilidades estético-musicais a partir das nossas identidades sonoras e musicais que são construídas nos contextos familiares, comunitários e demais meios de apreciações artísticos-musicais. Os saraus realizados durante o Café Literário que, antes da pandemia do Coronavírus, aconteciam semanalmente, às quartas-feiras pela manhã; nesta ocasião, ocorria um momento de intensa socialização.

As leituras dramáticas de poemas de autores renomados, mas também de poemas autorais, eram incentivadas durante essas sessões. A dinâmica utilizada permitia que, enquanto uma determinada pessoa estivesse a ler em voz alta para todos ali presentes, outras

desenhassem, escrevessem, cantassem etc. Desta forma, apreciamos um fazer artístico integrado, sendo difícil definir qual linguagem sobressaía naquele estado de imersão.

Diante das limitações, devido à reforma das instalações do setor psiquiátrico do HUPE, que se iniciaram ainda em 2019 e foram postergadas até o início da pandemia, bem como as medidas restritivas por causa da COVID-19, fez-se necessário alterações no projeto original. Foram realizadas atividades individualizadas visando apresentações coletivas. Já os recitais/cênicos que estavam previstos para acontecer mensalmente não foram levados a termo, em função das limitações decorrentes dos problemas referenciados acima.

No entanto, as oficinas no ambiente hospitalar foram interrompidas e o trabalho migrou para o grupo de bolsistas que atuam nestes dois espaços de saúde: Unidade Docente de Atendimento Psiquiátrico, do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e o Casa Ateliê no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA–HUPE). Vale sublinhar que a inclusão deste grupo específico (os bolsistas) foi muito importante para o aprofundamento nas questões que atravessam o projeto, como ações de cuidado, auto-expressão, dentre outras.

Essa experiência foi indubitavelmente enriquecedora, contribuiu não somente para o meu desenvolvimento pessoal, mas principalmente nos aspectos profissionais e intelectual, haja vista que os conhecimentos adquiridos me inspiram a vislumbrar projetos futuros e foram decisivos para a minha exitosa aprovação na seleção do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Música-PPGM do Instituto Villa-Lobos da Unirio. •

Notas

1. Projeto coordenado pela Profa. Dra. Denise Espírito Santo, do Instituto de Artes da UERJ.
2. Como o caso dos projetos: “Ateliê de múltiplas linguagens” (proponente FAPERJ Prof. Dr. Aldo Victorio); “Casa Ateliê” (proponente CNPq Profa. Dra. Denise Espírito Santo e orientadora dessa pesquisa); “Café Literário” (proponente Aída Dutra); e Casa Ateliê no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) – HUPE.
3. PASSARINI, Luisiana B. França. Musicoterapia como tratamento complementar no mal de Alzheimer. *In: III CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE PSICOGERONTOLOGIA – PUC*. São Paulo, 2009.
4. DANTAS, Sidnei Martins. A loucura na canção: protagonismo e emancipação através da música. *In: Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 8, n. 18, p.111-131, 2016.

5. *A cappella* ou *A cappella* designa a música vocal sem acompanhamento instrumental.

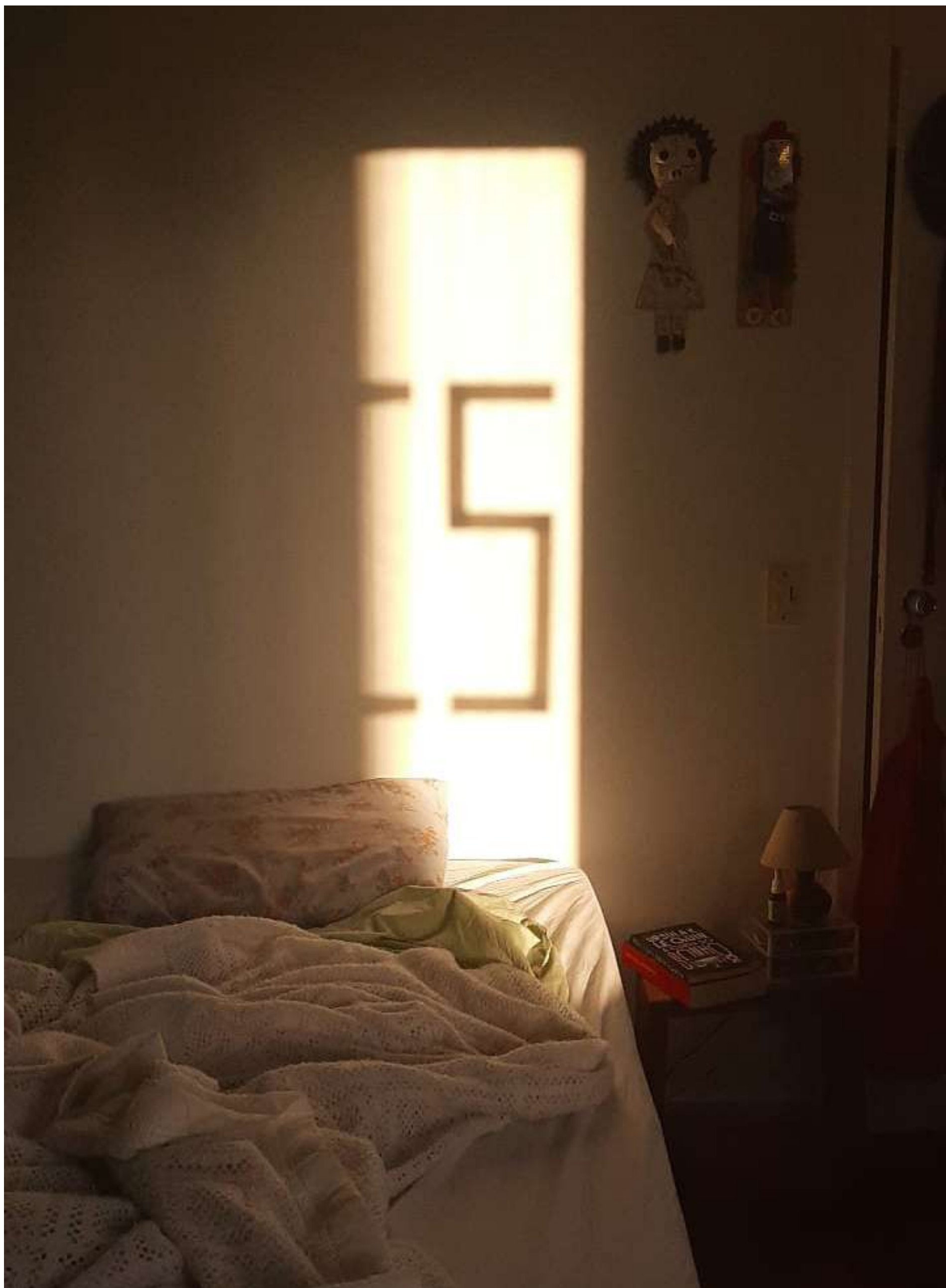
6. Essa unidade de saúde atende pessoas em tratamento ambulatorial e também em situação de internação.

7. MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. In: Dossiê ETD, v. 18, n. 4, p. 745-768 Campinas, 2016.

8. Segundo Bell Hooks, o termo outridade é originário da palavra inglesa *otherness*. Se trata de um “outro” que não é psicanalítico nem etnográfico (ao qual poderíamos nos referir falando em “alteridade”), mas de uma pessoa às vezes próxima, da nossa convivência, cujas diferenças que a constituem em termos de raça/gênero são tratadas como algo exótico. [N.T] (hooks, 2019, p. 66)



RIscOS DE DENTRO



Corpos adoecidos, sofrimento psíquico e neoliberalismo: a busca pela saúde mental em tempos pandêmicos

Fazer de si um Corpo sem Órgãos requer um desmonte.
Um desmonte da própria realidade à qual o corpo-organismo
vive desde que entende que vive.
Desmontar-se é destituir-se da roupa do EU/sujeito.
Desmontar-se é, sobretudo, um retorno ao EU verdadeiro, a
um EU que precede o sujeito.
Um EU que encontra.
Que encontra consigo.
Que encontra com o devir.
Um EU que se afeta.
É preciso então desmontar-se para fluir. Para (flu)IR.
Fazer de si um CsO requer um desmonte.

(Eduarda Moro)

“Quem somos nós?” dizia o título do vídeo que passava, no qual Clóvis de Barros Filho explanava os temas que mais teriam interessado a Baruch Espinoza, o grande filósofo para o qual razão e paixão não eram experiências incomunicáveis. Aprendemos que os títulos devem dizer algo do que se desenrola depois deles – um texto, uma palestra, um diálogo – e os tempos pandêmicos talvez justifiquem aquele que o analista propõe: um convite a atualizar grandes questões que sempre nos moveram, mas que de tempos em tempos parecem ganhar intensidade: Quem somos? Para onde vamos? O que vem depois?

A vida, o tempo, as coisas, os corpos, tudo tem passado – duplo sentido: tem história, são efêmeros. Ao mesmo tempo nada passa. Ainda sem respostas às velhas perguntas, continuamos, com mais urgência, procurando-as. Dizer que vivemos um “novo normal” traz mais opacidade do que abertura para pensarmos sobre o tempo que nos tocou viver. O longo isolamento impele corpos a buscarem liberdade, saída ou saídas. Quando do corpo, o desejo não encontra seu objeto, quando não há lugar para ir, o que existe não é mais vida, mas sobrevivência, e por isso é preciso falar ou ouvir o que dizem nossos corpos.

Há que se aceitar que os dias atuais nos convocam para um retorno ao Eu. Um Eu que ainda não foi enrijecido pela máquina capitalizada. Um Eu que precede nossa existência enquanto meros corpos que desejam um desejo capitalizado. Um Eu que, sobretudo, tem um corpo potente e busca dar expressão à potência de ser por meio de uma vida ética e política. Contudo, depois dos tantos dias trancafiados, permanecer vivo, pulsando, parece cada vez mais difícil. Os números gritantes mostrando as vidas perdidas nos levam a olhar para a nossa, e foram necessários meses sem sair de casa para percebemos o quanto a vida – todas as vidas – é refém do capital. Mas, ainda assim, desejamos por isso. Os números gritantes continuam ressoando, mas os bares já estão cheios de corpos que querem se encontrar. E isso faz pensar. Os lugares onde vamos. As coisas que fazemos. Os passeios ao shopping. O chopp com os amigos. O corpo, também em seu momento de lazer, é refém do capital.

Já não é mais só o vírus que preocupa. O corpo preocupa. E preocupa porque sente quase um não-sentimento em relação ao que o compõe. Sente um não-reconhecimento do corpo que habita e não porque um vírus está à espreita, mas porque só agora percebe que estava doente antes mesmo da pandemia começar. Ainda nos recuperando dos corpos que vimos se tornarem estatística, deparamo-nos agora com um outro problema: o que é uma “epidemia pode se tornar uma catástrofe em saúde mental” (FARO *et al.*, 2020, p. 11).

Continuamos nos perguntando: quem somos? Para onde vamos? O que vem depois? Mas, o que deveríamos questionar é: o que fazer com o corpo? O corpo que já não busca liberar a vida e sua potência por meio de intensidades, afetos, encontros, mas de aquisições financeiras. E o faz em seu momento de lazer, mas também quando se encontra adoecido. O que fazem do nosso corpo nós sabemos, maquinam nossos desejos e lá nos fazem prisioneiros. Mas o que nós faremos com ele para não acabarmos todos em sofrimento psíquico?

Saúde mental em tempos pandêmicos

Em meio a um surto epidêmico, corpos adoecem, mesmo não infectados pelo vírus. São diversas as situações de risco de sobrecarga mental às quais os sujeitos estão submetidos. Há quem tenha perdido o emprego, os que cuidaram de idosos e crianças, pessoas na linha de frente do combate à epidemia, quem teve seu cotidiano afetado pela paralisação, crianças privadas de convívio social, mulheres com aumento de trabalho doméstico e sob ameaça de violência e mesmo feminicídio. Os prejuízos são muitos e os efeitos subjetivos que assolam a saúde dos corpos contemporâneos ainda poderão ser sentidos mesmo no pós-crise, a exemplo da China:

Em pesquisa realizada na crise da COVID-19, verificou-se que, dentre 1.210 participantes, 53,0% apresentaram sequelas psicológicas moderadas ou severas, incluindo sintomas depressivos (16,5%), ansiedade (28,8%) e estresse de moderado a grave (8,1%). [...] Outro estudo no pós-crise, realizado com cerca de 52 mil chineses, detectou que mulheres, pessoas com mais de sessenta anos, com maior nível educacional e migrantes foram mais vulneráveis ao estresse, ansiedade, depressão, fobias específicas, evitação, comportamento compulsivo, sintomas físicos e prejuízos no funcionamento social 20 (FARO et al, 2020, p. 8).

Mesmo ainda não sabendo como serão os efeitos na pós-crise nos países que ainda lidam com a pandemia (muitos!), instituições de renome e muitos profissionais da área já vêm desenvolvendo pesquisas e conteúdo informativo sobre a relação entre Covid-19 e saúde mental, como mencionado anteriormente.

Em sua página dedicada a dados sobre o vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) criou uma área específica para advertir sobre os riscos de adoecimento psíquico¹ frente à situação atual, e organizou um boletim² para prestar orientações aos mais diferentes grupos e sujeitos sob ameaça de problemas de ordem psicológica. No boletim encontramos orientações como esta: “During times of stress, pay attention to your own needs and feelings. Engage in healthy activities that you enjoy and find relaxing” (OMS, 2020, p. 5). Chegando ao final da cartilha, a OMS disponibiliza alguns links que redirecionam o leitor a outros documentos. Por meio destes links chegamos a um boletim ainda mais detalhado, com o mesmo objetivo informativo, um guia produzido pela Inter-Agency Standing Committee (IASC) – instituição criada pelas Nações Unidas.

Nominado de “Como lidar com os aspectos psicossociais e de saúde mental referentes ao surto de Covid-19”, ele traz indicações gerais e que pouco amparam ou oferecem suporte, assim com o documento da OMS: “Não use tabaco, álcool ou outras drogas para lidar com suas emoções” (IASC, 2020, p. 14). E ainda: “É normal sentir-se triste, angustiado, preocupado, confuso, assustado ou com raiva durante uma crise” (IASC, 2020, p. 13). É arriscado dizer o que deveria ser descrito em uma cartilha de saúde mental produzida por organizações soberanas da

saúde. Quem entre nós tem voz que alcance tal nível de superioridade científica? Mas, informações amplas e precisas, e com linguagem acessível também são essenciais para falar com quem está em sofrimento psíquico.

Contudo, com a produção de documentos como esses, corre-se o risco de cairmos em banalizações do que pode ser considerado normal, ou do que era. Frente ao contexto pandêmico, episódios de estresse, ansiedade, tristeza, pânico, não podem ser analisados sem considerar a situação de isolamento social e suas tantas decorrências. Na China, mulheres e estudantes foram os grupos que apresentam maiores níveis de estresse e sintomas depressivos devido à pandemia (C. WANG et al., 2020).

Além do medo contínuo de ser infectado, a frustração, tédio e até mesmo alimentação e espaço inadequados (BROOKS *et al.*, 2020) são condições que – dadas as novas circunstâncias que impõem um modo de vida restrito – podem se tornar agravantes psíquicos, devido à maximização que sentimentos como tristeza, ansiedade e estresse geram no decurso de longos meses vivendo uma sobrevida. O que estudos que relacionam saúde mental e pandemia nos mostram é que o pós-crise pode ser tão preocupante quanto o momento em que vivemos agora:

During the period of quarantine this negative psychological effect is unsurprising, yet the evidence that a psychological effect of quarantine can still be detected months or years later—albeit from a small number of studies 17,19—is more troubling and suggests the need to ensure that effective mitigation measures are put in place as part of the quarantine planning process (BROOKS et al., 2020, p. 917).

O que sabemos é que a necessidade de organizar ações de promoção de saúde mental que de fato produzam diferença no cotidiano vivido agora é urgente. Temos conhecimento dos vários documentos e cartilhas elaborados por muitas organizações com essa finalidade. Contudo, o que os documentos e ações produzidas pelas instituições responsáveis por gerir os corpos parecem reafirmar é uma dissociação do corpo e da mente, o que, possivelmente, está no descaso com o segundo. Se o corpo é capaz de produzir, mesmo com a psique adoecida, que continue a produzir. Os sintomas de transtornos psíquicos são silenciosos e o silêncio não atinge o sistema. Com isso, os cuidados dirigidos ao psíquico são secundários, infantilizados e subestimados. E são, inclusive, cuidados massificantes, que a partir de frases prontas parecem tratar do que é de ordem subjetiva de um modo estandardizado, fazendo assim o próprio sujeito duvidar e menosprezar seu adoecimento.

Para minimizar os impactos do que pode vir a ser uma enfermidade psíquica coletiva, as autoridades de saúde precisam intervir. A questão agora é: o que as instituições responsáveis têm feito? Quais estratégias podemos adotar, no Brasil, agora, para prevenir que o pós-crise ecloda em uma outra crise?

Em documento publicado no dia 22 de setembro 2020, o Ministério da Saúde

divulga no Diário Oficial da União a portaria nº 2.516³, que trata dos recursos a serem destinados a compra de medicamentos utilizados no âmbito da saúde mental, devido aos impactos causados pela Covid-19. Mais de seiscentos e quarenta e nove milhões de reais serão repassados aos municípios para o investimento em medicações previamente definidas, como Diazepam, Fluoxetina e Clonazepam.

Esta portaria nos apresenta não apenas o plano de ação do governo para manejar efeitos subjetivos da pandemia, mas demonstra como a saúde mental e o adoecimento psíquico são entendidos, no interior do neoliberalismo, pelos órgãos responsáveis por propor ações de promoção à saúde. Há que se contextualizar em que momento sócio-histórico investimentos como esse são pensados e com qual finalidade o são. As ações despendidas a saúde mental nos mostram de que forma o sofrimento contemporâneo é assimilado por quem legisla e administra as intervenções neste âmbito. O sujeito em adoecimento psíquico não é deslocado do modelo econômico que conduz nossos estilos de vida, devido a isso, seu próprio adoecimento também deve ser compreendido dentro do curso neoliberal de produção subjetiva e neste caso, de produção de padecimento psicológico.

Corpo neoliberal e psiquiatrização do sofrimento

Quase que ao inverso da ideia de natureza humana, propomos pensar aquilo tudo que se refere à condição humana, em uma sociedade neoliberal, como uma subjetividade maquínica. É maquínica porque deriva de um processo de produção, quase como um objeto fabril. A constituição da subjetividade contemporânea é modelada de acordo com as estruturas socioeconômicas existentes. Assim, o corpo que vive, vive contornado pelo discurso do capital (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 25).

Já há algum tempo o modelo neoliberal tem sido constituinte, não apenas da norma econômica e empresarial, como também, da matriz de um novo protótipo de sujeito: o sujeito neoliberal. Um sujeito adaptável, que se adequa subjetivamente às demandas do modelo socioeconômico operante. A normativa das sociedades neoliberais é produzir uma “gestão de mentes” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 325). Trata-se de uma atualização do dispositivo disciplinar sob os corpos, do funcionamento do sistema atual impregna o psíquico, determinando assim as operações mentais do indivíduo contemporâneo que funcionam em prol da produtividade neoliberal.

Com um novo padrão identitário surgem também novas sequelas subjetivas, efeitos de um modelo de vida baseado no lucro, no qual a saúde mental não é preocupação primária. Para Dardot e Laval (2016), o sujeito neoliberal e todo o atravessamento de sua subjetividade, o levam a uma deterioração de sua economia psíquica. O homem fabricado por esse sistema apreende que o desejo está relacionado ao consumo e à produção, assim, produzir e consumir se tornam elementos essenciais ao seu bem-estar.

Mais do que isso, produzir e consumir se tornam vitais, e é nesta dinâmica que podemos acabar prisioneiros.

Quando o desejo é capturado pelo capital econômico e dele é feito um dispositivo de consolidação do sistema neoliberal, o corpo acaba refém de um desejo maquinado pelo dinheiro. Sendo o desejo o propulsor de potência de vida, um corpo que só encontra liberação através do consumo, desejando algo que está sempre *fora*, torna-se um corpo que vive uma vida cafetinada (ROLNIK, 2019).

O sujeito neoliberal se vê então num ciclo perigoso. Vive uma vida marginal, na qual o corpo se organiza biologicamente para funcionar em torno de um sistema que o explora e que, ao mesmo tempo, o alimenta, literalmente. O desejo como potência de vida dá lugar a um desejo comercializado, que busca por algo que é externo à condição humana, é um desejo que afasta o que é substancial à própria vida. Se é pelo capital que se afirma o desejo de estar vivo, a vida que se clama não é a vida biológica/ecológica/humana, é uma vida instrumentalizada/capitalizada e aprisionada pelo próprio desejo. O corpo sente. Adoecido pelo capital, procura nele também modos de se manter minimamente vivo e operante.

A busca do *neosujeito* pelo resgate da saúde mental com frequência o leva à estante de farmácia. Lá adquire mais um acessório que, provavelmente, será tão necessário para o manter atuante, que com o passar do tempo, da insistência e permanência do sofrimento, se fundirá ao seu corpo, pois já não parece possível manter vivo o corpo sem a medicação. Os saberes *psi* reforçam ao sujeito a necessidade do remédio, o corpo precisa de estímulo neuroquímico para conseguir trabalhar e uma droga pode ajudar com isso. O próprio governo investe milhões de reais em pílulas e comprimidos para garantir o bem-estar de seu povo, que deixou adoecer.

A psiquiatrização do sofrimento é um componente caro ao ser humano contemporâneo, e necessário ao sistema para manter a estrutura socioeconômica funcionando. Um corpo adoecido não tem força para questionar a máquina governamental, apenas para buscar em si próprio os motivos pelos quais padeceu. Assim, o caráter individualista da enfermidade é reforçado pelos saberes de psiquiatras e psicólogos, os quais avalizam que o sofrimento tem causas subjetivas e biológicas, nunca sistemáticas (CAPONI; DARÉ, 2020).

O dispositivo de culpabilização do sofrimento psíquico ganhou legitimidade científica por meio do discurso destes profissionais *psi*. O saber-poder da área conduziu os sujeitos a se “descobrirem” como indivíduos portadores de personalidade/desejos/moral que, sobretudo, funcionam como mais um dispositivo de governamentalidade. Assim, quando há algo de errado com o que é da ordem subjetiva, o sujeito aprende que não pode culpar o sistema, porque se há algo de errado com uma coisa tão “íntima” e “inacessível”, que é “exclusivamente” de sua *persona*, o culpado só pode ser o próprio indivíduo (DARDOT; LAVAL, 2016). Com a culpabilização do sujeito, o sistema também se isenta de agir de forma realmente eficaz na promoção de saúde. O investimento massivo em medicação psiquiátrica e a produção de cartilhas de autocuidado vista anteriormente,

não são novidades na saúde pública. Esses instrumentos ineficientes são atualizações, agora na versão pandêmica, do que o sistema tem feito há algum tempo em relação à saúde do *neocorpo* populacional.

Não é a pandemia a responsável pelo possível surto coletivo que podemos viver em breve. A pandemia escancara as disfunções de todo um sistema que produz corpos adoecidos e é com isso que estamos todos lidando agora. Não é por menos que o governo parece temer que uma nova crise ecloda. Ela revelaria que o alto índice de adoecimento psíquico se deve a um alto índice de sujeitos vivendo uma *sobrevida*. Uma vida que é clamada pelo adoecimento psíquico porque só é notada quando vira estatística. Uma nova crise revelaria que não é só a mente que padece, mas todo o corpo, um corpo que não é uno e sim, social.

Voltamos, assim, à questão inicial...

Considerações finais: “liberar a vida lá onde ela é prisioneira”

...O que fazer com o corpo?

Se o corpo, no contexto socioeconômico atual, é um corpo capitalizado, não há como aceitarmos ações de promoção de saúde mental que reforcem a instrumentalização da vida, assim como tem sido feito. Pois neste sentido, continuaríamos a compactuar com o processo de produção do corpo neoliberal, o qual é o espólio de uma cultura baseada no lucro, portanto, no padecimento. Estratégias pensadas a partir da mesma estrutura que nos adoecer, continuarão a nos adoecer.

As máquinas do poder governamental mundial e instituições encarregadas de “zelar” pela saúde dos sujeitos, têm operado por intermédio de instrumentos que são superficiais. Tanto o investimento massivo em medicação psiquiátrica, quanto a produção de documentos que incitam o autocuidado, são, finalmente, instrumentos de terceirização do cuidado e de culpabilização pelo adoecimento. Estas ações demonstram que a pergunta inicial da seção carrega um sentido diferente para quem está no poder. Deste modo, cabe ao próprio sujeito, duplamente, a tarefa de preservar sua saúde e seu corpo, para que não continue sendo capturado em suas tentativas de se manter saudável.

Esse processo de manter o corpo vivo é ainda mais custoso em tempos pandêmicos. E não apenas porque a vida parece importar mais quando o vírus ameaça o corpo, mas sim porque diante da privação das atividades, que significam sinônimo de vida saudável, entendemos que a vida que o corpo vive é perpassada por acessórios econômicos, que só nos fazem ainda mais reféns do sistema operante.

Deste modo, o que queremos aqui dizer é que a preocupação com uma possível crise pós-crise é legítima, contudo, o corpo social tem dado indícios de seu colapso há muito tempo. Isso nos mostra que é a vida contemporânea que está

adoecida, não por suas partes, não apenas pelas mentes, não por conta de um vírus que ainda mata, mas pelo conjunto e, principalmente, pelo que fazem de nosso corpo.

E fazem.

Fazem que nossos próprios órgãos trabalhem, funcionem e pulsem para manter a máquina econômica respirando. Se o corpo adoece é porque adoecido ganha expressão e é então notado e sentido. E adoece porque pede saída, linhas que fazem fugir, linhas que fazem viver. O corpo pode mais. Deleuze e Guattari nos apontam caminhos: “trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (1992, p. 222). Cabe então lembrar que a vida só existe por intermédio do corpo, é o corpo que a abriga. A vida só se efetua quando o corpo que a carrega a deixa fluir e afetar. Caso contrário, os órgãos se organizam para respirar pela máquina social e não para que o corpo possa sentir a vida pulsando nele. •

Notas

1. WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Looking after our mental health*. Disponível em: <https://www.who.int/campaigns/connecting-the-world-to-combat-coronavirus/healthyathome/healthyathome---mental-health>. Acesso em: 23 set. 2020.
2. WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak*. 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af_16. Acesso em: 23 set. 2020.
3. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 2.516, de 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.516-de-21-de-setembro-de-2020-278695720>. Acesso em: 2 out. 2020.

Referências Bibliográficas

- BROOKS, Samantha K; WEBSTER, Rebecca K; SMITH, Louise E; WOODLAND, Lisa; WESSELY, Simon; GREENBERG, Neil; RUBIN, Gideon James. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The lancet*, 2020. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2930460-8>. Acesso em: 17 set. 2020.
- CAPONI, Sandra; DARÉ, Patricia Kozuchovski. Neoliberalismo e sofrimento psíquico: A psiquiatria dos padecimentos no âmbito laboral e escolar. *Mediações*, v. 25, n 2, 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/39721>. Acesso em 10 out 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo*: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1992.
- FARO, André; BAHIANO, Milena de Andrade; NAKANO, Tatiana de Cassia; REIS, Catiele; SILVA, Brenda Fernanda Pereira da; VITTI, Laís Santos. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estud. psicol.* (Campinas), v. 37, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507#B26. Acesso em: 15 set. 2020.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petropolis: Ed. Vozes, 1996.
- INTER AGENCY STANDIND COMMITTEE. *Como lidar com aspectos psicossociais e de saúde mental referentes ao surto de covid-19*. Tradução de Márcio Gagliato. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documents/interim-briefing-note-addressing-mental-health-and-psychosocial-aspects-covid-19-outbreak>. Acesso em: 28 set. 2020.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Portaria nº 2.516*, de 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.516-de-21-de-setembro-de-2020-278695720>. Acesso em: 2 out. 2020.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição*: notas para uma vida não cafetinada. 2ª edição. N-1 edições, 2019.
- WANG, Cuiyan; PAN, Riyu; WAN, Xiaoyang; TAN, Yilin; XU, Linkang; HO, Cyrus S., HO, Roger C. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of Coronavirus Disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7084952/>. Acesso em: 20 set. 20.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Looking after our mental health*. Disponível em: <https://www.who.int/campaigns/connecting-the-world-to-combat-coronavirus/healthyathome/healthyathome---mental-health>. Acesso em: 23 set. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak*. 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af_16. Acesso em: 23 set. 2020.

Regalos sonoros Una escucha con cuidado

Miriam - Esta canción va dedicada para mi amiga Alba. Este es un sonido como bien decían un poco solo, pero igual hay melodías alegres también.

Miriam comienza describiendo uno de los regalos sonoros que está a punto de realizar para su amiga. Toma los objetos e instrumentos musicales necesarios - que fuimos consiguiendo a lo largo de varias sesiones de trabajo - prueba sus características, ubica los instrumentos en una mesa colocada entre ambas y empieza a desarrollar las sonoridades dedicadas para Alba.

Es el 31 de enero de 2020. Son aproximadamente las 12 del día en el Cereso “Lic. David Franco Rodríguez” ubicado en la carretera a Mil Cumbres en Morelia, Michoacán. En la *Palapa* del Centro Penitenciario nos reunimos de nuevo con algunas compañeras de la población femenil de dicho Centro. Para ese entonces llevábamos más de un mes experimentando con sonidos y con nuestras formas de escucha. Aquél día construimos regalos sonoros.

La actividad se presentó de la siguiente manera: “Les propongo que ahora realicemos un regalo sonoro por parejas. Cada una va a dedicarle sonidos a otra compañera. Piensen en esa compañera a la hora de ofrecer su regalo. Recuerden las diferentes actividades (de improvisación, escritura, canto, entre otras) que hemos realizado en otros días por si quieren utilizarlas como recurso para elaborar el regalo”. Después propuse que cada una eligiera una pareja para realizar el intercambio.

Antes de comenzar con los regalos surgió un diálogo para redefinir la actividad. Las compañeras decidieron que elegir a una persona para el intercambio de regalos podría parecer una ofensa a las demás, pues elegir a alguien implica no elegir a otra persona lo que podía generar tensiones en el grupo. Así, las participantes decidieron que cada una realizaría regalos sonoros personalizados para todas las compañeras del grupo.

La experiencia que describo forma parte de un proyecto en construcción llamado Dispositivos Aurales de Articulación Convivencial (DAAC) que, en términos generales, consiste en la experimentación e investigación situada de prácticas intersticiales a través de la escucha y la creación/expresión sonora colectiva¹. Más adelante compartiré algunas ideas para aclarar eso de las prácticas intersticiales y la perspectiva situada.

Los regalos sonoros son parte de los DAAC y representan una de las estrategias mediante las cuales buscamos abrir un campo de problematizaciones relacionadas con la vida en común y, como experiencia creativa/expresiva, evidenciar y vivenciar alternativas de convivencia.

Con la idea del regalo sonoro podemos identificar y experimentar con formas de compartir - y de compartirse uno(a) mismo(a) - diferentes. Explorar las propias formas de escuchar, representaciones de los demás, aspectos biográficos del autor(a) del regalo - sus gustos, intereses, vivencias, habilidades técnicas y creativas -, consideraciones hacia las(os) otras(os), el sentido del humor, evocaciones. ¿Cuándo es un buen momento para dar un regalo? Además, cuando el regalo se acompaña de la idea del intercambio - entre pares, entre grupos, de uno a muchos o de muchos a uno - aparece otro aspecto para discutir relacionado con la economía del don y la reciprocidad junto con la disposición a recibir o no el regalo; no necesariamente cualquier regalo es bienvenido y no necesariamente correspondido.

Los regalos sonoros, además de proponer un ejercicio expresivo, pueden promover prácticas de cuidado y de reciprocidad que, en diversos contextos sociales de interacción social violenta, indiferente, que estigmatizan y excluyen, representan *intersticios* en las formas de convivencia.

Prácticas intersticiales y perspectiva situada

Las prácticas intersticiales consisten en quiebres, pliegues o interrupciones en el contexto de normatividad. De acuerdo con el sociólogo Adrián Scribano son

aquellas relaciones sociales que se apropian de los espacios abiertos e indeterminados de la estructura capitalista generando un eje 'conductual' que se ubica transversalmente respecto de los vectores centrales de configuración de las políticas de los cuerpos y las emociones (SCRIBANO, 2013, p 15).

Las prácticas intersticiales no son acciones espectaculares, pero disputan la autonomía de la palabra y la redefinición de las emociones, los cuerpos y las acciones. Son prácticas "mínimas" fundamentales para la vida cotidiana que cuartejan la reproductibilidad de la sociedad capitalista, patriarcal y racista en tanto suspenden, temporalmente, los mecanismos de regulación de las sensaciones/emociones/prácticas/cuerpos dirigidos a la normalización y legitimación de la violencia, la estigmatización, la injusticia, la desigualdad y la resignación. Con el enfoque de las prácticas intersticiales no se pretende obviar el hecho de que sigan siendo urgentes transformaciones políticas, económicas y sociales estructurales.

Algunas de esas prácticas-grietas son la reciprocidad, la esperanza, la confianza, la cooperación, el cuidado, la creatividad/expresividad y la escucha (en algunos casos).

Cuando se encuentran los intersticios mediante las prácticas se logra desmentir la imagen totalizadora de las formas de dominación que se presentan a sí mismas como "la única realidad posible". Los quiebres y grietas proponen vivencias alternativas frente a dicha imagen totalizadora. "Son emergencias que (revelan y) se rebelan respecto del vacío inercial al que limita el consumo, al etiquetamiento de la imposibilidad al que condena la resignación² y al encerramiento al que sirve el asistencialismo" (SCRIBANO, 2013, p. 15).

Las prácticas intersticiales son prácticas del sentir que articulan y motivan la acción hacia un lugar otro diferente al de la normalidad estructurada por el capital y sus lógicas de competencia, disfrute inmediato, desecho, desconfianza, cortoplacismo. Esas prácticas del sentir avanzan hacia otras formas de disfrute, felicidad y replantean los fines, necesidades y deseos de la acción. En ese sentido “abren” mundos diferentes, por lo menos, a los de las lógicas de consumo, opresión, apropiación y depredación de las energías corporales y sociales (SCRIBANO, 2009).

Encontrar los intersticios y después cuidarlos no proviene de recetas, o morales apriorísticas, que puedan aplicarse independientemente del contexto. Es fundamental identificar colectivamente las formas específicas que tome la violencia, la exclusión, la opresión, etc., en cada contexto para propiciar los intersticios. Es necesario situar las prácticas intersticiales.

La perspectiva situada significa que conocimiento y pensamiento “son inconcebibles sin la multitud de relaciones que hacen posibles los mundos con los que pensamos” (BELLACASA, 2017, p. 2). De acuerdo con Martha Patricia Castañeda Salgado, Donna Haraway

propuso la categoría de conocimiento situado para referirse a conocimientos derivados de la localización y la particularidad del sujeto cognoscente. Estos conocimientos son parciales porque derivan del sujeto y su cuerpo; del proceso histórico, cultural y semiótico que lo ha generado; de la manera específica en que se sintetizan el género, la clase y la etnia en tanto elementos de su materialidad e historicidad. En tanto que acto enunciativo, esta forma de conocimiento supone que los sujetos implicados en su constitución se denotan mutuamente, e incluye al poder como un elemento indispensable en la explicación de la generación del conocimiento (CASTAÑEDA, 2012, p. 237).

Situación de las prácticas implica asumir que éstas no son neutrales y por ello participan de la reproducción de diferentes realidades. Situar las prácticas intersticiales sirve para suspender las inercias que las prácticas sociales tienen, en un contexto particular, con respecto a la reproducción de una realidad violenta, excluyente e injusta.

Quizá pensar desde una perspectiva situada implique ya desarrollar un tipo de práctica intersticial. En lugar de distanciarse, evitar compromisos y afectaciones suponiendo así una comprensión “objetiva”, el enfoque situado se involucra, establece alianzas y afinidades que “devienen en conexiones transformativas, mezclando relaciones heredadas y construidas; un gesto que no siempre resulta evidente y que porta consigo una indagación especulativa que ensancha los límites de lo aceptable” (BELLACASA, 2012, p. 4). El enfoque situado abre posibilidades pues cuida la diferencia.

La perspectiva situada es parcial pero no por ello carece de objetividad. Pensar con un enfoque situado implica también una toma de postura, asumir responsabilidades, a diferencia de la “objetividad en abstracto” que se presentan como neutral, como si no tuviera postura, es decir, como algo exterior o independiente del contexto, sin un sitio y sin un cuerpo y por lo tanto ocultando el sitio y el cuerpo que promueve. De acuerdo con Haraway, “no buscamos la parcialidad porque sí, sino por las conexiones y aperturas inesperadas que los conocimientos situados hacen posibles. La única manera de encontrar una visión más amplia es estar en algún sitio en particular” (HARAWAY, 1991, p. 339).

Escuchar con cuidado

Lorena - Para mi amiga Blanca, lo más importante es: ¡lejos de estar fuera estar dentro! únicamente somos un cuerpo o una bolita que te acaba de aventar el cuerpo. ¡Vas a aventar toda, toda tu frustración por medio de tu cuerpo bebé! y te vas a levantar y vas a oír un sonido en espíritu: ‘me voy a componer pronto de mi artritis y voy a salir a conquistar muchos galanes’. ¿Ok Blanquita?

Lorena elige un instrumento para sonar, se acerca a su amiga y comienza a realizar su regalo. Mientras Lorena narra su regalo va recorriendo cuidadosamente con el instrumento musical el cuerpo de Blanca para cubrirlo de sonidos; sonidos que acentúan, envuelven y suspenden las palabras de Lorena y las respiraciones de ambas. El regalo de Lorena es escuchado con cuidado por todas las presentes.

No todas las prácticas de escucha pueden ser consideradas como prácticas intersticiales o de cuidado. La filósofa Mariflor Aguilar dice que es imposible pensar en una sociedad libre si se acepta de entrada preservar en ella los antiguos lugares de escucha, que en las sociedades tradicionales son básicamente dos, que se complementan: la escucha arrogante del superior y la escucha servil del inferior (AGUILAR, 2005).

Aguilar propone que “del lado de la escucha arrogante está la ‘escucha condenatoria’, la que atiende al otro o a la otra para encontrar la falta, el error, la culpa, con el fin de reprobar moralmente, excluir o castigar; es la escucha enjuiciadora, de quien se coloca por encima del hablante; es la escucha que desprecia y humilla” (AGUILAR, 2005, p. 14).

Por otro lado, con la escucha servil, encontramos “la escucha del sumiso, que se anula a sí mismo para dejarse guiar absolutamente, sin cuestionar, por cualquiera que represente a una determinada autoridad, real o imaginaria. Esta es la escucha pasiva, que no toma distancia irónica o crítica respecto de lo que oye” (AGUILAR, 2005, p. 14).

Estas dos formas de escuchar, mencionadas arriba, no son exactamente incluyentes “y su práctica misma no promueve la igualdad” (AGUILAR, 2005, p. 14).

También existe una escucha indiferente por parte de los poderosos, un tipo de escucha que omite deliberadamente, quizá un tipo de sordera, que hace caso omiso a las violencias y reclamos sociales (AGUILAR, 2005).

A estas tres prácticas de escucha (condenatoria, servil e indiferente) quisiera agregar la escucha “conservadora”, como es caracterizada por el compositor Luigi Nono, para ampliar la lista de prácticas vinculadas con la reproducción y normalización de violencias y estigmatizaciones. Una escucha conservadora es aquella en la que “intentamos habitualmente encontrarnos a nosotros mismos en los otros. Queremos encontrar nuestros propios mecanismos, nuestro propio sistema, nuestra racionalidad en el otro. Hay en esto una violencia totalmente conservadora” (NONO, 2019, p. 1).

Con la escucha conservadora el otro es instrumentalizado, “oigo lo que quiero oír” para reafirmar mi postura, es, a fin de cuentas, una escucha autocentrada que no se deja afectar.

Escuchar puede llegar a ser una práctica intersticial en tanto se involucre en la disputa con lo normalizado, en tanto que modifique las relaciones de autoridad y las maneras en que se distribuyen la palabra y el silencio. Escuchar puede abrir grietas en función de cómo sean interpretadas y discutidas las causas y cualidades del sonido, cómo se distribuya la atención a lo “relevante” (o a lo que “vale la pena” ser escuchado) y en tanto esté dirigida hacia la colectividad.

La escucha puede fomentar relaciones de cooperación, confianza, solidaridad y cuidado cuando reconoce las alteridades sin sometimientos (condenatorios o serviles) y nos permite aprender de otros(as), en lugar de ser una práctica “extractiva” que toma lo que de antemano considera que necesita y que en ese sentido ubica al otro en una situación instrumental de ser un medio para mis propios fines. La escucha con cuidado puede pensarse como una práctica intersticial cuando suspende las lógicas de acción autocentradas que instrumentalizan e invisibilizan a otros(as).

Cuando decidimos elaborar muchos regalos personalizados, de cada una para todas las demás compañeras, se puso en práctica un tipo de cuidado en el vínculo social, ese cuidado es una práctica intersticial. A veces obedecer las reglas domina sobre las propias intenciones (por ejemplo, el ejercicio de los regalos se presentó diciendo “elige a una pareja”). En el caso de esta actividad en lugar de no seguir las reglas para no hacer, no fueron seguidas para hacer de otra manera, ese romper las reglas y proponer otras diferentes representa una manera de apropiarse de la actividad. Cuidar a todas y a la vez recibir un regalo de todas, una dedicatoria de sí, colaboró con su autonomía expresiva y la construcción de un lazo solidario en el grupo, al menos temporalmente.

Cuidar no quiere decir evitar conflictos, tonos solemnes o sin ironía, sino hacer, sentir y sostener con otras personas los mundos que nos importan. La expresión y la escucha como prácticas de cuidado “tienen algo de ‘trabajo de amor’”, pero amor y cuidado deben pensarse sin idealizaciones ni romantizaciones ya que éstas “silencian no solo las bajezas que se ejecutan en nombre del amor (y del cuidado), sino también el trabajo que precisan para su mantenimiento” (Bellacasa, 2017:8). Por eso es fundamental tener en mente que la expresión y la escucha orientada por el cuidado “no es incompatible con el conflicto; que cuidar no equivale a allanar las asperezas de la vida, ni debe el amor distraernos de los órdenes morales que justifican la apropiación que se lleva a cabo en su nombre” (BELLACASA, 2017, p. 8).

Manuel - Quiero hacerle también un regalo a Luzma, bueno le devuelvo lo que me dijo. Me adoptó como su hijo, entonces va una rolita así bien dedicada, así como para que la mamá se tranquilice porque es media acelerada y lo que quiero es como que se relaje.

Después de unos versos rapeados, Manuel elabora una melodía tranquila con una armónica. Luzma interrumpe el regalo de Manuel con un chiste. Manuel intenta seguir pero se ríe:

Manuel - No... ya me arruinaste todo...

Luzma - (aplaudiendo) ¡Eso, eso! ¡Me encantó! De verdad que sí.

Cada regalo implicó una presentación del mismo, mediante una dedicatoria y descripción de lo que se estaba a punto de hacer, y una improvisación sonora utilizando diferentes objetos o instrumentos musicales. La presentación antecedió la improvisación. Esta forma de desarrollar el regalo surgió de las propias compañeras. Preparar el encuentro y las acciones es otra práctica de cuidado.

Algunas de las cosas que se regalaron, dicho en términos limitados, fueron: descripciones de quién recibía el regalo, dedicatorias de buenas intenciones y deseos, consejos, recuerdos de experiencias personales conjuntas, narraciones de las experiencias de quien da, sonidos que activaron recuerdos, sonidos del agrado de quien recibe, improvisaciones que buscaban reconfortar, tranquilizar, alegrar, entre otras.

Aura - Mi regalo es para Mari. Algo más movido, como más lo suyo, ¿si me explico? Para que refleje su alegría que siempre trae, espero que te guste carnalita... ¡jarráncate con una cumbia!

El regalo sonoro generaba nerviosismos entre quienes daban y recibían el regalo, curiosidad y atención entre las demás participantes y un lazo afectivo entre muchas. Cada una decidió dónde y cómo ubicarse para ofrecer sus regalos, a veces de frente, a un lado, atrás, desde su lugar o caminando, con los ojos cerrados todo el tiempo o solo a veces, con un solo instrumento o varios a la vez y alternando con la voz (palabras, versos cantados o *rapeados*).

Los regalos fueron elaborados uno por uno, atendiendo a la persona que lo recibía y fueron escuchados con cuidado por todas: por quien elaboraba el regalo, quien lo recibía y por el resto del grupo que prestábamos nuestra escucha a la situación. Con cada regalo se reorganizaba la configuración sonora y de escucha. De esa manera distribuíamos la atención entre todas para que no se quedara en un punto fijo. Al realizar una escucha con cuidado también se cuidaba la escucha de todas. Redistribuir la escucha, la expresión y el silencio modifica las relaciones de poder.

El cuidado no tiene por que pensarse como algo dirigido a la conservación del *status quo*. Cuidar y conservar no son equivalentes necesariamente y es importante aclarar esas diferencias. Dice Bellacasa que “defender la necesidad vital del cuidado equivale a defender unas relaciones sostenibles y florecientes y no simplemente supervivencialistas o instrumentales. Mantener unida la visión triple del cuidado - *haceres-práctica* /afectividad/ética-política - ayuda a pensar el cuidado como quehacer ético-afectivo cotidiano, como algo simplemente necesario para implicarse en los problemas ineludibles de existencias interdependientes” (BELLACASA, 2017, p. 3).

Expresarse con cuidado requiere escuchar con cuidado de tal manera que, además de atender a lo evidente, no pasen desapercibidas otras cosas, desde los detalles y gestos mínimos configurados en el sonido por el cuidado, hasta el lazo social que se está construyendo y algunos de los posibles efectos de ese vínculo en construcción. Escuchar con cuidado implica considerar que siempre hay algo más para ser escuchado que lo que inmediatamente se percibe.

Practicar la escucha con cuidado es una manera de acercarse a otros(as) para comprenderlos(as) pero no solamente desde una perspectiva intelectualista. Aguilar propone que en algunas formas de escucha dirigidas al acercamiento y al encuentro con otras(os)

La comprensión no es en el sentido ‘intelectual’ de entender, por ejemplo, una demostración matemática o una teoría económica; tampoco se trata de comprender en el sentido de que entendemos el significado de cada una de las palabras de quien habla. No. Se trata de comprender, en el sentido de apreciar lo que los otros dicen; comprender es penetrar en lo que se dice, profundizar en ello, porque aunque el significado de las palabras puede ser comprendido de inmediato, su sentido más amplio, el contexto histórico-vivencial en el que se pronuncian, no siempre es comprendido de inmediato (AGUILAR, 2005, p. 24).

Hay, por tanto, algo más que el entendimiento literal cuando se habla de comprender como una forma de acercamiento a otros(as). Hay algo más para ser escuchado y eso depende de las maneras y cuidados con las que uno(a) se aproxime a otra persona, a cada situación y contexto. La escucha con cuidado contempla un juego de resonancias que involucran los cuerpos, los afectos, las emociones, sus historias y vivencias a la hora de buscar la comprensión y el acercamiento.

La comprensión mediante la escucha con cuidado es una forma de acercarse, de resonar, que busca construir algo en común con otras(os). Algo parecido al “diálogo de escuchas” que propone Aguilar (2004). El diálogo de escuchas es un ciclo que consiste en salir de sí mismo(a), pensar- hacer con el otro(a) y volver sobre sí mismo(a) como otro(a).

Con los regalos sonoros buscamos intersticios en las formas de hacer y decir. Al mismo tiempo, buscamos discutir las resonancias que las prácticas intersticiales tienen con algunas de las prácticas de “buena conducta”, premiadas por las autoridades en el Cereso, ya que a veces resultan parecidas. Esa resonancia estuvo dirigida no tanto a conseguir una adecuación o adaptación entre prácticas, sino a encontrar las diferencias y similitudes en las finalidades que persiguen unas y otras (para qué) y entre quiénes se realizan (entre compañeras, entre compañeras y autoridades). Identificar diferencias y similitudes entre prácticas (intersticiales y de buena conducta) nos sirvió para situar algunas formas de convivencia intersticial.

La expresión sonora y la escucha con cuidado, durante los regalos sonoros, no solo cuidaba a quienes recibían el regalo y se mostraban nerviosas, dudosas o inseguras, sino que cuidaba la escucha de todas y buscaba construir con todas una experiencia significativa. La escucha con cuidado se involucra y abre posibilidades pues atiende a la diferencia, no la cancela como sucede con la escucha autoritaria o conservadora. Cuidar la construcción colectiva del mundo es hacer que los mundos importen (BELLACASA, 2017, p. 5). Ofrecer sonidos de cada una a todas nos permitió escuchar con cuidado y, a la vez, el cuidado se podía escuchar materializado en el sonido. •

Notas

1. Los DAAC son una tecnología que articula diferentes dimensiones creativas/expresivas, reflexivas, sensibles, éticas, políticas, de cuidado, técnicas y de escucha en contextos específicos.

2. Resignación no en el sentido de rendirse. Sino algo más parecido a la idea de que “lo que hay es lo que es” y no hay otra alternativa. La definición de la situación se da por lo que se tiene. En este sentido el motor de la vida no es el cumplimiento de futuro sino la aseguración del presente.

Referências Bibliográficas

AGUILAR, Mariflor. Cultura de escucha. Condición de la democracia. *In: Ensayos*. México: IEDF, 2005, p. 9-39.

_____. Alteridad: condición de comunidad. *In: Devenires*, v. 5, n. 9, p. 7-25. Disponível em: <https://devenires.umich.mx/devenires/index.php/devenires/article/view/620>. Acesso em: jul. 2020.

BELLACASA, María. Pensar con cuidado. *In: Revista CONCRETA*. Ediciones Concreta. Disponível em: <http://www.editorialconcreta.org/Pensar-con-cuidado>. Acesso em: jun. 2020.

CASTAÑEDA, Martha. Etnografía feminista. *In: GRAF*, Norma Blazquez; PALACIOS, Fátima Flores; EVERARDO, Maribel Ríos (coords). *Investigación feminista. Epistemología, metodología y representaciones sociales*. México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades: Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias: Facultad de Psicología, 2012, p. 217-238.

HARAWAY, Donna. Conocimientos situados: la cuestión científica en el feminismo y el privilegio de la perspectiva parcial. *In: Ciencia, cyborgs y mujeres. La invención de la naturaleza*, Madrid: Cátedra, 1995.

NONO, Luigi. *El error como necesidad. Traducido por Gabriel Paiuk*. Disponível em: <http://consonanzastravaganti.blogspot.com/2011/06/luigi-nono-el-error-como-necesidad.html>. Acesso em: dez 2019.

REGLAMENTO INTERIOR DEL CENTRO DE READAPTACIÓN SOCIAL. Lic. David Franco Rodríguez. *In: Periódico Oficial*, cuarta sección, tomo CXXIII, n. 95, 1999. Disponível em: <http://www.ordenjuridico.gob.mx/Estatal/MICHOACAN/Reglamentos/MICHREG51.pdf>. Acesso em ago. de 2020).

SCRIBANO, Adrián. A modo de epílogo: ¿Por qué una mirada sociológica de los cuerpos y las emociones?. *In: SCRIBANO*, Figari. (comps.). *In: Cuerpo(s), Subjetividad (es) y Conflicto(s): Hacia una sociología de los cuerpos y las emociones desde Latinoamérica*. Buenos Aires: CLACSO/Ciccus, 2009, p. 141-151.

_____. *Encuentros Creativos Expresivos: Una metodología para estudiar sensibilidades*, Buenos Aires: Estudios Sociológicos, 2013.

dossiê liberte

oparças ossou

cosmopolitismos migrantes

prósperos justos

O Sagrado afro-brasileiro: resistência negra na reescrita do passado e construção de perspectivas para o futuro

Convidamos Mãe Meninazinha de Oxum, *iyalorixá* do Ilê Omolu e Oxum¹, que esteve à frente do processo de restituição do sagrado afro-brasileiro durante a campanha *Liberte nosso sagrado*², para compartilhar conosco seus saberes e experiências nesta luta política que há mais de três décadas busca tratamento digno e reconhecimento para as religiões afro-brasileiras. Entrevistamos também Mario de Souza Chagas, museólogo e diretor do Museu da República (MR/IBRAM)³, que traz informações sobre as novas práticas adotadas para a preservação do conjunto que desde 19 de junho de 2021 teve sua transferência oficializada por meio da assinatura de termo de cessão.

“Sempre ouvi, desde criança, conversando, quando eu tinha 5 anos. Meu Deus! Nossas coisas que estão nas mãos da polícia (...)” “Sempre essas palavras... não saíam da minha cabeça. O que estava nas mãos da polícia?” O questionamento levantado por Mãe Meninazinha de Oxum resulta do que sua avó, Iyá Davina de Omolu, lhe dizia quando ainda era uma criança. Iyá Davina referia-se aos objetos sagrados e religiosos apreendidos como provas de crime de “charlatanismo” e “baixo espiritismo” por meio de uma ação repressiva e violenta da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, perseguição institucionalizada pelo código penal de 1890.

A natureza do conjunto é assim descrita por Mãe Meninazinha: “Tem muita imagem



Fotografia de Alex Ferro

católica – que era da umbanda (...) tem assentamentos de orixás, de Exú, ferramenta de orixá, como abebé – que é uma ferramenta, um espelho que Oxum traz na mão, ofá que é de Oxóssi, entendeu. Tem muita ferramenta ali entre aquele – não vou dizer acervo, não – o sagrado. Tem roupa, fio de conta, atabaque. Muita coisa!”

O Sagrado foi exposto durante décadas no Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro ao lado de armas, material de cunho nazista e integralista, equipamentos para falsificação de dinheiro e máscaras mortuárias. O conjunto foi tombado pelo IPHAN em 1938 e denominado oficialmente “Coleção de Magia Negra”, termo que carrega o caráter racista que garantiu a formação da coleção. O edifício que abriga o museu foi um lugar importante para a repressão durante o Estado Novo e a Ditadura civil-militar: o DOPS, Departamento de Ordem Política e Social. Local de formação para a polícia da época que perseguia outras práticas negras como o samba e a capoeira, consideradas como “vadiagem”.

Acerca do significado do sagrado ter sido tratado dessa forma, Mãe Meninazinha relata: “Sempre disse que foi uma humilhação para gente, o nosso Sagrado não foi respeitado, não foi considerado por conta da religião candomblé – ser de negros – é o racismo religioso - “É coisa de negro”; sim, coisa de negro. Você é branco, outro é branco dentro do candomblé! Mas a base veio da África, por

isso que é coisa de negro, então veio da África não tem valor, candomblé não tem valor porque é coisa de negro. Mas graças a Deus e aos Deuses estamos sendo reconhecidos como religião! Porque era tido como seita. De negros, sim! De negros, de brancos e é uma religião da África. É uma religião.”

A partir da luta de lideranças religiosas da umbanda e candomblé a história deste conjunto pôde, enfim, ganhar novos rumos. Desde a década de 1980, no contexto do acirramento da intolerância religiosa no Rio de Janeiro⁴ e no Brasil, ocorreram demandas pela devolução do sagrado, das quais destaca-se a visita ao Museu da Polícia para vistoria da coleção por parte de ialorixás e babalorixás da Baixada Fluminense, entre elas Mãe Meninazinha de Oxum, Mãe Beata de Yemoja, Mãe Torody e Mãe Palmyra de Iansã.

Em 2017 teve início a campanha *Liberte nosso sagrado*, iniciativa que garantiu a articulação de atores sociais para a transferência do conjunto. Diligências para a vistoria do conjunto, audiências públicas e a abertura de uma ação no Ministério Público Federal são parte de um conjunto de atividades desenvolvidas e que culminaram no final bem-sucedido.

No dia 21 de setembro de 2020, lideranças religiosas da umbanda e do candomblé reuniram-se nos jardins do Museu da República para receber as caixas que

1. O Ilê Omolu e Oxum está localizado no bairro de São Matheus, em São João de Meriti, município da Baixada Fluminense.
2. A campanha *Liberte Nosso Sagrado* teve início em março de 2017 e contou com a participação de lideranças religiosas da umbanda e candomblé, membros da sociedade civil, pesquisadores e mandatos parlamentares em prol da transferência do sagrado do Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro para outra instituição museal.
3. As entrevistas foram realizadas em 16 e 22 de outubro de 2020, respectivamente, por meio da plataforma Zoom.
4. Sobre as articulações políticas desenvolvidas pelo povo de terreiro em resposta à intolerância religiosa no período, principalmente no estado do Rio de Janeiro, ver: GOMES, E.C. OLIVEIRA, L.C.O. *Tradição dos Orixás: valores civilizatórios afrocentrados*. Rio de Janeiro: IPEAFRO, Mar de Ideias, 2019.
5. *Ejé* significa sangue em iorubá.

continham os 523 objetos transferidos em regime de comodato: um momento histórico resultado da luta contra a intolerância e o racismo religioso enfrentado pelas comunidades de axé. Com a transferência do sagrado para o Museu e mediante um acordo firmado entre as lideranças religiosas e a direção do museu, as práticas de preservação despendidas ao conjunto levarão em consideração, em primeiro lugar, o respeito ao seu caráter sagrado.

Sobre o significado da transferência, Mãe Meninazinha diz:

“Minha filha, significa tudo de bom! Liberdade! Tudo o que era nosso estava preso sem ter cometido crime. Saiu! Conseguimos... Liberdade. E agora tocar para frente, porque nunca paramos. Somos resistentes, é o dendê que corre no nosso sangue, não desistimos nunca, olha quantos anos viemos resistindo, é muito dendê. Está pensando que é ejé⁵? Não é não... É dendê!”.

Ainda sobre o processo de transferência, Mario Chagas comenta sobre os critérios para a incorporação do sagrado ao acervo do Museu da República: “Eu aceitaria com o entendimento de que se tratava de um gesto de reparação praticado pelo estado brasileiro, uma vez que eu estou no órgão público Federal e considerando ainda que possivelmente as ordens para apreensão desse acervo, ou no mínimo o aval para que isso acontecesse

passaram pelo Palácio do Catete enquanto sede do Poder Executivo, enquanto sede da presidência da república naquele momento”.

Outro critério de extrema relevância, destaca Chagas, seria a instauração de um modelo de gestão compartilhada do acervo, assim as decisões sobre conservação e exposição do sagrado passariam pelas discussões entre o corpo técnico do museu e as lideranças religiosas, de forma a garantir o tratamento respeitoso em relação às práticas e às ritualísticas da umbanda e do candomblé. Questionado sobre as próximas ações sobre o acervo, o museólogo relata:

“Primeiro foram feitos os laudos de retirada do Acervo do Museu da Polícia Civil, ou seja, tudo que saiu de lá foi checado item a item, está saindo com tais condições, está quebrado, está inteiro, está bem conservado, não está. Porque nós do Museu da República queremos ter a certeza absoluta de que estamos recebendo um acervo que saiu de lá em tais condições. Quando o acervo chegou no Museu da República, no dia 21 de setembro, foram três dias de checagem, de conferência, foram feitos laudos de saída e laudos de chegada para as 523 peças. Agora elas entram em uma fase que chamamos de quarentena (isso não é por conta da pandemia, no campo museológico é um termo técnico), para que não ocorra o risco desse acervo contaminar o acervo que está no Museu da República e para que também não ocorra o risco do acervo

do Museu da República não contaminar esse acervo, nós não sabemos o que está ali, quais as condições, se tem algum tipo de fungo, tem muito material orgânico, então ele entra em um período de quarentena. Mesmo em quarentena, ele já começa a ser trabalhado.”

Chagas confirma que as primeiras ações de conservação e higienização foram efetuadas, assim como o registro fotográfico, e destaca que a metodologia de trabalho inicial já levou em consideração o posicionamento das lideranças religiosas: “Foram 77 caixas e elas foram desembaladas caixa por caixa, criamos um critério, uma ritualística para desembalar, com orientação dos pais e mães de santo. As primeiras caixas a serem desembaladas, foi uma que levava uma peça de um assentamento de Exu e os atabaques. Isso foi por orientação dos pais e mães de santo.”

A partir de agora todas as decisões serão discutidas com o grupo de trabalho formalizado em 19 de abril de 2021 por meio de audiência pública e que contará com representantes das casas de umbanda e candomblé. Entre as ações está a renomeação dos objetos, atualmente registrados por termos errôneos ou que carregam tom discriminatório. Sobre essa etapa, Mario Chagas comenta:

“Entra uma etapa de documentação e renomeação das coisas, o que significa: pegar item por item junto com os filhos e filhas de

santo que as mães e pais de Santo indicarem, quando não elas mesmas, as lalorixás, os Babalorixás e os zeladores da Umbanda, olhar item por item, peça por peça e dizer se o nome está correto”.

Os processos de documentação e pesquisa em andamento precedem a exposição dos objetos tendo em vista que é preciso compreender profundamente cada item e prática religiosa a ele atrelada. No futuro, pesquisadores e visitantes poderão ter acesso às informações levantadas e construídas coletivamente a partir do grupo de trabalho. Sobre a exposição do sagrado e o acesso ao público, Mãe Meninazinha comenta:

“Acredito, sim, que seja uma ferramenta para educação, crianças mesmos, os estudantes, a visitar as escolas, visitar o museu. As crianças tem que saber. Tanto crianças quanto adultos (...) Pessoas de candomblé ou não, estudante, turista para conhecer a história do Brasil, a história daquelas peças, a história dos orixás, dos nossos ancestrais, ali está uma prova da luta dos nossos ancestrais, uma luta nossa! Eles foram, mas deixaram nas nossas mãos para nós lutarmos, conseguimos! As pessoas tem que conhecer. (...) É uma vitória das religiões. Estou muito feliz e muita grata, aos orixás, muito grata a vocês da campanha, mesmo nessa situação que nós nos encontramos atualmente, mas tem alguma coisa de bom, depois disso tudo ainda tem alguma coisa de bom.”

Sobre a exposição do conjunto Mario Chagas, destaca já ser possível identificar discussões relevantes que serão levantadas: reparação, racismo estrutural, racismo religioso, perseguição religiosa. Entretanto, o diretor ressalta que nem todo o material será exposto:

“Vai expor tudo? Não, nós não vamos expor tudo, vamos expor o que a gestão compartilhada entender que deve ser exposto. Um assentamento de Exu, eu não posso colocar em qualquer lugar, tenho que colocar no lugar certo, que eu não sei qual é, sou ignorante nesse ponto, ele será colocado no lugar consultando as mães e pais de santo.”

O encontro entre saberes distintos presente na fala do diretor evidencia que as trocas entre museu e lideranças passam a ser vistas a partir de uma nova perspectiva mais simétrica e respeitosa.

“Nós até poderíamos chamar essa museologia de Museologia do Cuidado, nós precisamos é do cuidado, cuidado entre nós, cuidado do Acervo, o cuidado. O acervo, ele só tem importância, se ele tem serventia social, se ele serve a comunidade, se ele serve a vida. Essa ideia do Cuidado para mim faz uma diferença muito grande, o cuidado com a memória, o cuidado com o acervo, o cuidado com as comunidades, o cuidado com a religião, com as manifestações religiosas. Eu

penso que independente de tudo que possa estar acontecendo, nós continuamos vivos, Celebrando a Vida, cuidando, e não podemos de forma nenhuma desanimar diante disso.”

No bojo dessas discussões, Mario aponta a relevância da transferência do sagrado para o campo dos museus, mas, principalmente, para a museologia social. Sobre isso, comenta:

“Hoje com todas as dificuldades políticas que nós temos ainda assim o que eu tenho visto, nesses tempos de pandemia por exemplo, ficou uma lição para mim fortíssima que é a das iniciativas ancoradas na museologia social, elas não pararam, ao contrário, elas fortaleceram as suas redes de solidariedade.”

Os avanços no processo que permitiu a transferência definitiva do sagrado ao Museu da República se deram durante o crescimento da pandemia de coronavírus no Brasil e em meio a inúmeros retrocessos políticos e de garantia de direitos. Em tempos de tragédia e genocídio, a saída do sagrado do Museu da Polícia acendeu uma centelha de esperança naqueles que defendem a justiça racial e os direitos humanos.

O dia 21 de setembro entrou para o calendário oficial do estado do Rio de Janeiro como a data em que o sagrado foi, enfim, libertado, o que permitirá que o dia seja celebrado todos os anos. Relembrar as violências e batidas policiais que reprimiam as religiões no passado

6. RIO DE JANEIRO (Estado). Instituto de Segurança Pública. *Rio registra 23 ocorrências de ultraje a culto em 2020*. 2021. Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br/Noticias.asp?ident=451> . Acesso em 21 jun. 2021.

7. PORTAL GELEDÉS. “Traficantes de Jesus”: *Polícia e MPF miram intolerância religiosa no Rio*. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/traficantes-de-jesus-policia-e-mpf-miram-intolerancia-religiosa-no-rio/> , acesso em 21 jun. 2021.

é de extrema relevância quando, no tempo presente, os casos de racismo e intolerância religiosa crescem vertiginosamente no país. Sobre o tema, Mãe Meninazinha comenta:

“É a mesma coisa que aconteceu no passado, só que no passado era a polícia, agora são grupos de fanáticos que estão fazendo a mesma coisa que foi feita no passado. Entram nos terreiros e quebram tudo, é muita humilhação. A pessoa vindo e quebrando o que é seu. E não tem que interceder a nosso favor, a favor das religiões – não tem – não tem um político, não tem nada”.

Segundo dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Segurança (ISP/RJ), em 2020 foi registrada uma média de três casos ao dia que podem estar relacionados à intolerância religiosa, compreendendo o total de 1332 vítimas. Estão incluídos nessa contabilização os casos de injúria por preconceito de raça, cor, religião, etnia e procedência nacional. O órgão ressalta que os números são, comumente, subnotificados⁶. As notícias, entretanto, apontam para o aumento exponencial de casos de racismo e intolerância religiosa no Rio de Janeiro e no Brasil, seja com os “traficantes de Jesus” na Baixada Fluminense⁷ ou o recente caso de busca por Lázaro Barbosa, suspeito de assassinar uma família no interior de Goiás que teve sua imagem associada à “magia negra”, informação utilizada como justificativa para a invasão de terreiros pela

polícia, onde já há denúncias de violência policial, agressões e destruição de material religioso e sagrado. O contexto aponta que as discussões sobre racismo e intolerância religiosa se fazem não apenas necessárias, mas urgentes, e o museu pode e deve ser um espaço para mediação sobre o tema.

As reflexões sobre o passado são centrais nessa discussão e nos mostram a possibilidade de construção de outras perspectivas de futuro. E, assim, têm início novos caminhos para “as nossas coisas que estavam na mão da polícia”. Sobre Iyá Davina, Mãe Meninazinha diz: “Tenho certeza que ela está feliz, nossos ancestrais todos estão, pois não tiveram a oportunidade, mas deixaram essa responsabilidade em minhas mãos. Não só nas minhas mãos, nas suas mãos e nas mãos de todos nós brasileiros, do candomblé, da umbanda para lutar pelo o que eles não puderam, não fui eu só, Mãe Meninazinha, fomos todos nós. Vencemos, tivemos nossa vitória! Com as bênçãos de nossos ancestrais e dos nossos orixás.” •

maternidades

resilientes

cosmopolitismos migrantes

prósperos justos

TRABA- LHO

PÓS- PARTO

Quanto vale uma mamada?

Programa performativo

Dos 30 aos 60 dias de vida do meu filho, anotar o início e o término de todas as mamadas e fazer ao menos um registro fotográfico diário do ato de amamentar. Caso eu perca a anotação de algum horário da mamada, substituir a hora perdida pela letra X.



22/10/2019

#dia31

01:40-02:20 término peito direito
04:20-04:50 término peito esquerdo
06:35-07:10 término peito direito
09:10-09:50 término peito esquerdo
12:52-13:42 término peito direito
16:12-17:00 término peito esquerdo
18:45-19:13 término peito esquerdo
20:07-20:23 término peito direito
23:36-23:53 término peito direito



23/10/2019

#dia32

03:32-03:51 término peito esquerdo
06:10-06:53 término peito direito
09:19-10:04 término peito esquerdo
11:45-12:33 término peito direito
15:55-16:26 término peito esquerdo
18:14-18:58 término peito esquerdo
20:58-21:38 término peito direito



24/10/2019

#dia33

02:00-02:33 término peito esquerdo
05:54-06:30 término peito esquerdo
07:27-08:01 término peito direito
10:25-10:33 término peito direito
10:38-10:52 término peito esquerdo
13:06-14:01 término peito direito
16:28-17:12 término peito esquerdo
19:29-20:08 término peito direito
22:13-22:54 terminou peito esquerdo



25/10/2019

#dia34

00:45-01:18 término peito direito
 03:09-03:37 término peito esquerdo
 05:51-06:38 término peito esquerdo
 07:39-08:05 término peito direito
 10:05-10:30 término peito esquerdo
 11:55-12:05 término peito esquerdo
 13:20-13:35 término peito direito
 14:50-15:38 término peito esquerdo
 17:45-18:22 término peito direito
 20:40-20:50 término peito direito
 23:29-23:50 término peito esquerdo



26/10/2019

#dia35

02:52-03:10 término peito direito
 03:30-03:45 término peito esquerdo
 06:26-07:11 término peito direito
 09:09-10:00 término peito direito
 12:02-12:28 término peito esquerdo
 14:17-14:48 término peito direito
 17:15-17:50 término peito esquerdo
 19:40-20:06 término peito direito
 23:29-23:44 término peito direito



27/10/2019

#dia36

03:07-03:37 término peito esquerdo
 05:16-05:36 término peito direito
 07:15-07:52 término peito esquerdo
 09:48-10:45 término peito direito
 12:09-12:35 término peito direito
 15:20-XX:XX término peito esquerdo
 17:47-18:28 término peito direito
 20:39-21:15 término peito esquerdo



28/10/2019

#dia37

00:12-00:31 término peito esquerdo
02:52-03:25 término peito direito
05:08-05:19 término peito esquerdo
07:20-08:30 término peito direito
09:50-10:33 término peito direito
12:14-12:44 término peito direito
14:24-14:50 término peito esquerdo
16:45-17:30 término peito direito
19:31-19:44 término peito direito
23:16-23:47 término peito esquerdo



29/10/2019

#dia38

02:17-02:50 término peito direito
04:50-05:11 término peito esquerdo
08:22-09:11 término peito direito
11:06-11:26 término peito direito
13:00-13:25 término peito esquerdo
15:05-15:38 término peito esquerdo
17:44-18:30 término peito direito
19:45-20:02 término peito esquerdo
22:47-23:11 término peito direito



30/10/2019

#dia39

01:40-02:00 término peito esquerdo
05:05-05:40 término peito direito
08:18-08:51 término peito esquerdo
10:24-10:55 término peito direito
12:40-13:27 término peito esquerdo
15:48-16:23 término peito direito
18:01-18:40 término peito esquerdo
19:36-19:56 término peito esquerdo



31/10/2019

#dia40

01:19-01:39 término peito direito
05:28-05:58 término peito esquerdo
08:15-08:49 término peito direito
10:44-11:18 término peito esquerdo
14:11-14:42 término peito direito
17:03-17:44 término peito esquerdo
19:21-20:12 término peito esquerdo
22:05-22:30 término peito direito



01/11/2019

#dia41

00:47-01:11 término peito esquerdo
03:10-03:37 término peito direito
05:16-XX:XX término peito esquerdo
08:20-08:55 término peito esquerdo
10:30-11:13 término peito direito
12:50-13:18 término peito esquerdo
16:34-16:59 término peito direito
18:43-18:55 término peito esquerdo
22:18-23:03 término peito direito



02/11/2019

#dia42

03:27-03:46 término peito esquerdo
05:22-05:50 término peito direito
08:24-09:02 término peito esquerdo
11:17-11:49 término peito direito
13:00-13:40 término peito direito
XX:XX-XX:XX término peito esquerdo
XX:XX-XX:XX término peito direito
18:45-19:16 término peito esquerdo
20:19-20:33 término peito direito



03/11/2019

#dia43

00:44-01:02 término peito esquerdo
02:58-03:45 término peito direito
07:15-07:58 término peito direito
10:32-10:58 término peito esquerdo
XX:XX-12:55 término peito direito
15:53-16:33 término peito esquerdo
18:33-19:25 término peito direito
20:41-21:21 término peito esquerdo



04/11/2019

#dia44

00:43-00:57 término peito direito
04:23-04:44 término peito esquerdo
06:47-XX:XX término peito direito
09:50-10:15 término peito esquerdo
11:42-12:34 término peito direito
XX:XX-XX:XX término peito esquerdo
14:45-15:14 término peito direito
16:24-16:50 término peito esquerdo
18:03-18:33 término peito esquerdo
19:18-20:20 término peito direito



05/11/2019

#dia45

00:34-00:46 término peito direito
04:11-04:25 término peito esquerdo
06:35-06:50 término peito direito
08:18-08:44 término peito direito
10:20-XX:XX término peito esquerdo
12:04-12:40 término peito direito
15:12-15:34 término peito esquerdo
17:54-18:37 término peito direito
20:10-XX:XX término peito esquerdo



06/11/2019

#dia46

02:04-02:14 término peito direito
03:45-04:04 término peito esquerdo
05:25-05:39 término peito direito
07:39-08:19 término peito esquerdo
10:20-10:55 término peito direito
13:40-XX:XX término peito esquerdo
16:30-16:56 término peito direito
18:20-18:29 término peito direito
19:31-19:50 término peito esquerdo
20:30-XX:XX término peito esquerdo



07/11/2019

#dia47

00:20-00:43 término peito direito
04:34-04:51 término peito esquerdo
07:11-07:20 término peito direito
08:53-09:26 término peito esquerdo
11:17-12:07 término peito direito
14:12-14:46 término peito direito
15:43-XX:XX término peito direito
17:25-17:52 término peito esquerdo
19:00-19:25 término peito direito
20:12-20:40 término peito esquerdo



08/11/2019

#dia48

00:03-00:22 término peito direito
02:43-03:03 término peito esquerdo
05:05-05:25 término peito direito
07:42-08:08 término peito esquerdo
10:02-XX:XX término peito esquerdo
12:28-XX:XX término peito XXXX
15:02-15:25 término peito direito
16:39-XX:XX término peito esquerdo
18:42-19:15 término peito direito
20:20-20:56 término peito direito



09/11/2019

#dia49

00:10-00:18 término peito esquerdo
 03:37-03:58 término peito direito
 07:16-XX:XX término peito esquerdo
 07:41-08:09 término peito direito
 10:10-10:24 término peito direito
 10:34-10:51 término peito esquerdo
 12:43-13:18 término peito direito
 15:08-15:27 término peito esquerdo
 16:27-16:57 término peito direito
 18:45-19:22 término peito esquerdo
 20:31-21:11 término peito direito



10/11/2019

#dia50

02:05-02:20 término peito esquerdo
 04:28-04:47 término peito direito
 08:11-08:34 término peito esquerdo
 10:20-XX:XX término peito direito
 12:16-XX:XX término peito direito
 14:17-14:41 término peito direito
 17:27-17:57 término peito esquerdo
 19:13-19:29 término peito esquerdo
 19:50-20:53 término peito direito



11/11/2019

#dia51

02:02-02:10 término peito esquerdo
 03:25-03:49 término peito direito
 06:35-06:49 término peito esquerdo
 08:53-09:32 término peito direito
 11:27-XX:XX término peito esquerdo
 14:11-14:40 término peito direito
 17:17-17:48 término peito esquerdo
 18:51-19:02 término peito esquerdo
 19:51-19:57 término peito direito



12/11/2019

#dia52

00:32-00:52 término peito esquerdo
03:39-03:59 término peito direito
06:34-06:56 término peito esquerdo
08:23-09:11 término peito esquerdo
10:47-11:24 término peito direito
13:11-13:24 término peito esquerdo
15:30-XX:XX término peito direito
18:21-19:05 término peito direito
20:50-XX:XX término peito esquerdo



13/11/2019

#dia53

01:32-01:55 término peito esquerdo
03:36-XX:XX término peito direito
07:13-07:40 término peito direito
09:53-XX:XX término peito esquerdo
12:22-13:14 término peito direito
15:42-16:12 término peito esquerdo
18:25-18:33 término peito esquerdo
19:12-19:28 término peito direito
20:17-XX:XX término peito direito
ei-to



14/11/2019

#dia54

00:38-00:53 término peito esquerdo
02:13-02:36 término peito direito
04:50-04:57 término peito esquerdo
07:00-07:22 término peito direito
08:34-08:38 término peito direito
09:16-09:27 término peito esquerdo
10:23-10:42 término peito direito
12:49-13:16 término peito esquerdo
15:40-16:05 término peito direito
18:48-19:10 término peito esquerdo
20:00-20:12 término peito esquerdo
20:46-21:08 término peito direito



15/11/2019

#dia55

02:13-02:38 término peito esquerdo
06:42-07:10 término peito direito
09:02-09:20 término peito esquerdo
10:34-10:54 término peito direito
12:10-12:30 término peito esquerdo
15:08-15:37 término peito direito
16:46-17:00 término peito direito
18:30-18:40 término peito esquerdo
19:17-XX:XX término peito direito
23:31-23:48 término peito esquerdo



16/11/2019

#dia56

03:09-03:34 término peito direito
05:30-05:38 término peito esquerdo
07:27-07:37 término peito esquerdo
08:42-08:52 término peito direito
10:45-11:13 término peito esquerdo
14:02-XX:XX término peito direito
16:56-17:29 término peito esquerdo
18:57-19:42 término peito direito
21:00-21:15 término peito direito



17/11/2019

#dia57

02:33-03:04 término peito direito
06:56-07:05 término peito esquerdo
08:40-08:59 término peito direito
10:32-10:40 término peito esquerdo
10:58-11:11 término peito direito
12:21-12:32 término peito esquerdo
13:05-13:34 término peito direito
15:33-XX:XX término peito esquerdo
17:44-XX:XX término peito direito
19:53-20:34 término peito esquerdo



18/11/2019

#dia58

00:34-01:05 término peito esquerdo
 04:52-05:13 término peito direito
 06:00-XX:XX término peito XXXX
 08:14-08:41 término peito direito
 10:43-11:03 término peito esquerdo
 13:25-13:50 término peito direito
 15:45-XX:XX término peito esquerdo
 17:50-18:09 término peito direito
 19:08-19:16 término peito direito
 19:50-20:36 término peito direito
 XX:XX-23:45 término peito esquerdo



19/11/2019

#dia59

01:27-01:36 término peito direito
 04:15-04:33 término peito esquerdo
 06:48-06:57 término peito esquerdo
 08:21-08:42 término peito direito
 10:41-11:15 término peito esquerdo
 13:10-13:25 término peito direito
 15:20-XX:XX término peito esquerdo
 18:11-18:23 término peito direito
 19:50-20:43 término peito esquerdo



20/11/2019

#dia60

01:00-01:20 término peito esquerdo
 04:14-04:26 término peito direito
 07:14-07:38 término peito esquerdo
 09:38-10:27 término peito esquerdo
 13:05-13:32 término peito direito
 15:35-15:56 término peito direito
 17:24-XX:XX término peito esquerdo
 18:40-18:50 término peito direito
 19:44-20:50 término peito esquerdo

**TRABA-
LHO**

**PÓS-
PARTO**

Quanto vale uma mamada?

Em um mês, 280 mamadas. Uma média de 140 horas mensais e 4,5 horas diárias dando de mamar, distribuídas nas 24 horas do dia. A ação *Trabalho pós-parto*: quanto vale uma mamada? pretende revelar a radicalidade da produtividade do ato de amamentar e, ao mesmo tempo, visa denunciar a falta de apoio emocional e financeiro destinado às mães em sua amamentação exclusiva. Afinal, amamentação exclusiva é para quem? Que mãe está tendo suporte financeiro e emocional para amamentar exclusivamente em uma jornada ininterrupta de dias e horas?

São inúmeros os programas governamentais promovendo a amamentação exclusiva, assim como artigos científicos dizendo sobre os benefícios e a importância do aleitamento materno tanto para o bebê quanto para a mãe. Mas quais políticas públicas estão sendo geradas para dar suporte financeiro e emocional para a mãe em sua amamentação exclusiva? Como o mercado de trabalho está lidando com essa informação? A licença-maternidade ofertada pelo governo, assim como por muitas empresas particulares, é de apenas 4 meses, enquanto os programas de aleitamento materno recomendam amamentação exclusiva até os seis meses de idade da criança. Como a mãe volta à sua jornada de trabalho amamentando exclusivamente? E como ela se mantém financeiramente recebendo uma licença maternidade que na maioria das vezes não condiz com seus gastos mensais?

A criança é uma responsabilidade social e não só da mãe, quando a mãe amamenta toda a sociedade se beneficia disso, como essa mesma sociedade tem valorizado e apoiado a mãe em seu trabalho pós-parto? •

Maternidades Resilientes

Estoy en casa, sentada en el sofá de la sala o del cuarto de bebé, computadora portátil en mano, como prácticamente todos los días del año desde que empezó el encierro en México para personas de alto riesgo - a saber, mujeres embarazadas y adultos mayores - el 15 de marzo del 2020. Recibo un mensaje en mi celular de una amiga chilena: “¡Qué suerte tienes con bebé tan chiquitita pegadita a ti...sólo regalonear! Ideal para pasar la pandemia”. Me quedo pensativa. ¿Será? Como madre primeriza no tengo punto de comparación, pero sé que para ella el encierro con dos niños de entre uno y tres años en un departamento de Santiago ha sido difícil de llevar pues todo se te junta: el teletrabajo, la limpieza, la cocina, los niños, la escuela en línea. Ahorita mismo, es cierto que puedo escribir este texto en los ratos en que mi bebé se echa sus largas siestas al lado mío o sobre mí. Mi mirada se detiene sobre el libro *De cuerpo y alma*, de Boris Cyrulnik, que accidentalmente cayó entre mis manos cuando mi hermana no pudo llevárselo durante su mudanza y pienso: si la vida es una lucha permanente en la que constantemente recalibramos nuestros afectos y nuestro medio social y cultural, ¿en qué podría decir que mi maternidad ha sido resiliente durante esta epidemia?

Esta maternidad ha sido puntuada de altos y bajos, de notas muy diferentes según los humores y las etapas del embarazo y post-embarazo. Cuando emitieron las medidas

de protección contra el virus estaba a la mitad de mi embarazo y decidimos que lo mejor era encerrarnos con mi pareja en un departamento de la Ciudad de México, con algunas salidas puntuales en las que aprovechaba la mañana o la tarde para caminar por el parque aledaño a la cuadra, pues las medidas no fueron tan drásticas como las impuestas en Europa. Puedo afirmar que el estar encerrada durante la gestación fue de suma tranquilidad. La oxitocina y la progesterona hacían su efecto y no me hacía falta socializar. La sensación de bienestar era absoluta, podía pasar horas y horas leyendo, cocinando, aprendiendo a hacer mis propios insumos de belleza, escuchando cursos online o durmiendo. Todo fluía y podía abrazar con serenidad las restricciones de la crisis sanitaria, a diferencia de mi pareja quien se sentía socavado, limitado y aburrido entre cuatro paredes sin balcón en medio de una jungla de concreto, a decir de Bob Marley.

En cuanto a los cuidados de mi embarazo, definitivamente había optado por ponerlo en manos de mujeres profesionales lo cual no significó el excluir el papel del hombre en la maternidad. Quise que padre y madre adquiriéramos los mismos conocimientos prenatales al mismo tiempo, por lo que atendimos los cursos profilácticos juntos, cuyas sesiones que se llevaron a cabo en el programa de videoconferencia Zoom que se puso de moda durante la pandemia. También me acompañaron virtualmente

amigues y, sobre todo, madres que, desde Chile, Marruecos, Singapur, Francia, México, Guatemala, Costa Rica y Estados Unidos, intercambiamos consejos, impresiones, lamentaciones, lecturas, descubriendo que todas estamos en las mismas condiciones y que hemos vivido las mismas alegrías y angustias del embarazo, parto y posparto. Nunca he tenido tanta retroalimentación entre mujeres, he sentido la sororidad en su máxima potencia y ha sido simplemente y sencillamente maravilloso.

El parto fue una experiencia fuertísima y creo que, con o sin pandemia, es absolutamente sorprendente ya que, aunque te hayas preparado y hayas leído mucho al respecto, la teoría se transforma en una tormenta en la que cuerpo y mente revolotean en medio del ojo de un huracán. Al llegar a la sala de parto lo primero que saltó por los aires fue mi cubreboca que impedía que hiciera bien el ejercicio de respiración durante las contracciones. Sin embargo, mi doctora, y posteriormente la pediatra, respetando las consignas sanitarias, lo mantuvieron puesto toda la labor del parto. Si bien me encontraba sumergida en mis pensamientos y emociones noté que, a las 5 de la madrugada, la sala empezó a llenarse de personal del hospital. Primero llegó el anesthesiólogo pues pedí a gritos y súplicas que me pusieran la epidural porque el dolor era absolutamente cegador; luego entró el camillero; el cunero; las enfermeras; las asistentes; en fin, al momento del nacimiento, el cuarto estaba lleno. Eso sí, todos con cubrebocas. Aquella cercanía con el personal fue posible por el tipo de parto y establecimiento que habíamos escogido desde el principio: un personal y un hospital especializado en partos humanizados y en agua. Con algunas madres cercanas que dieron a luz en pandemia, nos encontramos rememorando esos momentos intensos en los que el/la doctor/a te acompaña en silencio con ciertos gestos precisos (el rompimiento de la fuente con los dedos, por ejemplo) o palabras muy puntuales (tú eres fuerte, tú puedes). Para otras madres, los cuidados médicos distan en cuanto a tiempo y sensibilidad pues, por medidas Covid-19,

en sus establecimientos hospitalarios no les permitieron la presencia de la doula, ni al padre asistir a la cesárea, ni tampoco a ambos, padre y madre, por no contar con una prueba del examen de la Covid-19, pudieron pasar la noche junto a su bebé.

Por otro lado, no nos dejaron tener visita de familiares en el hospital. De hecho, desde que empezó la pandemia no he podido ver a mi familia porque anularon los vuelos en Centroamérica y porque viajar por avión implica un alto riesgo de contaminación. Aprovechando que los casos han bajado y que acaban de reanudar los vuelos a México, justo estoy contando los días para ver a mi madre pues hace casi un año que no nos vemos y nos urge juntarnos. La maternidad te hace tejer lazos estrechos entre otras madres, pero, sobre todo, con tu propia madre. Necesito abrazarla y que vea cómo bebé va progresando en la lactancia, un tema digno de especialistas que, por suerte, siguen abriendo sus consultorios para que, aquellas madres que no logramos darle pecho a nuestro(a)s hijes, podamos tener explicaciones científicas y, sobre todo, ser reconfortadas y tranquilizadas. Y es que, en una de las consultas de lactancia, la pediatra diagnosticó que bebé había nacido con una contractura en el cuello congénita por una mala postura intrauterina. Esto es algo con lo que no contábamos al momento de nacimiento que, con o sin Covid-19, se necesita tratar lo antes posible por medio de ejercicios quiroprácticos de neurodesarrollo para que le ayuden a que poco a poco su cuello recupere su movilidad. Con todo lo sucedido, me queda claro que la vida es una lucha diaria y una conquista permanente. Nuestra cartera aprieta en tiempos de pandemia, pero nada como luchar por que tu bebé esté bien.

Recibo un correo de mi madre para el cumpleaños de bebé: me cuenta que quiere hacer un álbum virtual con sus fotos que le envió a diario a través del celular con las felicitaciones de la familia y amigos pues tiene la preocupación que, con el uso del internet, no quede rastro material de este momento tan importante para nuestras

vidas. También le ha escrito una carta larga a bebé contándole lo emocionada que está por su llegada a este mundo, la cual me gustaría compartir a continuación.

Mi pequeña Chloé,

Tienes ya un mes. Como pasa el tiempo, y como has cambiado desde el 20 de agosto de 2020. Tu mamá me llama todos los días y gracias a la cámara de su teléfono puedo verte. Leo y yo estamos constantemente al acecho de los videos que tu mamá nos manda. Estoy tan ilusionada de poder tenerte en brazos, sentir tu piel, oír tu respiración, los sonidos de ratita que emites... Ojalá no sea dentro de mucho tiempo. En cuanto se reanuden las rutas aéreas con México, corro a abrazarte y abrazar a tu mamá y papá.

Naciste en un momento extraño, en plena pandemia de la Covid-19. Todos hemos de limitar nuestros movimientos. Como en toda epidemia, el descenso iniciará un día, y la vida recobrará su curso. Salvo que, en el caso presente, muchos desean que el regreso a lo que se llama "lo normal" ya no sea lo mismo. La vida era fácil, por cierto, pero hace rato que se nos ha extraviado su sentido. Se ha alejado demasiado de los valores esenciales, como la fraternidad, la simplicidad, la comunión con la naturaleza. Las nuevas generaciones ya no quieren este mundo que perdió su esencia humana. Naciste justo en este momento en el que empiezan a expresar una necesidad de cambio. Un momento importante. A ti y a tus congéneres les tocará dar luz a este nuevo mundo. Hay mucho que hacer y el tiempo apremia. El planeta no puede más.

Mis padres, tus bisabuelos, vivieron ellos también cuando tenían 20 años un momento muy difícil, el de la ocupación de Francia y del resto de Europa por los nazis. Esperamos que jamás tengamos que vivir una época tan oscura.

A lo largo de este mes, he podido observar como tu mamá y tu papá te aman infinitamente. Te estaban esperando desde hace rato, y vivieron tu llegada al mundo tan intensamente. No se me olvidará nunca su emoción cuando me llamaron, llorando ambos de alegría, una hora después de que naciste. Estabas acurrucada en el pecho de tu mamá. A través de la sábana que te cubría, tenías los ojos abiertos en grande, y parecías sondear el mundo con una mirada apacible. Tus padres están muy atentos a tus necesidades que evolucionan día a día. Admiro la serenidad y la dedicación de tu padre, su mirada llena de amor cada vez que te mira en las fotos. Me regocijo en cada instante del asombro de tu mamá al descubrir esta cosa inconmensurable que es el amor maternal.

Tu nacimiento y tus primeras aventuras me recuerdan tanto las de tu mamá. Como ella a la misma tiernísima edad, todavía te cuesta mamar. El momento vendrá, paciencia. Por ahora, desempeñas esfuerzos considerables para nutrirte, y el ánimo y la concentración que manifiestas al realizar tus ejercicios para lograrlo me conmueven hasta las lágrimas.

La fecha de tu nacimiento es armoniosa: 20 8 20 20. El 8 figura entre dos 20s. 8 es la más simétrica de las cifras. Parece que es el símbolo del infinito. También veo en él una coincidencia geográfica. El 8 siempre me hizo pensar en América. Naciste en México, en el punto en el que el bucle superior del 8 empieza a reducirse para formar más hacia el sur “la cintura de América”, o Centroamérica de donde es originario tu abuelo materno Arturo, y donde tus tías y yo elegimos asentarnos. Hay una linda leyenda relativa a este cordón volcánico que conforma el centro del 8. En medio del Lago Nicaragua, existe una isla llamada Ometepe cuya forma evoca un 8. Dicen que antes de la llegada de los españoles, los caciques del norte y del sur del continente tenían como costumbre reunirse en esta isla para hablar de sus litigios, y así evitar los conflictos. Esta isla, poseída por una energía muy especial, alberga numerosos vestigios precolombinos todavía no identificados.

Tu nacimiento y tus primeras experiencias trajeron mucha paz. Las dificultades siempre se resuelven en el momento oportuno, bajo los auspicios de este amor inmenso que recibes de tu mamá y tu papá.

Te abrazo fuertemente contra mi corazón,

Tu Abuela Sophie

Mi bebé es un bebé Covid-19, un bebé con el que estoy las 24h pues he tenido la suerte de encontrar un trabajo de traducción desde casa cuando estaba embarazada que, aunque intermitente, me permite el no estar obligada a desplazarme, como muchos; hace que disfrute mejor a mi bebé. Además, puedo contar con el apoyo de mi compañero quien también se encuentra con poco trabajo. ¿Es ésta la resiliencia materna en tiempos de pandemia? Es un hecho que lo que pierdes en estabilidad económica lo ganas en atención, apoyo y afecto de tu pareja y de tu familia, la cual, aunque lejos, se hace más presente.

Vuelvo a pensar en la resiliencia. Me han dicho: con el tiempo no te acuerdas de la experiencia dolorosa del parto, del post-parto y los malos ratos se te olvidan. ¿Y si no quiero olvidar? ¿Acaso todas tenemos que aplicar la memoria selectiva y reaccionar positivamente ante cualquiera experiencia desagradable? Estoy consciente que mi experiencia como madre en pandemia ha sido privilegiada y probablemente olvide el dolor causado por el cansancio, las desveladas, la rutina, la transformación de tu cuerpo, el miedo al desconocido y a la responsabilidad. Pero no olvido que ser madre ha sido una de las cosas más desafiantes por las que he pasado hasta ahora ya que traer al mundo un ser humano ha significado para mí el recalibrar mi percepción del cuidado ajeno. Observo y entiendo ahora el no juzgar a otras madres, el interés de formar una familia, la complejidad de las relaciones y el no poder siempre mantenerse a flote, lo frágil que es la psique humana, lo difícil que es perdonar, la pérdida del instinto natural y el respeto al medio ambiente.

Una amiga me anima a volver a leer *Las mujeres que corren con los lobos*, de Clarissa Pinkola Estés. Me resisto. Esos cuentos me costaron mucho esfuerzo, tiempo y ansiedad leerlos pues representan el momento en el que buscaba embarazarme sin éxito. Me da miedo que, al recordarlos, pueda sentirme nuevamente identificada con alguna de las trágicas protagonistas. Entonces me pregunto ¿hay o no hay resiliencia? No lo sé. Hay una liberación, una esperanza, un renacer.

•

Cuidados de una madre alterna

Cuidados de una madre alterna es un proyecto que realizan en colaboración Susana Ruíz, Tomasa Ruíz y Gabriela Zubillaga. El proyecto surge como una estrategia para generar una fuente de ingresos al mismo tiempo que se reconocen y se distribuyen los saberes curativos de Susana y Tomasa respecto a las plantas que crecen naturalmente en la zona (Acapulco de Juárez, Guerrero, México) y de las que ahí se comercian. Saberes que se heredaron con el entretrejo de conocimientos de pueblos originarios, coloniales y africanos. Y que se han diluido en la vida cotidiana de esta parte de la costa de nuestro país.

El uso de plantas medicinales para ellas, además de ser parte de la tradición, se sigue conservando y desarrollando como una manera de complementar la falta de acceso a la medicina científica, a la que cuando se llega a acceder, generalmente ofrece una atención disociada de los afectos. Frente a las dificultades económicas y de servicios públicos, la práctica de remedios y rituales curativos también es un ejercicio de autonomía y de escucha de su propio cuerpo, del cuerpo del ser querido y del reconocimiento de la vegetación de su entorno.

Gabriela Zubillaga a quien estas mujeres cuidaron en su niñez y con quien conservan una relación afectiva estrecha desde entonces, colabora con la gestión del proyecto y la realización de los dibujos que son bordados para acompañar las recetas.

Los bordados son concebidos como *servilletas para tortillas*, un objeto textil muy utilizado en México para envolver las tortillas calientes y listas para comer, es un medio apropiado para la distribución de las recetas bordadas en ellas. Finalmente su cualidad textil se presta a que tenga la versatilidad de incorporarse a otros objetos utilitarios y también puede ser una obra de colección o incluso decorativa.

•







¿Cómo educamos a la nueva humanidad?

A mi mamá

On ne voit bien qu'avec le cœur.
L'essentiel est invisible pour les yeux
Antoine de Saint-Exupéry

El llamado realizado por el proyecto “Abraza tu vulnerabilidad” para enviar contribuciones sobre las experiencias en esta nueva etapa de la humanidad resonó en mí inmediatamente, todos los temas habían formado parte de mi pensamiento en uno o muchos momentos de estos días en casa guardada con mi familia: mi esposo y nuestro hijo de 16 meses al empezar la pandemia en México. En este texto comparto mis pensamientos sobre maternidad y vida académica en el contexto amplio de la educación del ser humano, que considero pueden invitar a otras personas a reflexionar conmigo.

Mi vida en la pandemia

El día de hoy mi hijo tiene 23 meses y 2 semanas, es decir llevamos: 7 meses y 2 semanas realizando todas nuestras actividades en casa. Mi esposo y yo somos profesores-investigadores, entonces este tiempo hemos sido de los pocos privilegiados que podemos realizar la mayoría de nuestras actividades laborales desde el hogar sin una preocupación por la comida del día de mañana, pero por supuesto esta nueva rutina tiene sus retos para todos. El reto de estar con un pequeño y trabajar, lo he enfrentado

a partir de la valoración sobre su vida y la mía, las cuales en este momento inicial de su desarrollo están completamente ligadas, así como en apreciar conscientemente cada día el amor de mi pareja. Por supuesto, los días de cansancio y agotamiento son muchos, pero los momentos de felicidad son muchos más. La pandemia me ha hecho reflexionar en mí misma y mirarme hacia adentro, y me he encontrado por sorpresa que he venido viviendo con dos cerebros desde que nació mi hijo: el cerebro mamá y el cerebro laboral. Los cuales antes por diferencias de horario cada cerebro tenía su tiempo y hora, mientras que durante el confinamiento ambos cerebros deben de trabajar al mismo tiempo, lo cual me ha permitido advertir que en realidad son sólo uno. A este “nuevo” cerebro me gusta llamarlo cerebro investigador, puesto que observa, analiza y experimenta todo lo que le rodea, sin embargo, la división creada por el mismo cerebro para gestionar las tareas aún me ayuda a procesar toda la información que recibimos día a día.

Por ejemplo, el cerebro- mamá se encarga de que el crío sobreviva, de observarlo y procurarlo; lo cual es bastante información que procesar para actuar conscientemente y no sólo reaccionar. Mientras que el cerebro laboral, pues es eso se encarga de revisar,



leer, gestionar las actividades de profesor-investigador que requieren a su vez de momentos de concentración para procesar nuevamente este tipo de información y reportar los resultados obtenidos en forma de un entregable concreto.

Por lo tanto, el “nuevo” cerebro frente a toda la información que debe de procesar, frecuentemente se encuentra en un dilema de juicio sobre cuál información es más importante procesar, y es entonces cuando el cerebro mamá toma el mando la mayoría de las veces, sobre todo cuando el objeto de atención está a menos de dos metros y me dice AMO cada media hora. El cerebro laboral hace una lucha constante en los momentos de trabajo por salir y hacer su parte, con mucho menos éxito.

Por supuesto esto no sólo me pasa a mí, artículos recientes publicadas en Nature¹ indican que las mujeres investigadoras en todas las disciplinas han publicado muchos menos artículos desde la pandemia comparado con sus colegas hombres. Esto lo atribuyen a que las mujeres suelen realizar más trabajo doméstico, pasar más tiempo cuidando a los hijos o tienen responsabilidades cuidando de adultos mayores o familiares enfermos. Estas noticias prevén que debido a que las mujeres han tenido que disminuir su ritmo de trabajo académico durante la pandemia muchas perderán su trabajo, especialmente las investigadoras jóvenes que no tienen puestos fijos y entonces la equidad de género ganada en el terreno de la academia se podría perder.

Estas noticias me hicieron sentir acompañada de que no soy la única madre que no puede mantener el ritmo de trabajo en esta situación y que la sociedad académica lo ha detectado y se preocupa, pero también me invitaron a pensar que, si bien en los artículos se hace énfasis en las mujeres, en realidad esta llamada “disminución” de las actividades también debe afectar a los hombres que

cuidan de la casa, los hijos o la familia. Posteriormente, la atención se centró en qué significa “disminución”, si bien la productividad académica se mide actualmente en artículos publicados, esta pandemia ha evidenciado que los investigadores debemos re-integrar la realidad humana/social en nuestras actividades académicas y re-pensar en los estándares de medición de productividad considerando esta “nueva” dimensión.

El tema de cómo abordar la productividad académica es importante, debido a que mi cerebro de mamá está más *on-pointe* me decidí a enfocar mi atención hacia la parte de mi trabajo que realizo como profesora, puesto que es más cercana a mi rol como madre-educadora en este momento.

¿Qué es educación?

Educación de acuerdo con la Real Academia Española: Crianza, enseñanza y doctrina que se da a los niños y a los jóvenes.

El análisis etimológico² pone de manifiesto que educación proviene, fonética y morfológicamente, de educare (conducir, guiar, orientar); pero semánticamente recoge, desde el inicio también, la versión de educere (hacer salir, extraer, dar a luz).

En el texto de María Inés de Jesús et al.³ usan la etimología de la educación para exponer un sentido más amplio de la educación:

Para comprender los postulados morinianos sobre la planetarización de la educación (Morin, Ciurana, Mota, 2003) en el Siglo XXI nos hemos propuesto, en esta investigación, abordarla desde una multiplicidad de perspectivas: como transmisión de conocimiento, en sus dos versiones etimológicas de educare y educere; como acto cultural, como ciencia pluridisciplinar con diferentes niveles epistémicos y filosóficos; en tanto arte, desde el enfoque histórico hermenéutico de “Tékhne”, así como en el concepto de “Poiésis”, y entenderla como camino, es decir, como senda que da cuenta de una serie de teorías que muestran el proceso de complejización que viene ocurriendo en el territorio educativo y que va dando a la luz propuestas pedagógicas alternativas tales como la sinéctica, la hipótesis enactiva, la pedagogía del caos o creática, la pedagogía transpersonal y valórica, el proyecto de conversación educativa, la resiliencia en la educación o la pedagogía de la esperanza, entre otras vertientes.

A partir de lo anterior me quedo con que educar a un ser humano es la gran responsabilidad en todos niveles de guiarlo y orientarlo, teniendo la precaución de no adoctrinarlo.

¿Para qué educamos?

El tener que dar clases en línea me obligó a repensar cómo iba a dar las clases de posgrado iniciado el nuevo semestre, después de haber dado el brinco a la era digital de un día para otro y haber hecho una suerte de clase “presencial” pero de manera “virtual” no quedé satisfecha con mi desempeño. Pero ciertamente, tampoco con el desempeño de los estudiantes, el rol pasivo detrás de la cámara que permite esta modalidad me es muy incómodo, y pensé para qué darles información si vivimos en la “Era de la información”. Antes el ser inteligente en la escuela era que tenías memoria de mucha información, pero ahora con el internet el memorizar no es una habilidad tan útil, sin embargo, la habilidad para saber buscar es mucho más valiosa, y para saber buscar necesitas hacer las preguntas adecuadas; pero los modelos escolares que han prevalecido hasta ahora se enfocan en evaluar a sus estudiantes dándoles todas las preguntas.⁴

Por supuesto que si antes en la clase presencial se restringía el uso del móvil o celular para consultar información, ahora en clases digitales donde estamos sentados en frente del ordenador y si los estudiantes tienen una duda sobre la información presentada la pueden consultar inmediatamente y lo anterior descrito resuena más.

Estoy en los dos extremos, en un lado con estudiantes de maestría y doctorado en sus últimos niveles de capacitación escolarizada seres humanos con intereses definidos y con sus herramientas de estudio ya formadas en su ser, por otro lado, está mi hijo como un lienzo en blanco delante de mí.

La situación económica tan desigual que se muestra cada vez más crudamente en esta pandemia nos dice que la sociedad no puede seguir así y entonces ¿cómo mejoramos nuestro mundo?: los niños. Si bien hay acciones que tenemos que tomar hoy en día, la educación en la infancia es el camino para crear otro mundo

y no seguir en un mundo distópico. ¿Por qué? Porque ellos son la humanidad del mañana.

Mi primera educación fue en una escuela Montessori y siempre me he sentido orgullosa y feliz de haber ido a esa escuela. Entonces naturalmente mi hijo iba a atender no sólo a una escuela Montessori, sino a la misma escuela a la que fui yo, con la que fue mi guía en ese entonces ahora a la cabeza de la escuela. Recuerdo perfectamente el ir a la escuela, trabajar con el material, jugar en el jardín, el refrigerio, cuando mi mamá iba por mí al finalizar el día. Ser niña Montessori lo conozco muy bien, pero la parte de ser adulto Montessori no tanto... Afortunadamente, mi mamá me dejó como tesoro sus libros de educación para la infancia, no sólo del método Montessori, sino de psicología, de valores, de desarrollo humano, de seguridad en el hogar y otros métodos pedagógicos “alternativos” que había disponibles hace 40 años. Lo más impresionante, todo lo que había leído mi mamá hace 40 años lo puedo encontrar en mí ahora y, por tanto, lo puedo transmitir a mi hijo.

Al estudiar sobre educación en la infancia nos encontramos con la discusión actual de sobre tradicional vs *homeschooling*, *deschooling*, pedagogías alternativas etc. y creo que algo que se debe considerar es justo qué mundo van a tener nuestros hijos. La realidad es que no lo sabemos, no conocemos los trabajos que existirán⁵ pero sí sabemos que queremos que sean capaces de construir un mundo más hermoso que el nuestro.

La Dra. María Montessori vivió las dos guerras mundiales y en su modelo pedagógico está la visión de la educación como un medio para la paz y del aula escolar como un lugar donde los niños puedan aprender formas de resolución pacífica de conflictos tanto a nivel personal como a escala global.⁶ En palabras de María Montessori⁷:

La paz es un objetivo que sólo puede alcanzarse de común acuerdo, y los medios para lograr esta unidad por la paz son dos: primero, un esfuerzo inmediato para resolver los conflictos sin recurrir a la violencia, en otras palabras, para prevenir la guerra, y en segundo lugar, un esfuerzo a largo plazo para establecer una paz prevaleciente entre los hombres. Prevenir el conflicto es el trabajo de la política, establecer la paz en la labor de la educación.

La Dra. Montessori con su método y filosofía provee los fundamentos de una educación para la paz. Ella es una figura simbólica en la historia, con sus ideas feministas y campaña para la paz, puede ser identificada como una educadora feminista para la paz como presenta Valeria Babini.⁸ Babini comenta que Montessori no ha sido reconocida como tal debido a que inclusive los estudios históricos sobre mujeres no se han enfocado en las humanidades, sin embargo, algo importante para la época de Montessori es que su método se internacionalizó y ella misma dio cursos de preparación a su filosofía y método en diversas partes del mundo. En particular, cuando llegó a Nueva York en 1913 la ciudad la recibió con todos los honores de una figura prominente, y el periódico The New York Tribune la nombró la mujer más interesante de Europa en su edición del 3 de diciembre de 1913.

Cheryl Duckworth expresa en su texto sobre enseñar la paz:

Montessori aportó una visión completamente nueva a las nociones de infancia y educación, re-imaginó el aula como una en la que los niños explorarían y descubrirían sus propios intereses y pasiones, así como un aula centrada en la cooperación en lugar de competencia. También imaginó un enfoque de desarrollo holístico para la educación temprana que se enfocaba

en el desarrollo emocional, ético y espiritual del niño en lugar de únicamente enfocarse en su desarrollo académico.

Montessori creía que la educación que existía antes (y aún ahora) perjudicaba al niño al imponer límites a su ilimitado potencial. Expresó que la educación hizo más probable la continuación del ciclo aparentemente interminable de guerra y pobreza del hombre. Además, argumentó que, si la educación realmente pudiera desarrollar hombre y mujeres ética y socialmente conscientes, cuyo sentido moral se hubiera desarrollado tan plenamente como su capacidad para leer y escribir, la humanidad podría comenzar a esperar un mundo más pacífico.

En la filosofía Montessori hay tres pilares: el niño, con su mente absorbente; el ambiente preparado; y el adulto preparado (esto último lo más difícil a mi parecer). El niño en su primera infancia tiene una mente absorbente y aprende inconscientemente todo lo que le rodea y de cada experiencia, el niño requiere de un entorno estimulante y el cuidador o educador es más un facilitador que un instructor, es una guía.

En Montessori los niños están en un ambiente donde se les invita a ser activos y no se les nombra a los maestros como tal sino como “Guía”, en la educación tradicional el estudiante es considerado como un recipiente pasivo y el modelo de instrucción es el maestro como figura autoritaria. Priya Darshini⁹ comenta que dentro de los principios de la educación para la paz son fundamentales el pensamiento crítico, la resolución creativa de problemas y los esfuerzos colaborativos. Estas son las características del método de educación Montessori, que hoy en día puede ayudar en la promoción de una cultura de paz.

Hoy más que nunca en un mundo global afectado por las prácticas de desigualdad

social y falta de respeto a nosotros mismos y a la naturaleza es necesario a través de nuestras prácticas educativas inspirar e impulsar a los estudiantes a que se sientan capaces de enfrentar los desafíos que todos tenemos como ciudadanos del mundo.

Aquellas personas que tenemos otro trabajo como padres y madres debemos considerar este trabajo como el más satisfactorio y significativo, para brindarle a las nuevas infancias la atmósfera adecuada que les permita desarrollarse como personas inteligentes, educadas y que se consideren ciudadanos del mundo. •

1. VIGLIONE, Giuliana. *Are women publishing less during the pandemic? Here's what the data say.* 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-01294-9>. Acesso em: outubro, 2020.

GEWIN, Virginia. *The career cost of COVID-19 to female researchers, and how science should respond.* 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-02183-x>. Acesso em: outubro, 2020.

2. EDUCACIÓN. *Definición etimológica de educación.* Disponível em: http://biblioweb.tic.unam.mx/diccionario/htm/articulos/terminos/ter_e/educacion.htm. Acesso em: Outubro, 2020.

3. INÉS DE JESÚS, María; ANDRADE, Raiza; MARTÍNEZ, Don Rodrigo; MÉNDEZ, Raizabel. Re-pensando la Educación desde la Complejidad, *In: Polis*, n. 16, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/4581>. Acesso em: Outubro, 2020.

4. TRUNK, Penelope. *What is education in the age of information.* 2016. Disponível em: <https://education.penelopetrunk.com/2016/02/09/what-is-education-in-the-age-of-information>. Acesso em: outubro, 2020.

5. TRUNK, Penelope. *Education today should prepare for the shocking careers of tomorrow.* 2015. Disponível em: <https://education.penelopetrunk.com/2015/05/27/education-today-should-prepare-for-shocking-careers-of-tomorrow/>. Acesso em: outubro, 2020.

TRUNK, Penelope. *Show respect for the jobs kids will have in the future.* 2019. Disponível em: <https://education.penelopetrunk.com/2019/09/14/show-respect-for-the-jobs-kids-will-have-in-the-future/>. Acesso em: outubro, 2020.

6. DUCKWORTH, Cheryl. Teaching peace: a dialogue on the Montessori method. In: *Journal of Peace Education*, v. 3, 2006, p. 39-53.

7. MONTESSORI, Maria. *Education and peace*, Theosophical Publishing House, 1943.

8. BABINI, Valeria. Science, feminism and education: The early work of Maria Montessori. In: *History Workshop Journal*, n. 49, 2000, p. 45-68.

9. BALIGADOO, Priya Darshini. Peace Profile: Maria Montessori. In: *Peace Through Education, Peace Review: A Journal of Social Justice*, v. 26, n 3, 2014, p. 427-433.

**Ecologías críticas,
antiespecismo, ecofeminismos**

prósperos justos
cosmopolitismos migrantes



Matéria viva

Todas las cosas son movidas por fuerzas y a su vez todas llevan en sí fuerzas que mueven.

Imaginemos lo inmóvil, primero, enunciando algunas cosas como inertes: esta roca es inerte; este vaso del cual bebo, inerte; esta agua, inerte y por lo tanto pura; dentro del agua pura, moléculas inertes, partículas subatómicas inertes e indistintas.

En este ejercicio de imaginación, tomemos una gota de esta agua inerte y veamos cómo ella y todo aquello que participa de su molecularidad, de repente cesa de moverse.

Las construcciones paran al detenerse los cuerpos húmedos que las sostienen

Las fábricas ya no fabrican

Las casas ya no se expanden con el calor de los cuerpos cobijados

Las calles no tiemblan con el paso de los carros

Los edificios permanecen ahí, algunos derrumbados, otros alzándose en medio de la explanada desierta del trazado urbano

La tierra ya no palpita con el ir y venir de la humedad y los nutrientes

Los animales exhalan su último aliento al fragmentarse en millones de moléculas idénticas

Las últimas plantas se marchitan al huír de ellas todo rastro de vida infinitesimal

Las bacterias merman hasta desaparecer

Los hongos se secan y petrifican

Bajo tierra, los cadáveres de vidas pasadas cesan de mezclarse con la tierra

El polvo se detiene al detenerse el viento

Todas las partículas aéreas quedan suspendidas, al no haber fricción entre ellas

Las moléculas de agua evaporada ahora son esferas inmóviles

También dejan de fluir las aguas a través de las cavernas subterráneas, los ríos, arroyos y quebradas

Los gases no se agitan

Los suelos dejan de asentarse

Las rocas cesan de sedimentarse

Las placas tectónicas ya no rugen en temblores

Los planetas no giran ni se desplazan, al ser todos enormes masas inertes

Todos los cuerpos celestes se estacionan

Al interior de todo lo gaseoso, líquido y sólido,
de todo lo tangible e intangible,
los átomos no tiemblan

Las partículas subatómicas, quietas como minúsculas estatuas
cortan el flujo entre el espacio y el tiempo

En esta rendija entre espacio y tiempo

Algo se mueve

Algo vibra

Una posibilidad se abre

Un mundo se asoma y choca con este mundo inerte imaginado, moviéndolo

Octubre de 2020

•

Arqueologia dos Rios

Com qual rio você convive? No cotidiano das cidades, a simples ideia de viver com um rio causa estranheza. Onde estão os rios entre valas e canais de esgoto? Ninguém contempla a vala que fede. A naturalização do fluvicídio apaga a presença dos rios da paisagem urbana. Todos os 267 rios que correm pela cidade do Rio de Janeiro são utilizados como canais de esgoto. Este modo de vida urbano é parte do desenvolvimento insustentável, no qual a individualidade do corpo é afastada dos ecossistemas socioambientais. Os rios, canalizados para escoamento de esgoto, desaparecem do campo de vista das pessoas que vivem na cidade. Na medida em que os esgotos são encapsulados e deixam de incomodar quem passa, perdemos qualquer forma de acesso aos rios. Mas se ao invés de poluir os rios para depois afastá-los do nosso convívio, começarmos a traçar o caminho contrário? Aproximarmos dos esgotos para voltar a percebê-los como rios? Nenhum rio nasce sujo e a presença da água doce é uma condição vital dos ecossistemas socioambientais. Portanto, conhecer os rios que atravessam nosso cotidiano a partir das relações de afeto-ação das suas águas em nossos corpos e no ambiente, é inventar outras possibilidades de cidade com a potência do imaginário e práticas do espaço.

Você convive com qual rio? Esta pergunta foi o ponto de partida das atividades do Ateliê de Performance² no ano de 2019. Onze estudantes do curso de Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes/ UERJ buscaram seus rios de convivência e se disponibilizaram a escavar memórias, vivências, documentos, cartografias e notícias dos rios situados em seus trajetos cotidianos ou em algum lugar de suas vidas. Assim, iniciamos um processo coletivo de pesquisa e criação em performance, baseado na relação de cada pessoa com seu rio de convivência.

Primeiro foram imagens e palavras. A presença dos rios ativada por memórias pessoais foi socializada com desenhos coloridos, palavras escritas e narrativas faladas. O reconhecimento destes rios no mapa da cidade ligou regiões afastadas. A extensão dos rios, inacessível fora da representação topográfica dos mapas, nos abriu um campo comum de experiências : a troca de narrativas sobre o estado de suas águas, seus trajetos, sensações e acontecimentos em torno dos rios. Depois foram os corpos em movimento. O campo comum de experiências se intensificou com a tradução dos desenhos em movimentos, ritmos e sonoridades. A travessia das linguagens artísticas abriu diferentes perspectivas

dos percursos fluviais corporificados em movimentos. Nesta fase da pesquisa realizamos uma performance de intervenção no hall dos elevadores da Universidade do Estado do Rio

de Janeiro (Campus Maracanã): a dança dos rios em duetos. Cada pessoa elaborou uma sequência

de três gestos para cada rio. Este três gestos para cada rio foi o material da dança improvisada a partir de estruturas de tempo/espço. A repetição dos gestos em sequências de movimento, no diálogo corporal entre cada dueto, dançava com o fluxo de entrada/saída das pessoas nos elevadores. Os nomes dos rios escritos em cartazes colados no hall dos elevadores também interferiam no ambiente, convidando o espectador-passante

Projeto de pesquisa e extensão “Ateliê de Performance”¹. Coordenação: Prof^a Dr^a Eloisa Brantes. Departamento de Linguagens Artísticas/ Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro_ UERJ.

a
l e r
o que
e s t a v a
a c o n t e c e n d o .
Mergulho dos corpos
nos rios molhados de
suor. A sujeira no chão
da Universidade melando os
corpos suados. O encontro dos rios
durou 50 minutos. Um mês depois, recebi o convite, como professora
coordenadora do Ateliê de Performance, para participar do evento de
reinauguração do Teatro Noel Rosa, fechado há seis anos por falta de recursos da
Universidade para consertar o ar condicionado quebrado. Fiz a proposta para o grupo
de estudantes que de imediato aceitou o convite. Agora o desafio era apresentar a
pesquisa em processo colocando a performance no espaço teatral. A maioria do grupo
nunca tinha pisado em um palco italiano.

Retomamos a escrita dos textos para cada rio, com autoria dos performers. A estrutura de
passagem dos corpos em movimentos coletivos pelo palco trouxe a imagem do rio: corpos molhados
atravessando a cena sem interrupção. O jogo entre fluxo contínuo e suspensão dos movimentos
com as falas de cada rio, indicou a dramaturgia desta experiência cênica nomeada **Arqueologia dos
Rios**. A intensidade do trabalho coletivo na criação/realização desta performance transbordou no
encontro com o público de 250 pessoas.

Três meses depois, quando voltaríamos a nos encontrar, em março de 2020, para seguir trabalhando, as
Universidades Públicas brasileiras foram fechadas. A possibilidade de contaminação do coronavírus
impôs o isolamento social. Entramos no tempo da pandemia e não nos falamos mais até junho de
2020, quando começamos a nos encontrar virtualmente na tentativa de continuar a pesquisa. A
escrita deste artigo em coautoria com cada performer/estudante/artista é parte do processo de
pesquisa **Arqueologia dos Rios**, ou seja, não se trata da escrita de textos sobre as performances
feitas, mas de uma escrita performativa sobre os rios que pulsam nos corpos em confinamento há
seis meses.

O contexto político brasileiro enfatizou o caráter nefasto deste momento histórico mundial. O Governo
Federal em defesa do desenvolvimento econômico, além de negar a gravidade da doença e seu poder
de contaminação, aproveita a atenção midiática dada ao coronavírus para aumentar o desmatamento
das florestas, o extrativismo ilegal e a destruição das reservas ambientais, incentivando o genocídio
dos povos indígenas. Neste contexto criminoso, a pergunta retorna com força: onde estão nossos
rios de convivência? Entre as onze pessoas que participaram da pesquisa em 2019, quatro delas
seguem escavando e vertendo seus rios com a escrita dos textos/imagens que compõem este artigo.
Na evocação das águas com imagens e palavras, a escrita pessoal ritmada pela singularidade dos
corpos/rios forma esta dança coletiva.

Eloisa Brantes



Rio BU

Bairro Pacheco
São Gonçalo, RJ

durante esses incontáveis dias, pensei algumas vezes no rio bu. talvez corra só e triste. quis lhe fazer uma visita. olhei da janela e não consegui ver nada além de uma paisagem morta-viva. quis descer as escadas, correr para respirar qualquer coisa que não fosse o ar já insalubre do meu próprio quarto. não fui. ao invés disso, dancei. movimentos fluidos, leves e firmes, marcados na memória, me lembram a essência do rio que corre incansável, fugindo do seu próprio fim.

talvez ele esteja feliz com o tempo de descanso da gente toda. mas tão curto o tempo.

me questiono, se assim como eu, ele sente falta de tocar vida. será que se lembra como é ter um instante sem respirar morte? eu gostaria de me lembrar.

desbravar o rio bu proporcionou-me a percepção de fazer parte de algo muito maior que eu mesma ou qualquer outro indivíduo pertencente a qualquer outra parte do universo.

provavelmente, todo animal humano sabe que é parte do mundo natural. no entanto, poucos temos a percepção consciente de que somos a própria natureza.

ao me reconhecer na inconstância constante daquele organismo - que se conecta através de suas águas e afluentes a toda criatura e criação que habita este mundo, e que por tantas eras se modifica e permanece imutável em sua essência de doar vida - compreendi, verdadeiramente, o impacto de minhas intervenções na vida de outros seres.

a viagem para o rio bu, localizado pouco depois da rua de trás de minha casa, permitiu-me descobrir caminhos desconhecidos em mim mesma. cheguei mais longe do que jamais tinha ido; fuzei cada canto inexplorado dessa rota; senti os cheiros, o ar tóxico nos pulmões, as cores, o sabor avermelhado de aroeira na língua.

adiante, encontrei uma muralha cinza e pesada. suas tímidas fendas abertas atraíram minha curiosidade, e através delas pude vislumbrar qualquer coisa de uma beleza sombria. logo, eu e o rio, o rio e eu, o eu-rio, o rio em mim. frente a frente, nos encarando outra vez, compartilhando novas e antigas experiências e recordos. tenho a impressão, de que esperávamos havia muito tempo por aquele encontro: *eu e o rio, o rio e eu, o eu-rio, o rio em mim*. velhos espíritos amigos, duas almas afins.

conversamos e lamentamos. talvez tivesse ouvido um choro baixinho, quase um gemido. ouvi sobre tempos em que era majestoso, enfeitado de lírios e imponente como o ouro. o ancestral rio, agora, agoniza desesperado. da maneira que pode - transbordando, fedendo e enfeando, com os montes de lixo e bosta, à vista das janelas das casas - demonstra seu descontentamento. não fomos capazes de entendê-lo. calamos sua súplica. e agora?

Beatriz Brito

Rio das Pedras

Jacarepaguá
Zona Oeste, Rio de Janeiro

Pedrinhas no Rio, acúmulo e odores.
A milícia é construída, mas e a água?
O comércio é construído, mas e a água?
As casas destruídas, assim como a água.

As casas destruídas, assim como a água. Vidas destruídas e sem moradias, água suja escorrendo com o barro, vidas descendo pelo ralo, lágrimas rolando pelo chão. A vulnerabilidade e o medo pregando na pele sofrida, você acha que serão esquecidas? O Rio não nasceu sujo, mas você viu seu rio sendo sujado. Olhe para ele, consegue enxergá-lo sem o lixo? A referência é uma ponte quebrada e soltinha, a água podre infestada de jacarés e larvinhas. Mas não pense que só é falta de saneamento não, a pracinha para as criancinhas, tudo quebrado e sem alegria. Do outro lado tem um condomínio com lazer e fartura, não é engraçado dois pesos e duas medidas? O sol quente no asfalto é uma alegria, porque na chuva, é levada a tristeza pelas correntezas nas ruas. E nem vamos falar do alagamento com um péssimo odor, as casas deles estão cheirando a limpeza, e a nossa a cocô. O tratamento de lugares de baixa renda é um problema social, mas nem todo mundo está disposto a lidar com igualdade racial.

G!SLANE







Lagoa do Itanhangá

Lugares que me cercam, rios que me habitam.

Rio de Janeiro, rio do banco, Rio das pedras, canal do marapendi. A Lagoa da Barra, a Pedra da Gávea, a Pedra do Itanhangá, a Lagoa do Itanhangá e a sua pequena passagem que me permite transitar; trajeto, tráfego, paisagem. A Lagoa estava lá, ela sempre esteve lá. Sua contemplação é possibilitada graças a um caminho instável, uma via de mão dupla que mais se assemelha ao precipício.

Existem grandes segredos guardados e mantidos nas águas salobras da restinga. Espaço de resistência e resiliência que gera vida e infelizmente oculta o descartável.

Lugar que retém memórias, sentimentos, saudades, anseios.

A água turva reflete as luzes da cidade, a paisagem e o próprio céu.

A água turva esconde seus segredos, perdas, saudades e evidencia suas impurezas.

Mateus A. Krustx

Beira Rio

Santa Cruz
Zona Oeste
Rio de Janeiro, RJ

Beira Rio até a Baía de Sepetiba.
Meu esgoto que reflete o encontro das cores no céu.
Brisa, Orla de lazer do Sábado à tarde.
Voltando do Centro, a ponte é ponto de referência e
A cerca de ênfase. Os muros vão caindo ao lado do asfalto oco,
Introduzindo as brutas paredes de concreto.

No início do trajeto aqui na comunidade,
O sol no céu azul e o rio no solo seco, que já foi campo.
As grandes construções arquitetônicas não geram comoção, os postes são sem luz
E Beira rio minha única vivalma
Passando por debaixo da linha de pouso e decolagem, próximo ao Rio Guandu.
É receptivo ao bem estar doméstico e industrial, longe de ser o centro das atenções.

Do lado de lá onde o rio continua,
Ruas recém-planejadas e
novos lares. É preciso atravessar o Beira Rio.
Aqui o momento é outro: O portão da propriedade privada está fechado e o lixo é por inteiro,
Sem proporções. Se reúne em montes e a coleta vem em dias marcados e não são só
DESCARTÁVEIS, CARROS ABANDONADOS, IMÓVEIS, BONECAS SEM BRAÇOS, SEM OLHOS
e SEM BOCA.

Nas sombras das amendoeiras, perto das novas plantações, o grito da cigarra.
Beira Rio não anuncia seus movimentos.
No sol, ARDE realidade. Na noite, VIDA e boemia.
Quando chove, ameaça até a borda e no ar nos resta o cheiro de Valão.
Misterioso, silencioso e silenciado. Sujo e Calmo.
Vendo seus mínimos detalhes: Os novos pés do Beira Rio.
Extensão que ultrapassa passos e cavalos que ainda estão em charretes.
Resistindo à resistência, água que insiste em cair fria.
Me acompanha ao entrar e ao sair, como se houvesse um impasse...será que querem
acabar com o Beira Rio?

Vitor Hugo Garcia •





Notas

1. No Brasil, as Universidades Públicas incluem projetos de pesquisa e extensão que são voltados para a troca de saberes e de experiências entre a comunidade acadêmica e o público externo: sociedade civil e poder público. Atualmente, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ conta com 910 projetos de extensão em diferentes áreas de conhecimento. Esta profusão de ações extensionistas é coerente com o caráter popular e o compromisso social da UERJ.

2. Ateliê de Performance. Disponível em: <https://atelielperformance.com>. s/d de acesso

De los niños de la soja a les niñes de fuego

ACTO 1. Breve introducción molecular

Sentipensar las relaciones entre arte, ciencia y naturaleza resulta un intenso desafío al interior de un proceso en el que las palabras y las imágenes cobran nuevas significaciones y resonancias, luego de transitar la expansión de conciencia que provoca una enfermedad molecular. Las moléculas, como las semillas, son unidades mínimas que alojan y expresan la pura vida. **Y las vidas, como las semillas, se cuidan mejor si se comparten.** El 11 de marzo de 2008, luego de la decisión de la presidenta Cristina Fernández de Kirchner de establecer un nuevo esquema de retenciones a las exportaciones de cereales (Res.125), dió comienzo un conflicto con las patronales del agronegocio que duró cuatro meses y desplegó una inusitada violencia. Violencia en el debate político pero también en el territorio: se arrojaron alimentos a las rutas; se hicieron piquetes que bloquearon rutas y puertos; se prendieron fuego campos

y el humo llegó a las grandes ciudades, adónde también hubo desabastecimiento de alimentos. Como persona, habitante del mundo urbano porteño, como artista visual, me dí cuenta que tenía muy pocas palabras, muchas menos imágenes y ningún registro sensorial del mundo-soja, para analizar y procesar dicho conflicto: **¿a qué se debía tanta violencia?** No sabía si la soja alcanzaba mis tobillos o mi cuello. No tenía idea de la dimensión territorial del fenómeno extractivista. No conocía los efectos de los agrotóxicos. Solamente encontraba en mi memoria una postal del campo: un cielo celeste, un horizonte lejano, un campo verde poblado de vacas blancas y negras, un alambrado y una ruta. **Sin embargo, las primeras visiones del “nuevo campo” al inicio de mi investigación fueron otras: la cabeza deforme de un niño y un extraño mapa ameboidal superpuesto sobre el territorio sudamericano.**

ACTO 2. Los niños de la soja

El AC indaga las relaciones entre arte, historia y territorio. El caminar como práctica estética, la investigación con herramientas artísticas y las colaboraciones transdisciplinarias se encuentran en el centro de mi labor. El AC percibe **la historia como punto de partida, nunca de llegada**. La historia y la memoria son territorios que pueden ser re-transitados, re-visitados y re-significados. En este sentido, afirmo: **todo arte es geopolítico**, nos permite habitar el pliegue inconfortable que pone en contacto el mundo mapeado (con nombres e imágenes) con los mundos larvarios, que laten aún bajo nuestra piel como afectos y perceptos y que serán activados por la fuerza de nuestro deseo. **El AC practica el para-archivismo**. Durante las investigaciones, suelo establecer una conversación con un espectro: el Historiador Ciego. Mitad ciego y mitad vidente, me cuenta historias que nunca vió con sus propios ojos y comparte alucinaciones predictivas. Así el AC propone **realizar colectivamente trabajos de memoria y ejercicios de imaginación política**, transportando de una persona a otra, de una generación a otra o de un lugar a otro **solamente recuerdos-potencia, aquéllos en los que detecta algo vivo o**

susceptible de vivir. Entre 2008 y 2010 realicé una investigación con herramientas artísticas en los territorios de la República Unida de la Soja, que dio origen a la instalación y publicación de **Los niños de la soja**. Mis deseos de acercarme físicamente al campo transformado por la biotecnología y los agronegocios, de conocer sus escalas, olores y colores, y sobre todo, de intentar habitar el mundo de las plantaciones transgénicas, se toparon con un aspecto inesperado: el mundo transgénico tiene una apariencia amable, poblado de verdes, quietudes e inmensidades. Pero algo extraño escapa allí al campo visual, fuga de nuestra vista hacia otra parte del cuerpo, golpeándolo fuertemente en el estómago. Es un mundo lleno de agujeros negros, de tajos hacia otra y ninguna parte. **Es lo que no se ve lo que lo define. Un manto invisible impone, paradójicamente, un régimen de visibilidad. En absoluta sintonía con la dimensión microscópica de las operaciones de manipulación genética. Oculta a la vez que permite y obliga ver lo que le conviene**. Tejen ese manto invisible más de 200 millones de litros de glifosato y otros agroquímicos, que llueven sobre más de 20 millones de hectáreas de nuestro país.

ACTO 3. En llamas

Dos interrogantes surgieron entonces y siguen vigentes. Y los comparto con ustedes ahora: 1) ¿cuáles son los requisitos filosóficos, estéticos y culturales para que este modelo sea posible? ¿existeloquepodríamosllamaruna *cultura transgénica* que habilita la implementación de la hegemonía extractivista o es al revés, es el modelo de monocultivo el que impone monocultura transgénica?; y 2) ¿qué clase de democracia se instala? ¿podríamos llamarla llanamente *sojacracia*?

La Sojacracia es el resultado del antropocentrismo, la antipolítica y la codicia ilimitada.

De un régimen de sensibilidad carente de potencias para percibir nuevos mundos posibles. Una alianza entre corporaciones transnacionales extractivistas, capital financiero global, oligarquías locales y el Estado organiza los territorios. En la

Sojacracia el pensamiento crítico es un valor negativo. Hay presos políticos y se criminaliza la protesta. Los derechos humanos y laborales se parecen mucho a las plagas y malezas a las que hay que aniquilar para que el negocio prospere. En la Sojacracia pensamiento genocida y accionar ecocida se dan la mano. Hay una continuidad entre el genocidio perpetrado por los conquistadores colonialistas, el genocidio de los pueblos originarios fundante del Estado argentino, el terrorismo de Estado de las dictaduras cívico-militares y la violencia exterminadora contemporánea ejecutada contra los inermes. A nadie le interesa auténticamente la alimentación ni el hambre de la humanidad. Tampoco el desmonte, las vidas de plantas y animales, ni la contaminación del agua, tierra y aire. Las mujeres embarazadas, los niños por nacer y los infantes son las primeras víctimas de las fumigaciones. No he contado aún

con el tiempo y los recursos para realizar un nuevo trabajo respecto de la megaminería.

Asistimos hoy a una intensificación de la violencia ecocida, siempre con el propósito de apropiarse de más tierras para obtener más dólares: 13 provincias argentinas y más de 120 mil hectáreas han sido sometidas a incendios, la enorme mayoría intencionales. Para los defensores de lo que gustan en llamar “sociedad del conocimiento” parece ser normal una nueva manipulación de las vidas: los niños de la soja (todes nosotres, les inermes ante esta maquinaria aniquiladora) mutamos en niños de fuego, vidas desechables acechadas por llamas y cadáveres de animales y plantas incinerados. Sin embargo, cada vez somos más los que luchamos por el Buen Vivir: sin justicia espacial y justicia ambiental no hay justicia social.

EM/AC, 17 de octubre de 2020. •

Imagens:

01. Símbolo del Archivo Caminante desde 2001.

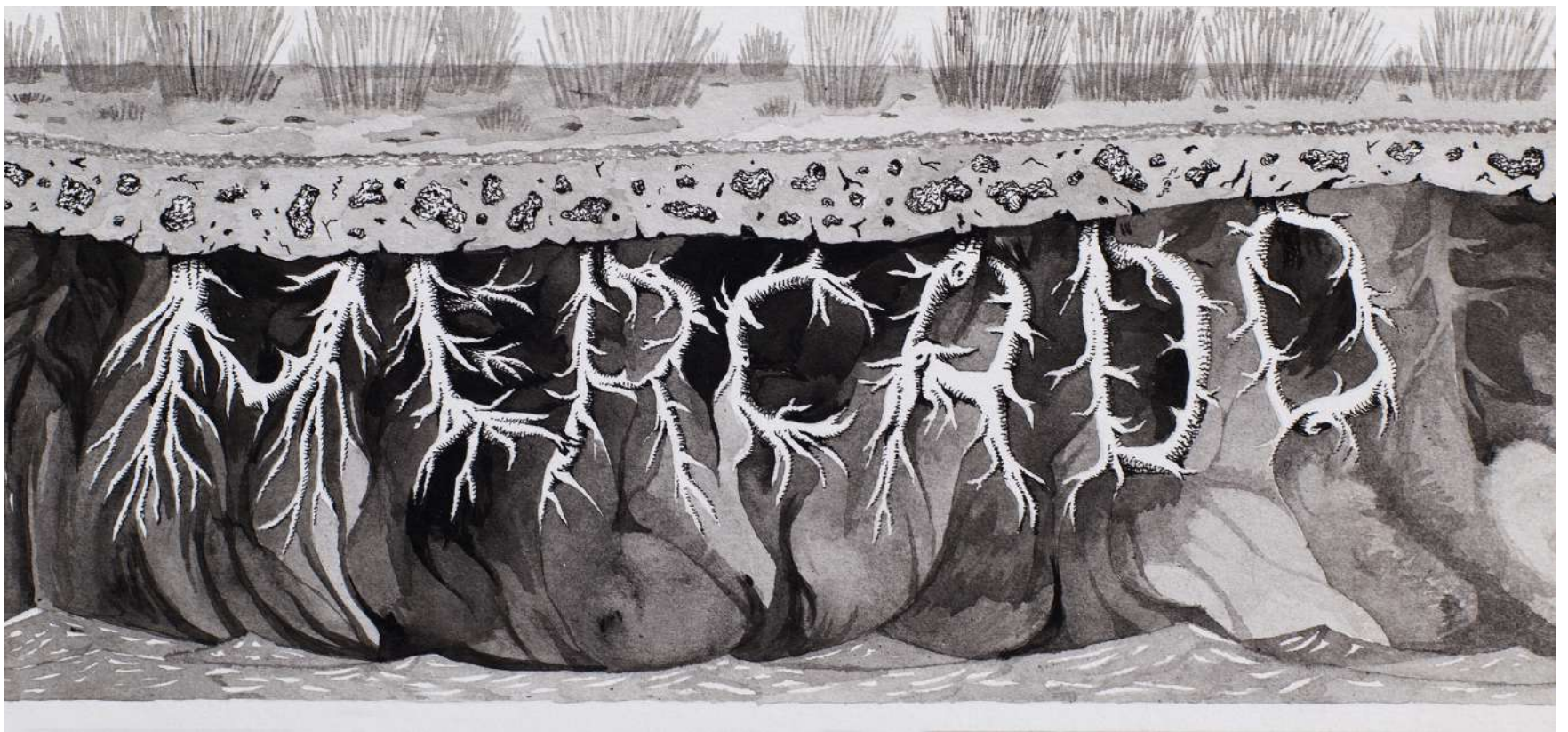
02. Serie Geoeconomías. Mercado. Tinta y acrílico sobre papel, 2005.

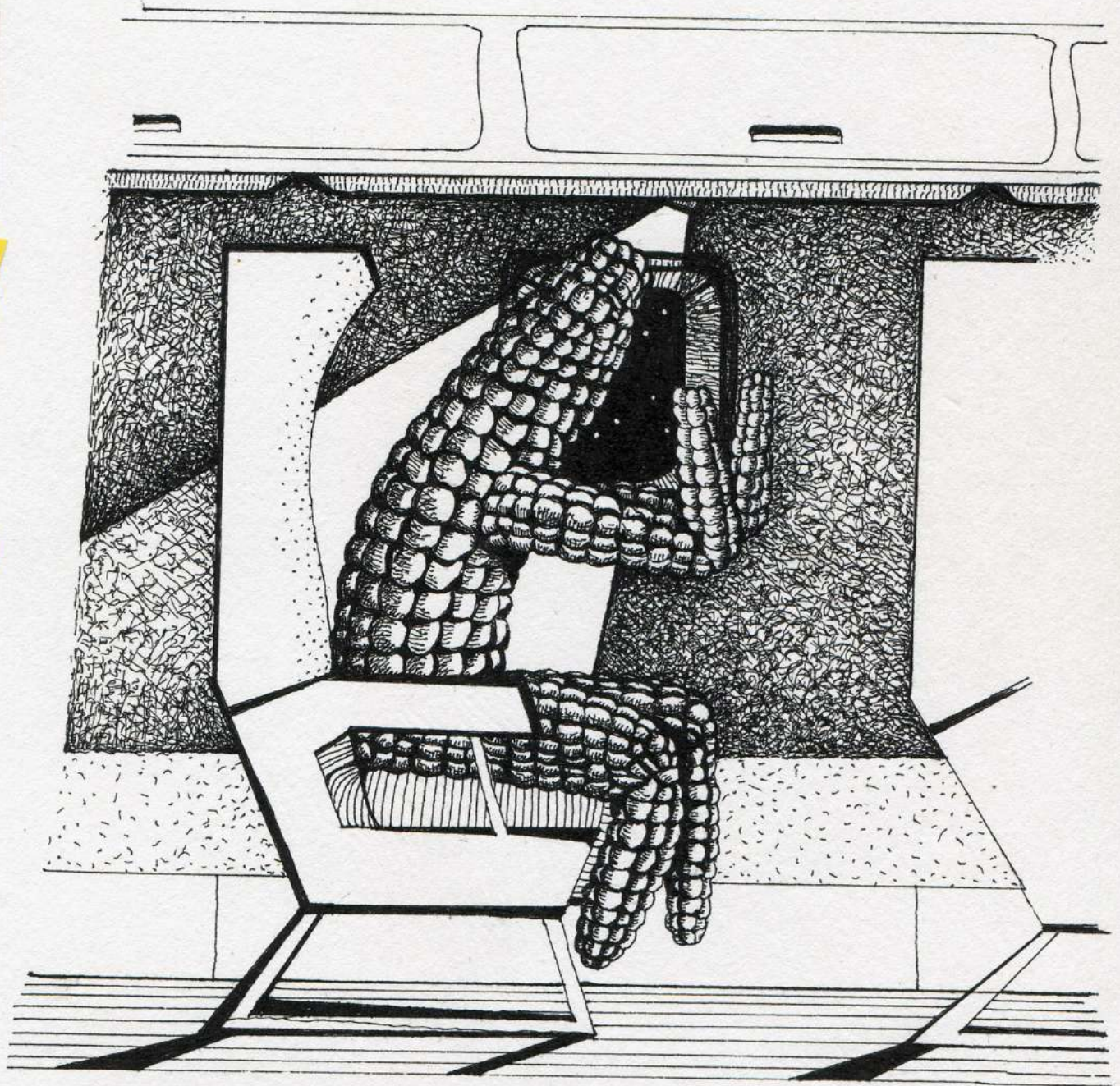
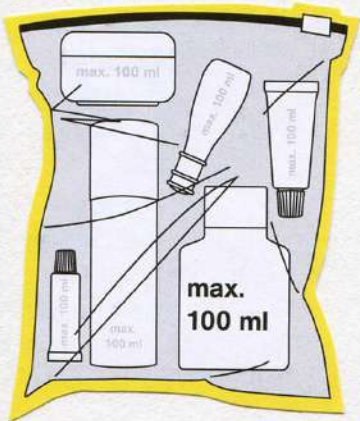
03. Serie Tras los pasos de los hombres de maíz. Tinta, acrílico y collage sobre papel, 2008.

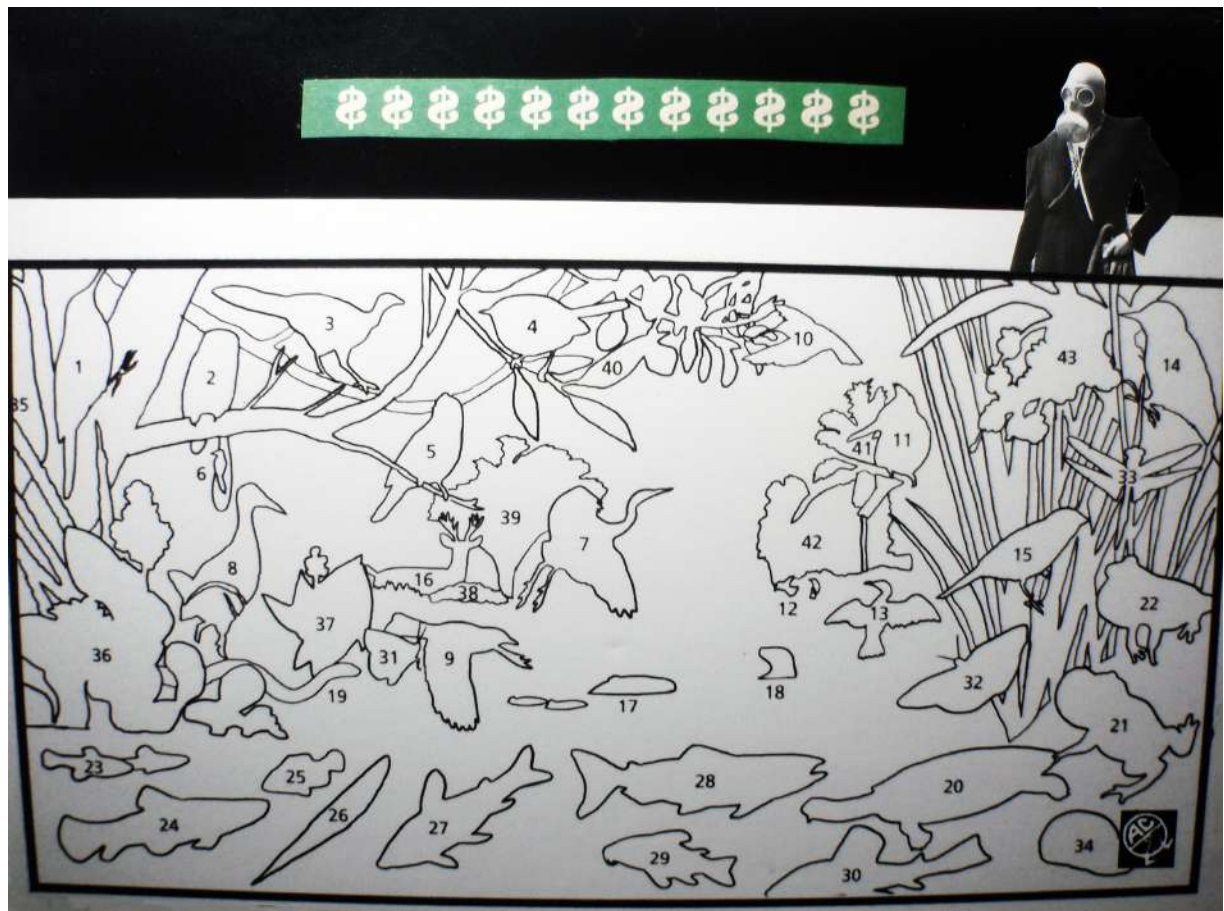
04. El río y la revuelta. Fotografía intervenida, collage.
Detalle de instalación junto a Santiago Fredes, 2019.

05. Serie La nube verde. Mutua crianza o muerte!. Lápiz, acrílico y collage sobre papel, 2020.













LEY DE HUMEDALES YA!!

Mulheres Negras Trançadeiras e a Covid-19

Resumo

Na sociedade brasileira, as mulheres negras são as mais afetadas pela persistência das desigualdades raciais. As trabalhadoras negras são as que obtêm os menores rendimentos salariais. Este trabalho aborda os processos de vulnerabilidade social que estão imersas mulheres negras que trabalham e se identificam como trançadeiras/trancistas afro. Através de relatos de trechos de entrevistas e da análise de dados coletados por questionário eletrônico, o estudo demonstra como as trançadeiras afro são impactadas pelas dinâmicas das desigualdades raciais e sociais. Com metodologia apoiada no levantamento bibliográfico, revisão de literatura, relatos das entrevistas semiestruturadas e em dados coletados através de questionários, o trabalho discorre em torno dos efeitos perversos da pandemia de coronavírus na vida destas trabalhadoras. O escrito descreve o cotidiano de trabalho das trancistas afro, a inserção no mercado de trabalho através de vínculo informal, a falta de proteção social, as discriminações que são praticadas com as mulheres negras e com suas manifestações culturais. Além disso, o trabalho apresenta o fazer-saber dos penteados trançados como ofício que compõem os patrimônios culturais afrodiáspóricos e como elementos corpóreos utilizados nos discursos de afirmação de identidades negras.

Das considerações iniciais

Eu te convido
por um instante
trança
a tua dança
de Vida
na minha
em um desenho
de afetos
da mão que penteia
uma trajetória
vivida.
Lilian Rocha, 2018.

Este texto é resultado de algumas reflexões que tenho desenvolvido acerca do impacto da pandemia de coronavírus sobre o ofício das trançadeiras/trancistas. Os argumentos aqui expostos tratam das observações e análises preliminares que tive durante os seis primeiros meses da pandemia no Brasil, a saber: fevereiro, março, abril, maio, junho e julho de 2020. No entanto, a construção do texto ocorreu nas primeiras semanas do mês de agosto de 2020. Considero que tive inspirações ancestrais para a escrita, tendo em vista que no Brasil o mês de agosto é dedicado, nos terreiros de Candomblé, ao Orixá Omolu. Sendo Omolu uma divindade africana ligada à doença, morte e cura. Nas terras brasileiras também é conhecido popularmente como médico dos pobres e a quem nós devotos e praticantes de Candomblé e Umbanda recorremos em caso de doenças e risco de morte. Como praticante de Candomblé, filha de Iemanjá e Omolu, compreendo que a força que tive para desenvolver este texto está relacionada a minha cosmovisão de mundo, aos compromissos políticos (ancestrais) que tenho com a população negra brasileira e a essas energias visíveis-invisíveis que estão presentes e configuram a minha existência.

Outro dado a ser mencionado é que a escolha por trançadeiras e trancistas como sujeitas da pesquisa se deve ao fato de eu ter atuado como trançadeira afro por sete anos (2004-2011) no estado do Rio de Janeiro, nas cidades de Niterói, São Gonçalo e Rio de Janeiro. Sou uma trançadeira que aprendeu a trançar cabelos no contexto familiar. Herdei da minha família materna a arte e o ofício de trançar cabelos crespos e cacheados. Foi na minha família que tive contato com a primeira trançadeira afro, minha prima de segundo grau: Walnice Ramos. Trançadeira muito procurada na comunidade da Vila Ipiranga, na cidade de Niterói (RJ). Em minha família sempre foi referenciada como uma exímia trançadeira.

Tenho uma ligação com o tema, em outras palavras, uma intimidade com o universo das trançadeiras. Posso dizer que há afetos em

torno do ofício de trançar que foram criados numa longa jornada que não se traduz apenas no espaço acadêmico, mas nas relações desenvolvidas nos círculos familiares, de amizades, militância negra e na luta por uma educação e sociedade antirracista.

A trança e o ofício de ser trançadeira são elementos que constroem/compõem minha caminhada, trajetória de vida, a minha identidade negra diaspórica. Neste sentido, a escolha pelo universo de trabalho das trançadeiras/trancistas não se deve apenas a uma “*expertise*” acadêmica em perceber que existe uma carência de literaturas que descrevam o ofício e as condições de trabalho de quem retira toda sua remuneração mensal do ofício dos penteados artesanais afro. A escrita sobre o tema não se deve ao desejo de ser uma das pioneiras nos estudos desta classe de trabalhadoras e trabalhadores. Pelo contrário, entendo porque aprendi no movimento negro com minhas mais velhas (profa. Gislene dos Santos, da UNESP, e Cláudia Miranda, da Unirio) que este tipo de pesquisa seria uma forma de militância negra orgânica e não somente uma corrida acadêmica para criar categorias e concepções sobre um viver e fazer negro-diaspórico². Porque falar de trançadeiras negras é falar das mulheres que cuidam/acolhem pessoas negras e mestiças violentadas e traumatizadas pela estrutura racista. É pensar como um ofício tão antigo, herdado de terras bantos e iorubás, foi reconfigurado/ressignificado na diáspora e tornou-se uma ferramenta de luta antirracista. É pensar mulheres negras em ações políticas, contestatórias, educativas e em outros modos de escritas. Escritas no corpo, linguagens e um alfabeto africano guardado nas memórias que são reativadas dentro das culturas negras (TAVARES, 2019).

Dessa maneira, a escolha por estudar as trançadeiras/trancistas não é um tema recente. Desde o mestrado em Relações

Étnico-raciais, no CEFET-RJ, tenho me debruçado em compreender questões presentes neste universo de trabalho e de cultura e fortalecimento da identidade negra. Escolhi falar de tranças e trançadeiras com objetivo de colaborar na desconstrução de estigmas, estereótipos e preconceitos que pairam acerca do ofício. Do mesmo modo, meu interesse parte da tentativa de contribuir no debate público para o reconhecimento profissional deste tipo de trabalho. Por isso, continuo estudando trançadeiras e trancistas no doutorado. Afinal, a escrita acadêmica tem um lugar na sociedade de reconhecimento e validação para as instituições. Baseio essa afirmação pautada também nas recentes sentenças jurídicas dadas nos Tribunais de Justiça de Minas Gerais e Porto Alegre no ano de 2020³. Sentenças que condenaram empresas por cometerem discriminação racial contra elementos culturais que fazem parte das construções corporais das identidades negras. Episódios que envolviam a proibição do uso das tranças afro no espaço físico da empresa. Em uma das sentenças o juiz compreendeu que as tranças fazem parte da identidade cultural das pessoas negras. Essa concepção foi pautada no estudo de Santos (2013) e outros intelectuais negros. Na outra sentença a desembargadora responsável fundamentou suas considerações a partir das reivindicações contemporâneas dos movimentos negros.

Sendo assim, o trabalho apresenta para os leitores uma breve descrição das condições de trabalho das mulheres negras trançadeiras. Procuro demonstrar como as trançadeiras/trancistas negras foram afetadas drasticamente pela pandemia de COVID-19. Dito de outro modo, como a pandemia de coronavírus trouxe mais vulnerabilidade para as praticantes deste tipo de ofício ancestral. Para a construção do texto, utilizo trechos de entrevistas que realizei com as trançadeiras e trancistas durante o ano de 2020, dados colhidos em grupos online

I. Trançadeiras e trancistas afro e as condições de trabalho durante a pandemia de coronavírus

das redes sociais, jornais, revistas, sites, blogs e eventos online, conversas informais com as trançadeiras e anotações do caderno de campo. O trabalho é apoiado em estudos do campo das Relações Étnico-raciais e Educação, Desigualdades Sociais e Saúde do Trabalhador. Trata-se de um trabalho qualitativo e que usa o relato etnográfico.

Tenho observado nas telas do meu computador e celular a inescapável presença de mulheres negras trançadeiras (ou trancistas) dando continuidade às atividades laborativas de trançar cabelos em plena pandemia do coronavírus⁴. Este fenômeno não ocorre por agora em que salões de beleza afro ou étnico foram liberados para executarem suas atividades de serviços. Percebo através das redes sociais, em grupos e perfis profissionais do *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* que desde o começo da pandemia as trançadeiras seguem trabalhando com os arranjos capilares trançados e outros penteados artesanais afro. Acompanho à distância (via internet e por conversas pelo dispositivo *WhatsApp*) quatro trançadeiras que são colaboradoras na minha tese de doutorado⁵ (em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio). Das quatro trançadeiras que acompanho, vi que duas retornaram às atividades de trabalho antes mesmo da liberação dos serviços de estética na cidade e no estado do Rio de Janeiro. As outras duas continuaram em casa e no atual momento em que os serviços foram liberados, somente uma retornou para as atividades laborativas em seu salão de beleza e a outra segue oferecendo aulas online e resguardada em sua residência com seus dois filhos.

É preciso destacar que as atividades de trabalho das trançadeiras ainda não foram reconhecidas e regulamentadas pelos órgãos governamentais. Não existe a categoria nas profissões reconhecidas pelo Ministério do Trabalho e não há a possibilidade das trançadeiras/trancistas se aposentarem ou pedirem licença por este tipo de serviço. Geralmente, utilizam outras categorias de profissionais: como cabeleireiros/as, manicure ou artesã para assinarem a carteira de trabalho ou requererem o MEI conforme os dados coletados para a pesquisa de doutorado em andamento.

Apesar do crescimento desta atividade laborativa na sociedade brasileira e a utilização de penteados artesanais trançados⁶ por pessoas negras e não-negras, há ainda um caminho de conquistas a serem realizadas pelas trancistas. Sem dúvidas, o direito ao reconhecimento profissional é uma destas conquistas emergenciais. Através dos direitos sociais reconhecidos será possível dimensionar as doenças ocupacionais, de trabalho e profissionais que afetam este grupo em específico, tais como: LER/DORT, varizes, alergias, stress, depressão, dentre outras. Além disso, será possível pensar e sugerir estratégias e medidas protetivas para estas trabalhadoras como ginástica laboral, pausas regulares de trabalho na confecção de um penteado para o outro, número determinado de penteados a serem realizados por dia, descanso das pernas e uso de equipamentos protetivos (EPI). Principalmente, o uso de EPI em contextos sociais como os trazidos pela pandemia de coronavírus. Sabe-se que cada vez mais o ambiente de trabalho deverá adotar medidas que estejam em consonância com os debates e orientações provindos da área de higiene do trabalho (SANTOS, 2014). Nota-se que estes princípios de higiene do trabalho começam a ser pensados e priorizados por algumas trancistas como argumenta Fernanda:

(...) com essa COVID-19 aí, a gente vai ter que aumentar esta nossa noção de saber, olhar para lugares que a gente não olhava e não prestava atenção, porque esse negócio de só colocar o banquinho vem e senta não vai rolar. Quem tiver um olhar atento não vai rolar (Entrevista concedida a Luane Bento dos Santos. Rio de Janeiro, 2020)

As trançadeiras negras que mantiveram a oferta de serviços durante o período de isolamento social da pandemia, utilizavam como medida protetiva apenas o uso de máscara e álcool em gel e de acordo com os estudos do campo da Saúde do Trabalhador e um estudo realizado sobre doenças ocupacionais em

bibliotecários (SANTOS, 2014), ainda seria necessário o uso de aventais, óculos protetivos, toucas para a cabeça e luvas para a realização dos serviços. E, mesmo assim, o contágio pode ocorrer entre os indivíduos devido ao grau de infecciosidade do vírus e as horas que as trancistas levam na realização do trabalho.

Tive uma conversa com uma das quatro trancistas em relação ao retorno para o trabalho em plena pandemia. A trancista Geise⁷ me relatou que era necessário voltar para o trabalho porque as contas começavam a chegar, mas que para ela o ideal seria ficar em casa e assegurada pelo governo. Geise tem um projeto social que atende outras mulheres negras com aulas de tranças e serviços terapêuticos como sessões de psicologia, aulas de história e cultura africana e afro-brasileira e finanças. Ela retira toda a sua renda dos cursos privados que oferece sobre tranças e das consultorias de como ser uma trançadeira de sucesso. Geise é uma mulher negra, mãe, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro e que resistiu em retornar para o mercado de trabalho durante os dois meses iniciais da pandemia. Ela é uma trançadeira bastante atuante em seu nicho de trabalho. Geise possui nível superior com graduação em história, vários cursos de especialização na área de estética corporal e diálogo com instituições do movimento negro.

No universo dos salões de beleza afro e das trançadeiras/trancistas, Geise é considerada uma profissional de sucesso por ter um curso onde ensina técnicas de trançados e por ao longo da carreira ter participado de programas televisivos, entrevistas para jornais, sites e revistas (impressos e virtuais). No entanto, Geise é mais uma das mulheres negras que contabilizam e apresentam condições de vulnerabilidade social na pandemia. Para recuperar seus clientes pelos dois meses que ficou parada sem exercer o trabalho de trancista, Geise passou a oferecer seus serviços de trançar penteados nagô⁸ com cabelos sintéticos por um preço promocional

de R\$ 80,00. Em média, os penteados com as chamadas tranças nagôs que Geise têm oferecido custam em torno de R\$ 100,00 a R\$ 150,00. Os penteados com cabelos sintéticos chamados tranças soltas custam em torno de R\$ 200,00 a R\$ 300,00 a depender do tamanho desejado pelo cliente. Observo que estes penteados não têm sido ofertados por Geise por serem mais demorados e custosos para a clientela. Como relatou Geise, a necessidade de sobreviver financeiramente ultrapassou o desejo de ficar resguardada em sua residência com seu companheiro e quatro filhos.

A outra trançadeira que tem exercido suas atividades em paralelo ao processo de isolamento social se chama Paula. Ela é uma trancista jovem que conheci através da rede social Instagram. Paula trabalha em um salão de beleza afro especializado na confecção de penteados artesanais trançados. O salão que trabalha fica localizado no bairro de Madureira.⁹ No entanto, com a pandemia do coronavírus, o salão de beleza afro interrompeu suas atividades até que a Prefeitura do Rio de Janeiro autorizasse o retorno. Neste período de interrupção das atividades, vi que Paula, assim como Geise, ficou em isolamento social por cerca de três meses e depois voltou a trabalhar com penteados trançados. Nas conversas que tive com Paula, que é licenciada em Geografia pela UFRJ, ela me contou que a pandemia a fez perceber que o tipo de serviço que presta a deixa numa situação de extrema vulnerabilidade. Comentou que tinha recebido de seu patrão o adiantamento de seu último salário. Mas, este valor não seria o suficiente para todo o período de isolamento, visto que as contas mensais começavam a chegar e a se multiplicarem. Das reflexões que teve no processo de isolamento social, notou que sua recusa em lecionar na Educação Básica não poderia ser mais uma escolha pessoal. Paula percebeu que os professores da rede estadual do Rio de Janeiro trabalharam em regime de ensino remoto durante o isolamento social obrigatório. Deste modo, não ficaram expostos ao contato com o público escolar.

Fato que não ocorreu com as trancistas e trançadeiras. Segundo Paula, o trabalho de trancista afro a coloca em vulnerabilidade, exposição e falta de proteção social.

Vale salientar que Paula trabalha no salão de beleza num contrato de horas de trabalho e não tem sua carteira de trabalho assinada, implicando em um não vínculo com o seu local de trabalho. Com a pandemia do coronavírus, o contrato que faz mensalmente com o salão de beleza afro não foi renovado. As novas regras da legislação trabalhista¹⁰ permitem diversas formas de prestação de serviço dos empregadores e empregados. O caso de Paula demonstra como as novas regras favorecem as situações de informalidade dos trabalhadores pelo país.

Conforme as contas mensais de Paula foram chegando, ela retornou ao mercado de trabalho das tranças e passou a atender na casa dela e na casa dos clientes. No mês de julho de 2020, ela voltou a trabalhar no salão e também atende clientes em suas residências de maneira autônoma. Para se proteger no salão e nos atendimentos que faz nas residências, a trancista Paula utiliza máscara e álcool em gel. Ela também não atende mais que dois ou duas clientes por dia. No entanto, os riscos de contaminação ainda são eminentes, principalmente porque Paula utiliza como transporte público o ônibus para se deslocar de sua residência ao local de trabalho. Os ônibus da cidade do Rio de Janeiro são poucos e, geralmente, são lotados por trabalhadores e com as janelas fechadas por causa do ar-condicionado. Em outro momento, os transportes públicos lotados não seriam um agravamento tão severo das condições de trabalho, mas a pandemia de coronavírus exige como medida que os transportes públicos tenham espaços de um passageiro para outro e que as janelas fiquem abertas, o que não tem acontecido. No cotidiano, os jornais noticiam as irregularidades presentes nestes tipos de transportes.



Quando é pensada a ocupação por gênero e raça os dados estatísticos oficiais (IPEA, 2018) demonstram que mulheres negras são as mais afetadas no que se refere a vulnerabilidade, cerca de 50%. Contudo, a pandemia de coronavírus trouxe mais agravamento do quadro de desigualdades raciais persistentes na sociedade brasileira, especialmente em relação ao acesso à saúde. A população negra é a mais afetada pela Covid-19 e a que tem menos acesso a tratamentos e atendimentos. Araújo e Cadwell (2020), em pesquisa realizada para a ABRASCO, observaram que a Covid-2019 é mais letal para a população devido à existência do racismo.

O surto de coronavírus no Brasil se originou em bairros ricos cujos moradores haviam viajado para a Europa, mas a doença agora está se espalhando mais rapidamente para bairros pobres das periferias urbanas, densos e há muito negligenciados pelo Estado. Pouco mais de 12 milhões de brasileiros, a maioria negros, vivem em assentamentos urbanos anormais, das favelas do Rio de Janeiro às “periferias” de São Paulo. Essas áreas têm acesso inadequado à água e ao saneamento, dificultando o cumprimento das recomendações básicas de higiene, como lavar as mãos com sabão. Portanto, embora o impacto desigual da COVID-19 na população negra não tenha sido inevitável, ele não é surpreendente. O racismo que permeia quase todas as facetas da sociedade brasileira aumenta a exposição das pessoas negras ao vírus – depois reduz sua capacidade de obter atendimento de qualidade para mitigar os efeitos das formas graves da doença e até mesmo evitar a morte (ARAÚJO; CADWELL, 2020, p. 3).

Ser trancista ou trançadeira¹¹ é exercer uma atividade laborativa que não tem proteção social e que ainda é vista através de muitos estereótipos e desvalorização. Existe em torno da atividade laborativa, ideias de

incapacidade cognitiva de quem as realiza e de valores que remetem a lugares de miudezas do tipo de serviço realizado “Você faz *trancinha*?”. Contudo, as trancistas/trançadeiras são altamente capacitadas para o ofício que realizam. Na dissertação de mestrado (SANTOS, 2013), demonstrei que a prática social de trançar cabelos está atrelada a saberes e fazeres etnomatemáticos. Ou seja, trançar cabelos exige muito conhecimento etnomatemático.¹² Para melhor compressão do trabalho que foi realizado durante o mestrado com aportes teóricos da etnomatemática, considero que seja necessário explicar, de modo breve, o conceito e a emergência do programa de pesquisa etnomatemática.

A etnomatemática tem sido um campo de ensino e pesquisa, relativamente novo no cenário acadêmico. É uma área de conhecimento científico que tem como finalidade contestar as práticas matemáticas acadêmicas e escolares como não sendo as únicas formas de sistemas de contagem, classificação, organização, medição e inferência (...) É de interesse da etnomatemática estudar as práticas de elaboração matemática dos grupos humanos, entendendo as como práticas heterogêneas de fazer matemático, conectadas às características culturais e as necessidades tecnológicas de cada grupo humano. A etnomatemática estuda práticas de grupos culturais e profissionais e relaciona a conhecimentos que chamamos de matemáticos. Por essas razões, os saberes, fazeres e conhecimentos utilizados pelas trançadeiras no cotidiano de trabalho podem conter em si a presença da matemática (SANTOS, 2019, p. 4).

De acordo com a pesquisa de mestrado realizada, há a presença de uma matemática específica das trançadeiras para a elaboração dos penteados trançados. Uma etnomatemática que pode ser utilizada na Educação Básica das séries iniciais ao ensino

médio e servir para aplicar a Lei Federal de n. 10.639/2003 que trata da história e cultura africana e afro-brasileira.

Outro ponto a ser mencionado na discussão é que ser trançadeira afro não significa menor grau de escolaridade ou nenhum grau de escolaridade. Trançadeiras/trancistas têm em média ensino fundamental e médio completos, nível superior em andamento ou concluído como foi verificado em questionários¹³ eletrônicos, enviados no mês de abril para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado. Elas se identificam como negras, reconhecem a existência do racismo sobre si e em relação aos penteados artesanais que produzem (SANTOS, 2013). Geise e Paula são trançadeiras e possuem nível superior, como foi comentado. Em relação às outras duas trançadeiras acompanhadas para a pesquisa de doutorado: uma possui ensino médio completo e a outra tem nível superior com mestrado em Psicologia Social pela UERJ. Portanto, a exposição social que estão inseridas não revela a falta de escolaridade para ocuparem no mercado de trabalho posições de trabalho sem proteção social.

Na realidade, a vulnerabilidade que estão inseridas denuncia os efeitos perversos das desigualdades raciais que afetam sobretudo mulheres negras na sociedade brasileira. São os efeitos perniciosos de raça e gênero associados que marcam a vida destas mulheres e que interferem em seus rendimentos médios e na ocupação no mercado de trabalho. Araújo e Lombardi (2013, p. 471) explicam que:

A conhecida pirâmide de rendimentos, em que os homens brancos ganham mais, seguidos dos homens negros, das mulheres brancas e das mulheres negras, repetiu-se neste estudo [...] constata-se que as negras continuam a ganhar menos, quaisquer que sejam suas credenciais de escolaridade ou o segmento do mercado de trabalho em que se insiram, em razão da imbricação de duas discriminações

ativas, a de gênero e a de raça. Outra constatação vem corroborar uma tendência conhecida, a saber: mantidas ativas às discriminações de gênero e raça, a discriminação de rendimentos torna-se mais aguda quanto maior for a escolaridade do/a trabalhador/a.

Neste sentido, a escolaridade não pode ser a categoria que explica a situação de vulnerabilidade e exposição social que estão localizadas as mulheres negras trancistas como confirma o estudo de Araújo e Lombardi (2013). Verifica-se que as atitudes e práticas discriminatórias são decisivas para as ocupações no mercado de trabalho e de acordo com as autoras para situar as pessoas negras no mercado de trabalho informal ou formal.

Em primeiro lugar, o mercado de trabalho formal, em comparação ao informal, congrega mais brancos que negros, e isso é particularmente verdadeiro para as mulheres; em contrapartida, o informal é mais negro (pretos e pardos), e as maiores concentrações de negros estão entre os homens assalariados sem carteira e entre trabalhadores domésticos (ARAÚJO; LOMBARDI, 2013, p. 474).

Apesar da atividade de trançar cabelos funcionar como mais um dos elementos primordiais nos debates de afirmação estética para a população negra e trazer para o contexto social brasileiro uma série de saberes estéticos e conhecimentos ausentes que se tornam emergentes como destaca Gomes (2019). Existe uma falta de legislação governamental que reconheça os bens culturais da população negra como um modo de trabalho. Situação que causa transtorno para a vida destas mulheres que não oferecem apenas um modo de manipulação da aparência dos fios crespos, pelo contrário, trançar cabelos é um ato político na sociedade brasileira. Não devemos esquecer que vivemos numa sociedade marcada pela vigência dos racismos e discriminações raciais. Portanto,

trançar cabelos é manter viva as memórias transatlânticas, é expressar no corpo os fragmentos afrodiáspóricos, sobretudo, é fazer do corpo negro e afrodiáspórico um “*arquivo-vivo*”, “*corpo-arquivo*” de memórias estéticas, espirituais, sociais, políticas e civilizatórias que nos foram legadas (TAVARES, 2020).

Entender o trabalho de produzir arranjos capilares trançados como bens culturais constituintes do patrimônio cultural afro-brasileiro é compreender a importância social e a atuação política de mulheres negras para manter as memórias africanas vivas em contextos diáspóricos. Como defende a socióloga Neli Rocha (2014), as trançadeiras são guardiãs de memória.

A “trançadeira” a pessoa que domina a técnica de manipulação dos crespos tanto em contexto pré-colonial, quanto na formação do “Novo Mundo” nas Américas. E nos revela uma continuidade por meio das ‘mãos de sabedoria’ e remete ao que foi vivido por grupos culturais ancestrais e o processo de resignificação ao ‘mexer’ na cabeça se ativa a ‘memória ancestral’ materializada nos trançados capilares de formatos variados. Ao manusear os fios crespos, as trançadeiras atuam como transmissoras da ‘memória ancestral’ no exercício de repensar o mundo, dinâmico e diferenciado daquele descrito pelos valores culturais e estéticos do ocidente, herdado pelo mundo moderno. As ‘guardiãs das memórias’ de matrizes africanas, as “trançadeiras” tecem comportamentos sociais e trança ideias, possibilitando repensar o mundo de modo diferenciado do qual o ocidente colonialista nos legou (ROCHA, 2016, p. 88).

Por essas razões, o ato de trançar cabelos pode ser um momento de resignificação, (re)elaboração da corporeidade e de (re)encontro com valores até então não vivenciados. Amar este ofício é amar a cultura negra e as tentativas de dissociá-lo das culturas negras

e afrodiáspóricas são muitas pelo capital.¹⁴ No entanto, é revelador o contingente de pessoas negras que oferecem este ofício e buscam narrativas para explicá-los¹⁵, bem como é revelador que este tipo de ofício ainda não ganhou nenhum tipo de garantias sociais para quem o executa. Isto denuncia o nosso racismo estrutural e a negação dos processos de assunção das identidades negras na sociedade brasileira que durante muito tempo afirmou vivenciar o mito da democracia racial¹⁶. É através do mito da democracia racial e da lógica de ambiguidade provocada por ele que elementos culturais afro-brasileiros e nativos brasileiros são desassociados de suas origens e vistos como símbolos de identidade nacional. Cabe lembrar que as manifestações culturais afro-brasileiras como Capoeira, Maracatu, Samba, Jongo e outras ganharam significados nacionais e foram deslocadas de sua origem negra, indígena, em outras palavras, de suas origens étnico-raciais.

Por vivermos numa sociedade racista, a prática de elaborar trançados afro, em tempos de pandemia de coronavírus, pode se transformar em uma dolorosa experiência de manutenção de identidade e cultura afrodiáspóricas para as pessoas negras que são trançistas. Nos discursos governamentais o que tem sido colocado como alternativa para sobreviverem e se inserirem no mercado de trabalho formal é o lugar de empreendedoras. Nascimento e Roza (2020, p. 1) explicam que o empreendedorismo para mulheres negras trançadeiras têm sido a única opção de entrar e permanecer no mercado de trabalho

No Brasil, existem cerca de 4,7 milhões de mulheres negras donas de negócio. No país onde as taxas de desemprego não param de crescer, o empreendedorismo não é uma opção, é a única. Entre as mulheres negras ainda mais. O empreendedorismo por necessidade é maior entre elas, 49%, do que entre os outros grupos, como aponta a pesquisa do Sebrae.

Contudo, pergunto que empreendedorismo tem sido este em que as mulheres negras trançadeiras trabalham em condições de exposição social? A pandemia de coronavírus acentuou os quadros de desigualdades sociais e raciais, bem como demonstrou que discursos governamentais que incentivam a atividade do empreendedorismo camuflam o desemprego e desregulamentação do trabalho.

O ofício de trançadeiras é desgastante, um penteado pode levar mais de seis horas para o seu preparo. Trançar o cabelo de alguém causa cansaços físicos e mentais. Não é um trabalho simples ou fácil de ser realizado. Costumeiramente, as trancistas organizam cabelos crespos e não crespos em padrões geométricos, procuram os melhores adornos capilares para cada rosto e cabeça, interagem na autoestima e autoafirmação dos clientes, ouvem problemas pessoais e respondem a perguntas inusitadas: Eu posso lavar o cabelo com tranças? Como eu faço para lavar os cabelos trançados? Meu cabelo vai cair com as tranças? Tranças estragam os cabelos? As trancistas seguem no desmonte de discursos e práticas de naturezas racistas. Elas são etnoeducadora¹⁷. Elas nos reeducam para aceitarmos nossas imagens e fenótipos. Elas são ouvintes de dores e traumas causados pelo racismo que não são ouvidos em espaços terapêuticos. Contribuem na descolonização de sentimentos, sentidos e emoções.

É preciso salientar que, no mercado de prestação de serviço de penteados trançados, existe uma acirrada competição entre as trançadeiras. Este fenômeno ocorre não pela demanda, mas sim porque nos dias atuais há uma série de mulheres e homens negros que oferecem o serviço de trançar cabelos e outros penteados artesanais. Pessoas que se inserem neste mercado por uma vocação que considero weberiana e outras motivadas por questões emergenciais devido às situações de exclusões sociais e raciais que estão localizadas. Alguns são profissionais especializados e outros são aventureiros que cometem na cabeça dos

clientes uma série de desarranjos capilares. Intervenções físicas que alteraram de forma permanente a quantidade de fios de cabelo na cabeça dos clientes. De modo geral, são intervenções que agredem e são nocivas para a saúde capilar.

Entretanto, como ouvi na linguagem nativa das trancistas “*A trança te escolhe*”. Entendo que ser escolhida pode remeter a um fragmento de memória africana bantu. Eufrásia Songa (2017) explica que em certas etnias angolanas os espíritos guardiões escolhiam as mulheres que seriam as responsáveis para mexer com os cabelos dos membros da comunidade. Por outro lado, ser escolhida pode refletir também uma certa habilidade para produzir penteados trançados. Habilidade que não parte somente do treino e da técnica e sim de uma marca pessoal (assinatura) que as trancistas adquirem com o passar dos tempos. Um modo próprio de manusear os fios dos cabelos com as mãos e estilizar as cabeças.

As trançadeiras ou trancistas afro têm sido trabalhadoras que promovem um discurso antirracista expressado no corpo, especialmente nos cabelos. Contudo, a persistência das desigualdades raciais têm concentrado estas mulheres na informalidade e este fato se deve ao grupo étnico-racial que a maioria pertence. Além disso, os serviços que oferecem são atravessados por identidades culturais negras e afrodiaspóricas. Identidades que acontecem no fluxo e trânsito do Atlântico Negro (GILROY, 2006).

É urgente a regularização de suas atividades, o reconhecimento do ofício como profissão ou atividade laborativa pelas instâncias governamentais que legislam o trabalho. Enquanto isto não ocorre, elas criam estratégias de trabalho e de valorização de seus serviços como por exemplo, encontros de trancistas e trançadeiras. Eventos que têm sido em nível nacional para discutir suas emergências (SANTOS, 2019). Porém, mediante

a Pandemia de Coronavírus, os encontros, seminários e congressos foram adiados e as situações de irregularidades de trabalho mais agravadas. As trancistas são desafiadas pelas lógicas colonizantes e racistas da colônia brasileira. Lógicas que as impedem de adquirirem direitos sociais.

•

Notas

1. Não existe a Luane intelectual, mulher negra e pesquisadora sem falar das tranças.
2. Não escrevo sobre um fazer no qual não tenho relação, estou totalmente relacionada, afetada, imbricada neste universo.
3. Justiça condena clínica da Grande BH que demitiu recepcionista negra após se recusar a remover tranças. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208310/justica-condena-clinica-da-grande-bh-que-demitui-recepcionista-negra.shtml

Shopping de Porto Alegre é condenado a indenizar em R\$ 10 mil ex-funcionária negra obrigada a retirar tranças afro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/moticia/2020/12/17/shopping-de-porto-alegre-e-condenado-a-indenizar-ex-funcionaria-begra-obrigada-a-retirar-trancas-afro-gh.html>. Acesso em: 08 mar. 2021.

4. *SARS-CoV-2* O coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) (em Inglês: Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2), inicialmente denominado provisoriamente de “2019-nCoV”, por vezes denominado “coronavírus de Wuhan”, ou “vírus da COVID-19”, é um vírus ARN de cadeia simples positiva genoma linear. É contagioso entre seres humanos e é a causa da doença COVID-19, da qual existe uma pandemia em curso. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que os morcegos são o reservatório natural mais provável do vírus, embora algumas diferenças entre os vírus encontrados em morcegos e os encontrados em seres humanos sugerem que os humanos foram infectados através de um hospedeiro intermédio. As primeiras infecções conhecidas foram descobertas na cidade de Wuhan (província de Hubei, China) em dezembro de 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Coronav%C3%A9rus_da_s%C3%A9ndrome_respirat%C3%B3ria_aguda_grave_2. Acesso em: 15 ago. 2020.

5. A pesquisa de doutoramento tem por objetivo investigar as identidades de trabalho de trancistas afro no universo dos salões de beleza afro/étnico do estado do Rio de Janeiro. O estudo está situado no campo da Antropologia Social e Relações Étnico-raciais.

6. Os penteados artesanais afro podem ser os cabelos trançados com materiais sintéticos (jumbo, kanicalon e lã) ou apenas com o próprio cabelo da pessoa. Outros penteados artesanais são os coquinhos ou bitôs, os dreadlocks (sintéticos ou naturais) e as tranças de duas mechas (sintéticas ou naturais).
7. Os nomes são fictícios para o resguardo das entrevistadas.
8. Podemos definir *tranças nagô* como tranças enraizadas e presas ao couro cabeludo. As tranças oferecidas por Geise são realizadas com fios sintéticos (jumbo ou kanicalon) e apresentam desenhos entrelaçados no couro cabeludo. É uma linda arte produzida pela trancista nas cabeças dos clientes.
9. Para enegrecimento: Madureira é um bairro com diversas manifestações culturais negras e também com um número expressivo de salões de beleza afro, guichês e lojas que fazem tranças.
10. A Reforma Trabalhista, representada pela Lei nº 13.467/17, modificou a legislação aplicada às relações de trabalho. Com o total de 114 alterações, é possível verificar, só na CLT, a inserção de 43 novos artigos e a revogação de nove. Além disso, a lei que regulamenta a terceirização e algumas leis esparsas também sofreram reajustes (SEBRAE, 2018). Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/modernizacao-trabalhista-a-nova-lei-n-0004c00210aRCRD#:~:text=A%20Reforma%20Trabalhista%2C%20representada%20pela,artigos%20e%20revoga%C3%A7%C3%A3o%20de%20nove>. Acesso em: 15 ago. 2020.
11. A categoria utilizada depende da identificação da trabalhadora. Por isso, no texto utilizarei ora trancista, ora trançadeira, e, em alguns momentos, as duas categorias de identificação profissional sobrepostas trancista/trançadeira.
12. Estes conhecimentos começaram a ser percebidos no campo da Educação, primordialmente no campo da Educação Matemática e Educação para as Relações Étnico-raciais.
13. Apliquei 27 questionários eletrônicos e fiz mais quatro entrevistas pelo telefone com trancistas da cidade do Rio de Janeiro. Elaborei um questionário com perguntas abertas e fechadas, e com objetivo de traçar um perfil socioeconômico das trancistas.
14. Acompanhar as denúncias de apropriação cultural e as tentativas de renegar os esforços políticos dos movimentos negros para a atual cultura de afirmação corpórea pode ser visto como uma das ações do capitalismo que esvazia elementos culturais e identitários e transforma em objeto a ser consumido.
15. Refiro-me aqui à procura por pesquisas, livros, artigos, textos jornalísticos, vídeos e sites que contenham a história dos penteados e cabelos no contexto das sociedades africanas antes da escravização.
16. O conceito de democracia racial não foi criado por Gilberto Freyre, mas sim pelo sociólogo Florestan Fernandes, que também estudou as relações raciais brasileiras e a obra de Freyre, especificamente o livro *Casa Grande e Senzala* (1933). Florestan Fernandes percebeu que havia nos escritos de Freyre (1933) ideias de relações raciais harmônicas, isto é, de um convívio étnico-racial democrático. No entanto, como destacou o autor, a realidade demonstrava uma sociedade submersa no legado da escravidão e no exercício de práticas escravistas e contemporaneamente racistas.
17. Na Unirio, a professora Claudia Miranda, do departamento de Educação, tem organizado uma série de encontros com mulheres negras pesquisadoras, professoras e educadoras sociais desde 2015. O encontro é chamado de *Rede Carioca de Etnoeducadoras* e tem como proposta fazer circular entre os envolvidas as ações decoloniais de educadoras negras nos sistemas de ensino. Em nosso trabalho, tomamos emprestado o termo etnoeducadoras, por compreendermos que as ações educativas das trançadeiras negras são decoloniais, antirracistas e contra-hegemônicas.

Referências

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do século XXI. *In: Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 149, p. 452-477, mai./ago. 2013.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

NASCIMENTO, Juliana; ROZA, Gabriele. O que a quarentena pode ensinar sobre as transistas e o autocuidado. *In: Medium*, jun. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@enraizadasofilme/o-que-a-quarentena-pode-ensinar-sobre-as-transistas-e-o-autocuidado-6075a9d49c14>. Acesso em: 14 out. 2020.

ROCHA, Neli Gomes. Crespos: cabelo como ícone da identidade negra. Memória e estética, a circulação de ideias e valores na realidade brasileira. *In: Revista NEP*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 86-92, 2016.

SANTOS, Luane Bento dos. *Para além da estética: uma abordagem etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros*. 2013. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-raciais) – CEFET-RJ, Rio de

Janeiro, 2013.

_____. *A saúde dos bibliotecários: abordagem de algumas doenças ocupacionais*. 2014.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Documentação) – Faculdade de, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

_____. Bens Culturais afro-brasileiros: o ofício de mulheres negras trançadeiras em debate. *In: Revista Eixo*. Brasília, DF: IFB, v. 8, n. 2, 2019.

_____. Processos educativos no contexto dos salões de beleza afro: investigações etnomatemáticas sobre o fazer/saber de trançadeiras negras. *In: Anais do X Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias*. Rio de Janeiro, jul. 2019.

SONGA, Eufrasia Nahako. *(Re)significações das tranças e outros penteados em Angola: as moças das tranças na “praça nova” da cidade do lubango*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

TAVARES, Julio Cesar de. *Corporeidades afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas*. Curitiba: Appris, 2020.

Mis queridas plantas y yo, en el pasaje de un proceso de transformación sin retorno

La muerte de mis plantas fue el preludio del devenir de una nueva crisis planetaria. En noviembre del año pasado recibimos la visita (sin invitación) de un grupo de hormigas. Decidimos aceptarlas y cohabitar con ellas durante unas semanas. Un buen día, sin previo aviso, desaparecieron. Este relato no iría más allá de una tranquila convivencia efímera, si no fuera porque mis queridas plantas desarrollaron una enfermedad infecciosa. Al igual que en Wuhan, el primer fallecimiento ocurrió en diciembre de 2019. La hecatombe alcanzó el pico de la curva a principios de marzo de 2020. La tristeza era infinita, así como la culpabilidad que sentí, por la falta de un protocolo de seguridad, que determinara una sana distancia entre nuestras allegadas y mis compañeras. Las palabras de Silvia Federicci resonaban en mi cuerpo: “el capitalismo produce vínculos de muerte”. Las hormigas, en su afán por la efectividad laboral, destruyeron nuestra vida en común.

Un bello día decidí tomarles fotos y luciendo un nuevo *look-style* astronauta, me lancé al mercado de Juárez¹, para compartir esas imágenes con el vendedor de vidas. Saqué el celular esperanzada. Con ojos de espanto, quien debiera ser mi salvador, emitió las siguientes palabras: “damita, sus plantas están profundamente enfermas. No hay solución”. Entre sollozos y lágrimas le insistí, “¿pero no tendrá usted algunas vitaminas para recuperarlas?”. Amablemente me respondió, que el virus había alcanzado su máximo nivel y cuando el bicho toca la raíz, la vida llega a su fin. Lloré. En un acto de desesperación, le compartí la historia de la okupación hormiguera. Y sin mucho aliento, me respondió: “güerita, en México decimos que las hormigas pueden traer buenos o malos augurios ¡híjole! su caso es muy claro”. El vendedor me recomendó hojitas de pazote, a fin de evitar nuevas visitas inesperadas. Dudé si comprar la hierba o no, pues por un momento lo sentí como un gesto de racismo animal. El conflicto ético-político al que me enfrentaba no era baladí.

El regreso a casa, cargado de drama, recordaría las procesiones de cualquier semana santa ibérica. Nada más llegar, encendí unas veladoras para la despedida y cargando una gran bolsa de plástico negro, descendí con mis compañeras al contenedor. Entre perdones, les susurré palabras de amor y despedida. Me horrorizaba volver a casa sin ellas. ¡Sentía una soledad inmensa sin mis querida plantas en confinamiento! No podía parar de llorar. Recordaba la historia de cada una de ellas. La tristeza era inmanejable. Expurgué la culpa, la rabia y el dolor en soledad.

Los días después fueron de honrar y sentir el vacío producido por su ausencia. ¡Qué católica me puse! Semanas más tarde compré algunas nuevas. Lo hice poco a poco, para no ofender a las muertas, ¡pues pareciera que todo en la vida se compra! Las penas no siempre las resuelve el capital, es más, generalmente las provoca.

En medio de tanta pesadumbre, me dispuse a escribir este artículo, con el fin de dejar huella de la experiencia personal de un proceso de transformación global, que se encuentra en su propio devenir (incluyendo el ritual de pasaje de mis queridas compañeras). Las noticias de la celebración en formato virtual de *JALLA (Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana)*² me generaron cierta desesperación, justamente por testificar las ruinas de un cuerpo-carne convirtiéndose en pixel. Con la artista e investigadora brasileña Damiana Bregalda, coordinamos un simposio temático titulado “Ensayos poéticos-escriturales: la imaginación en la construcción de ficciones políticas feministas, antirracistas y anticoloniales”.³ Uno de los principales desafíos de dicho encuentro consistía en tensionar el formato clásico de ponencia, a partir de un llamado a la imaginación política, estética y multidisciplinar.³ Abrazando la vulnerabilidad que conlleva

la nueva vida virtual, optamos por asumir el reto de producir conocimiento, como un proceso que integra sensaciones, afectos y cognición. De este modo, hicimos un llamado a las participantes, para realizar unas jornadas-proceso, llevando a cabo varios encuentros previos a JALLA, en los que explorar la complejidad de nuestros temas de investigación, armonizar nuestras diferencias, generar un espacio íntimo y de confianza, en el que compartir afectos y sentimientos, en torno a las dificultades de los contextos que habitábamos.⁵

El proceso y las propias jornadas (11 y 12 de agosto, 2020) estuvieron marcadas por una crítica radical al antropocentrismo desde el cual reproducimos la vida. “La excepcionalidad nos ciega” (TSING, 2015, p. 8) como seres humanos y nos impide formular un pensamiento-sentir-acción, basado en la interdependencia de las especies. La creencia insostenible -como cual fe- de la autonomía humana es profundamente ilustrada. ¿Cómo deshacernos de ese lastre hereditario? - nos preguntábamos. Los principios de auto-determinación (estar en el mundo sin ser parte de él) y separabilidad (producir diferencias comprendidas como fuerzas contrarias) que configuran el sujeto moderno, no son en ningún caso, características esenciales del mismo, sino más bien parte del proceso de producción de una modernidad construida históricamente. Por lo tanto, esa herencia ilustrada puede (y debe) ser deconstruida minuciosamente desde todos los ámbitos de la vida - y pongo el foco en las prácticas políticas del cotidiano, porque es desde ahí, que todas, todes y todos generamos pensamiento-vida.

Maya Aguiluz, investigadora del CEIICH-UNAM y organizadora de *JALLA MÉXICO 2020*, en una conferencia pre-jornadas, propuso la noción de “acuerpamiento biosocial”, como potencia para la transformación existencial impuesta por el Covid-19. Esta pandemia nos ha traído un proceso sin retorno (suspendiéndonos en un no-tiempo de confinamiento) en el que poner en duda los regímenes de verdad de la rígida arquitectura epistemológica moderna-colonial. Cada día que pasa es una confirmación más de la potencia que esa materia inorgánica presenta, como agente activo en la reconfiguración de las condiciones de producción de vida. ¿Cómo elaborar conocimiento de una manera otra, enalteciendo los vínculos generadores de vida humana y no humana frente a este nuevo contexto? En el marco de *JALLA*, la activista guaraní Geni Núñez convocó a las presentes a expandir la noción de afecto, a partir del reconocimiento de la subjetividad de todas las especies de la biosfera.⁶

“Becoming with” -el “tornarse junto con”-, la noción de que estamos en un mundo compartido, de especies compañeras (Haraway, 2003), con diversos *selves*, reflexionando de forma conjunta sobre la semiosis del mundo vivo (...). (FLORES; ECHAZÚ; GRECO, 2019, p. 93)

Como estas autoras señalan, ese reconocimiento de la subjetividad de los seres no-humanos -implícito en la categoría de “especies compañeras” de Donna Haraway, conlleva asumir una serie de aspectos epistemológicos, éticos y políticos (a menudo en conflicto), respecto a las maneras de generar vínculos, a partir de una conciencia de interdependencia. Sin embargo, seguimos atrapadas en las formas del nombrar/hacer - como bien remarca la propia Haraway - estableciendo relaciones de amistad con los animales y las plantas, a través de lazos de amor y cuidado, que son resultado de procesos históricos inscritos en prácticas de domesticación y dominación. ¡Toda una paradoja! Anna Tsing (2015), en su investigación, señala que la domesticación es una vía más de reproducción de la ya muy conocida dicotomía “civilizado-salvaje”, es decir, sujeto cognoscente y objeto conocido-sometido-domesticado. Sin embargo, el virus Covid-19 desafía esa relación clásica de poder entre sujeto-objeto, puesto que nos encontramos ante una materia viva e inorgánica, pero con agencia, es decir, con la capacidad de reproducirse velozmente y que en su práctica-proceso, sacude violentamente los cimientos de nuestro sistema necropolítico global. El obituario de mis plantas compañeras es la metáfora del proceso sin retorno del mundo que habitábamos. Un compañerismo basado en relaciones de amor y domesticación, exterminado por la intervención de una especie con la suficiente potencia movilizadora para destruir las estructuras. Reconocer la subjetividad de las especies conlleva también asumir la capacidad de agencia y su potencia destructora. Entonces, en la pandemia preguntémonos, ¿quién está domesticando a quién y cómo? ¿Dónde termina el discurso de la ciencia (como el padre salvador que producirá la vacuna) y dónde, la vida - *experimentada* desde múltiples subjetividades, incluyendo la de este virus?

La propuesta de expandir la noción de afecto de Geni Núñez se radicaliza en el proceso de una pandemia - y digo radical en el sentido de ir a la raíz de los problemas, puesto que reconocer la subjetividad y la capacidad de agencia de múltiples especies orgánicas e inorgánicas, llevaría a la arena política otro tipo de discusiones alejadas del cientificismo patriarcal-blanco-europeo, que opera en complicidad con las políticas de muerte de los estados-nación dominantes. En los diferentes simposios, que

acompañé en el contexto de las jornadas *JALLA*, la convocatoria fue a llevar a cabo un ejercicio de comprensión del presente, costurando los debates generados por los diferentes paradigmas científicos, la literatura de ficción, la oralidad, la poesía, la ciencia ficción, las narrativas corporales, las mitologías, cosmovisiones y los sistemas de adivinación. En definitiva, apelamos a fórmulas mixtas, como vía de des-jerarquización del conocimiento y posibilidad de múltiples y variadas soluciones, frente a un problema que no es uno pero sí tiene alcance global.

De mis recientes obsesiones, diría que la principal es pensar de qué maneras volveremos a estar juntas corporalmente. El vacío que mis plantas dejaron en el apartamento es similar al de algunas de las (re)configuraciones de esa “nueva normalidad” mundo sin cuerpo-carne. Yo no soy feliz frente a una pantalla como modelo de vida - por muchas ventajas que hubiere. En este proceso de no-retorno, concibo el abrazo como elemento clave para generar las condiciones de posibilidad de una escucha afectiva, puesto que es la manera de auto-reconocernos individual y colectivamente, a través del cuerpo del otro ser vivo. Ahora más que nunca tenemos que defender prácticas promovidas por el deseo, la risa, la pasión, la danza y el cuidado del cuerpo. No tengo dudas que de entre las ruinas, hallaremos las palabras para nombrar aquello que está en su devenir y así, orientar las múltiples formas de (re) producción de vida hacia modelos de “acuerpamiento biosocial”, sin dejar de problematizar el cómo nos relacionamos con el resto de las especies.

•

Notas

1. Mercado que se encuentra en la colonia Juárez de Ciudad de México.
2. (JALLA, 2020b)
3. (RICART; BREGALDA, 2020)
4. (JALLA, 2020a)
5. México, Argentina, Chile, diferentes partes de Brasil, Reino Unido y España.
6. Geni Daniela Núñez Longinhi, artista y activista guaraní, presentó la ponencia: “Yo, nosotras/as, ellos/as, aquí y allá: conjugaciones de la invención del otro”, en el simposio temático que organicé con Damiana Bregalda.

Bibliografía consultada

AGUILUZ, Maya. *Acuerpamiento biosocial, a ras de la tierra*. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cV3KZPucdoU&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0wu9VvfVDEEr0ogGTBRGsMrW-8l_9xjobLj9p9j5TvDRnKI44lfl2GX3o. Acesso em: Setembro, 2020.

FLORES, María Eugenia; ECHAZÚ BÖSCHEMEIER, Ana Gretel; GRECO, Lucrecia Raquel. Plantas compañeras. Coca, ayahuasca y el cuerpo de dos curanderas en Argentina y Perú. *In: VALCARCEL, Mayra Soledad; GARCÍA SOMOZA, Mari Sol. Género y religiosidades. Sentido y experiencias femeninas de lo sagrado*. La Plata: Bosque Editoras, 2019, p. 93-112.

JALLA. MT3 (ST30): *Técnicas y ánimas en la modernidad andina, amazónica e hispana, a través de las narraciones literarias y originarias. Perú siglos XX y XXI - Programado en el marco del ENCUENTRO PostJALLA el 8 y 9 de septiembre de 2020*. 2020a. Disponível em: <https://jalla.lat/registro-simposio-3/>. Acesso em: Setembro, 2020.

_____. *Sitio web de las Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana*. 2020b. Disponível em: <https://jalla.lat/>. Acesso em: Setembro, 2020.

RICART, Paola Marugánco; BREGALDA, Damiana. *Simposio temático ST3: Ensayos poéticos-escriturales: la imaginación en la construcción de ficciones políticas feministas, antirracistas y anticoloniales*. 2020. Disponível em: <https://jalla.lat/wp-content/uploads/2020/07/ST3-1.pdf>. Acesso em: Setembro, 2020.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. *In: ILHA*, v. 17, n. 1, 2015, p. 177-201.

A nomadopráxis umbandista: subversão da colonialidade e afirmação da diferença.

Na história da anunciação da Umbanda, a de Zélio Fernandino de Moraes, em Niterói, (GIUMBELLI, 2002) queremos evidenciar a afirmação de potência e as linhas de fuga manifestas no surgimento desta religião no Brasil. Fica evidente o des-encontro e a dissidência entre o anunciador e a Federação Espírita do Niterói, já que esta anunciação reivindica saberes, práticas e entidades que se contrapõem à lógica colonial da incorporação “exclusivista” característica do espiritismo kardecista, onde apenas entidades “intelectuais” brancas, detentoras do saber hegemônico eurocêntrico, sob a forma de doutores, se manifestam. Há uma reivindicação de entidades negras e, também, dos povos originários que não eram aceitos no círculo kardecista de tradição europeia. Em sua aparição, a Umbanda surge como uma religião brasileira, desviante da lógica hegemônica e colonial, reivindicando as potências, singularidades e tradições dos povos exterminados e desaparecidos pelo processo colonizador genocida realizado no Brasil.

A chegada dos povos europeus a partir do século XV no território americano é comumente nomeado como “descoberta”, nomenclatura essa que evidencia o desaparecimento e a invisibilização dos povos nativos¹, seus conhecimentos, tradições e culturas que já compunham este território antes da chegada dos colonizadores. Cabe aqui ressaltar que o termo “descoberta” também anula identidades, subjetividades e corporeidades dos povos africanos que foram escravizados, exterminados, torturados e massacrados neste processo colonizatório que lhes retirou suas territorialidades originárias, subtraíram seus corpos e desejos, desmembraram famílias e afetos como se fossem necessários apenas como mão de obra que produziria neste “novo mundo” sob o jugo da violência genocida dos colonizadores.

A Umbanda, nesse sentido, surge como afirmação de potência a partir da reconexão dos elementos destes povos que foram massacrados no processo colonizatório. Assim, re-atualizando culturas, sensibilidades, pensamentes², estéticas outras, uma vez exterminadas pelos genocídios/epistemicídios (GROSFOGUEL, 2013) que são operados para a Imposição do Uno, universalizado e essencialmente europeu, etnocêntrico, falocrático. Evidenciamos nesse sentido que a falocracia é raspada na Umbanda, na medida em que nesta religião se estabelece uma horizontalidade entre os orixás definidos como masculinos e femininos. Os povos Ewés-Fons, um dos primeiros trazidos para o Brasil, tem como divindade suprema Mawu-Lissá, uma união imanente entre masculino e feminino responsável pela criação do mundo, uma entidade andrógina (AGUESSY, 1970), que escapa da lógica segmentarizada e dura do Deus-Uno Paterno Falocrático. Portanto, mesmo na reivindicação de um “Deus Uno”, que compõem o panteão Umbandista, o que fica evidente na compreensão dos orixás na Umbanda é uma horizontalidade entre as entidades definidas como masculinas ou femininas, evidenciando o rompimento da lógica do sexismo epistêmico (GROSFOGUEL, 2012) perpetuado pelas religiões monoteístas.

O sincretismo opera desde a atuação dos povos africanos que trouxeram suas práticas religiosas para o Brasil e fica evidente na Umbanda como uma possibilidade não de submissão à hegemonia, mas como afirmação de vida, em um devir imperceptível, orgiástico (NIETSZCHE, 1992) a partir do roubo de leuziano que de maneira subversiva opera pela iconografia cristã-católica europeia como um escaravelho, que irrompe por entre as entranhas do Deus-Uno europeu e estabelece potências virtuais em devir que reivindicam suas práticas religiosas, culturais e étnicas, em uma insurgência que opera como guerrilha nomadoprática³ e fura a lógica unitária e sistematizadora da tradição eurocêntrica.

Grosfoguel (2013) aponta, ao pensar a conquista das Américas, que a “dúvida” dos colonizadores sobre a humanidade dos colonizados é a operacionalização do genocídio/epistemicídio dos povos originários tendo em vista que a negação de sua humanidade não possibilitava a integração, a partir da diferença, como por exemplo em Al-Andalus (GROSFOGUEL, 2013). Se estabelecia como exercício da violência, da tortura e do desaparecimento de seus corpos e cultura, na medida em que assinalados como povos “sem Deus”, marcados como povos “sem alma” e, portanto, considerados não-humanos eram passíveis de escravização aos “olhos” de um Deus que atendia à demanda mercantilista e subjugava suas culturas, tradições e espiritualidades que foram negadas por aquele porta-voz da hegemonia e da tirania. Essa lógica também se estabelece sobre os povos africanos escravizados que foram trazidos para a América como seres “não-humanos”. Após o julgamento no Tribunal de Valladolid, após 60 anos de debates e discussões acerca da humanidade ou não de povos indígenas, decidiu-se que os indígenas possuíam alma e, portanto, não eram passíveis de serem escravizados sem pecado⁴. Essa determinação abre espaço à escravização dos povos africanos nas Américas, que corrobora, nesta perspectiva do epistemicídio e não reconhecimento da humanidade do povo negro, assim como trabalha Franz Fanon (2008) sobre a perspectiva da negação ontológica do negro.

É importante salientar que a Umbanda é uma religião brasileira, e dentro deste escopo, é composta pelos elementos dos povos indígenas, negros e brancos. Compreendemos a Umbanda como linha de fuga que vai se compondo a partir dos processos de miscigenação, diferença e alteridades estabelecendo, assim, uma quebra radicalizada em relação às lógicas de extermínio que operam, durante toda a colonização brasileira, a partir do estabelecimento de opressões, estupros e subjugação. Nesse sentido, a Umbanda agencia uma mescla rizomática de hibridação e conexão horizontal que possibilita a criação de um novo modo de ser/estar/pensar as relações que se constroem nesse platô, demolindo subterraneamente a versão hegemônica da “integração” do diverso que operam pelas vias da violação, do assassinato planejado e sistemático e da composição de relações petrificadas de violência-saber-poder. Deste modo, a Umbanda reivindica os saberes africanos e indígenas para compor sua construção e seu modo de atuação no mundo, se hibridando a estas culturas e povos que compõem o socius brasileiro, os traz como parte fundante da sociedade e do país, lhes reconhecendo o que é devido, não invisibilizando, exterminando e relegando ao desaparecimento como a hegemonia o fez e faz. A Umbanda traz à tona a Ladinoamefricanidade, de Lélia Gonzalez (1988), fundindo os elementos que nos compõem enquanto brasileiros, nossas origens negadas e apagadas da história, como coloca Gonzalez: “Amefricanidade, [...] Reconhecê-la é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos

leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos” (1988, p. 79). É retomada uma Améfrica Ladina (GONZALEZ, 1988), que faz parir novos corpos compondo-se de um entre-corpos de potência coletiva que é, ao mesmo tempo, latino/latino, africano e indígena americano; e é capaz de construir uma identidade coletiva de um povo descolonizado que pode criar nos entres possibilidades de vida e saberes sem necessitar atravessar o Atlântico em busca de se colonizar.

É interessante colocar que, mesmo que o cristianismo faça parte da construção da religiosidade umbandista, compreendemos que não há uma sobreposição do cristianismo em relação às outras tradições, na medida em que não se estabelece a ordem da subjugação de uma divindade por outra. Nesse sentido, Jesus Cristo é reivindicado dentro dos terreiros em uma mesma posição que são reivindicados em Zambi, Olorum ou Olodumaré e Mawu-Lissá, a depender do zelador que conduz os trabalhos.

Os terreiros de Umbanda operam como campos de singularidades onde não há uma diretriz única sobre sua atuação, um livro ou regimentos que guiem suas práticas, ficando a cargo dos dirigentes que estão à frente do terreiro agenciarem as formas e modos de funcionamento. Neste sentido, estes zeladores têm liberdade para sua atuação, pautados no contato com as entidades com as quais se conectam. Compreendendo neste sentido, que, como colocam zeladores de terreiros, sobre a missão de terreiro) vinda da espiritualidade (SCORSOLINI-COMIN; CAMPOS, 2017), que lhes concede “autorização” para abertura e trabalho do centro em um contato direto com seus guias, que guiarão o zelador na condução e construção das giras. Esta questão, da não utilização de um “livro sagrado” nos remete a tradição oral dos povos africanos e indígenas que compõem a Umbanda, deste ensinar e abordar a história e a cultura de forma pessoal, no encontro, no acontecimento das aldeias e tribos, entre os jovens e os anciãos, particular de cada povo, singular, e não universalizado em uma tentativa de homogeneização dos povos.

Assim, podemos entender a incorporação na Umbanda como a criação de um corpo sem órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1996) que esvazia e se preenche - incorpora e destitui, des-hierarquiza, o raspa em suas segmentariedades este corpo organizado do médium, em que há um desterritorializar e re-territorializar em outras afeições e afetos, dando lugar a diferença, atualizações e devires e compondo uma superfície de consistência do plano de imanência deleuze-guattariano, possibilitando a emergência dos povos colonizados vítimas do genocídio/ epistemícidio como o fronte da transformação social e vínculo com a sociedade. Aparecem nas incorporações pretos-velhos, caboclos, exus, erês que quebram com a língua paterna em um gaguejar em sua própria língua (DELEUZE; PARNET, 1998), criando outros falares, que já não podem mais ser capturados ou colonizados, são singularidades e diferenças que surgem como possibilidade de linhas de fuga e emergência da vida. É retomada a potência do saber latino-americano-africano, construção coletiva e não identitária, em que “Eu é o Outro” (RIMBAUD, 1871), gerando uma epistemologia heterogênea estabelecida na conexão de saberes coletivos nas territorialidades como dispositivo de novos estares no mundo, enfatizando a experimentação e não o caráter interpretativo da vida humana, o afetar e ser afetado, como usina de produção entre corporeidades em processos moleculares, que quebram as linhas duras, segmentárias da unidirecionalidade nos territórios arrasados pela força de morte do império.

A estrutura arquitetônica e ritualística da Umbanda insere todos os indivíduos que ali estão presentes no mesmo platô: zelador, médiuns, ogãs, consulentes, todos estes se conectam e trocam na mesma superfície. As velas dos médiuns, do zelador são colocadas no mesmo altar que as dos consulentes, caso o façam, por exemplo. Não há, na maioria dos terreiros, uma estrutura hierárquica presente na arquitetura e construção dos trabalhos no terreiro, não há um altar em piso superior, acima das cabeças dos fiéis, assim como nas igrejas católicas. Os ogãs, os que tocam atabaque, não são menos importantes que os médiuns que incorporam na medida em que compõem parte fundante do ritual e da prática do terreiro. Aqui podemos estabelecer uma diferença com os músicos das igrejas católicas, por exemplo, onde os antigos órgãos imponentes que eram relegados ao obscurantismo em um lugar sem visibilidade e atuação secundária na ritualística.

Para além desta não hierarquização visível estruturalmente, temos a emergência de diferenças nos atendimentos prestados na comunidade Umbandista, em que a troca oral se dá diretamente com um ser do plano espiritual, que se apresenta em um corpo outro deste médium de incorporação, mas quando se fala, não se fala com o médium, e sim com a entidade, não necessitando de um intermediador, uma ponte. Neste sentido, o falar com a entidade se dá presencialmente, e mais importante, cara a cara, olho no olho e não por trás de uma cortina, num confessionário ou ajoelhando-se perante o representante divino, há um regime de horizontalidade em que se fala com o outro na mesma altura, em que ambos ficam de pé, ou se sentam juntos ao chão, compartilham a bebida, o marafo ou os alimentos. O encontro das línguas, se transforma de dialogar em com-dialetar, com-dianomar, criando possibilidades outras no agenciamento que emerge do entre não segmentarizado, des-hierarquizado.

Os atendimentos nos terreiros de Umbanda compõem agenciamentos coletivos rizomáticos, parindo entres nas conexões médium-entidade-consulente, em que há uma horizontalidade e uma não hierarquização do metafísico ou daquele que dá lugar à entidade para o consulente que busca acolhimento ou cuidado, neste ambiente que pode ser reconhecido enquanto sistema popular de saúde (SCALON; SCORSOLINI-COMIN; MACEDO, 2020). Nestes entres, há a emergência de linhas de fuga, gerando processos de raspagem das reproduções sociais advindos da superfície de registro-controle, que dão lugar ao novo e a diferença, no sentido que se constitui um entre de cuidado e produção desejante. Nesta conexão rizomática, as linhas brandas que emergem do entre, produzem novidades nos N corpos presentes neste Acontecimento, uma vez que o médium que está ali dando lugar àquela entidade ao mesmo tempo que cuida e acolhe, também é acolhido e cuidado por aquela entidade e pelas vogalidades e gaguejares que se atualizam, em que cuidar do outro é cuidar de si (SCALON et al., 2020).

O dialogar com e dialogar de outra maneira emergem como possibilidades de construção da diferença e construção de cuidado no terreiro, em que não é passado ao consulente uma receita de remédio desligada daquele processo de saúde, mas é feito de maneira conjunta. O caminhar do cuidado é realizado a partir da implicação do sujeito no processo de saúde junto com aqueles que estão presentes oferecendo cuidado (SCALON et al., no prelo), saindo da lógica bio-médica, em uma perspectiva bio-psico-social-espiritual, todos ali estão implicados no processo e as orientações são feitas no sentido da construção conjunta, em que cada um deve fazer sua parte no processo,

mas que não se dá de forma individualizada, mas no entre, no contato e na emergência de afetos e potências do corpo. Emergem corpos potencializados pelo encontro, no entre das conexões rizomáticas, de forma coletiva e na implicação de todos os sujeitos que compõem o entre, de forma não segmentarizada, dura e estriada. Podemos pensar, a Umbanda e os terreiros de Umbanda, como territórios de emergência de afetos, alisamentos, devires, atualizações, reatualizações, raspagens, intensividades, linhas de fuga, produção-desejante, nomadopráxis, de diferença. •

Notas

1. Importante considerar que estes povos nativos eram os Pindoramas e que a “descoberta” do Brasil também pode ser nomeada como “a invasão de Pindorama” (Luz, 2008), que para nós parece mais real.
2. Esquizoema criado por Gregório F. Baremlitt, em *O Pensar dos Pensares ou Pensamentear*. Notas dispersas ou inconclusivas para pensamentear os pensares produzidos durante as práticas autogestivas e auto analíticas (2003), que alude ao Acontecimento Deleuziano, altera o “pensar” estático, rígido, quieto, transformando-o em um “pensamentear” de movimento, fluxo, vibração.
3. Outro esquizoema que nos remete à ação práxica esquizoanalista, de uma práxis nômade, não enraizada, de movimento, que transita nos entre-corpos.
4. Há também um contexto político e econômico para a não escravização dos indígenas, dificultada pelos suicídios dos mesmos e suas fugas recorrentes, já que conheciam as matas; por isso, eram considerados “preguiçosos”, concepção que perdura nos tempos atuais.

Referências Bibliográficas

- AGUESSY, H. Legbá e a dinâmica do panteão vodun no daomé. *In: Revista Afro-Ásia*, n. 10-11, 1970.
- BAREMBLITT, G., F. *Introdução à Esquizoanálise*. – 3ª ed. – Belo Horizonte: Biblioteca da Fundação Gregório Barembritt/Instituto Félix Guattari, 2010.
- BAREMBLITT, G. F. O Pensar dos Pensares ou Pensamentear. Notas dispersas ou inconclusivas para pensamentear os pensares produzidos durante as práticas autogestivas e auto analíticas. *In: BASTOS, Rogerio Lustosa. Psicologia, Microrrupturas e Subjetividades*. Rio de Janeiro: E-papers Editora, 2003.
- DELEUZE, G.; PARNET. C. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs – Vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.
- GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as Origens da Umbanda no Rio de Janeiro. *In: SILVA, V. G. (org.). Caminhos da Alma: memória afro-brasileira*. São Paulo: Summus, 2002.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In: Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988, p. 69-82.
- GROSGOUEL, R. The structure of knowledge in westernized universities epistemic racism/sexism and the four genocides/epistemicides of the long 16th century. *In: Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, v. XI, n. 1, 2013, p. 73-90.
- LUZ, M. A. *Cultura negra em tempos pós-modernos* – 3ª ed. – Salvador: Editora UFBA, 2008. ISBN 978-85-232-0906-3.
- NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RIMBAUD, A. *Carta à Paul Demény*. 1871.
- SCALON, E.F.; SCORSOLINI-COMIN. F.; MACEDO, A. C.. A Compreensão dos Processos de Saúde-Doença em Médiuns de Incorporação da Umbanda. *In: Revista Subjetividades*, v. 20, n. 2, 2020.

Junho de 2019, durante uma viagem à cidade do México para participar do Grupo de Trabajo Cuidados Irreverentes coordenado por David Gutiérrez, Albeley Rodríguez, Paulina Varas y Cristina Ribas no XI Encontro do Instituto Hemisférico da Universidade de NY en la Universidad Nacional Autónoma de México, uma parceria muito próspera entre David e eu, Denise, foi selada. Naquela ocasião, lembro-me que desejávamos criar um projeto de pesquisa que pudesse agregar os estudantes das universidades onde trabalhamos, mas também outros pesquisadores e parceiros de universidades latino-americanas.

Foi durante um exercício de cartografias proposto por David, que desenhamos o primeiro esboço deste projeto, que mais tarde ganhou o nome de “Teatralidades, performatividades em tempos de catástrofe”. O primeiro fruto deste encontro nos proporcionou ações valiosas: dois cursos realizados no âmbito do programa de pós-graduação em artes da UERJ – PPGArtes, mais alguns encontros virtuais entre estudantes do Brasil e do México.

Março de 2020, início da pandemia pela Covid-19 e algumas propostas já encaminhadas anteriormente, como a visita que David faria ao Brasil para ministrar um curso no PPGArtes foi suspensa. Com o avanço da pandemia e a interrupção dessas primeiras ações de intercâmbio, surgiu a proposta de organizar um livro, já em formato digital, que viabilizasse o encontro de muitas colaborações de autores de diversos países do Sul Global, abraçando as primeiras impressões dessa nova condição de confinamento e de isolamento social que representou a pandemia.

E foi assim que nasceu a publicação “Abraça sua vulnerabilidade/ Abraza tu vulnerabilidad/ Embrace your vulnerability”, desde o início pensada para aparecer nas três línguas faladas em nosso grande continente americano. A missão estava dada: fazer chegar essa chamada pública em muitas pessoas e lugares onde se pudesse conhecer/partilhar/expandir as imunologias

prósperas necessárias para o enfrentamento de dias tão difíceis neste pequeno sítio cósmico conhecido como planeta Terra. Para nossa grande surpresa, cerca de 70 trabalhos foram enviados e como não caberiam todos num único volume, optamos por realizar essa publicação em duas etapas; a primeira é essa que oferecemos a vocês após muito trabalho, dedicação, prazos estourados e pouquíssima grana. Esperamos que para o próximo volume já tenhamos mais habilidade em conduzir as etapas de editoração deste projeto e que nossos parceiros não desistam de nós, mesmo porque esse conjunto de textos dos mais variados formatos, seguirão para sempre como testemunho de um tempo que selou definitivamente uma virada na ignição de nossa atônita humanidade. Abraçando nossas vulnerabilidades, quem sabe, aprenderemos a renovar nossos enlaces com a vida, que clama por transformações de nossa espécie humana.

Dra. Denise Espirito Santo, UERJ.

Insistiendo en un territorio común de indagación de prácticas artísticas, performativas y teatrales en las cuales emergieran los compromisos con las vidas diversas y en crisis, Denise y yo comenzamos un diálogo próspero que ya lleva más de cinco años. Una pregunta que nació por prácticas artísticas que no se quedarán solamente en obras de arte sino que produjeron ejercicios de vitalidad crítica en los contextos de hegemonía política, dictadura, desaparición forzadas de personas, asesinato de líderes políticos, discriminación y violencia de género e identidades diversas, desactivación del deseo e instauración de subjetividades neoliberales en todo territorio de existencia. Así sentíamos interpelados nuestros contextos en Brasil, México y Colombia. En estos diálogos, hemos estado entendiendo micropolítica no sólo con una “política en pequeño” sino como una política de los regímenes de afecto, de transmisión y de contagio pero también de configuración de imágenes retadoras para la especulación de prácticas políticas. Así hemos llegado a indagar performatividades que emergen del movimiento Derechos Humanos, del movimiento feminista internacional, de las prácticas agroecológicas de organizaciones de base, prácticas de disidencia sexual y sobretodo, la reactivación crítica de la noción de cuidado en nuestro convulso presente. Hemos compostado anímicamente con Suely Rolnik, Ileana Diéguez, Donna Haraway, Isabelle Stengers, Silvia Rivera Cusicanqui, Silvia Federici, María Galindo, Verónica Gago, Amaia Pérez Orozco, Yayo Herrero, Graciela Carnavale, Ana Longoni, Paulina Varas, Cristina Ribas, Francisca Fernández, Déborah Danowski, Rita Segato, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento. Hemos leído a estas mujeres como brujas y conjuradoras de presentes atiborrados críticamente de por-venir.

Justo cuando un proyecto de investigación y de creación de vitalidad, posibilitado subrepticamente por la productividad liberal de la institucionalidad universitaria, en que deseábamos llevar toda esta conspiración a la práctica, la pandemia del

COVID-19 instauró un nuevo régimen de vida. Habitando la duda y la necesidad de interpelación empezamos a construir de forma colectiva una convocatoria que buscaba más que todo insistir en regímenes de imaginación y de creación que se refugian en los campos del arte. No nos interesaba nada menos que la responsabilidad social y la creación de mundos. Pero ciertamente estábamos muy alejadas de pensar la utilidad, la función social del arte, el arte como herramienta de transformación social que abunda en las políticas públicas y las ONGs latinoamericanas.

La próspera convocatoria que se movió a nivel latinoamericano y que concentró esfuerzos en Brasil, Colombia, México y otros países del Sur Global buscaba indagar sobre procesos de colonización y capitalismo en el marco de la pandemia, la generación de artefactos artísticos que emergieran desde el cuidado y de la justicia de comunidades precarizadas, diversidad de terapéuticas, la generación inquieta de trabajos ecosomáticos orgánicos e interespecies, en las cuales se produjeran inmunologías cada vez más prósperas además que procesos de reconocimiento de identidades diversas y de violencias coloniales instituidas. Enlazamos la noción de “inmunología” pues no solo aparece desde la inmediatez de atención de la administración internacional de la pandemia. Es que este término es profundamente somático y cuidadoso, y desde allí político. Es una noción que parte de los cuerpos. Dimos cuenta que tener una inmunología próspera no es solamente el tiempo de configuración bio-orgánica de un cuerpo según protocolos de normatividad médica, sino que depende radicalmente del contexto anímico y político en que se desenvuelven relaciones de contacto y contagio. Todo contacto es un contagio. Toda zona de contacto es una serie de contagios porque nos ensamblamos no sólo anímica sino también orgánicamente con lxs interlocutores con los que hacemos mundo. Todo contagio nos hace vulnerables a las fuerzas de intensidad de vitalidad. Nos hace estar-con-las/os-otras/os. Pero, ¿cuáles contagios son justos y permiten mayor experiencia de resiliencia si nos encontramos en pandemias de muerte y precarización paralelas a las de los modos negligentes por

priorizar la economía liberal de la producción sobre la vida y las muertes dignas en la administración del covid-19? Inmunologías prósperas serían pues solo posibles con regímenes de justicia radical comunal, gestión equitativa de derechos, soberanía alimentaria, prácticas de los cuidados críticos y dignos, sin coacciones morales gracias a la obligación de las deudas, atmósferas/ambientes vitalidad conjunta no sucumbidas por la normalización individualizada del productivismo liberal y el extractivismo genocida. Ciertamente en un mundo anticolonial. Ningún cuerpo podría enriquecer su inmunología y entablar una relación más amable con los virus sin unos mundos mucho más sensatos. Lamentablemente la experiencia de posibilidad de sostenimiento de la vida nos arrinconan a desear privilegios para sobrevivir. Y no todos podremos alcanzarlo. Es por ello que hay muchos deseos y crisis que desmontar y demasiadas prácticas por hacerlas-venir. Abrazar la vulnerabilidad es tan solo eso: asimilar, verbalizar, retar los regímenes somatopolíticos que hacen que desactivemos contagios provechosos para mundos más prósperos. Ser empáticos con nuestras y todas las posibles vulnerabilidades que podamos interpelar. Entender la imposibilidad de tener francamente inmunologías más prósperas es entender que los regímenes no quieren que ciertas vidas sean vividas en sus propios términos.

Esta fue una convocatoria ambiciosa. Sostener su prosperidad implicó abrazar nuestra vulnerabilidad. No sólo procurar con diálogos críticos de cómplices de confianza la intención de cada texto, respetando su forma, su idioma y su vocación. Sino también el esfuerzo de lograr un bordado de ensayos, historias, imágenes, borradores y diagramas con alto nivel crítico. Este primer volumen ha tardado mucho. El segundo que es una promesa que ha tardado aún más. Y esto nos ha inquietado. Precisamente porque Denise y yo lo hemos tenido que digerir y masticar en la medida en que nuestros compromisos laborales y experiencias de radicalidad anímica con respecto a las políticas de administración

normalizada de la muerte tanto en Brasil como en México nos ha desdibujado muchas veces. Hemos tardado y eso nos apena. Pero también sabemos que fue un trabajo que buscó hacer explícito lo que el proyecto im/posible que imaginamos en el 2019: cultivar las artes, las performatividades y la teatralidades en tiempos de catástrofes. Puede que este artefacto no de soluciones enfáticas a las crisis. Pero es un camino de prosperidad, parcial y necesario.

Abrazar la vulnerabilidad es un reto de todxs para poder activar la imaginación crítica. Gracias por la confianza, la perseverancia y la compañía.

Dr. David Gutiérrez Castañeda, ENES-UNAM.

•

Colaboradoras/es

Adriana Salazar Vélez
Bogotá

Artista, investigadora, escritora y docente colombiana. Vive desde 2014 en la Ciudad de México; desde entonces se ha aproximado a ciertos procesos de defensa de agua y tierra en esta región. Sus proyectos de investigación artística se despliegan a través de textos, museologías experimentales y otras estrategias. Estos abordan las borraduras entre lo vivo y lo inanimado desde la articulación entre diversos saberes y prácticas, teniendo muy presente al agua como elemento vinculante.

Adriana da Silva Mello
Niterói

Formada pela ESEHA é fonoaudióloga do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente desde 2004. Há dezessete anos participa de projetos que envolvem a promoção e a prevenção da saúde dos adolescentes e jovens em espaços coletivos, como escolas, feiras de saúde colaborando com a formação de alunos de graduação de diversas áreas. Vê a arte como importante via de

desenvolvimento das habilidades linguístico-cognitivas, além de um instrumento que potencializa a criatividade humana e o desenvolvimento emocional.

Alexandre Fernandez Vaz
Florianópolis

Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e lidera o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea; Pesquisador 1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Alexandre Sá
Niterói

Artista-pesquisador. Curador e crítico de arte. Atual diretor do Instituto de Artes da UERJ. Procientista Professor adjunto do Departamento de Ensino e Cultura Popular. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ. Professor Titular da Comissão de credenciamento de revistas acadêmicas da UERJ. Editor-chefe da Revista Concinnitas. Idealizador do projeto @istonaoeum.

Aline Bernardi
Rio de Janeiro

Artista-Docente do Movimento e pesquisadora das Artes do Corpo. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Dança na UFRJ, com a continuidade da pesquisa Lab Corpo Palavra.

Amanda Costa
Rio de Janeiro

Artista visual e é mestranda atualmente no PPGARTES da UERJ. É arquiteta e urbanista formada pela FAU-UFRJ), além de trabalhar com expografias e cenografia /arte no áudio visual. Poeta, também é designer gráfica e ilustradora.
@am_ndacosta

Amelia Taracena
Paris

Cuenta con un máster en Historia del Arte de la Université Toulouse II y una maestría en Museología de la ENCRyM. Desde 2013 ha trabajado en el Museo de la Ciudad de México, el Museo Nacional de Arte, en agencias privadas (Buró-Buró y Agencia Francesa de Desarrollo México) y ha escrito para Discurso visual y MuseumsEtc. Actualmente, se desempeña como docente independiente, joyera, traductora y madre.

Andreia Yonashiro
São Paulo

Artista, pesquisadora e integrante da plataforma de dança Cerco Coreográfico. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Dança na UFRJ.

Anna Corina
Duque de Caxias

Mestra em História Social da Cultura pela PUC-Rio e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ, desenvolvendo uma pesquisa sobre os atravessamentos e aproximações entre fotografia, arte, corpo, arquitetura, espaço urbano, modos de habitar e de transitar pelo espaço urbano.

Antonilde Rosa Pires
Rio de Janeiro

Doutoranda em Música PPGM/ UNIRIO. Foi bolsista FAPERJ do Programa Treinamento e Capacitação Técnica (TCT 5- Capacitação de Mestre). Mestra em Música PPGM/UFRJ. Bacharel em Canto-EMAC/UFG. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ). É Vice-coordenadora do Projeto de Pesquisa Africanias/UFRJ. Integra a Coordenação Pedagógica da Ocupação Cultural Jeholu.

Beatriz Brito
São Gonçalo

É graduanda em Artes Visuais pela UERJ e participou da primeira turma da Escola Livre de Artes da Maré, em 2019. Apropriando-se de diversas linguagens artísticas, como escrita, performance, vídeo, fotografia e instalação, a artista investiga as marcas deixadas pelo silenciamento imposto ao seu corpo preto e gordo, e busca, a partir disso, meios de romper o silêncio e criar novas narrativas.

Camila Simonin
Rio de Janeiro

Artista-pesquisadora e diretora teatral. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Dança na UFRJ e aluna no Curso de Pós-graduação em Sistema Laban Bartenieff na Faculdade Angel Vianna.

Cândida Bessa
Rio de Janeiro

Graduada em Psicologia e Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Arteterapia e Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes. Atualmente, é integrante do Grupo de Pesquisa sobre Educação e Decolonialidade.

Carolina Rocha de Carvalho
Uberaba

Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); docente na Universidade de Uberaba (UNIUBE); professora no Instituto Félix Guattari/Gregório Barembliitt (IFG/IGB), Belo Horizonte. Psicóloga clínica, esquizoanalista e esquizodramatista.

Caroline Navarini e Sá
Vacaria

Atualmente vive em Porto Alegre-RS. Formada em Psicologia pela UFRGS e, entre trancos e barrancos, residente do Programa de Saúde Mental do GHC/RS. Como trabalhadora do SUS, pode ouvir e sentir os afectos possíveis e impossíveis no entorno da sobrevivência a vulnerabilidade.

Caroline Ozório
Rio de Janeiro

Artista da cena e educadora do movimento. Bacharela em Educação Física pela UFJF. Graduanda em Teoria da Dança e Mestranda em Dança pela UFRJ.

Carú de Paula Seabra
São Paulo

Carú de paula é uma ação potente, uma ynundação, que atravessa ditas identidades transmasculinas, transviado, poeta, arteiro, dito pardo, psicólogo, uma corpa dessa terra y não outra senão nessa na qual pisa. Uma corpa afoita por afetos, ações de vida éticas y, sobretudo, anticoloniais. O sétimo filho. Atualmente, compõe a organização do Slam Marginália, y coordena o projeto Acolhe LGBTQ+ na organização internacional LGBTQ AllOut.

Claudia TorresCruz
Bogotá

Vive y trabaja en Bogotá. Artista interdisciplinar que investiga sobre las diferentes violencias en los cuerpos de las mujeres desde diversos campos de origen, a través de las posibilidades de la ficción escritural como Estrategia y Acción desde el cuerpo.

Diana Suazo
Querétaro

Nació en El Sauz, una comunidad del Estado de Querétaro. Es la hija de en medio en una familia de 5 integrantes (contándose). En la universidad se mudó a Morelia

para estudiar la carrera de Historia del Arte, donde actualmente reside. De vez en cuando regresa a su pueblo para ver a la familia y respirar un poco el campo.

Eduarda Moro
Chapecó

Doutoranda e bolsista de pesquisa (CAPES) no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Mestra em Educação e Psicóloga de formação, escreve e se interessa pela temática dos processos de subjetivação, e tudo aquilo que faz a vida viver e morrer no que diz respeito à sua potência de existir.

Eduardo Molinari
Buenos Aires

Artista visual, licenciado en Artes Visuales y docente investigador en el Departamento de Artes Visuales de la Universidad Nacional de las Artes (UNA) en Buenos Aires. Caminar como práctica estética, investigar con métodos y herramientas artísticas y las colaboraciones transdisciplinarias están en el centro de su labor. En 2001 crea el Archivo Caminante, archivo visual en progreso que indaga las relaciones entre arte, historia y territorio.

Eloisa Brantes

Rio de Janeiro

Artista-pesquisadora-professora. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Diretora e performer no Coletivo Líquida Ação (RJ/Brasil). Professora Adjunta no Departamento de Linguagens Artísticas e no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da UERJ, onde coordena o projeto de pesquisa e extensão Ateliê de Performance desde 2013.

Ettore Fonseca Scalon

Uberaba

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); professor no Instituto Félix Guattari/Gregório Barenblitt (IFG/IGB, Belo Horizonte); psicólogo preceptor na Universidade de Uberaba (UNIUBE) e psicólogo clínico esquizoanalista e esquizodramatista.

Eva Marxen

Chicago

Arteterapeuta y antropóloga, con formación en psicoterapia psicoanalítica y psicoanálisis. Actualmente es profesora a dedicación completa en la School of the Art Institute of Chicago

(SAIC). Ha publicado numerosos artículos en diferentes idiomas, tanto en libros como en revistas, y ha impartido ponencias y talleres en diferentes congresos nacionales e internacionales. En 2011 publicó el libro Diálogos entre arte y terapia. Del «arte psicótico» al desarrollo de la Arteterapia y sus aplicaciones (Gedisa, Barcelona).

Fernando Lomelí Bravo

México

Artista sonoro e multimedia. Desarrolla procesos educativos y de creación colectiva desde el arte. Investiga relaciones y conflictos entre tecnología, sociedad y prácticas artísticas. Es Licenciado en Composición y Maestro en Tecnología Musical por la Facultad de Música de la UNAM. Participa en diferentes procesos artísticos comunitarios. Ha impartido cursos, talleres y conferencias relacionadas con el arte, la escucha y la acción colectiva en instituciones nacionales e internacionales.

Flávia França Dinnebier

Florianópolis

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em

Direito, Meio Ambiente e Ecologia Política pela UFSC. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Direito Ambiental e Ecologia Política na Sociedade de Risco (GPDA). Diretora de Consumo Sustentável do Instituto “O Direito por um Planeta Verde”.

Flávia Naves
Rio de Janeiro

É mãe, performer e educadora. Goiana radicada no Rio de Janeiro, atualmente é doutoranda em Performance pelo programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Unirio. É propositora e facilitadora da prática do corpo Figura, na qual investiga a desnormalização e descolonização do corpo através da ação de performar Figuras. Interessa-se pelas poéticas e políticas do corpo e por experimentar a indissociabilidade entre arte e vida. (@caio_e_flavia)

Flora Bulcão
Rio de Janeiro

Artista da cena, professora e pesquisadora. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Dança na UFRJ.

Francisco Arrieta, Giulianna Zambrano e Shaday Larios
Pachuca, Quito e Cortes de Navarra

La Comunidad Soñante somos un grupo de amigas, investigadoras-creadoras interdisciplinares que se consolidó como refugio de sentipensamiento literario y onírico en las primeras semanas de la pandemia y que sigue intensificando su acompañamiento hasta el día de hoy. Somos Francisco Arrieta (Pachuca, México), Shaday Larios (mexicana residente en Navarra) y Giulianna Zambrano (Quito, Ecuador).

Gabriel Saar da Rosa Cardoso
Niterói

Bolsista de iniciação à docência do projeto Casa Ateliê. Graduando em Artes Visuais Licenciatura pela UERJ. Fotógrafo com pesquisa nos processos fotográficos alternativos. Busca explorar em seus trabalhos temas sobre a subjetividade e a introspecção.

Gislane Machado
Rio de Janeiro

Artista, ilustradora e designer. Tem 22 anos, é maranhense e vive no Rio de Janeiro. Atualmente explora a linguagem visual nas mídias sociais.

Gregório Esteban Kaz
Uberaba

Doutorando em Psicologia Social na Universidade de São Paulo (USP); docente da Universidade de Uberaba (UNIUBE); professor no Instituto Félix Guattari/ Gregório Baremlitt (IFG/ IGB), Belo Horizonte. Psicólogo Clínico esquizoanalista e esquizodramatista.

Isaac Olvera
Zacatlán

Construye escenarios sociales críticos a través de acciones y soportes multidisciplinares. Partiendo de una observación detallada que transita entre la literatura y el voyeurismo urbano, la práctica de Olvera incluye textos - frases, guiones y ensayos absurdos – vinculados a obras en la frontera del teatro, el performance, el video y la escultura. Ha exhibido internacionalmente en sitios como Flat Time House, Westminster Reference Library y Gasworks en Londres, Reino Unido; Hessel Museum en Nueva York, EUA; Museo de Arte Carrillo Gil, Museo Experimental el Eco, mucaRoma, Casa del Lago, Museo del Chopo y Bikini Wax en la Ciudad de México, México.

Julia Sá Earp
Rio de Janeiro

Designer e ceramista, mestra em Arquitetura e Urbanismo formada pela Puc-Rio. Desde 2018, realiza o doutorado em antropologia no IFCS-UFRJ. É pesquisadora associada ao LADA, Esdi/UERJ, e ao laboratório NEXTimagem (PPGSA/UFRJ).

Koletiva AfroLatinoAmericanas - KALAS

Minas Gerais, Bahia, Belém, Rio de Janeiro, São Paulo, Luanda, Uruguai e Argentina.

A Koletiva AfroLatinoAmericana, aconteceu do fecundo encontro e vínculo tecido por profissionais da psicologia afetados pela urgência das crises subjetiva, política, social e democrática enfrentadas no contemporâneo. Somos pessoas que atuam e vivem em diferentes países, tanto no Continente Africano quanto da América Latina, distância que não nos limita na produção de interseções, diálogos e partilha de ferramentas e conhecimentos para criar e compor novas práticas psicossociais e de cuidado em saúde mental de indivíduos, grupos e instituições.

Lígia Tourinho
Rio de Janeiro

Artista do Movimento. Professora Associada do Departamento de Arte Corporal e do Programa de Pós-graduação em Dança da UFRJ.

Lílian Do Valle
Rio de Janeiro

Professora Titular de Filosofia da Educação da UERJ, dedicando-se há várias décadas à crítica das concepções antropológicas dominantes na cultura ocidental e nas práticas de formação humana, que têm por efeito a perda do corpo e o desprestígio da experiência dos sentidos. No PPGArtes-UERJ, interessa-se pelos caminhos abertos pela arte contemporânea para a recuperação do corpo.

Lorena Duarte Bedoya
Bogotá

Artista escénica, Magíster Interdisciplinar en Teatro y Artes Vivas de la Universidad Nacional de Colombia sede Bogotá. Tiene más de 10 años de experiencia en obras de teatro, performance, sketch y productos audiovisuales que visibilizan la diversidad sexual.

Luane Bento dos Santos
Rio de Janeiro

Iyàwò Ty Yemonjá no Ilé Àse Iyalóde Ósun Kare Ade Omi Aro. Mãe da Camilly (Dofonitinha Ty Omolu). Doutoranda em Ciências Sociais na PUC-Rio. Mestra em Relações Étnico-Raciais/PPRER/CEFET-RJ. Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais/UERJ. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação/UFF. Pesquisadora de Relações Étnico-raciais. Tem desenvolvido estudos pioneiros no Brasil sobre a etnomatemática dos penteados trançados.

Lucía Leonor González Enríquez
Ciudad de México

Directora, dramaturga, actriz, traductora y investigadora cartográfica. Mestra en Historia del Arte (UNAM), Licenciada en Comunicación Social (UAM-X), pasante de Literatura Dramática y Teatro (UNAM). Actual miembro del SPEEP (Seminario Permanente de Estudios de la Escena y el Performance). Actualmente investiga la potencia estético-política de las contranarrativas de memoria de familiares de personas desaparecidas.

Maria Jose Rebolledo
Bogotá

Nació y creció en Bogotá (Colombia), rodeada de historias y fantasías que a través de los años fueron encontrando alas entre las letras, el movimiento y la espontaneidad expresiva. Es Artista Visual de la Pontificia Universidad Javeriana con énfasis plástico. Actualmente adelanta sus estudios de maestría en Gestión de Imagen y Comunicación en la Universidad de Wrocław en Polonia.

Mateus A. Krustx
Rio de Janeiro

Artista visual, educador e ensaísta graduado em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É cofundadore do coletivo de ações estético-políticas “Seus Putos” e faz parte dos projetos de pesquisa e extensão: “Ateliê de Performance” (UERJ) e “Motim – Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes” (CNPq/UERJ). Mora na zona oeste da cidade Rio de Janeiro e geralmente trabalha com escrita autoficcional, performance, intervenção urbana, videoarte e com a coleção e confecção de objetos, as quais denomina como “automitológicos”.

Nathália Ferreira
Recife

Nathê foi criada na Cohab 1 de Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. Grafiteira, arte-educadora e graduada em Licenciatura de Artes Visuais na UFPE. Reflete sobre as representações da imagem da mulher negra em seus trabalhos na Rua, na Academia e na Rede. Integra o Coletivo Afronte, Trovoa e Maracatu Xangô Alafim.

Nora Ariadna Pérez Castellanos
Ciudad de México

Mujer, mamá, ingeniera y científica. Analiza el patrimonio cultural con mis amigos restauradores, historiadores, químicos, biólogos y geólogos. Labora en el Laboratorio Nacional de Ciencias para la Investigación y Conservación del Patrimonio Cultural del Instituto de Investigaciones Estéticas de la Universidad Nacional Autónoma de México.

Pamela de Oliveira Pereira
Rio de Janeiro

É museóloga e doutoranda em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/Unirio). Realiza pesquisa dedicada aos tensionamentos levantados por

objetos sagrados e religiosos no espaço do museu. Yawô de Oxum no Ilê Omolu e Oxum.

Paola María Marugán Ricart
Cidade do México

Investigadora y curadora feminista. Nació en Valencia (España) en plena transición democrática. Actualmente vive en Ciudad de México donde realizó un doctorado en el programa de Estudios Feministas en la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco (UAM-X). Maestra en Arte y Cultura Contemporánea en el Instituto de Artes de la Universidad do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ha trabajado en instituciones como Museo Universitario del Chopo (México), Museo de la Ciudad de México, Instituto Goethe (Salvador, Bahía), A Caixa (Rio de Janeiro), CaixaForum (Barcelona), Centro de Arte 2 de Mayo (Móstoles, Madrid), etc.

Susana Ruíz, Tomasa Ruíz y Gabriela Zubillaga
Guerrero, México

Colaboran con la gestión y la realización de los dibujos que son bordados para acompañar las recetas que distribuyen los saberes curativos de las plantas que crecen naturalmente en la zona de Acapulco de Juárez.

Thamires Burlandy
Rio de Janeiro

Oriunda de escolas públicas, formou-se Artes Visuais, licenciatura (UERJ) em 2020. Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes (UERJ), estudante do curso de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais (Colégio Pedro II). Integrante do Grupo PAVIS: Pesquisa em Arte e Visualidade (UERJ). Foi oficineira de artes no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) pelo projeto Casa Ateliê. Fundadora e integrante da Oficina das Manas.

Vitor Hugo Garcia
Rio de Janeiro

Morador da cidade do Rio de Janeiro. Estudante de Licenciatura em Artes Visuais na UERJ. Transitando na performance, fotografia e colagens com intervenções digitais, articula sua pesquisa e fazer artístico na intenção do autoconhecimento, na tentativa de impulsionar afetos entranhados na memória regional-familiar.objetos, as quais denomina como “automitológicos”.

David Gutiérrez Castañeda
Cidade do México

Es sociólogo y profesor Ordinario de Carrera Asociado C de Tiempo Completo en la Licenciatura en Historia del Arte en la Escuela Nacional de Estudios Superiores Unidad Morelia (ENES) de la UNAM, del cual ha sido coordinador en los años 2019 y 2020. Maestro y Doctor en Historia del Arte por la Universidad Nacional Autónoma de México (2011) con énfasis en estudios del performance y género, arte y política en América Latina, y museología contemporánea.

Denise Espírito Santo
Rio de Janeiro

Professora Associada no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; professora Procientista no Programa de Pós-graduação em Artes - PPGArtes. Dramaturga e diretora teatral, se dedica a projetos de arte em unidades de saúde mental, coordenando o projeto Casa Ateliê; iniciou em 2019 junto com David Gutiérrez Castañeda, o projeto de publicação “Abrace sua vulnerabilidade”. Integrante da Coletiva Médias, no Rio de Janeiro.

Editora/es convidadas/os

Cristina Thorstenberg Ribas
Porto Alegre

Trabalha como pesquisadora, artista e gosta de escrever. Organiza a plataforma online Desarquivo.org. Faz parte da Red Conceptualismos del Sur, do grupo de pesquisa Epistemologias Afetivas Feministas (EAF) e da Associação I-motirõ. Doutora no Goldsmiths College University of London (2017) e pós-doutoranda no PPGAV-IA UFRGS (CAPES PNPD).

Eduardo Vianna
Nova Iorque

É Professor de Psicologia e Educação Urbana na City University of New York (CUNY), tanto no La Guardia Community College quanto no Graduate Center, onde recebeu seu Ph.D. em Psicologia do Desenvolvimento, após concluir seus estudos de Medicina e residência em Psiquiatria Infantil.

Leonardo Moraes

Rio de Janeiro

É filho de Celma Moraes Batista, irmão de Vanessa Moraes Batista, neto de Maria de Lourdes Diogo Moraes, sobrinho de Edna Moraes, Maria Lúcia Moraes, Luciana Maria Moraes e Bernadete de Fátima Moraes. Criado e forjado no matriarcado de mulheres negras. É musicista, pesquisador, educador e curador. Doutorando em Etnomusicologia (2018) e pesquisador no Laboratório de Etnomusicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica NEGÔ.

Naira Ciotti

Natal

Professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Naira trabalha de forma colaborativa com projetos de pesquisa na Área de Artes e projetos de extensão para explorar pedagogias críticas ligadas à arte da performance e o teatro contemporâneo. Criou e vem coordenando o LABPerformance: Laboratório de Performance e Teatro Performativo DEART UFRN, desde 2016 e edita a Revista Manzuá de Pesquisa em Artes Cênicas ligada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas PPGArG, na mesma instituição.

Paulina E. Varas

Viña del Mar

Licenciada em arte y Doctora en historia y teoría del arte. Académica e investigadora del Campus Creativo de la Universidad Andrés Bello. Miembro de la RedCsur. Ha realizado diversas investigaciones sobre artistas, sus archivos y los procesos subjetivos y sociales que implican. Actualmente desarrolla un proyecto Fondecyt sobre arte, política y mujeres en Chile.

Thais D`Abronzo

Londrina

É artista e pesquisadora das Artes da Cena. Felizmente sapatona, é entusiasta da leitura e das escritas artísticas, da dança e dos jogos do corpo, curiosa e devota do cinema e outras poéticas de imagens e profundamente amante dos animais. Graduada em Artes Cênicas - bacharelado em interpretação pela Universidade Estadual de Londrina (2002); especialista em Fotografia - práxis e discurso fotográfico pela Universidade Estadual de Londrina (2006); mestre em Artes (2008) e doutora em Artes da Cena pela Unicamp (2019). É professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, Brasil.

abraça sua vulnerabilidade

Projeto, curadoria, organização e produção editorial

Denise Espírito Santo
David Gutiérrez Castañeda

Identidade visual e design gráfico

Amanda Costa

Revisão

Anelise de Freitas
Denise Espírito Santo
David Gutiérrez Castañeda

Assistentes editoriais

Paula Sophia e Cintia Ferreira

Assistente gráfica

Mariana Pêgas

Editoras/es convidadas/os

Cristina Ribas, Eduardo Vianna, Leonardo Moraes, Naira Cioti,
Paulina Varas, Thais D'Abronzio

Capas

“Papisa” e “Temperança”, de Julia Sá Earp



CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / NPROTEC

A159 ABRACE sua vulnerabilidade, volume 1: cultivar as artes, teatralidades, performatividades em tempos de catástrofe [recurso eletrônico] / Organização: Denise Espírito Santo e David Gutiérrez Castañeda. – Rio de Janeiro: UERJ/DECULT, 2022.
1 recurso online (16 p.); il. : PDF

ISBN 978-65-89687-05-4.

1. Arte. 2. Pandemias. 3. COVID-19 (Doença). 4. Arte e sociedade. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento Cultural.

CDU 7:616-036.21

embrace your

vulnerability

abraza tu

vulnerabilidad

